Ernesto Renan
Os
Evangelhos

HISTORIA

DAS

ORIGENS DO CHRISTIANISMO

LIVRO V

(Desde a destruição da nacionalidade judaica
até á morte de Trajano)

(74-117)

ERNESTO RÊNAN

Os Evangelhos

E A

Segunda Geração Christã

Traducção de EDUARDO PIMENTA

LIVRARIA LELLO & IRMÃO — EDITORES
Proprietários da Livraria Chardron
144, Rua das Carmelitas — PÔRTO
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA
Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Publicadas pela LIVRARIA CHARDRON

Historia das Origens do Christianismo

(TRADUCÇÕES PORTUGUEZAS)

Vida de Jesus	*1 vol.*
Os Apostolos	*1 vol.*
S. Paulo	*1 vol.*
O Anti-Christo. . . , ...	*1 vol.*
Os Evangelhos e a segunda geração christã. . .	*1 vol.*
A Egreja Christã	*1 vol.*
Marco Aurelio e o fim do mundo antigo . . .	*1 vol.*

INTRODUCÇÃO

OBSERVAÇÕES CRITICAS ÁCERCA DOS DOCUMENTOS ORIGINAES D'ESTA HISTORIA

Suppuz que terminaria n'um só livro a historia das « Origens do christianismo » ; mas engrandecendo o assumpto ao passo que se ia desenvolvendo a minha obra, este volume será o antepenultimo de uma série. Explica-se a modificação do plano primitivo pelo facto de se quantivalerem em importancia, a acção pessoal de Jesus e o modo porque se escreveu a sua lenda. A redacção dos Evangelhos é, depois da vida de Jesus, o capitulo principal da historia das origens do christianismo. Envolvem-se de mysterio as circumstancias materiaes d'essa redacção ; grandes duvidas se suscitaram n'estes ultimos annos, e póde affirmar-se que o problema da redacção dos evangelhos chamados synopticos entrou n'uma especie de maturação. As relações do christianismo com o imperio romano, as primeiras heresias, a morte dos discipulos immediatos de Jesus, a separação gradual da Egreja e da synagoga, os pro-

gressos da jerarchia ecclesiastica, a substituição da communidade primitiva pelo presbyterado, a iniciação da dignidade episcopal, a eclosão com Trajano, de uma edade aurea para a sociedade civil, eis os factos dominantes que se desenrolarão ante nós. O objecto do nosso sexto e ultimo volume será a historia do christianismo nos reinados de Adriano e Antonino. Foi n'essa epocha que surgiram o gnosticismo, a redacção dos escriptos pseudo-joannicos, os primeiros apologistas, o partido de S. Paulo descambando por exagero em Marcion, o velho christianismo tendendo para o milleranismo grosseiro e para o montanismo, e acima de tudo isto, o episcopado desenvolvendo-se rapidamente, o christianismo deixando de ser hebreu para se hellenisar, uma «Egreja catholica» originando-se no accordo entre as egrejas particulares e constituindo um centro de auctoridade incontestavel, cuja séde foi Roma. No momento da revolta de Bar-Coziba o judaismo separou-se absolutamente do christianismo e um odio sombrio se ateou entre a mãe e a filha. Poude então dizer-se que se formára o christianismo. Já existe o principio da auctoridade; o episcopado substitue por completo a primeva democracia e os bispos das diversas egrejas estabelecem relações entre si. Ultima-se a nova Biblia; chama-se ella o *Novo Testamento*. Todas as egrejas reconhecem a divindade de Jesus, menos a syriaca. O Filho ainda não é o segundo Pae; é um deus subalterno, vizir supremo da criação; mas um verdadeiro deus. Doenças demasiadamente perigosas abalam a reli-

gião nascente; o gnosticismo, o montanismo, o docetismo, a tentativa heretica de Marcion; mas todos esses accessos foram debellados pela força do principio interno da auctoridade. O christianismo espalhou-se por toda a parte, no centro das Gallias e no norte da Africa. Entrou no dominio publico; fallam d'elle os historiadores; tem advogados que o defendem officialmente e tambem detractores que iniciam a guerra da critica. O christianismo, n'uma palavra, nasceu; é infante que muito se desenvolverá; mas já possue orgãos proprios, já vive em pleno dia; já não é um embryão. Cortou-se definitivamente o cordão umbilical que o prendia ao ventre materno. D'elle nada lhe virá, porque tem vida propria.

É n'este momento historico, correndo o anno de 160, que parará esta obra. O que vem depois pertence á historia e parecerá relativamente facil de contar-se. O que se pretende esclarecer é do dominio da embryogenia e deve, em grande parte, ser concluido e algumas vezes até adivinhado. Para os espiritos que preferem a certeza material são-lhes enfadonhas taes investigações. É raro poder-se relatar com precisão o que se passou em epochas tão remotas; mas já não é pouco conceber as variadas phases que revestiram os acontecimentos. Se ha sciencia que tenha progredido nos nossos dias é com certeza a sciencia das mythologias comparadas. Ora tal sciencia tem por objectivo, não explicar como o mytho se originou, mas sim evidenciar as differentes categorias da sua formação, de modo que se possa

dizer: «Tal semi-deus, tal deusa, são, por certo, a tempestade, o raio, a aurora, etc.», mas se affirme: «Os phenomenos atmosphericos e em particular os que se referem á tempestade, ao nascimento e occaso do sol, etc», são outras tantas origens fecundas de deuses e semi-deuses. Aristoteles dizia com razão: «Não ha sciencia senão na generalidade.» Escapará a esta necessidade a propria historia, passando-se á luz do dia e baseada em documentos? Não, por certo; nós não sabemos os detalhes de cousa alguma; o que nos importa são as linhas geraes, os grandes factos que d'ellas resultam e que serão verdadeiros mesmo se os pormenores forem falsos.

Como já foi dito, o objectivo importante d'este livro é explicar plausivelmente a genese dos tres evangelhos, chamados synopticos e que constituem, se comparados com o quarto evangelho, uma familia distincta. Na investigação delicada ha pontos que se não podem precisar. E no emtanto, ha vinte annos que esta questão tem feito verdadeiros progressos. Se a origem do 4.º evangelho attribuido a João é nebulosa, outro tanto se não dá com as hypotheses sobre a maneira porque se redigiram os Evangelhos chamados synopticos. Houve realmente tres variedades de Evangelhos: 1.º Os originaes compostos sobre a tradição oral e sem que o seu auctor visse qualquer outro texto anterior (é minha opinião que houve dois evangelhos d'este genero, um escripto em hebreu ou antes em syriaco, actualmente perdido, mas cujos fragmentos se conhecem

pelas traducções gregas e latinas de Clemente de Alexandria, Origenes, Eusebio, Epiphanio, S. Jeronymo, etc.; o outro em grego (é o de S. Marcos); 2.º Os Evangelhos em parte originaes e em parte cópias, feitos combinando textos antigos com as tradições oraes (são assim os Evangelhos falsamente attribuidos a Matheus e os de S. Lucas); 3.º Os Evangelhos de segunda e terceira mão, compostos a frio sobre trechos escriptos, sem que o auctor bebesse nas fontes puras da tradição. (Foram assim confeccionados o Evangelho de Marcion, e os apocryphos moldados sobre os Evangelhos canonicos por processos de amplificação). A variedade dos Evangelhos dependeu do facto de a tradição n'elles consignada ter sido por largo tempo a tradição oral. Tal variedade não appareceria se logo do inicio se tivesse escripto a vida de Jesus. É velho costume oriental alterar arbitrariamente a redacção dos textos, porque a reproducção litteral das anteriores narrativas, ou melhor ainda, porque o plagiato é lá regra geral da historiographia. Logo que a tradição épica ou lendaria passou a ser escripta deixou de produzir ramificações divergentes. Em vez de se dividir, a redacção obedece a uma tendencia intima que a conduz á unidade pela extincção successiva das redacções reputadas imperfeitas. No fim do seculo 2.º, quando Ireneu adduzia razões mysticas para asseverar que os Evangelhos eram só quatro e mais não podiam ser, havia menor numero d'elles do que no seculo 1.º, quando Lucas escrevia no começo da sua narrativa: 'Επειδή περ πολλοὶ

ἐπεχείρησαν. Naturalmente no tempo de Lucas já muitas das redacções primitivas deviam ter desapparecido. A tradição oral origina as variantes ; uma vez transformada na tradição escripta, a multiplicidade será inconveniente. Se prevalecesse a logica de Marcion, os Evangelhos seriam um só ; e a melhor prova da sinceridade christã foi que as urgencias da apologetica não supprimiram a contradicção dos textos, reduzindo-os a um só. A necessidade da unificação era combatida por um desejo antagonico ; não perder coisa alguma, n'uma tradição cujos componentes se reputavam egualmente preciosos. A intenção, tantas vezes referida a S. Marcos, de resumir os textos já conhecidos, é tudo o que ha de mais contradictorio com o espirito da epocha. A tendencia manifesta era antes ampliar com addições heterogeneas os textos, do que encurtal-os nos detalhes, que se suppunham produzidos por inspiração divina.

Os documentos mais importantes para a epocha descripta n'este volume são, além dos Evangelhos e outros escriptos cuja redacção se explica, as epistolas que produziu o outomno apostolico, epistolas essas quasi sempre imitadas das de S. Paulo. O que por nós fôr dito ácerca d'ellas será sufficiente para tornar conhecida a nossa opinião. Por um acaso feliz a mais interessante d'essas epistolas, a de Clemente Romano, foi, n'estes ultimos tempos, largamente esclarecida. O precioso documento era até ha pouco tempo sómente conhecido pelo celebre manuscripto *Alexandrinus*, que foi enviado em 1628 a Carlos I por Cyrillo Lucaris ; ora havia n'esse ma-

nuscripto uma lacuna notavel, além de pontos apagados ou illisiveis e naturalmente preenchidos por conjecturas. Um manuscripto descoberto no Fanar, em Constantinopla, conserva toda a sua integridade; mas ha mais; existe ainda um outro manuscripto pertencente á bibliotheca do fallecido snr. Mohl e adquirido pela bibliotheca da universidade de Cambridge, que é a traducção em syriaco da referida obra. Foi o snr. Bensly quem se encarregou da publicação do texto. A confrontação que d'ella dá o snr. Lightfoot produz resultados notaveis de critica historica.

Mediocre importancia tem o saber-se se sim ou não a epistola attribuida a Clemente Romano é original seu; porque se esse escripto deve ser encarado como uma obra collectiva da Egreja romana, o problema restringe-se a saber quem o escreveria n'esta circumstancia. Não succede, porém, o mesmo com as epistolas de S.to Ignacio. Os trechos que constituem essa compilação ou são authenticos ou obra de um falsificador. Na ultima hypothese, foram escriptos sessenta annos depois da morte de Ignacio; e tal é a importancia dos factos occorridos n'esses sessenta annos, que o valor documental dos citados trechos é absolutamente variavel. Não se pódem estudar as origens historicas do christianismo sem ter uma ideia fixa sobre este assumpto.

Das questões que se referem á litteratura christã primitiva, a mais difficil, depois da questão dos escriptos joanninos, é a das epistolas de S.to Ignacio. Alguns trechos mais salientes d'uma das cartas eram

já conhecidos e citados no seculo XI. Ficamos surprehendidos com o facto de vêr citado em assumpto de historia ecclesiastica o testimunho de Luciano Samosato. A pintura espirituosa dos costumes feita pelo interessante escriptor e intitulada *A morte de Peregrinus*, allude evidentemente á viagem triumphal de Ignacio prisioneiro e ás circulares por elle endereçadas ás Egrejas. São presumpções de peso a favor da authenticidade das cartas referidas. Por outro lado, era moda attribuirem-se escriptos a personagens importantes, por mera supposição, como se fez sem rebuço de escrupulo a Pedro, Paulo e João ; por isso não admira que o mesmo succedesse com respeito a auctoridades superiores como Ignacio e Polycarpo. Só o exame dos documentos auctorisa a opinião a este respeito. Ora é incontestavel que a leitura das epistolas de S.to Ignacio inspira as mais graves suspeitas e levanta duvidas ás quaes se não respondeu ainda claramente.

Para S. Paulo, de que se possue, pelo testimunho geral, trechos bastante extensos e cuja biographia é bem conhecida, a discussão das epistolas contestadas tem uma base. Parte-se dos textos irrecusaveis e da biographia assaz conhecida ; comparam-se os escriptos suspeitos ; vê-se se elles concordam com os dados admittidos por toda a gente e, em certos casos, como nas cartas a Tito e a Timotheo, chega-se a demonstrações satisfactorias. Mas nada sabemos da vida e da pessoa de Ignacio ; entre os escriptos que se lhe attribuem não ha um que escape á contestação. Não ha um criterio solido para poder

affirmar : « Isto é ou não é d'elle ». O que mais complica a questão é ser o texto das epistolas altamente fluctuante. Os manuscriptos gregos, syriacos, latinos e armenios da mesma epistola differem naturalmente entre si. Parece que essas cartas durante largos seculos tentaram os interpoladores e os falsarios. Esbarra-se com difficuldades a cada passo.

Sem entrar em linha de conta com as variantes secundarias e algumas obras reconhecidamente apocryphas, possuimos collecções d'epistolas attribuidas a S.to Ignacio de desigual tamanho. Uma tem sete cartas dirigidas aos Ephesios, Magnesios, Trallios, Romanos, Philadelphios, Smyrniotas e a Polycarpo ; outra tem treze cartas : 1.° as sete precedentes consideravelmente augmentadas ; 2.° quatro novas cartas de Ignacio aos Tarsos, aos Philippicos, aos Antiochios, a Heron ; 3.° finalmente uma carta de Maria de Castabale a Ignacio com a resposta d'este. Entre as duas collecções não póde haver hesitação possivel. Os criticos, desde Usserius, estão de accordo em dar a preferencia á collecção das sete cartas. Nenhuma duvida póde restar de que a collecção das treze é apocrypha. Quanto ás sete cartas que são communs ás duas collecções, o verdadeiro texto deve ser procurado na das sete. Vê-se a mão do interpolador por certas particularidades do texto da segunda collecção ; o que não impede que esta collecção tenha o seu valor critico para a constituição do verdadeiro texto. O que parece é que o interpolador tinha nas suas mãos um manuscripto excellente, cuja lição se deve preferir á dos ma-

nuscriptos não interpolados e actualmente existentes.

Estará a collecção das sete cartas ao abrigo da suspeita? A primeira duvida levantou-a a escola de critica franceza do seculo XVII. Saumaise, Blondel oppozeram objecções graves contra certos trechos da collecção das sete cartas. Daillé, em 1666, publicou uma dissertação notavel, rejeitando-a integralmente. Apezar das replicas accesas de Pearson, bispo de Chester, da teimosia de Cotelier, a maioria dos espiritos independentes, Larroque, Basnage, Casimiro Oudin, foram da opinião de Daillé. A escola que actualmente applica na Allemanha a critica á historia das origens do christianismo, decalcou o caminho já seguido vae para dois seculos. Neander e Gieseler quedaram na duvida; Christiano Baur negou com resolução; nem uma só epistola lhe mereceu conceito. Este critico não se satisfez em negar; explicou. Para elle as sete epistolas de S.to Ignacio são escriptos apocryphos do seculo II, fabricados em Roma, com o fim de cimentar as bases do episcopado, cuja auctoridade crescia a olhos vistos. Os snrs. Schwegler, Hilgenfeld, Vaucher, Volkmar, e mais modernamente Scholten, Pfleiderer, adoptaram a mesma these com pequenas modificações. Varios theologos illustrados, Uhlhorn, Hefele, Dressel, insistiram em encontrar trechos authenticos na collecção das sete epistolas e até em defendel-a na integra. Uma descoberta importante feita em 1840, pareceu que esclareceria a questão n'um sentido eclectico e que forneceria dados para

separar no texto os trechos veridicos dos trechos interpolados.

Entre os thesouros distrahidos pelo museu britannico dos conventos da Nitria, o snr. Cureton descobriu tres manuscriptos syriacos contendo uma mesma collecção de epistolas de Ignacio, mas muito mais reduzida que as duas collecções gregas. A collecção syriaca descoberta por Cureton não continha mais de tres epistolas; a dos Ephesios, a dos Romanos e a de Polycarpo, muito mais reduzidas que as do texto grego. Seria natural pensar que o texto era o authentico e anterior a toda a interpolação. As phrases citadas como originaes de Ignacio por Ireneu e Origenes, achavam-se na versão syriaca. Suppunha-se tambem que não haveria ahi passagens suspeitas. Bunsen, Ritschl, Weiss, Lipsius, defenderam esta these com um ardor extremo; o snr. Ewald quiz impol-a auctoritariamente; mas oppozeram-se-lhe fortes objecções. Baur, Wordsworth, Hefele, Uhlhorn, Merx, conjugaram-se para demonstrar que a pequena collecção syriaca, longe de ser o texto primitivo, era um texto resumido e mutilado. Não se provava concludentemente o interesse que animára o abreviador no seu trabalho. Mas investigando os indicios que os Syrios tinham das epistolas em questão, chegou-se ao seguinte resultado: o S.^to^ Ignacio dos Syrios não era mais authentico do que o dos Gregos e a collecção d'elles conhecida era um resumo extrahido pelo abreviador descoberto por Cureton da collecção das treze epistolas. Contribuiu largamente para esta conclusão Peter-

mann discutindo a versão armenia das cartas. Essa traducção foi vertida do syriaco. Ora ella contém as treze epistolas na integra. Concorda-se hoje que o syriaco nada mais nos póde fornecer ácerca dos escriptos attribuidos ao bispo da Antiochia, senão variantes de detalhe.

Depois do que ficou dito, vê-se que ha tres opiniões divergentes sobre a collecção das sete cartas e a unica que merece discussão. Para uns o todo é apocrypho. Para outros tudo ou quasi tudo é authentico. Alguns querem que haja trechos authenticos e trechos apocryphos. Parece-nos insustentavel a segunda hypothese. Sem querer affirmar que o texto do bispo de Antiochia é inteiramente apocrypho, será uma tentativa desesperada consideral-o de valor real em toda a sua integridade.

Exceptuando, com effeito, a epistola aos Romanos, de uma energia estranha, ardendo n'um fogo sombrio, marcada por um caracter particular de originalidade, as seis epistolas restantes são frias, sem convicção e d'uma monotonia desesperadora. Nem um laivo sequer do caracter saliente das epistolas de S. Paulo, de S. Thiago e de Clemente Romano. Vagas exhortações, sem relação intima com as pessoas a quem são endereçadas e sómente vinculadas a uma ideia fixa, o crescimento do poder episcopal e a constituição da Egreja n'uma hierarchia.

Certamente que a evolução notavel substituindo á auctoridade collectiva da ἐκκλησία ou συναγωγή a direcção dos πρεσβύτεροι ou ἐπίσκοποι (dois vo-

cabulos ao principio synonimos), e que, entre os πρεσβύτεροι ou ἐπίσκοποι, elevou a categoria para ser o inspector dos outros, se iniciou muito prematuramente. Mas não é crivel que no anno 110 ou 115, o movimento fôsse tão avançado como se deprehende das cartas ignaciannas. Para o auctor d'esses escriptos tão curiosos, o bispo é a propria Egreja; é preciso seguil-o em tudo, consultal-o em tudo; resume em si só a communidade inteira. É o proprio Christo. «Onde está o bispo está a Egreja, como onde está Jesus Christo está a Egreja Catholica.» Não se caracterisa menos a differenciação das jerarchias ecclesiasticas. Os padres e os diaconos são nas mãos dos bispos, como cordas de uma lyra; da sua perfeita harmonia depende a egualdade dos sons, que constitue a Egreja. Acima das egrejas particulares, ha a Egreja universal. Isto passou-se assim no final do II seculo, mas não nos seus primeiros annos. Eram bem fundamentadas as difficuldades que tinham os criticos francezes em acceitarem este ponto, derivadas do conhecimento justo que elles possuiam da evolução successiva dos dogmas christãos.

As heresias combatidas tão encarniçadamente pelo auctor das epistolas ignaciannas, são posteriores á epocha de Trajano. Prendem-se ao docetismo e a um gnosticismo analogo ao de Valentim. Insistiremos menos n'este ponto; porque as epistolas pastoraes e os escriptos joanninos combatem erros muito analogos; ora nós suppomos que esses escriptos são da primeira metade do seculo II. No em-

tanto, a ideia de uma orthodoxia, fóra da qual tudo é erro, apparece nos escriptos em questão, com um tal desenvolvimento que mais parece coisa de S.to Ireneu do que das primeiras epochas do christianismo.

O grande caracteristico dos escriptos apocryphos é revelarem uma opinião antecipada. O fim do falsificador evidencia-se com toda a clareza. Essa feição é predominante no mais alto grau, nos escriptos ignaciannos, excepção feita á epistola aos Romanos. O auctor pretende dar um golpe decisivo a favor da jerarchia episcopal; quer confundir os hereticos e os scismaticos com o peso de uma auctoridade irrefragavel. Mas onde encontrar maior elevação do que n'esse bispo venerado, cuja morte heroica commoveu todo o mundo? Que de mais solemne que os conselhos dados por esse martyr, dias ou semanas antes da sua apparição no amphitheatro? S. Paulo nas suppostas epistolas a Tito e a Timotheo, é um velho com os pés na cova. A ultima vontade de um martyr deve ser sagrada: e se era corrente que S.to Ignacio escrevera cartas na sua ultima viagem a caminho da morte, assim facil seria a acceitação da obra apocrypha.

Juntemos a estas objecções inverosimilhanças materiaes. As saudações ás Egrejas e as relações que taes cumprimentos fazem suppor entre o auctor e estas não têm facil explicação. Os trechos circumstanciaes têm qualquer coisa de canhestro e embotado, assim como se nota nas cartas falsificadas de Paulo a Tito e a Timotheo. O abuso do quarto Evan-

gelho e das epistolas joanninas, o modo affectado com que o auctor falla da epistola duvidosa de S. Paulo aos Ephesios, excitam egualmente a suspeita. Contrariamente, é para estranhar que o auctor, procurando exaltar a egreja de Epheso, censure as relações d'esta egreja com S. Paulo e nada diga da permanencia de S. João em Epheso, elle, tão intimamente ligado com Polycarpo, discipulo de João. É preciso confessar que tal correspondencia é pouco citada pelos padres e que o valor a ella attribuido pelos auctores christãos até ao seculo IV não condiz com o seu merecimento, se porventura fôsse authentica. Pondo de lado a epistola aos Romanos, que na nossa opinião não entra na collecção apocrypha, as seis outras epistolas foram pouco lidas; parecendo mesmo que S. João Chrysostomo e os escriptores ecclesiasticos de Antiochia d'ellas não houveram conhecimento. Caso singular! o proprio auctor dos Actos, de maior auctoridade, do martyrio de Ignacio, dos que Ruinart publicou segundo o manuscripto de Colbert, tem d'ellas sómente um indeciso conhecimento. Succede outro tanto com o auctor dos Actos publicados por Dressel.

Dever-se-ha envolver na condemnação formal das epistolas ignaciannas a carta aos romanos? Póde-se lêr um trecho na sequencia da nossa obra. Por certo que esse trecho selecto se destaca dos logares communs das outras epistolas attribuidas ao bispo de Antiochia. Será na integra a epistola aos Romanos obra do santo martyr? Poder-se-ha

duvidar ; mas o que lá existe é um certo fundo original. Alli e só alli se reconhece o que o snr. Zahn cede com assaz generosidade ao restante da correspondencia ignacianna, a affirmação de um poderoso caracter e d'uma personalidade vigorosa. O estylo da epistola aos Romanos é bizarro, enigmatico, emquanto o do resto da correspondencia é simples e banal. A epistola aos Romanos não tem os lugares communs da disciplina ecclesiastica que trahem a mão do falsificador. As expressões fortes sobre a divindade de Jesus e sobre a eucharistia não nos devem surprehender. Ignacio era da escola de Paulo, em que as formulas eram mais legalistas do que na severa escola judeio-christã. Menos nos devemos admirar das numerosas citações e imitações de Paulo. Não ha duvida de que Ignacio fizesse leitura habitual das epistolas de S. Paulo. Digo outro tanto de uma citação de S. Matheus (§ 6) que falta nas traducções antigas e de uma allusão vaga á genealogia dos synopticos. Ignacio possuia os λεχθέντα ἢ πραχθέντα de Jesus, taes como eram lidos no seu tempo, e em pontos essenciaes essas narrativas differiam das que chegaram até nós. Mais grave é ainda a objecção originada nas expressões, parece que copiadas pelo auctor do 4.º Evangelho. Não é seguro que tal evangelho existisse no anno de 115. Mas expressões como ὁ ἄρχων αἰῶνος τούτου, imagens como ὕδωρ ζῶν poderiam ser expressões mysticas empregadas em certas escolas desde o primeiro quartel do seculo II, antes de serem consagradas pelo 4.º evangelho.

Estes argumentos intrinsecos não são os unicos e que nos obrigam a abrir, para a epistola aos Romanos, uma categoria separada na correspondencia ignacianna. Em certos pontos esta epistola contradiz as outras seis. No paragrapho 4, Ignacio declara aos Romanos que as apresenta ás Egrejas como querendo tirar-lhe a corôa do martyrio. Nada se encontra parecido nas epistolas a essas Egrejas. Mas mais grave é que a epistola aos Romanos não parece ter vindo pelo mesmo canal, por que chegaram até nós as outras seis cartas. Nos manuscriptos onde estão guardadas as cartas suspeitas, não se encontra a epistola aos Romanos. O texto relativamente sincero foi-nos transmittido pelos Actos chamados *colbertinos* do martyrio de S.to Ignacio. Foi d'ahi tirado e intercalado na collecção das treze cartas. Tudo prova que a collecção das cartas aos Ephesios, aos Magnesios, aos Trallios, aos Philadelphios, aos Smyrniotas, a Polycarpo, não abrangeu primitivamente a epistola aos Romanos, que as seis cartas constituiram de per si só uma collecção tendo unidade e composta por um só auctor ; e que só mais tarde se fundiram n'uma unica as duas series da correspondencia ignacianna, uma apocrypha (de seis cartas), a outra talvez authentica (com uma só carta). Ê notavel que na collecção das treze, a carta aos Romanos vem no fim, posto que a sua importancia e celebridade lhe assegurassem o primeiro logar. Em toda a tradição ecclesiastica, a epistola aos Romanos tem um destino especial. Emquanto as outras seis são pouco citadas, a epistola aos Ro-

manos, sobretudo depois de Ireneu, é lembrada com o maior respeito; as expressões energicas que ella contém para significar o amor a Jesus e o ardor do martyrio fazem parte, de certo modo, da consciencia christã e são por todos conhecidas. Pearson e, depois d'elle, o snr. Zahn, constataram um facto singular e vem a ser a imitação que se encontra no § 3.º do relato authentico do martyrio de Polycarpo, escripto por um Smyrniota no anno 155, d'uma passagem da epistola de S.to Ignacio aos Romanos. Parece pois que o Smyrniota tinha presentes na memoria as passagens mais salientes da epistola aos Romanos, e sobretudo o paragrapho quinto.

Assim tudo consigna á epistola aos Romanos um logar primacial na litteratura ignacianna. M. Zahn reconhece esta situação especial, demonstrando nitidamente em certos pontos que esta epistola nunca se colleccionou junto com as outras; mas não tirou a consequencia d'este facto. O desejo de considerar a collecção authentica levou-o para uma these imprudente, isto é, que a collecção das sete cartas havia de ser adoptada ou rejeitada no seu conjuncto. Renova-se assim o erro de Baur, Hilgenfeld e Volkmar; compromette-se uma das melhores joias da litteratura christã primitiva, associando-a a escriptos mediocres e que se devem condemnar.

O mais provavel é que na litteratura ignacianna a authentica seja a epistola aos Romanos, a qual não ficou isenta de alterações. As repetições que n'ella se notam são enxertos appostos por um inter-

polador no admiravel monumento da antiguidade christã. Comparando o texto conservado pelos Actos colbertinos com os textos da collecção das treze epistolas, com as traducções latinas e syriacas, com as citações d'Eusebio, notam-se bastantes differenças. Parece que o auctor dos Actos colbertinos, intromettendo na sua narrativa o precioso trecho, não teve rebuço em retocal-o em varios pontos. Na subscripção, por exemplo, Ignacio dá-lhe o cognome de Θεοφόρος. Ora nem Ireneu, Origenes, Eusebio ou S. Jeronymo conheciam tal appellido caracteristico. Apparece pela primeira vez nos Actos do Martyrio, que fazem concentrar o mais importante do interrogatorio de Trajano sobre o consignado epitheto. A ideia de o applicar a Ignacio podia ter surgido em passagens de epistolas suppostas, taes como *Ad Eph.*, § 9. O auctor dos Actos, encontrando este nome na tradição, juntou-o ao titulo da epistola inserta no seu relato : Ἰγνάτιος ὁ καὶ Θεοφόρος. Penso que na redacção primitiva das seis epistolas apocryphas essas palavras ὁ καὶ Θεοφόρος não entravam na epigraphe. O *post-scriptum* da epistola de Polycarpo aos Philippicos, em que se cita Ignacio e que é do mesmo auctor das seis cartas, não reconhece tal epitheto.

Poder-se-ha com justiça negar que nas seis epistolas suspeitas nada haja, que, com verdade, se attribua a Ignacio? Não ; no emtanto o auctor das seis epistolas apocryphas, não conhecendo a epistola aos Romanos, como parece, não será provavel que elle possuisse outras cartas authenticas do martyr.

Uma passagem só, § 19 da epistola aos Ephesios, parece fazer luz sobre o fundo indeciso e embaciado das epistolas suspeitas. O que refere os τρία μυστήρια κραυγῆς é escripto n'um estylo obscuro, singular e mysterioso, lembrando o quarto evangelho já notado na epistola aos romanos. Essa passagem, como os trechos brilhantes da epistola aos romanos, foi assaz citada. Mas é um facto isolado sobre o qual não vale a pena insistir.

Uma questão que se prende com a das epistolas attribuidas a S.to Ignacio é a da epistola de Polycarpo. Em dois pontos differentes (§ 9 e § 13) Polycarpo, ou quem quer que sophismou a carta, faz uma referencia nominativa a Ignacio. Ainda parece haver uma terceira allusão no § 1.º Lê-se n'uma das passagens (§ 13 e ultimo): « Tu escreveste-me, e o Ignacio tambem, para que, se alguem d'aqui partisse, levasse as vossas cartas para a Syria. Encarrego-me eu d'isso, logo que tenha opportunidade, quer vá eu proprio, quer mande um emissario. Quanto ás cartas que Ignacio me dirigiu e outras que tenho d'elle aqui t'as mando, satisfazendo o teu desejo. Vão juntas com esta carta. Tira d'ellas todo o proveito ; porque respiram fé, paciencia e edificação em Nosso Senhor ». Na velha versão latina vem mais o seguinte : « Manda-me o que sabes com respeito a Ignacio e aos que com elle estão ». Estes dizeres coincidem notoriamente com a passagem da carta de Ignacio a Polycarpo (§ 8) em que elle pede a este que mande correios em differentes direcções. Tudo isto é suspeito. Como a epistola de Polycarpo

acaba bem no § 12, quasi fatalmente se conclue, admittindo a authenticidade d'esta epistola, que o *post-scriptum* foi addicionado á carta pelo auctor das seis epistolas apocryphas de Ignacio. Nenhum manuscripto grego de Polycarpo tem tal *post-scriptum*. É só conhecido por uma citação de Eusebio e pela versão latina. Os mesmos erros são combatidos na carta a Polycarpo e nas seis cartas ignaciannas; é a mesma a ordem d'ideias. Muitos manuscriptos contém a epistola de Polycarpo na collecção ignacianna a titulo de prefacio ou de epilogo. Ou a epistola de Polycarpo e as de Ignacio são do mesmo falsificador, ou o seu auctor procurou um ponto de apoio na carta de Polycarpo, juntando-lhe o *post-scriptum* para melhor recommendação da sua obra. A addição concordava justamente com o que está no amago da carta de Polycarpo (§ 9). Quadrava melhor ainda, pelo menos apparentemente, com o primeiro paragrapho d'essa carta, em que Polycarpo elogia os Philippicos porque estes receberam carinhosamente os confessores carregados de cadeias que passaram pelas suas terras.

Da epistola de Polycarpo assim falsificada e das cartas reputadas de Ignacio, formou-se um pequeno *Corpus* pseudo-ignacianno, perfeitamente homogeneo de estylo e de colorido, verdadeiro advogado da orthodoxia e do episcopado. Junto com este collectaneo, conservava-se a epistola, mais ou menos authentica, aos Romanos. Um indicio leva a crêr que o falsificador conheceu este escripto; parece, porém, que elle não julgou opportuno juntal-o á sua

collecção por lhe prejudicar a economia e revelar a não authenticidade.

Ireneu, em 180, não conhecia Ignacio senão pelos trechos energicos aos Romanos : « Eu sou o fromento de Christo, etc. » Tinha indubitavelmente lido esta epistola, ainda que o que elle diz se explique pela tradição oral. Ireneu, segundo todas as apparencias, não possuia as seis cartas apocryphas e provavelmente lia a epistola verdadeira ou supposta do seu mestre Polycarpo aos Philippicos, sem o *post-scriptum :* Ἐγράψατέ μοι..... Origenes admittia tanto a epistola aos Romanos como as cartas apocryphas. Cita a primeira no proemio do commentario ao *Cantico dos Canticos*, e a pretensa epistola aos Ephesios na homilia VI sobre S. Lucas. Eusebio conhece a collecção ignacianna no estado actual, isto é, constituida por sete cartas ; não se utilisa dos *Actos do martyrio ;* não distingue a epistola aos Romanos das seis restantes. Lia a epistola de Polycarpo com o *post-scriptum.*

Um fado especial perece votar o nome de Ignacio aos escriptores apocryphos. Apparece na segunda metade do seculo IV, por 375, uma nova collecção de cartas ignaciannas ; é a collecção das treze cartas, a qual evidentemente serviu de nucleo á das sete cartas. Como essas sete fôssem bastante confusas, o falsificador interpolou-as. Um sem numero de glosas explicativas entraram no texto, carregando-o inutilmente. Seis novas cartas foram fabricadas, do começo ao fim, e apezar das flagrantes inverosimilhanças, foram adoptadas universalmen-

te. As modificações n'ellas introduzidas não foram senão resumos das duas collecções precedentes. Os syrios, especialmente, comprazeram-se com uma pequena edição de tres cartas abreviadas, em cuja confecção não entrou o minimo sentimento de distincção entre o authentico e o apocrypho. Algumas obras, abaixo de toda a critica, engrossaram mais tarde a obra ignacianna. Só se conhecem em latim.

Os *Actos* do martyrio de S.to Ignacio não offerecem menos variantes do que o proprio texto das epistolas attribuidas ao mesmo auctor. Ha oito ou nove redacções differentes. Não se deve dar grande importancia a essas narrativas; não têm valor original; são todas posteriores a Eusebio e compostas com dados fornecidos por Eusebio, dados que assentam sobre a collecção das epistolas e especialmente na epistola aos Romanos. Esses *Actos* na fórma primitiva não remontam além do fim do seculo IV. Não se pódem comparar com os Actos do martyrio de Polycarpo e dos martyres de Lião, narrativas verdadeiramente authenticas e coevas dos factos relatados. Estão recheiados de cousas impossiveis, de erros historicos e de equivocos sobre o imperio romano no tempo de Trajano.

N'este livro, como n'aquelles que o precederam, pretende-se o equilibrio entre a critica que emprega todos os meios para defender os textos desacreditados e o scepticismo exagerado que rejeita em bloco tudo quanto se affirma ácerca das origens do christianismo. Será notavel e emprego d'este methodo intermediario no que se refere á questão dos Cle-

mentes e dos Flavios christãos. Foi por causa dos Clementes que se inspirou tão mal a escola de Tubingue. O defeito d'esta escola tão fecunda, por vezes, foi o de rejeitar os systemas tradicionaes, é verdade que muitas vezes architectados em materiaes frageis, e lançar mão de systemas apoiados em auctoridades bem mais frageis ainda. Não se pretendeu na questão de Ignacio, corrigir as tradições do seculo II com João Malada? Na questão de Simão, o feiticeiro, os theologos, apezar de sagazes, não resistiram até a ultima estancia á urgencia de admittir a existencia real d'este personagem? Na questão dos Clementes é-se taxado de espirito tacanho por certos criticos, se se admittir que Clemente romano existiu e se se não explicarem todos os factos a elle referentes por confusões e malentendidos com Flavio Clemens. Ora precisamente os dados sobre Flavio Clemens são indecisos e contradictorios. Nós não negamos os clarões do christianismo que parecem luzir nos destroços da familia flavia; mas para concluir um grande facto historico capaz de rectificar as tradições incertas, é preciso um estranho juizo antecipado ou a falta de aprumo na inducção, que tantas vezes, na Allemanha, prejudica raras qualidades de diligencia e de applicação. Repudiam-se solidos testimunhos; substituem-se-lhes fracas hypotheses; recusam-se textos satisfactorios; acolhem-se quasi sem exame as combinações casuaes d'uma archeologia complacente. Novidade! eis o que se quer a todo o preço; novidade obtida por exagero de ideias

tantas vezes justas e profundas. Por uma fraca corrente constatada em bahia longinqua, conclue-se a existencia de uma grande corrente oceanica. A observação era boa, mas as consequencias foram falsas. Longe de mim a ideia de negar ou attenuar os serviços prestados pela sciencia allemã em tão arduos estudos ; mas para tirar proveito real d'esses serviços, urge vêl-os de muito perto e applicar-lhes um grande discernimento. É preciso estar decidido a não fazer caso das criticas orgulhosas dos homens de systema, que nos reputam atrazados e ignorantes, porque nós não admittimos, de animo leve, a ultima novidade, nascida no cerebro de doutor moço e que só póde ser boa como estimulo para a pesquiza dos factos, nos circulos dos eruditos.

OS EVANGELHOS

E A

SEGUNDA GERAÇÃO CHRISTÃ

CAPITULO I

Os judeus consecutivamente á destruição do templo

Nunca um povo soffreu decepção comparavel á do povo judeu no dia seguinte áquelle em que, contrariamente ás asserções mais formaes dos oraculos divinos, o templo reputado indestructivel se esboroou no braseiro incendido pelos soldados de Tito. Attingir a realisação do mais elevado dos sonhos e ser obrigado á sua renuncia! No momento em que o anjo do exterminio entreabria a nuvem, vêr diluir-se tudo no vasio; comprometter-se affirmando antecipadamente a apparição divina e ter o mais cruel desmentido na brutalidade dos factos, não seria caso para duvidar do templo, para duvidar do proprio Deus? Tambem nos primeiros annos que se seguiram á catastrophe do anno 70, animou-os uma intensa febre, talvez a mais forte de todas as que aqueceram a consciencia judaica. *Edom* (era assim que os judeus designavam o imperio romano) o impio Edom, o eterno inimigo de Deus triumphava. As

ideias reputadas as mais irrefutaveis eram taxadas de falsidade. Parecia que Jéhovah rompia o pacto com os filhos de Abrahão. Caso para perguntar se a fé de Israel, a mais ardente que jámais houve, se revoltaria contra a evidencia e n'um esforço inaudito ainda esperaria contra toda a esperança.

Os sicarios e os exaltados tinham sido quasi todos mortos ; os que sobreviveram passaram o resto dos seus dias no estado de estupefacção surda que se segue nos loucos aos seus ataques de furia. Os Sadduceus quasi haviam desapparecido, no anno 62, juntamente com a aristocracia sacerdotal que vivia á custa do templo e d'elle tirava todo o proveito. Suppoz-se que alguns sobreviventes das grandes familias se refugiassem com os herodianos no norte da Syria, na Armenia, em Palmyra e que ficassem largo tempo alliados ás pequenas dynastias d'esses paizes, illuminando a Zenobia, que no fim do seculo III nos apparece como uma judia sadduceia odiada dos talmudistas, avançando pelo seu monotheismo simples o arianismo e o islamismo. Tudo isto é possivel ; mas em todo o caso os restos mais ou menos authenticos do partido sadduceu transformaram-se em elementos quasi estranhos para o povo judeu. Os phariseus consideravam-n'os seus inimigos.

O pharisaismo é que sobreviveu e se conservou quasi intacto depois do desastre de Jerusalem ; o pharisaismo, a classe media da sociedade judaica, nucleo menor propenso a immiscuir a politica com a religião, restringindo a tarefa da vida ao escrupuloso cumprimento dos preceitos. Coisa singular ! Os phariseus atravessaram a crise quasi a são e salvo ; a revolução passou por elles, sem os attingir. Absorvidos na sua unica preoccupação, a observancia estricta da Lei, fugiram na sua maioria de Jerusalem antes das ultimas convulsões e encontraram asylo seguro nas cidades neutraes de Iabnée e de Lydda. Os

zelotas não eram senão exaltados; os sadduceus não eram senão uma classe; os phariseus eram a nação. Na essencia pacificos, fazendo uma vida tranquilla e applicada, contentando-se com a pratica do culto em familia, esses verdadeiros israelitas resistiram a todas as provas; foram elles o nucleo do judaismo que atravessou a edade media e chegou intacto até aos nossos dias.

A Lei, eis o que restava ao povo judeu no naufragio das suas instituições religiosas. O culto publico, depois da destruição do templo, era impossivel; emmudecera a prophecia depois do formidavel cheque soffrido; hymnos sacros, musica, ceremonias, tudo isso era bafiento e sem objectivação, desde que o templo, cordão umbilical de todo o *cosmos* judaico, fôra arrazado. A *Thora*, pelo contrario, extrinsecamente ao ritual, era sempre possivel. A *Thora* não era sómente uma lei religiosa; era uma legislação completa, um codigo civil, um estatuto pessoal, fazendo do povo, a elle submisso, uma republica áparte. Eis o objectivo ao qual se prenderá com verdadeiro fanatismo a consciencia judaica. Se o ritual teve de ser profundamente modificado, o direito canonico mantem-se quasi na sua integridade. O unico fim da vida será commentar e praticar a Lei com todo o rigor. Só uma sciencia tem valor, a Lei. A tradição foi a patria ideal do judeu. As discussões subtis que, ha perto de cem annos, echoavam nas escolas, nada foram em comparação com as que se lhes seguiram. A minucia religiosa e o escrupulo devoto substituiram no judeu todo o resto do culto.

Uma consequencia grave do novo estado em que viveu depois d'isto Israel foi a victoria definitiva do doutor sobre o padre. O templo morrera, mas a escola salvou-se. A pouco menos de nada reduziu o templo as funcções do padre. O doutor, ou melhor

fallando, o juiz interprete da *Thora*, transformou-se n'um personagem capital. O tribunal (*beth-dîn*) é, n'esta epocha, a grande escola dos rabbinos. O *ab-beth-dîn*, presidente do tribunal, é o chefe civil e religioso. Todo o rabbino diplomado tem o direito de entrar na teia ; as decisões são tomadas pela pluralidade dos votos. Os discipulos a pé, por detraz de uma grade, ouvem e aprendem tudo o que é preciso para serem juizes e doutores.

« Uma cisterna estanque, que não deixa passar gotta d'agua, tal é d'ora ávante o ideal de Israel. Ainda não havia manual escripto para este direito tradicional. Passou mais de um seculo antes que as discussões das escolas formassem um corpo de doutrinas, que se passará a chamar a *Mischna* por excellencia ; mas o fundo d'este livro data da epocha que nos occupa. Posto que compilado na Galilea, nasceu em Iabné. No fim do seculo I existiam pequenos cadernos de notas em estylo quasi algebrico e cheios de abreviaturas que davam as soluções dos rabbinos celebres em casos complicados. As memorias mais robustas cediam com o peso das tradições e dos precedentes judiciarios. Um tal estado de cousas reclamava a escripta. Datam d'essa epocha as *Mischna*, aggregados de decisões ou *halakoth* com o nome do auctor. Tal o do rabbino Eliezer ben Jacob, que desde o começo do seculo era citado como «bom, embora resumido». O tratado mischinico *Eduïoth*, que se distingue dos outros por não tratar assumpto especial e que é por si só uma *mischna* abreviada, tem por nucleo os *éduïoth*, ou « testimunhos » relativos a decisões anteriores, recolhidos em Iabné e submettidos a uma revisão depois de destituido o Rabbi Gamaliel, o novo. Pelo mesmo tempo Rabbi Eliezer Ben Jacob compunha de cór a descripção do santuario que é o fundo do tratado *Middoth*. Simeão de Mispa, n'uma epocha mais antiga ainda, parece

ser o auctor da primeira edição do tratado *Ioma*, referente á festa do grande Perdão, e talvez do tratado *Tamid*.

A opposição entre estas tendencias e as do christianismo nascente eram similares ao antagonismo do fogo e da agua. Os christãos afastavam-se cada vez mais da Lei ; os judeus fixavam-se a ella com phrenesi. Uma viva antipathia parece que existiu nos christãos contra o espirito subtil, sem caridade, que prevalecia intensificando-se dia a dia nas synagogas. Jesus, cincoenta annos antes, já verberara esse espirito aceradamente. Depois os casuistas não fizeram outra coisa senão atolar-se nas suas varias argucias. Em nada mudou o seu caracter com as desgraças da nação. Questiunculadores, vaidosos, invejosos, cheios de melindres, aggredindo-se por motivos pessoaes, passavam o tempo entre Iabné e Lydda a excommungarem-se por futilidades. O nome de « phariseu » era até ahi tido em bôa conta pelos christãos. Thiago e em geral os parentes de Jesus tinham sido muito bons phariseus. O proprio Paulo se gaba de ter sido phariseu, filho de phariseus. Mas depois do cêrco romperam-se as hostilidades. Recolhendo as palavras tradicionaes de Jesus, dominou esta mudança de situação. A palavra « phariseu », nos Evangelhos communs, como mais tarde o termo « judeu » no Evangelho de João, são synonimos de inimigos de Jesus. O ridiculo da casuistica foi um dos elementos essenciaes da litteratura evangelica e uma das causas do seu triumpho. Nada horrorisa mais o homem virtuoso que o pedantismo moral. Para se expurgar da suspeita de dolo é-lhe urgente duvidar por instantes da sua propria obra e do seu merecimento individual. Todo o que pretende salvar-se com receitas infalliveis parece-lhe o inimigo capital de Deus. O pharisaismo transformou-se assim em alguma cousa peor do que o vicio, porque ridicula-

risou a virtude ; e nada nos será mais agradavel do que vêr Jesus, o mais virtuoso dos homens, lançar em rosto á burguezia hypocrita : — que até o cumprimento regulamentar da Lei não passa de uma manifestação de vaidade.

A consequencia da nova situação foi a intensificação do retrahimento e do espirito exclusivo. Odiado, aborrecido, Israel concentrou-se cada vez mais em si proprio. O *perischouth*, a insociabilidade foi uma lei fundamental de salvação publica. Não viver senão n'um mundo exclusivamente judaico, restringir ao minimo as relações com pagãos, augmentar a Lei com novas exigencias, tornal-a de pratica difficil, tal foi o fim dos doutores e por elles finamente conseguido. Multiplicaram-se as excommunhões. Observar a Lei foi uma arte tão complicada que o judeu não teve tempo para pensar em mais nada. Tal é a origem das « dezoito medidas », codigo completo de sequestro estatuido algum tempo antes da destruição do templo, mas posto em execução sómente depois de 70. Essas dezoito medidas eram todas convergentes a isolar exageradamente Israel. Prohibição de comprar aos pagãos as cousas mais necessarias, de fallar a sua lingua, de ouvir o seu testimunho ou acceitar-lhes presentes e de offerecer sacrificios pelo imperador. Desgostaram algumas d'essas prescripções ; disse-se mesmo que o dia da sua publicação foi mais funesto do que o dia em que os Judeus se lembraram de fundir o bezerro d'ouro ; mas não se derogaram. Um dialogo lendario exprimiu os sentimentos oppostos dos dous partidos que dividiam as escolas judaicas a este respeito : « N'este dia, disse Rabbi Eliezer, encheu-se a medida. — N'este dia, disse Rabbi Josué, fizeram-n'a entornar. — Um tonel cheio de nozes, disse Rabbi Eliezer, póde ainda conter tanto oleo de sesamo quanto se quizer. — Quando uma vasilha

está cheia de oleo, replicou Rabbi Josué, deitando-se-lhe agua, entorna-se o oleo. » Apezar de todos os protestos, as dezoito medidas assumiram tal auctoridade que se chegou a dizer que nenhum poder tinha o direito de as abolir. Talvez algumas d'essas medidas se inspirassem na surda opposição ao christianismo e sobretudo contra as prédicas liberaes de S. Paulo. Parece que quanto mais os christãos se esforçavam por fazer cahir as barreiras legaes, mais os judeus teimavam em as não deixar transpôr.

No que diz respeito aos proselytos o contraste é mais sensivel. Não sómente os judeus não procuram crear adeptos ; mas têm contra os novos irmãos uma desconfiança apenas dissimulada. Ainda se não diz que « os proselytos são uma lepra para Israel », mas, em vez de os encorajarem, desanimam-n'os ; falla-se-lhes dos perigos e das difficuldades a que se expoem filiando-se n'uma nação escarnecida. Ao mesmo tempo redobrou o odio contra Roma. Os pensamentos que ella suggere são pensamentos de morte e de sangue.

Mas, como sempre, na corrente da sua longa historia, Israel tinha uma memoria admiravel, protestando contra os erros da maioria da nação. Continuava a grande dualidade que fez o fundo da vida d'este povo singular. O encanto e a doçura do bom judeu resistiam a toda a prova. Schammaï e Hillel, ainda que ha muito fallecidos, eram como que as cabeças de duas familias oppostas, uma representando o lado tacanho, malevolo, subtil, materialista, a outra o lado amplo, benevolo, idealista do genio religioso de Israel. O contraste era flagrante. Humildes, polidos, affaveis, pondo o sentimento dos outros acima do seu, os hillelitas como os christãos, tinham, como principio, que Deus eleva o que se humilha e humilha o que se eleva ; que as gran-

dezas fogem aos que as procuram e procuram os que lhes fogem ; que quem quer accelerar o tempo nada tem d'elle, emquanto consegue tudo quem sabe esperar.

Nas almas piedosas surgem por vezes sentimentos singularmente arrojados. A familia liberal dos Gamaliel, que tinha, como principio, nas suas relações com os pagãos, cuidar dos seus pobres, cumprimental-os amoravelmente, mesmo quando adorem os idolos, dar os ultimos cuidados aos seus mortos, procurava melhorar a situação. De transacção em transacção essa familia já entrara em relações com os romanos. Não escrupulisou em pedir aos vencedores a investidura de uma especie de presidencia do synhedrio, e com o seu assentimento retomar o titulo de *nasi*. Além d'esta familia, um homem muito liberal, Johanan ben Zakaï, era a alma da transformação que se ia operando. Já anteriormente gosava de uma auctoridade preponderante no synhedrio. Durante a revolução foi um dos chefes do partido moderado, conservando-se fóra das questões politicas e envidando todos os esforços para que se não prolongasse uma resistencia que arrastaria pela certa a destruição do templo. Affirma-se que escapo de Jerusalem predissera o imperio a Vespasiano. Um dos favores que lhe pediu foi um medico para tratar o velho Sadok, arruinado na sua saude pelos jejuns consecutivos nos annos que precederam o cêrco. O que parece certo é que agradou aos Romanos, obtendo o restabelecimento do synhedrio em Iabné. É dubio que fôsse discipulo de Hillel ; mas foi o continuador do seu pensamento. A sua maxima favorita era : « fazei reinar a paz entre os homens ». Dizia-se a seu respeito que elle era sempre o primeiro a cumprimentar, mesmo aos pagãos no mercado. Sem ser christão, foi um verdadeiro discipulo de Jesus. Diz-se que chegava até, á imitação dos

antigos prophetas, a supprimir a efficacia do culto, reconhecendo que a justiça tinha para os pagãos os mesmos effeitos que os sacrificios para os Judeus.

Um pequeno allivio lenificou a alma terrivelmente perturbada de Israel. Alguns fanaticos atreveram-se, com risco de vida, a entrar furtivamente na cidade silenciosa para sacrificar nas ruinas do Santo dos Santos. Alguns d'esses loucos contavam que uma voz sahindo dos escombros lhes dissera que acceitava os seus sacrificios ; mas em geral criticavam-se esses excessos. Alguns prohibiam todo o prazer ; viviam em pranto desfeito e contínuos jejuns, não bebendo senão agua. Johanan ben Zakaï consolava-os : « Não te entristeças, meu filho, dizia elle a um d'esses desesperados ; á falta de holocaustos, ha melhor meio de expiar os nossos peccados, é a pratica das bôas obras. » Recordava as palavras de Isaias : « Eu amo mais a caridade que o sacrificio ». Eram analogos os sentimentos de Rabbi Josué. « Meus amigos, dizia aos que exageravam os jejuns, para que vos privaes vós da carne e do vinho ? — Como, respondiam elles, havemos de comer a carne do sacrificio no altar destruido e o vinho que servia ás libações feitas no mesmo altar ? — Então, replicava Josué, não comamos pão porque não podemos fazer offerendas de farinha. — É verdade, poderiamos comer fructos. — Tambem não, porque já não podemos offerecer as premicias ao templo ». Impunha-se a força das circumstancias. Sustentava-se theoricamente a eternidade da Lei ; affirmava-se que nem o proprio Elias poderia derogar um só artigo ; mas a destruição do templo supprimiu de facto as antigas prescripções ; nada mais havia, além de uma casuistica moral de detalhe ou de mysticismo. A cabala desenvolvida é muito mais moderna. Mas é desde então que muitos phantasiavam o que se chamou a « visão do carro », isto é,

especulavam com os mysterios que se prendem com os symbolos de Ezequiel. O espirito judaico adormecia em sonhos, buscando um refugio fóra do mundo execrado. O estudo era uma libertação. Rabbi Nehounia vulgarisou a ideia de que quem se submette ao jugo da Lei livra-se da tutela da politica e do mundo. Quando se attinge este desprendimento já se não é um revolucionario perigoso. Rabbi Hannina tinha por habito dizer : « Orae pelo governo estabelecido ; sem elle os homens comer-se-iam uns aos outros ».

Era extrema a miseria. Uma capitação pesada carregava a todos e as fontes de receita tinham seccado. A montanha da Judeia estava inculta e coberta de ruinas ; os direitos de propriedade eram pouco estaveis. Cultivando-a, arriscava-se a ser expoliado pelos romanos. Jerusalem não era senão um monte de ruinas. Plinio refere-se a ella, como uma cidade sem existencia. Os judeus que quizessem habitar em grupos consideraveis as suas ruinas, seriam com certeza expulsos. No emtanto, os escriptores que mais insistem na destruição total da cidade apontam o facto de n'ella se conservarem algumas mulheres e alguns velhos. Josepho mostra-nos estes sentados e chorando sobre o pó do sanctuario, e as segundas votadas pelos vencedores aos ultrajes mais humilhantes. Guarnecia um recanto da cidade deserta a 10.ª legião *Fretensis*. Prova-se que a legião reconstruiu, pelo timbre legionario (um porco) marcando os tijolos. É provavel que os soldados, a troco de uma renumeração, consentissem nas visitas furtivas aos alicerces ainda visiveis do templo. Particularmente os christãos conservaram o culto e a saudade de certos lugares, especialmente do Cenaculo, sobre o monte Sion, por ser o sitio, segundo a crença, onde se juntaram os discipulos de Jesus depois da Ascensão, e das proximidades do templo

por ahi estar o tumulo de Thiago, irmão do Senhor. Naturalmente o Golgotha não foi tambem esquecido. Como se não reconstruisse nem na cidade nem nos arredores, as pedras enormes das grandes construcções conservaram-se no seu lugar, de tal modo que era facil o reconhecimento dos monumentos.

Expulsos assim dos lugares amados e da sua cidade santa, os judeus espalharam-se pelas cidades e aldeias do valle que vae do sopé da Judeia até ao mar. Multiplicou-se ahi a população judaica. Um local sobretudo foi o theatro d'uma especie de resurreição do pharisaismo e converteu-se na capital theologica dos judeus até á guerra de Bar-Coziba. Foi a cidade primitivamente philistina de Iabné ou Jamnia, a quatro leguas e meia ao sul de Jaffa. Era uma cidade importante, habitada por idolatras e judeus ; mas o dominio era dos judeus, ainda que a cidade, depois da guerra de Pompeu, tivesse deixado de fazer parte da Judeia. Tinham-se ferido luctas accessas entre as duas populações. Foi precisa a apparição de Vespasiano nas campanhas de 67 e 68, para ahi se manter a sua auctoridade. Abundavam os viveres. Nos primeiros tempos do cêrco, alguns sabios socegados a quem não allucinavam as chimeras de independencia, e entre elles Johanan ben Zakaï, ahi encontraram um tranquillo refugio. Choraram, rasgaram suas vestes, vestiram de luto, mas entenderam que ainda valia a pena viver esperando que Deus désse melhores dias futuros a Israel. Diz-se que Iabné e os seus sabios foram poupados por Vespasiano a pedido de Johanan. O que é certo é que já antes da guerra uma escola rabbinica florescia em Iabné. Razões ignoradas levaram os Romanos a conserval-a e a sua importancia augmentou com o advento de Johanan ben Zakaï.

Rabbi Gamaliel, o moço, ergueu Iabné aos pina-

culos da celebridade, dirigindo a sua escola depois de Rabbi Johanan, que se retirou para Berour-Haïl. Desde então Iabné foi a primeira academia judaica da Palestina. Ahi vinham os Judeus das differentes regiões celebrar as suas festas, como outr'ora em Jerusalem, aproveitando o ensejo da viagem á cidade santa para ouvir as opiniões das escolas e do synhedrio nos casos de duvida, submettendo as questões difficeis ao julgamento do *bet-dîn*. Só impropriamente e raras vezes se chamava a este tribunal pelo nome antigo de *sanhedrin*, mas a sua auctoridade era incontestada ; ahi se reuniam por vezes os doutores de toda a Judeia e davam então ao *bet-dîn* o caracter de um supremo tribunal. Largo tempo durou a recordação do pomar e do pombal á sombra do qual se assentava o presidente.

Semelhava Iabné uma pequena Jerusalem resuscitada. Não se afastava de Jerusalem no tocante a privilegios e obrigações religiosas. A synagoga foi considerada como a legitima herdeira da de Jerusalem e como o centro da nova auctoridade religiosa. Os proprios romanos consentiram em consideral-a assim e concederam ao *nasi* ou *ab-bet-dîn* uma auctoridade official. Foi o inicio do patriarchado judeu, mais tarde desenvolvido até se tornar uma instituição muito analoga á dos patriarchados christãos no imperio ottomano. Taes magistraturas simultaneamente religiosas e civis, conferidas pelo poder politico, foram no Oriente o processo dos grandes imperios se desfazerem das responsabilidades dos seus raïas. A existencia de um estatuto pessoal nada inquietava os Romanos, especialmente n'uma cidade meia idolatra, meia romana, em que os judeus eram contidos pela força armada e pela antipathia da restante população. A tradição conserva a memoria de frequentes controversias entre Johanan ben Zakaï e os infieis, fornecendo-lhes este a explicação da Biblia

e das festas judaicas. As suas respostas são por vezes evasivas. Sorri-se das soluções pouco satisfatorias dadas ás objecções dos idolatras, quando conversa a sós com os seus discipulos.

Lydda teve escolas rivaes das de Iabné, ou melhor ainda, que foram uma sua dependencia. As duas cidades distavam pouco mais ou menos quatro leguas uma da outra. Quando se era excommungado em Iabné, procurava-se refugio em Lydda. Todas as aldeias danitas ou philistinas da zona maritima circumvisinha, Berour-Haïl, Bakiin, Gibthon, Gimso, Beni-Berak, situadas ao sul de Antipatris e até ahi consideradas como fazendo parte da terra santa, serviam do mesmo modo de asylo a doutores celebres. Finalmente o Darom ou parte meridional da Judeia, situada entre Eleutheropolis e o mar Morto, recebeu immensos fugitivos. Era um paiz rico, longe das estradas frequentadas pelos Romanos e quasi limitrophe do seu dominio.

Ainda se não fazia sentir a corrente que levou o rabbinismo para a Galiléa.

Houve algumas excepções: Rabbi Eliezer ben Jacob, o redactor de uma das primeiras Mischna, parece ser Galileu. No anno 100 já os doutores mischnicos se approximam de Cesarea e da Galiléa. Mas é só depois da guerra de Adriano que Tiberiade e a alta Galiléa se tornam por excellencia o paiz do Talmud.

CAPITULO II

Bether. O livro de Judith. O Canon judeu

Logo nos primeiros annos depois da guerra organisou-se, ao que parece, um centro populoso, o qual cincoenta annos mais tarde deveria desempenhar um papel importante. A duas leguas e um quarto de Jerusalem, na direcção anti-sudoeste, havia uma aldeia com o nome de Bether, até ahi pouco conhecida. Parece que alguns annos antes do cêrco, bastantes burguezes ricos e pacificos de Jerusalem, prevendo o temporal prestes a desencadear-se sobre a capital, compraram terrenos n'esse logar e ahi procuraram refugio. Bether estava situada n'um valle fertil fóra das estradas importantes que ligam Jerusalem com o Norte e com o mar. A aldeia era dominada por uma acropole construida junto de uma linda fonte e que era por assim dizer uma fortificação natural; um plaino inferior servia de alicerce á cidade baixa. Depois da catastrophe do anno 10, juntou-se ahi um grande numero de fugitivos. Esta-

beleceram-se escolas, synagogas e um synhedrio. Bether transformou-se n'uma cidade santa quantivalendo Sião. A collina escarpada cobriu-se de casas que, apoiadas em obras antigas feitas na rocha e na disposição natural da collina, formaram uma especie de cidadella completada com as assentadas de grandes blocos. A situação afastada de Bether leva a suppor que os Romanos não ligaram importancia a essas edificações ; e talvez que parte d'ellas fôssem já anteriores ao cêrco de Tito. Ajudada pelas grandes communidades judias da Lydda, de Iabné, Bether transformou-se n'uma vasta cidade, no campo entrincheirado do fanatismo judaico. Foi ahi que o judaismo jogou o ultimo lance contra o poder romano.

Parece que em Bether se compoz um livro singular, espelho perfeito da consciencia de Israel n'essa epocha, em que a par da evocação das derrotas passadas, transluz o presentimento fogoso das revoltas futuras. Refiro-me ao livro de *Judith.* O ardente patriota que compoz a *agada* em hebreu decalcou-a, segundo o uso das *agadas* judaicas, n'uma historia assaz conhecida, a de Debora salvando Israel por matar o chefe dos seus inimigos. Em todas as linhas transparecem allusões. O antigo inimigo do povo hebreu, Nabuchodonosor (typo perfeito do imperio romano, o qual na opinião dos judeus não era mais que uma obra de propaganda idolatra) quer dominar o mundo inteiro e fazer-se adorar excluindo qualquer outro Deus. Encarrega o general Holophernes d'esta empreza. Todos se sujeitam menos o povo judeu. Israel não é um povo militar, mas é um povo montanhez difficil de dominar. Emquanto observar a lei será invencivel.

Um pagão sensato que conhece Israel, *Achior* (irmão da luz), tenta deter Holophernes. O essencial é saber se o povo judeu transgride a lei ; se assim

fôr é facil a victoria; no caso contrario não se deve atacar. Tudo, porém, é inutil: Holophernes marcha sobre Jerusalem. A chave de Jerusalem é uma praça situada ao norte, do lado de Dothaïm, á entrada da região montanhosa e ao sul da planicie de Esdrelon. Essa praça tem por nome *Beth-eloah* (casa de Deus). O auctor concebe-a exactamente na planta de Bether. Poisa na orla de um ouadi, sobre um cume em cujo sopé corre uma fonte indispensavel aos gastos da população, sendo pouco abundantes as cisternas da cidade alta. Helophernes cerca *Beth-eloah*, em breve reduzida pela sêde á ultima extremidade. Mas o caracter da Providencia manifesta-se em os mais fracos praticarem os mais altos feitos. Uma viuva, uma zelota, *Judith* (a judia) levanta-se do leito e reza; sabe da cidade e apresenta-se a Holophernes como uma devota ferrenha que não supporta as transgressões da lei, que ella tem visto commetter na cidade. Indica ao general um meio seguro de vencer os Judeus. Elles morrem á fome e á sêde. Este facto leva-os a transgredir os preceitos sobre os alimentos e a comerem as premicias destinadas aos sacerdotes. Pediram auctorisação para estas praticas ao synhedrio de Jerusalem; mas ahi tambem campeia a corrupção, sendo-lhes permittidos todos os abusos; assim ser-lhe-ha muito facil a victoria. « Pedirei a Deus que eu sinta quando elles peccam ». Depois, á hora em que Holophernes se julga seguro de todas as suas complacencias, Judith corta-lhe a cabeça. N'esta arrojada empreza nunca ella transgrediu a Lei. Reza e faz as suas abluções ás horas determinadas. Não come senão as iguarias que trouxe comsigo; e até na noite em que se prostitue a Holophernes não bebe senão o seu vinho. Judith vive ainda, depois d'este facto, cento e cinco annos, recusando os mais vantajosos casamentos, feliz e honrada. Durante a sua vida inteira e ainda muito

depois da sua morte ninguem ousa inquietar o povo judeu. Achior é tambem recompensado por ter conhecido tão bem o povo judeu. Faz-se circumcidar e converte-se para todo o sempre n'um filho de Abrahão.

A tendencia do auctor em imaginar conversões de idolatras, em se persuadir que Deus ama de preferencia os fracos, que é por excellencia o deus dos desesperados, approxima-o do sentir christão. Mas a sua ligação materialista á pratica da Lei aponta-o como um phariseu puro. Sonha para os Israelitas uma autonomia subordinada ao synhedrio e ao *nasi*. O seu ideal é o de Iabné. Ha um certo mechanismo da vida humana amado por Deus ; a Lei é a sua regra absoluta ; Israel foi creado para a cumprir. Não ha outro povo como elle ; um povo odiado pelos idolatras, porque elles sabem que é capaz de convencer o mundo inteiro ; um povo invencivel porque não pecca. Aos escrupulos do phariseu aggremiam-se o fanatismo do zelota, o appello ás armas para defender a Lei, a apologia do exemplo das mais sanguinolentas violencias em nome da religião. Transparece em toda a obra a imitação do livro de *Esther ;* o auctor lia esse livro não como está escripto no texto hebreu, mas sim como vem interpolado no texto grego. A factura litteraria é banal ; os lugares communs da *agada* judia, canticos, orações, etc., lembram algumas vezes o Evangelho segundo Lucas. A theoria das reivindicações messianicas não está sufficientemente desenvolvida ; Judith tem a recompensa da virtude na sua longevidade. O livro deveria ser lido com paixão em Bether e em Iabné ; mas concebe-se que Josepho o não conhecesse em Roma ; não lhe chegou ás mãos, por estar recheiado de allusões perigosas. Em todo o caso o successo foi de curta duração entre os judeus ; perdeu-se bem depressa o original judeu ; mas

a traducção grega marcou lugar no canon christão. No anno 95 essa traducção é conhecida em Roma. Geralmente as obras apocryphas eram acceites e citadas no dia seguinte ao da sua publicação ; mas a sua voga era ephemera, cahindo rapidamente no esquecimento.

A urgencia de um canon rigorosamente delimitado dos livros sagrados fazia-se sentir cada vez mais. A Thora, os prophetas, os psalmos, eram a base geralmente acceite. Só Ezequiel levantava difficuldades em certas passagens discordantes da Thora. Resolveram-n'as com subtilezas. Houve uma certa hesitação a respeito de Job, cuja audacia era antagonica com o pietismo da epocha. Contra os Proverbios, o Ecclesiastes e o Cantico dos Canticos levantou-se uma maior celeuma. O quadro livre esboçado no capitulo VII dos Proverbios, o caracter profano do Cantico, o scepticismo do Ecclesiastes deveriam tirar a estes livros o caracter religioso. Felizmente que a admiração supplantou os escrupulos. Admittiram-n'os, se é licito esta expressão, á correcção e á interpretação. Os ultimos versiculos do Ecclesiastes parecem attenuar a crudeza sceptica do texto. Procurou-se no Cantico dos Canticos a elevação mystica. O Pseudo-Daniel tambem conquistou o seu lugar á força de audacia e de convicção ; não violou comtudo a linha impenetravel dos antigos prophetas e quedou nas ultimas paginas do volume sagrado, ao lado de Esther e das compilações historicas mais recentes. O filho de Sirach não desappareceu porque traduzia nitidamente a sua redacção moderna. Este conjuncto constituia uma pequena bibliotheca sagrada de vinte e quatro obras, cuja ordem foi desde então irrevogavelmente fixada. A ausencia de um canon originava uma tal ou qual ambiguidade que as differentes facções exploravam em proveito das suas ideias. Só alguns seculos mais tarde é que a Biblia

hebraica constituiu um volume quasi sem variantes e cuja leitura era concorde até nos minimos detalhes.

Aos livros excluidos do canon prohibiu-se-lhes a leitura e intentou-se até destruil-os. Assim se explica que livros essencialmente judaicos e que tinham tanto direito a entrar na biblia hebraica como os livros de Esther e de Daniel só se conheçam pelas traducções gregas e tiradas do grego. As historias macchabaïcas, o livro de Tobias, os livros de Henoch, a Sabedoria do filho de Sirach, o livro de Baruch, o livro chamado «o terceiro de Esdras», series varias juntas ao livro de Daniel (os tres infantes na fornalha, Susanna, Bel e o dragão), a oração de Manassés, a carta de Jeremias, o Salterio de Salomão, a Assumpção de Moisés, uma serieção de escriptos agadicos e apocalypticos, desprezados pelos judeus na tradição talmudica, foram conservados pelos christãos. A communidade litteraria, existente durante mais de cem annos entre os judeus e os christãos, deu como resultado que todos os livros orientados por um espirito piedoso e inspirados em ideias messianicas foram adoptados sem reservas pelas Egrejas. Depois do seculo 2.º o povo judeu, votado exclusivamente ao estudo da Lei e não vendo outra coisa que não fôsse a casuistica, abandonou esses livros. Algumas Egrejas christãs persistiram em ligar-lhes um alto valor e em admiral-os mais ou menos officialmente no seu canon. Assim veremos o Apocalypse de Esdras, obra de um judeu exaltado, como o livro de Judith, salvarem-se da destruição pelo favoritismo de que gosavam entre os christãos.

O judaismo e o christianismo viviam ainda juntos como sêres duplos, ligados n'um ponto do seu organismo e distinctos nas outras suas partes. Um dos sêres transmittia ao outro sensação, vontade. Um livro originado nas paixões judaicas mais ardentes, um livro zelota na sua essencia era logo

acceite pelos christãos, conservado pelo christianismo e inserido no canon do antigo testamento. Uma fracção da Egreja christã, não o podemos duvidar, sentiu as emoções do cêrco, partilhou as dôres e as coleras dos judeus pela destruição do templo e manifestou uma viva sympathia pelos revoltados; o auctor do Apocalypse, que naturalmente vivia n'essa epocha, tinha o luto no coração e calculava os dias de vingança para Israel. Mas a consciencia christã seguira novos rumos; não era só a escola de Paulo, era a familia do mestre que atravessava a crise extraordinaria e transformava ao sabor das necessidades do tempo a memoria dos factos passados na vida de Jesus.

CAPITULO III

Ebion além do Jordão

Vimos, no anno de 68, a Egreja christã de Jerusalem, levada pelos parentes de Jesus, fugir da cidade aterrorisada, refugiar-se em Pella do lado de lá do Jordão. Vimos o auctor do Apocalypse, passados alguns mezes, servir-se das mais vivas e commoventes imagens para exprimir a protecção com que Deus agasalhára a Egreja fugitiva e a tranquillidade que ella usufruia no deserto. É provavel que essa estação durasse varios annos depois do cêrco. A entrada em Jerusalem era impossivel. A antipathia entre judeus e phariseus era já muito forte para que os christãos se transportassem com o grosso da nação para os lados de Iabné e de Lydda. Os santos de Jerusalem ficaram trans-Jordão. A espectativa da catastrophe final attingia o cume da vivacidade. Os tres annos e meio fixados pelo Apocalypse como termo ás suas prédicas levavam até ao mez de julho de 72.

A destruição do templo fôra para os christãos, certamente, uma surpresa. Como os judeus, elles não podiam suppôr tal. Por instantes, sonharam Nero o anti-Christo, de volta dos Parthas, marchando sobre Roma com os seus alliados a saqueal-a, e em seguida á frente dos exercitos da Judeia, profanando e matando o povo dos justos reunido na collina de Sião; mas o que elles nunca pensaram foi na destruição do templo. Um tão extraordinario facto, uma vez succedido, deveria desoriental-os. As desgraças da nação judaica foram havidas como castigo de Deus pelos assassinatos de Jesus e de Thiago. Pensando bem, concluiu-se que Deus tinha sido em tudo isto de uma grande bondade para os seus eleitos. Por essa causa é que Deus abreviára os dias, que durando, não se salvaria pessoa alguma. A horrivel tormenta ficára na memoria dos christãos do Oriente e foi para elles o que as perseguições de Nero haviam sido para os de Roma, « a grande agonia », preludio confirmado dos dias do Messias.

Além d'isto, um calculo parece que preoccupára muito os christãos por este tempo. Pensava-se immenso n'esta passagem de um psalmo: « Escutae pelo menos hoje o que elle vos diz: Não endureçais vosso coração, como em Meriba, como no dia de Massa no deserto... Durante quarenta annos, eu repelli essa geração e disse: É um povo sem sentimento; ignora o meu caminho; tambem jurei na minha colera que não entrará no meu descanço ». Applicava-se aos judeus teimosos o que se referia aos israelitas revoltados no deserto; e como pouco mais de quarenta annos tinham passado depois da curta mas brilhante vida publica de Jesus, suppunham ouvil-o dizer aos incredulos: « Ha quarenta annos que vos espero, é tempo; acautelai-vos ». Todas estas coincidencias que faziam incidir o anno apocalyptico com o anno 73, a lembrança recente

da revolução e do cêrco, o accesso estranho de febre, de exaltação e de loucura que a todos dominára, e o cumulo do prodigio que, depois dos signaes tão evidentes, ainda encontrava resistencias nos incredulos á voz appellativa de Jesus, todas estas circumstancias pareciam inauditas e só se podiam explicar pelo milagre. Era claro que se approximava o momento em que Jesus ia apparecer e cumprir-se o mysterio dos tempos.

Emquanto dominou esta ideia fixa, considerada a cidade de Pella como um asylo provisorio escolhido por Deus para salvaguarda dos eleitos contra o odio dos maus, ninguem pensou em abandonar um local que se suppunha designado por uma revelação do céu. Mas quando se tornou evidente que era preciso continuar a viver ainda, produziu-se um movimento na communidade: um grande numero de membros, e entravam n'esse numero pessoas da familia de Jesus, deixaram Pella e foram estabelecer-se algumas leguas mais longe, na Batanea, provincia sob a dependencia de Herodes Agrippa II, mas que cada dia se submettia mais á soberania directa dos Romanos. Esta região era então muito prospera, estava cheia de cidades e de monumentos; foi ahi beneficiente o dominio dos Herodes, que criaram uma civilisação brilhante que durou desde o anno 1.° da nossa era até ao Islam. A cidade escolhida de preferencia pelos discipulos e parentes de Jesus foi Kokaba, limitrophe de Astaroth-Carnaïm, um pouco além de Adraa, e muito proximo dos confins do reino dos Nabateanos. Kokaba não distava mais de quatorze leguas de Pella e as egrejas d'essas localidades mantiveram largo tempo relações estreitas. Com certeza que muitos christãos desde o tempo de Vespasiano e de Tito foram até á Galiléa e Samaria; no emtanto é só depois de Adriano que a Galiléa é o ponto de reunião da população judaica e

que n'ella se concentra toda a actividade intellectual da nação.

O nome que a si proprios se davam os piedosos guardas da tradição de Jesus era o de *ebionim* ou «pobres». Fieis ao pensamento do que dissera: Felizes os *ebionim*, e que promettera aos desherdados da terra o reino dos céus e a propriedade do evangelho, ostentavam a sua pobreza e continuavam, como a primitiva egreja de Jerusalem, a viver de esmolas. Vimos S. Paulo sempre preoccupado com os pobres de Jerusalem e S. Thiago adoptar o cognome de «pobre» como um titulo nobiliarchico. Uma serie de passagens do Antigo testamento, em que a palavra *ebion* se emprega para designar o homem piedoso e por generalisação toda a piedade israelita, a reunião dos santos de Israel, mesquinhos, meigos, humildes, desprezados do mundo, amados por Deus se conglobava na seita. A palavra «pobre» implicava uma cambiante de ternura, como quando dizemos «o nosso pobre querido!» Este «pobre de Deus», cujas miserias e humilhações foram contadas pelos prophetas e a quem elles promettiam grandezas futuras, passou como designação symbolica da pequena Egreja transjordana de Pella e de Kokaba, continuadora da de Jerusalem. E assim como na velha lingua hebraica a palavra *ebion* significava metaphoricamente a população piedosa, tambem a santa e reduzida congregação da Batanea, julgando-se o verdadeiro e unico Israel, o «Israel de Deus», herdeiro do reino celestial, se chamou «a pobre», a bem amada de Deus. *Ebion* era assim empregado no sentido collectivo, pouco mais ou menos como Israel ou como o são actualmente personificações taes como *Thiago, o bom serás*. Nas regiões afastadas da Egreja, para as quaes os pobres da Batanea foram bem depressa estranhos, Ebion transmutou-se n'um personagem, pretenso fundador da seita dos ebionitas.

O outro nome pelo qual os sectarios eram designados nas outras populações da Batanea era o de «Nazarenos» ou «Nozarenos». Sabia-se que Jesus, a sua familia e os seus primeiros discipulos foram de Nazareth ou dos seus arredores; designavam-n'os pelo adjectivo patrio. Póde suppor-se, com alguma razão, que o nome de «nazarenos» se referia especialmente aos christãos refugiados em Batanea, emquanto que o de *ebionim* era o epitheto dos santos mendigos de Jerusalem. Seja como fôr, «nazarenos» ficou sendo no Oriente o termo generico para designar os christãos. Mahomet não conheceu outro e os musulmanos ainda o empregam nos nossos dias. Por um contraste estranho, o nome de nazarenos e o de ebionitas, a partir de uma dada epocha, teve um mau significado para o espirito dos christãos gregos ou latinos. Aconteceu ao christianismo o que succede em todos os grandes movimentos; os fundadores da nova religião, aos olhos das multidões estranhas que n'ella se filiaram, passam por herejes e retrogrados; os que foram nucleo da seita encontram-se sós e como que expatriados. O epitheto de *ebion*, com o qual elles se designavam e que para elles tinha uma significação elevada, transformou-se n'uma injuria e foi, além da Syria, synonymo de sectario perigoso; chalaceou-se com este vocabulo e interpretaram-n'o ironicamente como «pobre de espirito». A antiga denominação de «nazareno», partindo do seculo IV, teve para os orthodoxos da Egreja catholica o valor de hereticos ainda mal considerados como christãos.

Este mal entendido tem uma explicação no facto dos *ebionim* e nazarenos ficarem fieis ao espirito primitivo da egreja jerusalemica e dos irmãos de Jesus, segundo os quaes Jesus nada mais fôra do que um propheta escolhido por Deus para salvar Israel, emquanto que, nas Egrejas criadas por Paulo, Jesus

era cada vez mais a incarnação de um Deus. Na opinião dos christãos hellenicos, o christianismo substituia a religião de Moisés como um culto superior a um culto inferior. Este modo de pensar era, aos olhos dos christãos da Batanea, uma blasphemia. Não só não consideravam a Lei abolida, mas observavam-n'a com redobrado furor. Consideravam a circumcisão obrigatoria, celebravam tanto o sabbado como o domingo, praticavam as ablucções e todo o ritual judaico. Estudavam com cuidado o hebreu e era n'esta lingua que liam a Biblia. O canon era o canon judaico ; talvez que elles tivessem até já iniciado o processo dos córtes arbitrarios.

Não tinha limites a sua admiração por Jesus ; qualificavam-n'o de propheta da verdade por excellencia, de Messias, de filho de Deus, de eleito de Deus ; criam na sua resurreição, mas não abandonavam o criterio judaico de que um homem deus é uma monstruosidade. Jesus para elles era simplesmente um homem filho de José, nascido sem milagre, como o resto da humanidade. Só muito mais tarde é que explicaram o seu nascimento pela intervenção do Espirito Santo. Alguns admittiam que no dia em que elle foi adoptado por Deus, o Espirito divino ou o Christo descera até elle na fórma de uma pomba, e tanto que Jesus não foi filho de Deus e ungido do Espirito Santo senão depois do seu baptismo. Outros approximam-se mais das concepções buddhicas e pensam que attingira a dignidade do Messias e do filho de Deus pela sua perfeição, pelos progressos successivos, pela sua união com Deus e sobretudo pelo esforço commettido na observancia integral da Lei. Pela sua opinião só Jesus resolvera este problema tão difficil. Apertados, respondiam que qualquer outro homem lá chegaria se conseguisse fazer o mesmo. Toda a sua boa vontade, nas narrações da vida de Jesus, convergia para o facto de Jesus ter

cumprido integralmente a Lei. Punham na sua bôca, bem ou mal, esta phrase: « Eu vim, não abolir a Lei, mas cumpril-a ». Finalmente alguns, arrastados por ideias gnosticas e cabalisticas, consideravam-n'o um archanjo, o primeiro da ordem, sêr creado a quem Deus investira com poder sobre todas as coisas creadas e encarregado de abolir os sacrificios.

As suas egrejas chamavam-se « synagogas » e os seus padres « archi-synagogos ». Prohibia-se o uso da carne e praticavam todas as abstinencias dos *hasidim*, abstinencias que fizeram, como é sabido, a reputação de S. Thiago, irmão do Senhor. Para elles Thiago era o espelho da santidade. Pedro tambem tinha toda a sua consideração. Subordinadas ao nome d'estes dois apostolos, é que appareciam as suas revelações apocryphas. Contrariamente, não havia maldição que não pronunciassem contra Paulo. Chamavam-lhe o « homem de Tarso », o « apostata »; contavam d'elle historias ridiculas; recusavam-lhe o nome de judeu, e sustentavam que, tanto pelo lado paterno como materno, descendia de idolatras. Um verdadeiro judeu a fallar da abrogação da Lei era um absurdo absoluto.

Esta ordem de ideias e de paixões originou uma litteratura, como veremos bem depressa. Os sectarios fieis de Kokaba voltavam obstinadamente as costas ao Occidente, ao futuro. Os seus olhos volviam-se para Jerusalém, cuja miraculosa restauração elles tinham como certa. Chamavam-lhe a « casa de Deus », e como se voltavam para Jerusalem, quando em oração, dever-se-ha pensar que lhe votavam quasi uma adoração. Uma vista perspicaz poderia immediatamente lobrigar que estavam prestes a tornarem-se herejes e que não viria longe o dia em que seriam profanos na casa por elles edificada.

Uma differença radical separava o christianismo

dos nazarenos, dos *ebionim*, dos parentes de Jesus, do que mais tarde triumphou. Os continuadores immediatos de Jesus não pensavam em substituir o judaismo, mas em coroal-o com a exaltação do Messias. A Egreja christã outra coisa não era senão o ajuntamento de *hasidim*, verdadeiros Israelistas, admittindo um facto plausivel para um judeu que não fôsse sadduceu: Jesus morto e resuscitado era o Messias, que n'um certo espaço de tempo se sentaria no throno de David e cumpriria as prophecias. Deveriam sentir-se magoados se alguem lhes dissesse que eram desertores do judaismo e protestar que eram os verdadeiros judeus, herdeiros das prophecias. Segundo o seu ponto de vista, renunciar á lei de Moisés seria uma apostasia. Não cuidavam de a renegar nem alliciar os outros a que o fizessem. Suppunham inaugurar o triumpho completo do judaismo e não uma nova religião abrogando a que lhes fôra dada no Sinaï.

Era-lhes prohibido o regresso á cidade santa; mas como imaginavam que esse estorvo não duraria largo tempo, os membros mais importantes da Egreja refugiada continuavam juntos e appellidavam-se a Egreja de Jerusalem. Desde o estacionamento em Pella, Thiago, o irmão do Senhor, teve um successor naturalmente escolhido na familia do mestre. Não ha nada mais obscuro do que o papel dos irmãos e primos de Jesus na Egreja judeo-christã da Syria. Alguns indicios parecem revelar que Judas, irmão do Senhor e de Thiago, foi por muito tempo o chefe da Egreja de Jerusalem. Não é facil dizer nem quando, nem em que circumstancias. Quem é designado, em todas as tradições, como successor immediato de Thiago, logo em seguida ao cêrco de Jerusalem, é Simão, filho de Clopas. No anno 78 já provavelmente teriam fallecido os irmãos de Jesus. Judas deixára filhos e netos. Por motivos ignorados,

o chefe da Egreja não foi escolhido entre os descendentes dos irmãos de Jesus. Foi seguido o principio oriental da successão. Simeão, filho de Clopas, era provavelmente o ultimo dos primos, co-irmão de Jesus, que ainda estaria vivo. É provavel que na sua infancia tivesse visto e ouvido a Jesus. Ainda que vivesse além Jordão, Simeão considerou-se como o chefe da Egreja de Jerusalem e como o herdeiro dos poderes singulares que tal titulo conferira a Thiago, irmão do Senhor.

Reinam as maiores incertezas sobre o regresso da Egreja exilada (ou antes de uma parte d'essa Egreja) á cidade, santa e criminosa, que tendo crucificado a Jesus seria mais tarde a séde da sua gloria futura. Embora se ignore a epocha d'esse regresso, o facto é incontestavel. Rigorosamente, a data podia ser recuada até á epocha em que Adriano determina a reconstrucção da cidade, isto é, até ao anno de 122. É mais provavel, porém, que o regresso dos christãos se effectuasse algum tempo depois da pacificação da Judeia. Sem duvida os Romanos afrouxaram a sua severidade para com criaturas tão socegadas como os discipulos de Jesus. Podiam mesmo algumas centenas de santos continuar a habitar o monte Sion, nas casas que haviam escapado á destruição, que nem por tal a cidade deixaria de ser um campo de ruina e de desolações. Em torno d'ella e só por si a legião X *Fretensis*, devia constituir um nucleo de população. Exceptua-se do aspecto geral da cidade o monte Sião. O Cenaculo dos apostolos, outras construcções e em especial sete synagogas, conservadas como pardieiros isolados e entre os quaes uma se manteve quasi intacta até ao tempo de Constantino, lembravam o versiculo d'Isaias : « Ficará desamparada a filha de Sião como choupana em vinha». Podemos acreditar que foi ahi que se fixou a pequena colonia cristã que conservou

a continuidade da Egreja de Jerusalem. Se assim se quizer, tambem se póde suppôr que ella residisse n'um d'esses burgos, limitrophes de Jerusalem, como Bether, identificado idealmente com a cidade santa. Em todo o caso, até ao tempo de Adriano, a Egreja do monte Sião foi pouco numerosa. O titulo de chefe da Egreja de Jerusalem deveria ser antes um pontificado honorario, uma presidencia honoraria do que o d'um verdadeiro pastor d'almas. Parece que os parentes de Jesus ficaram além do Jordão.

A honra de ter no seu seio personagens tão illustres enchia de orgulho as Egrejas da Batanea. É provavel que, no momento da partida da Egreja de Jerusalem para Pella, alguns dos Doze, isto é, dos apostolos escolhidos por Jesus, Matheus, por exemplo, fizessem parte da emigração. Como alguns apostolos deviam ser mais novos do que Jesus, não seriam muito velhos na epocha a que nos referimos. Os dados existentes sobre os apostolos sedentarios, que ficaram na Judeia e não seguiram os exemplos de Pedro e de João, são tão escassos que não permittem fazer affirmações. «Os Sete», isto é, os diaconos escolhidos pela primitiva Egreja de Jerusalem, ou se haviam dispersado ou tinham morrido. Os parentes de Jesus herdaram, pois, toda a importancia dos eleitos pelo fundador, os do primeiro Cenaculo. De 70 até ao anno 110, proximamente, governam realmente as egrejas transjordanicas e constituem uma especie de senado christão. Especialmente a familia de Clopas gosava no meio christão de uma auctoridade universalmente reconhecida.

Os parentes de Jesus eram pessoas piedosas, tranquillas, mansas, modestas, vivendo do trabalho manual, fieis aos mais severos principios de Jesus ácerca da pobreza, mas ao mesmo tempo judeus

muito cumpridores, antepondo a tudo o titulo de filhos de Israel. Eram muito reverenciados e dava-se-lhes um nome (talvez *maraniin* ou *moranoïé*) cujo equivalente grego é δεσπόσυνοι. Muito tempo antes e talvez na vida de Jesus se deveria suppôr que Jesus descendia de David, pois estava assente que o Messias fôsse da geração d'este rei. Tal ascendencia para Jesus tornava-se extensiva á sua familia. Este facto preoccupava muito as boas criaturas e alguma coisa as envaidecia. Occupavam-se em architectar genealogias tendentes a tornar indispensavel a pequena fraude para lustre da lenda christã. Quando surdiam embaraços, desfaziam-n'os com as perseguições de Herodes, que havia destruido os livros genealogicos, segundo era corrente. Nenhum systema preconcebido se assentou a este respito. Umas vezes, affirmavam que o trabalho fôra feito de memoria, outras que fôra elaborado sobre velhas chronicas. Confessavam que o haviam feito o melhor que tinham podido. Duas d'essas genealogias chegaram até nós ; uma vem no Evangelho de S. Matheus e a outra no Evangelho de S. Lucas, mas parece que nenhuma das duas satisfez aos *ébionim*, pois que se não encontram nos seus Evangelhos e houve uma forte corrente contra ellas nas egrejas da Syria.

Tal movimento, por muito inoffensivo que fôsse politicamente, levantou suspeitas. Parece que as auctoridades romanas mais que uma vez vigiaram os verdadeiros ou pretensos descendentes de David. Vespasiano ouvira fallar das esperanças dos judeus n'um representante mysterioso da antiga raça real. Receiando um pretexto para novos levantamentos, mandou procurar, segundo consta, todos os que se suppunham pertencer a essa linhagem ou que d'ella se jactavam. Este facto produziu varios vexames que talvez attingissem os chefes da egreja de Jeru-

salem, refugiados em Batanea. Veremos essas perseguições retomadas com mais rigor no tempo de Domiciano.

Não é preciso demonstrar-se o immenso perigo que faziam correr ao christianismo nascente taes preoccupações de genealogia e descendencia real. Estava em via de formação uma especie de nobreza christã. Na ordem politica a nobreza é quasi indispensavel ao Estado, ligando-se a politica com luctas grosseiras que fazem d'ella uma coisa mais material que ideal. Um Estado só é forte quando um certo numero de familias, ennobrecidas com o privilegio tradicional, têm obrigação de o representar e interesse nos seus negocios e na sua defeza. Mas para o ideal o nascimento é nullo ; cada um vale pelo que descobre em verdade e realise de bom. As instituições que têm um fim religioso, litterario, moral, estão perdidas, quando querem fazer prevalecer considerações de familia, de casta e de hereditariedade. Os primos e sobrinhos de Jesus teriam feito baquear o christianismo, se as Egrejas de Paulo não tivessem bastante peso para contrabalançar essa aristocracia cuja tendencia seria proclamar-se a unica respeitavel e tratar os conversos como intrusos. Pretensões analogas ás dos Midas appareceram no Islamismo. O islamismo morreria por causa das peias postas pela familia do propheta, se o resultado das luctas do 1.º seculo da hegyra não fôsse pôr em segundo plano que os mais affins tinham sido da pessoa do seu fundador. Os verdadeiros herdeiros de um grande homem são os continuadores das suas obras e não os parentes a elle ligados só pelos laços consanguineos. Considerando a tradição de Jesus como propriedade sua, o pequeno grupo dos nazarenos tel-a-ia com certeza desfeito. Felizmente esse circulo estreito desappareceu rapidamente; os parentes de Jesus esqueceram

lá no fundo do Hauran. Perderam toda a sua importancia e deixaram Jesus á sua verdadeira familia, á unica que elle reconheceu, « aquelles que ouvem a palavra de Deus e a guardam ». Muitos trechos dos Evangelhos, em que a familia de Jesus é mal cotada, seriam inspirados na antipathia despertada em volta de si pelas pretenções nobliarchicas dos *desposyni*.

CAPITULO IV

Relações entre judeus e christãos

Deviam ser frequentes as relações entre as egrejas hebraicas da Batanea e da Galiléa com os judeus. Aos judeus christãos se refere uma expressão vulgar na tradição talmudica, *mînim*, que quer dizer heretico. Os *mînim* são considerados como uma especie de thaumaturgos e medicos da alma, curando os doentes pela suggestão do nome de Jesus e pela apposição dos santos oleos. Era este um dos preceitos de S. Thiago. Taes curas, bem como os exorcismos, sobretudo quando se tratava de judeus, eram o grande meio de conversão empregado pelos christãos. Os judeus apropriavam-se das receitas miraculosas e até ao seculo III apparecem medicos curando em nome de Jesus. Tal pratica a ninguem espantava. A crença nos milagres quotidianos era corrente ao ponto do Talmud indicar a oração a rezar quando alguem fôsse beneficiado por « milagres particulares ». A melhor prova de que Jesus estava

convencido dos seus prodigios é que não só os membros da sua familia, mas os seus mais authenticos discipulos não deixaram de cultivar os milagres. Tambem é verdade que pelo mesmo raciocinio se póde concluir que Jesus fôsse um judeu tacanho, o que não é facil admittir-se.

O judaismo tinha no seu amago duas feições que o contrapunham ao christianismo. A Lei e os prophetas eram sempre os dois pólos que norteavam o povo judeu. A Lei provocava a escolastica bizarra que se appellidou *halaka* e da qual sahiu o Talmud. Os prophetas, os salmos, os livros poeticos inspiravam uma ardente prédica popular, sonhos brilhantes, esperanças illimitadas ; foi o que se chamou *agada*, palavra que concretisa as fabulas apaixonadas, como a de Judith e os apocalypses apocryphos que convulsionavam a multidão. Quanto os casuisicos de Iabné eram altivos para com os discipulos de Jesus, tanto os agadistas lhes eram sympathicos. Os agadistas tinham pontos de contacto com os christãos ; a aversão aos phariseus, o amor ás explicações messianicas dos livros propheticos, uma exegesse arbitraria lembrando a feição dos prégadores medievos brincando com os textos, a crença no reino proximo de uma vergontea da casa de David. Como os christãos, os agadistas queriam ligar a genealogia da familia patriarchal com a velha dynastia. Como elles, intentavam alliviar a tutela da Lei. O seu systema de interpretações allegoricas, transformando um codigo n'um livro de receitas moraes, era o abandono confesso do rigorismo doutoral. Contrariamente, os kalakistas consideravam os agadistas (e para este effeito os christãos não eram outra coisa) como creaturas frivolas, alheias a um estudo serio, como era o da *Thora*. O talmudismo e o christianismo foram assim os antipodas do mundo moral ; accentuava-se o seu odio mutuo, dia a

dia. Com caracteres de fogo se escreveu nos Evangelhos a aversão votada pelos christãos ás subtilezas casuisticas de Iabné.

O maior inconveniente dos estudos talmudicos foi inspirar uma grande confiança nos seus adeptos e um altivo desdem pelos profanos: « A ti, oh Eterno, eu agradeço, dizia o estudante ao sahir da escola, o ter por ti frequentado as aulas, em vez de arrastar uma existencia inutil pelos bazares. Como os outros eu me levanto ; mas é para o estudo da Lei e não para frivolidades. Soffro tanto como os outros ; mas eu serei recompensado. Andamos egualmente, mas eu busco a vida futura emquanto elles se afundarão na fossa da ruina ». Fôra isto o que estimulára Jesus e os redactores dos Evangelhos e que provocara as formosas sentenças : « Não julgueis e não sereis julgado » ; parabolas em que o homem simples, de bom coração, tem a preferencia sobre o doutor orgulhoso. Como S. Paulo, consideravam os casuisticos elementos de condemnação do mundo pelo exagero de obrigações superiores ás forças humanas. Sendo a base do judaismo o pretenso facto de que o homem é tratado no mundo conforme o seu merito, impunha-se o constante raciocinio para poder apreciar a equidade das determinações divinas. Já nas theorias dos amigos de Job e de outros salmistas o pharisaismo tem profundas raizes. Jesus, alienando a justiça de Deus sobre factos futuros, inutilisava a critica inquietadora sobre a conducta alheia. O reino dos céus tudo reparará ; Deus dormita até ao momento fatal ; mas fiae-vos n'elle. Pelo horror á hypocrisia, o christianismo chegou ao seguinte paradoxo : preferir um mundo francamente vicioso, mas susceptivel de arrependimento, a uma burguezia ostentando a sua honestidade fingida. Vive esta ideia em muitos trechos da lenda concebidos ou desenvolvidos sob o influxo de Jesus.

As controversias eram inevitaveis entre pessoas da mesma raça, compartilhando o exilio e não differindo entre si senão n'um unico ponto da sua historia actual. Ha bastantes indicios d'essas acrimonias no Talmud e nos escriptos que com elle se relacionam. O doutor que mais se celebrisou n'essas disputas foi Tarphon. Fôra sacerdote antes do cêrco de Jerusalem. Tinha uma predilecção especial em rememorar as cerimonias do templo, e com especialidade a parte que tomara, no estrado dos sacerdotes, na festa solemne do grande Perdão. O Pontifice podia n'esse dia proferir o nome de Deus. Tarphon contava que, apezar da sua attenção, não o poude ouvir, porque esse nome foi abafado pelo canto dos officiantes.

Tornou-se uma das glorias das escolas de Iabné e de Lydda depois da destruição da cidade santa. Juntava á subtileza, o que ainda vale mais, a caridade. N'um anno de fome noivou com trezentas mulheres, segundo a fama, afim de que, sendo futuras esposas do sacerdote, usufruissem das offerendas do templo e, naturalmente, depois de passado o flagello, não revalidou os casamentos. Muitas sentenças de Tarphon lembram os evangelhos. «O dia é curto; o trabalho é comprido; os obreiros são preguiçosos; o salario é grande; o mestre tem pressa». No nosso tempo quando se diz a alguem: «Tira o argueiro do teu olho, ouve-se como resposta: Tira a trave do teu». Tal réplica apparece na bôca de Jesus, reprimendando os phariseus, levando tudo a crêr que o mau humor de Tarphon se originaria n'uma phrase identica dita por algum *mîn*. Justino, no seculo II, querendo n'um dialogo dar uma ideia de uma questão entre um christão e um judeu, escolheu o nosso doutor como advogado da these judia e pôl-o em scena com o nome de *Tryphon*.

A escolha de Justino e o tom com que *Tryphon*

malsina a fé christã estão bem justificados pelo que d'elle se lê no Talmud. O rabbi conhecia os Evangelhos, mas longe de os admirar, desejava que elles fôssem queimados. Notavam-lhe porém que n'elles se fallava muita vez no nome de Deus. « Quero perder o meu filho, dizia elle, se não atirar ao lume todos esses livros, caso elles me venham parar ás mãos, apezar de repetirem tanta vez o nome de Deus. Um homem perseguido por um assassino, ou ameaçado por uma serpente, deve antes fugir para um templo de idolatras do que refugiar-se nas casas dos *mînim*; porque estes conhecem a verdade e renegam-n'a: ao passo que os idolatras negam a Deus, porque o não conhecem ».

Se um homem moderado como Tarphon se irrita d'este modo, calcule-se o odio reinante no mundo acceso e apaixonado das synagogas em que predominava o fanatismo da Lei. O judaismo orthodoxo não achou sufficientes todos as anathemas possiveis contra os *mînim*. Bem cedo se inventou uma triplice maldição, dita na synagoga de manhã, ao meio dia e á noite contra os sectarios de Jesus, conhecidos pelo nome de nazarenos. Essa maldição entrou na reza principal do judaismo, o *amida* ou *schesmoné esré*. O *amida* era constituido primitivamente por dezoito bençãos ou dezoito paragraphos. Na epocha a que nos referimos, entre o decimo primeiro e o duodecimo paragrapho foi intercalada a imprecação seguinte:

> Nenhuma esperança aos delatores ! A morte aos malevolentes ! Que o poder do orgulho seja enfraquecido e humilhado, muito rapidamente, nos nossos dias ! Sê louvado, oh Eterno, que esmagas os teus inimigos e deprimes os orgulhosos !

Suppõe-se, com laivos de razão, que os inimigos

de Israel visados n'esta oração fôssem os discipulos de Jesus, e que esta imprecação symbolisasse uma especie de *schibboleth* para desviar da synagoga os sectarios de Jesus. Não foram raras na Syria as conversões dos judeus ao christianismo. A fidelidade dos christãos d'esta regiãoa os preceitos de Moisés facilitiva estas conversões. Emquanto que os discipulos incircumcisos de Paulo não podiam relacionar-se com os judeus, o judeu-christão entrava nas synagogas, approximava-se da *téba* e da estante junto da qual se achavam os officiantes e os prégadores e fazia valer os textos que favoreciam as suas ideias. Tomaram-se providencias para obviar esta liberdade. A mais efficaz foi obrigar a rezar uma oração cuja letra era a condemnação formal dos christãos.

Em resumo, apezar da apparencia tacanha, a Egreja nazareno-ébionita da Batanéa, tinha algo de mystico e santo que deveria commover immenso. A simplicidade das concepções judaicas sobre a divindade preservavam-n'a da mythologia e da metaphysica, onde cahiu rapidamente o christianismo occidental. A persistencia em sustentar o sublime paradoxo de Jesus, a nobreza e a felicidade da pobreza tinha qualquer coisa de emocional. Talvez fôsse essa a melhor verdade do christianismo e a causa do seu triumpho presente e futuro. Em certo sentido, todos nós, sabios, artistas, padres, obreiros de trabalhos desinteressados, somos *ébionim*. Os amigos da verdade, do bello e do bom, não admittem retribuição. Não têm preço as coisas da alma ; ao sabio que a esclarece, ao padre que a moralisa, ao poeta e ao artista que a encantam, nunca a humanidade poderá dar mais que uma esmola, bem desproporcionada com o que ella recebe. Quem vende o ideal e se julga pago com a retribuição recebida, é bem humilde. O altivo *Ebion* que sabe que o reino dos céus

lhe pertence, não vê no quinhão terrestre o salario, mas a esmola que a caridade depõe nas mãos do mendigo.

Os nazarenos da Batanéa tinham assim um grande privilegio : possuiam a tradição verdadeira das palavras de Jesus ; o Evangelho irrompia do seu seio. Tambem os que conheceram a Egreja de além Jordão, como Hegesippo, Julio Africano, d'ella fallam com grande admiração. Foi lá que nasceu o ideal do christianismo ; essa Egreja perdida no deserto, no meio de uma paz profunda, sob a aza de Deus, appareceu-lhes como uma virgem de absoluta pureza. O catholicismo quebrou os laços d'essa communidade. Justino hesita a esse respeito ; conhece pouco a egreja judeo-christã ; mas sabe que existe ; falla d'ella com respeito ; não rompe as relações com ella. Foi Ireneu quem abriu a serie de declamações, repetidas depois por todos os Padres gregos e latinos, e aos quaes sobreexcede S. Epiphanio pelo rancor que lhe produzem só os nomes de Ebion e de nazareno. Uma lei mundana quer que todo o fundador seja em breve um estranho, um excommungado, depois um inimigo dentro da sua propria escola, e se teima em viver muito tempo, os seus discipulos são os primeiros a insurgir-se contra elle e a consideral-o perigoso.

CAPITULO V

Fixação da lenda e das lições de Jesus

Quando surge um grande movimento religioso, moral, politico ou litterario, a geração que se lhe segue tem ordinariamente necessidade de fixar a memoria dos factos que se deram no inicio d'esse mesmo movimento. Os que assistiram á primitiva eclosão, os que conheceram corporalmente o mestre a quem muitos outros não adoram senão em espirito, têm uma repulsão pelos escriptos que lhes diminuam os privilegios, com pretensões a dar ao dominio publico as santas tradições por elles guardadas preciosamente no seu coração. Quando as derradeiras testemunhas das origens vão desapparecer, ha uma grande inquietação pelo futuro e uma intensiva urgencia de fixar preduravelmente os traços do fundador.

Mil vezes se tem notado que a tenacidade da memoria está na razão inversa do habito da escripta. É difficil figurar o que a tradição oral podia reter

n'uma epocha em que se não descançava sobre apontamentos ou sobre as folhas escriptas que se possuiam. A memoria dos homens de então era como um livro ; reproduzia até sem discrepancia conversas a que se não assistira. « Os Clazomenianos ouviram fallar de um tal Antiphon, relacionado com Pythodoro, amigo de Zenon, que referia as conversações de Socrates com Zenon e Parmenides, porque as ouvira a Pythodoro. Antiphon sabia-as de cór e repetia-as a quem as queria ouvir ». Tal foi o inicio do *Parmenides* de Platão. Muita gente que nunca vira Jesus conhecia-o assim, sem o auxilio de nenhum livro, quasi tambem como os seus discipulos immediatos. A vida de Jesus, embora não escripta, era o alimento da sua Egreja ; repetiam-se sem cessar as suas maximas ; os episodios essencialmente symbolicos da sua biographia reproduziam-n'os pequenas narrativas como que stereotypadas e sabidas de cór. Não ha duvida que foi assim para a instituição da Ceia. Succedeu provavelmente o mesmo com as linhas essenciaes do resto da Paixão ; assim se deve suppôr pela concordancia entre o quarto e os tres outros evangelhos, n'este episodio essencial da vida de Jesus.

Mais facil foi conservar as sentenças moraes que são a parte solida das lições de Jesus. Recitavam-n'as com frequencia. « Á meia noite levanto-me, (palavras postas, por um escripto ebionita composto em 135, na bôca de Pedro) e não mais adormeço. É a consequencia do habito que tenho de evocar as palavras do meu Senhor, ouvidas por mim e que eu não desejo esquecer, conservando-as fielmente na minha memoria ». Mas é claro que os que directamente tinham ouvido a palavra do Mestre iam morrendo e assim se corria o risco de perder phrases e anecdotas e portanto se criou a urgencia de as continuar por escripto. Fizeram-se d'ellas pequenos

apanhados. Essas compilações com pontos communs soffriam variantes ; a ordem e a disposição differiam entre si ; quem tinha um caderno completava-o com a consulta dos cadernos alheios e claramente que toda a palavra de significação incisiva e concordante com o espirito de Jesus era apanhada no ar e immediatamente inserta nas compilações. Segundo todas as probabilidades, S. Matheus teria assim elaborado um memorial geralmente acceite. Permitte-se toda a duvida a este respeito : é até provavel que as notas ácerca das palavras de Jesus ficassem anonymas, como notas meramente pessoaes e nunca reproduzidas pelos copistas como obras de uma certa individualidade.

Um escripto que nos póde esclarecer sobre este embryão dos Evangelhos, é o *Pirké Aboth*, collectaneo das sentenças dos rabbinos celebres desde os tempos asmoneamos até ao 2.º seculo da nossa era. Tal livro deveria ser organisado com addições successivas. O progresso dos escriptos buddhistas sobre a vida de Çakia Mouni teve uma evolução identica. Os sutras buddhicos correspondem ás compilações das palavras de Jesus ; não são biographias ; começam por indicações summarias, como esta : « N'aquelle tempo, Baghavat, habitava em Çravasti, no vihara de Jetavana, etc. » É muito limitada a parte descriptiva ; o principal são as parabolas e as lições. Partes inteiras do buddhismo são constituidas sómente pelos referidos sutras. O buddhismo do Norte e os ramos n'elle originados teem a mais, livros, como o *Lalita vistara*, que são biographias completas de Çakia Mouni desde a sua infancia até ao desenvolvimento perfeito da sua intelligencia. Não apparecem d'estas biographias no buddhismo do Sul ; não porque fôssem ignoradas, mas porque o ensino theologico soube prescindir d'ellas, estribado nos sutras.

Ao fallar do Evangelho de S. Matheus, veremos o estado d'esses primeiros sutras christãos. São uma especie de fasciculos contendo sentenças e parabolas, dispostas um pouco desordenadamente e que o redactor do Evangelho, segundo Matheus, inseriu em bloco na sua narrativa. Primou sempre o espirito hebreu na sentença moral; na bôca de Jesus esse genero attingiu a perfeição. E nada nos impede de pensarmos que Jesus fallasse d'este modo. Mas a sebe, que segundo a expressão talmudica protegia a palavra santa, era pouco forte. Taes compilações estão sujeitas a augmentarem-se por uma concretisação lenta, sem que diluam os contornos geraes do nucleo primitivo. Assim o tratado *Éduïoth*, pequena mischna completa, nucleo da Mischna grande em que são visiveis os vestigios das crystallisações successivas da tradição, é considerado na Mischna grande como um assumpto á parte. O sermão da montanha póde ser considerado como o *éduïoth* do Evangelho, isto é, como o primeiro agrupamento artificial, não obviando, porém, a novas combinações ulteriores, nem a que as maximas ligadas por um tenue fio se engranzassem novamente.

Em que lingua se redigiram essas pequenas compilações das sentenças de Jesus, os *Pirké Iéschou*, se nos podemos exprimir d'este modo? Na lingua de Jesus, na lingua vulgar da Palestina, um mixto de hebraico e armenio, que se continuou a chamar « hebraico », e que os sabios modernos appellidam de « syro-chaldaico ». Debaixo d'este ponto de vista o *Pirké Aboth* é ainda o livro que talvez nos dê melhor ideia dos Evangelhos primitivos, embora os rabbinos que figuram na compilação, sendo doutores da escola judaica pura, fallem uma linguagem mais approximada do hebreu do que a de Jesus. Naturalmente que os catechistas fallando grego traduziam as palavras de Jesus o melhor que sabiam e bastante li-

vremente. Nunca tiveram unidade as compilações syro-chaldaicas das sentenças de Jesus ; escreveram-se com um cunho individual, sob a fórma de notas, para uso pessoal. Era impossivel que Jesus se resumisse, ainda que succintamente, n'um escripto gnomico ; o Evangelho não cabia no quadro angustiado de um resumo de moral. Uma selecção de proverbios correntes ou de preceitos, como os do *Pirké Aboth*, por mais elevadas que fôssem as suas maximas não teriam alterado o sentir humano.

O que, com effeito, caracterisa a Jesus, n'um alto grau, é que a lição foi inseparavel da acção. As lições eram actos, symbolos vivos, encarnados indissoluvelmente nas suas parabolas e com certeza que já nas antigas folhas destinadas a fixar essas lições, havia anecdotas, e curtas narrativas. Bem cedo, porém, esse quadro restricto foi insufficiente. As sentenças de Jesus não tinham significação sem a sua biographia. Essa biographia era o mysterio por excellencia, a realisação do ideal messianico ; encontram n'elle justificação os trechos do propheta. Narrar a vida de Jesus é provar o seu messianismo, é fazer a apologia deante dos judeus de um movimento novo.

Assim se elaborou um quadro que foi o esqueleto de todos os Evangelhos e em que se combinam a palavra e a acção. No inicio, João Baptista, precursor do reino de Deus, annunciando, acolhendo, recommendando a Jesus ; depois Jesus preparando-se para a sua missão divina pelo recolhimento e pelo cumprimento da Lei ; depois o brilhante periodo da vida publica ; o sol pleno do reino de Deus. Jesus no meio dos seus discipulos irradiando um brilho suave e temperado, como um verdadeiro propheta, filho de Deus. A Galiléa foi o theatro, por assim dizer, unico d'esta exquisita theophonia, porque os discipulos viviam de recordações dos factos passados

na Galiléa. Quasi se supprimiu o papel de Jerusalem. Jesus só ahi foi oito dias antes da sua morte. A historia dos dois ultimos dias foi contada quasi que hora a hora. Na vespera da morte celebrou a Paschoa e instituiu o rito divino da communhão geral. Um dos discipulos trahiu-o; as auctoridades officiaes do judaismo conseguiram da auctoridade romana a sua morte; morreu sobre o Golgotha; foi sepultado. Dois dias depois da morte o tumulo appareceu vasio; resuscitou, subiu ao céu e sentou-se á direita de seu Pae. Alguns dos seus discipulos foram visitados pela sua sombra errante entre o céu e a terra.

Precisavam-se, como se vê, o começo e o fim da historia; o meio, porém, era um cahos anecdotico sem nenhuma chronologia. Tudo o que se referia á vida publica não tinha ordem alguma; cada um distribuia o assumpto a seu bel-prazer. O conjuncto da narrativa foi denominado «a boa nova», em hebreu *besora*, em grego *evangelion*, allusão á passagem de Isaias: «O espirito do Senhor repousou sobre mim, porque o Senhor me encheu da sua uncção; elle me enviou para evangelisar aos mansos, para curar os contritos de coração, prégar a remissão dos captivos e a libertação dos encarcerados; para publicar o anno da reconciliação do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar a todos os que choram». O *mebasser* ou «evangelista» tinha por objectivo expôr esta historia excellente, que foi, ha mil e oitocentos annos, o grande instrumento da conversão do mundo e que é ainda o poderoso argumento do christianismo nas suas luctas mais recentes.

A materia era tradicional; ora a tradição é essencialmente materia molle e extensiva. Juntavam-se ás palavras authenticas de Jesus dizeres mais ou menos presumiveis. Dava-se na communidade

uma tendencia nova, surgia um facto novo ; perguntava-se o que d'elles pensaria Jesus ; vulgarisando-se uma phrase, logo era sem difficuldades attribuida ao mestre. A collecção augmentava assim, continuamente e tambem se depurava. As palavras que chocavam as opiniões do momento e reputadas perigosas eram eliminadas. Mas o fundo aguentava-se firme. Tinha uma base solida. A tradição evangelica é a tradição da egreja de Jerusalem transportada para o Pereu. O Evangelho nasce no meio dos parentes de Jesus e é até certo ponto a obra dos seus discipulos immediatos.

É este facto que nos permitte accreditar que a imagem de Jesus tal como resulta dos Evangelhos é semelhante ao original pelo menos nos traços mais salientes. As narrativas são simultaneamente historia e physionomia. Concluir da effabulação que nada é verdadeiro, é vontade de errar por escrupulo demasiado. Se só se conhecesse Francisco de Assis pelo livro *Conformidadês*, dever-se-ia pensar que a sua biographia era como a de Buddha ou a de Jesus, uma biographia escritpa *à priori*, para evidenciar a realisação do typo preconcebido. Portanto Francisco de Assis existiu com certeza. Ali, tambem se tornou, entre os schiitas, um personagem mythologico. Seus filhos Hassan e Hossein são substituidos pelo fabuloso Tammuz. No emtanto Ali, Hassan, Hossein são personagens reaes. O mytho enxerta-se facilmente nas biographias historicas. Algumas vezes o ideal é a verdade. Athenas dá-nos o bello absoluto nas Artes e Athenas existe. Até os personagens tidos como estatuas symbolicas talvez tivessem algum dia sido de carne e osso. Essas historias regulam-se por um mesmo padrão natural, de modo que todas se assemelham. O bâbismo, que é da actualidade, tem na sua lenda nascente factos que parecem decalcados na vida de Jesus ; o typo do

discipulo que renega, os detalhes do supplicio e da morte de Bab, parecem imitações do Evangelho ; o que não impede que os factos se passassem tal qual se contam.

Áo lado dos traços idealistas que compõem a figura do heroe dos Evangelhos, ha traços da epocha, da raça e do caracter individual. O moço judeu, manso e terrivel, delicado e imperioso, aquecido pelo zelo desinteressado de uma moral sublime e pelo ardor de uma personalidade exaltada, é magnificamente bello e existiu. Teria o seu lugar n'uma tela de Bida, com a sua divina figura emmoldurada na larga ondulação dos seus cabellos. Foi judeu e foi elle proprio. A perda da aureola sobrenatural em nada o deprime. A nossa raça, desprendida da influencia judaica no seu modo de pensar, continuará a amal-o.

Ao escrever eguaes biographias é-se levado a dizer com o Quinto Curcio : *Equidem plura transscribo quam credo.* Mas quantas vezes se não dizem todas as verdades por excesso de scepticismo ? Para o nosso espirito claro e escolastico é absoluta a distincção entre a narrativa real e a ficção. O poema epico, a narração heroica, nos quaes o homeride, o trovador, o *antari*, o *cantistorio*, se movem tanto á vontade, ficam reduzidos, na poetica de um Lucano ou de um Voltaire, á frieza de machinas theatraes não enganando ninguem. Para que taes narrativas emocionem, é preciso que o leitor as admitta ; mas basta que o auctor as repute possiveis. O lendario, o agadista não são embusteiros, como o não eram os auctores dos poemas homericos ou Christiano de Troyes. A disposição essencial para os inventores de fabulas fecundas consiste no desdem completo pela verdade material. Riria o agadista se alguem lhe perguntasse : É verdade o que tu contas ? Em tal estado de espirito ninguem se importa com a

doutrina a inculcar nem com o sentimento a exprimir. O espirito é tudo ; a letra não é coisa alguma. A curiosidade objectiva que, do começo até ao fim, tenta averiguar com a exactidão possivel a veracidade dos factos, não existe nos povos orientaes.

Assim como a vida de Buddha foi descripta na India antecipadamente, tambem a vida do Messias se escreveu *à priori* ; podiam-se affirmar as suas acções. O seu typo tinha sido, por assim dizer, esculpido pelos prophetas, sem que elles pensassem em tal, graças á exegese, applicando ao Messias tudo o que se referia a um ideal obscuro. Na maioria dos casos, prevalecia comtudo nos christãos o processo inverso. Lendo os prophetas, especialmente os prophetas do fim do exilio, Zaccharias, o segundo Isaias, vêem Jesus em cada versiculo : «Salta de extremado prazer, ó filha de Sião, e enche-te de jubilo, ó filha de Jerusalem : eis ahi o teu rei, virá a ti justo e salvador ; elle é pobre e vem montado n'uma jumenta, no potrinho da jumenta ». O rei dos pobres era Jesus e relembrava-se uma circumstancia em que elle cumprira essa prophecia. « A pedra que puzeram no refugio é uma pedra angular », lia-se n'um psalmo. Diz Isaias : « Mas servirá de pedra de tropeço e de pedra de escandalo ás duas casas de Israel ; de laço e de ruina aos habitantes de Jerusalem ; e tropeçarão muitos d'entr'elles e cahirão e serão quebrantados, enredados e presos ». Affirmava-se que era elle com certeza. Meditava-se ardentemente nas circumstancias da Paixão em cata de allegorias. Tudo o que se passou, hora por hora, no drama terrivel, serviu para justificar um texto ou revelar um mysterio. Lembravam que não quizera beber a *posca*, que os seus ossos não tinham sido partidos, que a tunica fôra jogada aos dados. Tudo isso fôra prophetisado. Judas e os trinta dinheiros (verdadeiros ou presumidos) suggeriam analogias.

A velha historia do povo de Deus serviu de modelo para a copia. Moisés e Elias, com as suas radiantes apparições, accendiam a evocação de ascenções de gloria. Todas as antigas theophonias tiveram logar em pontos elevados. Jesus revelou-se especialmente nas montanhas e transfigurou-se no Thabor. Não se fugiu mesmo ao contrasenso : « Chamei meu filho do Egypto ! » dizia Jehovah em Oseas. A referencia era para Israel ; mas a imaginação christã applicou-a a Jesus e menino o levaram para o Egypto. Por uma mais lata exegese, até o nascimento em Nazareth foi subordinado a uma prophecia.

Toda a trama da vida de Jesus foi assim um facto propositado, um arranjo sobrehumano, tendente á realisação d'uma sequencia de textos antigos com ella relacionados. Este genero de exegese é o que os judeus chamam *midrasch*, onde são permittidos todos os equivocos, todos os jogos de palavras e de sentidos. Os velhos textos biblicos deixaram de ser para os judeus, como são para nós, um agglomerado historico e litterario, mas um livro de feitiçaria, d'onde saem imagens e inducções de toda a natureza. Não ha senso proprio para uma tal exegese ; ascendendo até á chimera da cabalistica, para a qual o texto sagrado não é mais que um agrupamento mysterioso de letras. É ocioso dizer que todo esse trabalho foi feito de um modo impeccavel e d'algum modo anonymo. Lendas e mythos, cantos populares e proverbios, phrases historicas e calumnias caracteristicas de um partido, que é tudo isto senão a obra do grande embusteiro — a multidão ? Por certo que cada lenda, cada proverbio, cada dito d'espirito teve um pae, mas um pae incognito. Alguem disse a phrase ; mil criaturas a repetem, a aperfeiçoam, a requintam, a aceram ; e até o que a proferiu foi sómente ao dizel-a o interprete do pensamento geral.

CAPITULO VI

O Evangelho hebreu

A exposição da vida messianica de Jesus, interpolada com textos dos antigos prophetas, sem variantes, e susceptivel de se recitar n'uma unica sessão, fixou-se bem cedo, pelo menos quanto ao sentido, em termos quasi invariaveis. Não só a narrativa decorria subordinada a um plano determinado, mas tambem certas palavras mais caracteristicas se assentaram de modo que tal vocabulo guiava o pensamento e sobrevivia ás modificações do texto. O molde do Evangelho preexistiu antes do Evangelho, tal como, actualmente nos dramas persas, versando a morte dos Alidas, a acção está determinada, ao passo que os incidentes banaes se deixam á vontade das faculdades improvisadoras dos actores. Destinada á prédica, á apologia, á conversão dos judeus, a narrativa evangelica teve uma individualidade propria antes mesmo de ser escripta. Se alguem fallasse em escrever essa narração aos disci-

pulos galileus ou aos irmãos do Senhor, da necessidade de lhe dar uma fórma consagrada, ter-lhes-ia provocado o riso. Para que é preciso um papel que nos evoque os nossos pensamentos fundamentaes por nós applicados e repetidos todos os dias? Os catechistas novos poderiam recorrer a esses memoriaes; os velhos mestres sentiam um altivo desprezo por aquelles que d'elles se serviam.

Foi por isso que até ao meiado do seculo II as palavras de Jesus foram citadas de cór e com variantes notaveis. Os textos nossos conhecidos existiam; mas havia outros textos evangelicos e, além d'isso, para citar os factos symbolicos da vida de Jesus não se precisava recorrer a textos escriptos. A tradição viva era a fonte em que todos bebiam. Está n'isto a explicação do facto, na apparencia surprehendente, dos textos que mais tarde foram basilares para o christianismo, se haverem produzido bastante obscura e confusamente e de no inicio quasi não merecerem conceito favoravel.

Tal phenomeno reproduz-se em todas as litteraturas sagradas. Os Vedas atravessaram seculos sem serem escriptos; quem se respeitava devia sabel-os de cór. Quem recorresse a um manuscripto para recitar os hymnos antigos, confessava a sua ignorancia; por isso as copias tinham pouco valor. É ainda hoje um ponto de honra para os Orientaes recitar de cór a Biblia ou o Koran. Parte da *Thora* judaica deveria ser oral antes de ter sido redigida. Succedeu o mesmo com os Psalmos. O Talmud appareceu duzentos annos antes de ser escripto. Apezar d'escripto, os sabios preferiam os discursos tradicionaes á papelada que continha as opiniões dos doutores. A gloria d'um sabio consistia em citar de cór o maior numero de soluções possiveis dos casuisticos. Por estes factos, longe de causar espanto o desdem de Papias pelos textos evangelicos exis-

tentes no seu tempo, textos entre os quaes apparecem, por certo, dois livros que a christandade tanto reverenciou, chega-se a achal-o concorde com o que era licito esperar-se d'um homem de tradição, de um «homem antigo», como lhe chamam os que a elle se referem.

É ponto de duvida que o conjuncto de narrativas, sentenças, parabolas e citações propheticas fôssem escriptos antes da morte dos apostolos e da destruição de Jerusalem. Conjecturamos que, no anno 75, appareceu o primeiro esboço das linhas da figura, deante da qual ajoelhamos ha dezoito seculos. Este importante trabalho dever-se-ia ter executado em Batanéa, residencia dos irmãos de Jesus e onde se haviam refugiado os restos da Egreja de Jerusalem. Foi escripto na lingua em que foram concebidas as palavras de Jesus, sabidas de cór, isto é, o syro-chaldaico, abusivamente chamado hebreu. Os irmãos de Jesus, os christãos hiérosolymitas fugitivos, fallavam essa lingua, aliaz pouco differente da dos Bataneotas, que não tinham adoptado a lingua grega. Foi n'um dialecto obscuro e sem cultura litteraria que se escreveu o esboço do livro que foi o encanto da alma. Se quedasse na lingua hebraica ou syriaca, o evangelho cahiria rapidamente no obscurantismo; mas escripto em grego, attingiu a perfeição pela fórma definitiva e espalhou-se rapidamente pelo mundo. Não se deve esquecer que o Evangelho foi primeiro um livro syriaco escripto n'uma lingua semitica. O estylo evangelico, com o contorno ingenuo de narração infantil, lembrando as mais limpidas paginas dos velhos livros hebraicos, penetrado por um idealismo ethereo até ahi ignorado, nada tem de hellenico. O hebraico é a sua base. Um equilibrio justo entre o materialismo e o espiritualismo, ou antes a indiscernivel confusão entre a alma e os sentidos

fizeram d'essa linguagem adoravel o synonismo mais significativo da poesia, a roupagem pura da ideia moral, alguma coisa como a esculptura hellenica, em que o ideal se deixa tactear e amar.

Assim um genio inconsciente esboçou essa obra prima da arte expontanea, o Evangelho ; não este ou aquelle evangelho, mas o poema infixavel, a obra prima não redigida, em que os defeitos são bellezas e as indecisões asseguram primacialmente o seu successo. Um retrato de Jesus, acabado, cuidado e classico perderia o encanto. A *agada* e a parabola não admittem contornos nitidos. Necessitam de uma chronologia fluctuante, a transição leve e descuidada da realidade. Foi pelo Evangelho que a *agada* judia alcançou voga universal. O ar de candura seduziu. Quem sabe contar, apprehende a multidão. Saber contar é um privilegio raro; o contista deve ser sincero e isencionar-se do pedantismo habitual do doutor solemne. Os buddhistas e os agadistas judeus (os evangelistas são authenticos agadistas) attingiram a perfeição modelar e indispensavel para fazer com que o universo inteiro lhes acceitasse a narrativa. Todos os contos e todas as parabolas repetidas de um polo ao outro da terra têm uma só origem, uma buddhica e a outra christã, porque só os buddhistas e os christãos cuidaram com arte natural a prédica popular. A situação dos buddhistas relativamente aos brahmanes tinha uma certa analogia com a dos agadistas para com os talmudistas. Nada ha nos talmudistas que se assemelhe ás parabolas evangelicas, como os brahmanes não foram capazes de attingir o contorno facil e corredio da narração buddhica. Duas vidas extraordinarias muito bem relatadas, a de Buddha e a de Jesus, e eis ahi o segredo das duas maiores propagandas religiosas que a humanidade tem visto.

A *Halaka* não converteu ninguem. Por si sós, as

Epistolas de S. Paulo não adquiririam cem proselytos a Jesus. Quem conquistou os corações foi o Evangelho, o mixto delicioso de poesia e de senso moral, a narrativa fluctuante entre o sonho e a realidade, n'um paraizo onde se perde a noção do tempo. Ha n'isto tudo uma grande surpresa litteraria. Contribuiram para o successo do Evangelho, por um lado, o espanto causado nas raças pesadas pela delicia estranha da narração semitica, por outro lado, o arranjo habil de sentenças e de sermões e o incisivo tão feliz, tão sereno e tão cadenciado. Estranhos aos artificios da *agada*, os nossos évos soffreram um tão magico influxo que actualmente nos é difficil persuadir-nos que taes narrativas são desprovidas de verdade objectiva. Mas, para explicar como o Evangelho se tornou, para todos os povos, o que elle é, precisou o velho livro familiar, de folhas gastas pelos dedos e manchadas pelos vestigios das lagrimas, de muito mais do que isso. A sua fortuna litteraria proveio do proprio Jesus. Jesus, se nos podemos exprimir assim, foi o auctor da sua biographia. Prova-se por uma experiencia. Escrever-se-hão por largos annos muitas *Vidas de Jesus*. O seu successo será sempre garantido, se o escriptor tiver o graú de habilidade, arrojo e sinceridade preciso para fazer uma traducção do Evangelho no estylo do seu tempo. Todas as causas serão banaes; não ha senão uma verdadeira, é a belleza intrinseca do proprio Evangelho. Que o mesmo escriptor faça pelos mesmos processos uma traducção de S. Paulo, e em nada commoverá o publico. Tanto é verdade que a figura primacial de Jesus, destacando-se vigorosamente sobre a mediocridade dos seus discipulos, foi a alma da nova apparição e toda a sua originalidade.

O proto-evangelho hebreu conservou-se no original até ao seculo V, entre os nazarenos da Syria. Ha

algumas traducções gregas. Havia um exemplar na bibliotheca do padre Pamphilio de Cesarea ; affirma S. Jeronymo ter copiado o texto hebreu em Alepo e tel-o até traduzido. É opinião dos padres da Egreja que o evangelho hebreu é muito semelhante ao evangelho grego conhecido pelo nome de S. Matheus ; concluindo algumas vezes que este foi uma traducção do hebraico. Não é exacta esta conclusão. A gestação do evangelho de S. Matheus foi mais complexa. A semelhança entre os dois não chega até á identificação. O Evangelho, segundo S. Matheus, é alguma coisa mais que uma traducção. Explicaremos mais tarde como dos textos evangelicos é o que mais se approxima do prototypo judeu.

Com a extincção dos judeus christãos da Syria, desappareceu o texto hebraico. As traducções gregas e latinas, dissonantes dos Evangelhos canonicos, desappareceram egualmente. Figura-se a obra original pelas citações que d'ella fazem os Padres. Tinham razão os Padres em approximaram-n'o do primeiro dos nossos evangelhos. Pela sua ordenação e pelo seu plano, o evangelho dos hebreus e dos nazarenos tem muitos pontos de contacto com o de Matheus. Pela extensão occupa o termo medio entre o de Marcos e o de Matheus. Não é para lamentar a perda de tal texto. Mesmo que possuissemos o Evangelho hebreu de que falla S. Jeronymo, é muito preferivel o de S. Matheus ; porque este se conservou intacto depois da sua redacção definitiva, nos ultimos annos do seculo I, ao passo que o Evangelho hebreu, dada a falta da orthodoxia, guarda ciosa dos textos, nas Egrejas judaïsantas da Syria, foi adulterado de seculo para seculo de modo a não valer mais que um Evangelho apocrypho.

No inicio deveria possuir os caracteres de uma obra primitiva. O plano da narrativa era conforme com a de Marcos, mais simples que a de Matheus e

de Lucas. Não figurava n'elle o nascimento virginal de Jesus. Foi accesa a lucta a respeito das genealogias. Feriu-se n'este ponto a grande batalha do ebionismo. Uns admittiam a arvore genealogica nos seus exemplares, outros rejeitavam-n'a. Em confronto com o de Matheus, o evangelho hebreu era, tanto quanto é permittido julgar-se por fragmentos, menos requintado em symbolismo, mais logico, mais desafogado de objecções exegeticas, mas mais estranho em sobrenatural, mais grosseiro, mais parecido com o de Marcos. Assim a fabula do Jordão em chammas quando do baptismo de Jesus, fabula sempre querida pela tradição popular dos primeiros seculos, lá estava. A mais antiga concepção nazarena parece ter sido a fórma porque o Espirito divino entrou em Jesus, n'esse momento, como uma força estranha. Pela transfiguração, o Espirito divino, mãe de Jesus, pega no seu filho por um cabello e transporta-o sobre o Thabor, segundo a concepção imaginativa de Ezequiel e das addições ao livro de Daniel. São palpitantes alguns detalhes materiaes do gosto de Marcos. Emfim certos episodios esporadicos na tradição grega, como a anecdota da mulher adultera, enxertada no quarto evangelho, já vinha contada no evangelho hebraico.

A narrativa da resurreição de Jesus tinha n'este Evangelho um caracter differente. Emquanto a tradição galiléa representada por Matheus queria que os conclaves de Jesus com os seus discipulos se tivessem passado todos na Galiléa, o Evangelho dos hebreus, representando a tradição da Egreja de Jerusalem, suppunha todas as apparições n'esta cidade e attribuia a Thiago a primeira visão. Um dos finaes dos evangelhos quer de Marcos, quer de Lucas, põem a mesma apparição em Jerusalem. S. Paulo seguiu uma tradição identica.

Um facto notavel foi o de Thiago, o homem de

Jerusalem, desempenhar no Evangelho hebreu um mais alto papel do que na tradição evangelica que lhe sobreviveu. Parece ter havido nos evangelistas gregos uma opinião antecipada para eliminarem o irmão de Jesus, ou até de lhe consignarem um procedimento censuravel. Pelo contrario, no Evangelho nazareno, Thiago tem as honras de uma apparição de Jesus resuscitado; esta apparição é a primeira de todas; é exclusivamente para elle; é a recompensa da promessa feita por Thiago de não comer nem beber, sem vêr o seu irmão resuscitado. Poder-se-ia considerar esta narrativa como uma alteração bastante recente da lenda sem uma circumstancia capital. S. Paulo diz-nos, no anno 57, que, segundo a tradição recebida, Thiago teve uma visão. É um facto importante supprimido pelos evangelistas e referido no Evangelho hebraico. Em compensação parece que na primeira edição d'este evangelho ha allusões pouco lisonjeiras para Paulo. Varias pessoas prophetisaram e expulsaram os demonios em nome de Jesus; no dia grande, Jesus repelle-os «por terem commettido uma illegalidade». A parabola do joio é mais caracteristica. Um homem semeou boa semente no seu campo; e emquanto dormiam os homens, veio o seu inimigo e semeou depois cizania no meio do trigo e foi-se; e chegando os servos do Pae de familia lhe disserão: «Senhor, porventura não semeaste tu a boa semente no teu campo? Pois d'onde lhe veio a cizania? E elle lhes disse: — O homem inimigo é que fez isto. E os servos lhe tornaram: — Queres tu que nós vamos e a arranquemos? Elle respondeu-lhes: Não, para que talvez não succeda que, arrancando a cizania, arranqueis juntamente com ella tambem o trigo; deixae crescer uma e outra coisa até á ceifa e no tempo da ceifa dizei aos segadores: Colhei primeiramente a cizania e atai-a em mólhos para a queimar, mas o

trigo recolhei-o no meu celleiro ». Convem lembrar que a expressão « homem inimigo » é o nome habitual com que os ebionitas designavam a Paulo.

Seria o evangelho hebreu considerado pelos christãos da Syria, que d'elle se serviam como obra de Matheus ? Não ha razão séria para acreditar em tal. O testimunho dos Padres da Egreja nada prova n'esta questão. Dada a extrema inexactidão dos escriptores ecclesiasticos, quando se trata do evangelho hebreu, a proposição verdadeira : « O evangelho hebreu dos christãos da Syria é semelhante ao evangelho grego de Matheus », deverá transformar-se n'est'outra, que não lhe é synonima : « Os christãos da Syria possuem o evangelho de S. Matheus em hebraico, ou S. Matheus escreveu o seu evangelho em hebraico ». Pensamos que o nome de Matheus só foi dado ao evangelho, quando se compoz a redacção grega que tem actualmente o seu nome, como será dito mais adiante. Se o evangelho hebreu teve algum dia nome, deveria chamar-se, como designação de garantia tradicional, o « Evangelho dos doze Apostolos » ou algumas vezes o « Evangelho de Pedro ». Não somos levados a acreditar que os nomes appareceram mais tarde, quando os Evangelhos com nomes de apostolos, como o de Matheus, tiveram voga. Um modo decisivo de dar ao Evangelho uma auctoridade indiscutida era acobertal-o com o nome de todo o corpo apostolico.

Como já referimos, o evangelho hebreu foi mal guardado. As seitas judaïsantas da Syria fizeram-lhe addições e suppressões ; e tanto que os orthodoxos umas vezes o consideram interpolado e mais comprido que o de S. Matheus, outras vezes como truncado. Foi nas mãos dos ebionitas do seculo II, que o evangelho hebreu soffreu as ultimas alterações. Estes hereticos redigiram-n'o á moda grega, com um contorno pesado, grosseiro e deselegante, não

escrupulisando na imitação de Lucas e dos outros evangelhos gregos. Os Evangelhos chamados de «Pedro» e «segundo os Egypcios» têm a mesma proveniencia; são apocryphos e de mediocre merecimento.

CAPITULO VII

O Evangelho grego. Marcos.

O christianismo nos paizes gregos necessitava mais que nos syriacos, de uma redacção escripta da vida e das lições de Jesus. Parece á primeira vista ser facil satisfazer esta urgencia, traduzindo o evangelho hebraico, que pouco depois da queda de Jerusalem se fixára n'uma fórma definitiva. Mas a traducção pura e simples não satisfazia as exigencias da epocha; nenhum texto tinha bastante auctoridade para se destacar dos outros textos. É duvidoso que os livrinhos hebreus sahissem da Syria, atravessando o mar. Os apostolos relacionados com as egrejas occidentaes confiavam na sua memoria e por isso era-lhes dispensavel trazer comsigo livros inintelligiveis para os seus fieis. Quando se tornou imprescindivel um evangelho grego, elaboraram-n'o com todas as peças. Mas, como o temos repetido, o plano e o livro quasi que por inteiro já tinham sido anteriormente concebidos. Era só uma, na sua essencia, a maneira de contar a vida de Jesus; e dois

discipulos seus escrevendo-a, um em Roma, outro em Kokaba, um em grego e o outro em syro-chaldaico, deveriam produzir duas obras semelhantes por muitas analogias.

Não havia que fixar, nem as linhas geraes, nem a ordem da narrativa. Só era preciso criar o estylo grego e a escolha dos vocabulos essenciaes. O homem que fez esta obra importante, foi João Marcos, o discipulo, o interprete de Pedro. É provavel que assistisse na sua infancia a alguns dos factos evangelicos; é crivel mesmo que estivesse em Gethsémani. Conhecia pessoalmente os individuos que entraram no drama dos ultimos dias de Jesus. Acompanhando Pedro a Roma, permaneceria n'essa cidade depois da morte do apostolo e assistiria ás crises terriveis que se lhe seguiram. Devia ser lá que elle escreveu as quarenta ou cincoenta paginas que constituiram o primeiro nucleo dos evangelhos gregos.

Ainda que escripto depois da sua morte, este evangelho era n'um sentido a obra de Pedro: a narração corria pela feição como Pedro contava a vida de Jesus. Pedro conhecia mal o grego; Marcos servia-lhe de interprete; cem vezes canalisára essa historia maravilhosa. Pedro não tinha nas suas prédicas uma ordem rigorosa; citava os factos e as parabolas segundo as exigencias da catechese. Apparece esta desenvoltura de composição no livro de Marcos. Falta-lhe a distribuição logica das materias; em certos pontos a obra é incompleta; isto era motivo de queixa já no seculo II. Pelo contrario, a clareza, a precisão do detelhe, a originalidade, o pittoresco, a vida d'esta primeira narrativa nunca mais foram egualadas. Uma especie de realismo torna a figura pesada e dura, soffrendo assim o idealismo do caracter de Jesus; ha incoherencias e extravagantes bizarrias. O primeiro e o terceiro

evangelhos sobreexcedem em muito o de Marcos, especialmente pela belleza da linguagem e pelo arranjo feliz das anecdotas ; desappareceram n'elle varios detalhes salientes : mas como documento historico, o evangelho de Marcos tem uma grande importancia. Sente-se a impressão forte deixada por Jesus. Vêmol-o realmente vivo e em acção.

O proposito de Marcos em abreviar assim os grandes sermões de Jesus, causa uma certa surpresa. Elle não podia ignoral-os ; se os omittiu é porque teve razões especiaes para o fazer. Talvez que a causa determinante da suppressão fôsse o espirito um pouco tacanho e secco de Pedro. É assim que se explica a importancia pueril dada aos milagres. A thaumaturgia, no seu Evangelho, tem o caracter grosseiro de um pesado materialismo que lembra as allucinações dos magnetisadores. Realisam-se a custo os milagres, por phases successivas. Jesus opera-os por meio de formulas armenias, quasi cabalisticas. Ha uma lucta entre o natural e o sobrenatural ; o mal cede pouco a pouco, depois de reiteradas exhortações. Junte-se a isto uma especie de caracter secreto, Jesus prohibindo os que receberam favores seus de fallarem n'elles. Ninguem póde contestar que Jesus surge n'este Evangelho, não como o moralista delicioso que nós amamos, mas como um terrivel mago. O sentimento que inspira é o de temor ; os povos, espantados pelos seus prodigios, pedem-lhe que saia para além das suas fronteiras.

Não se póde concluir por isto que o Evangelho de Marcos seja menos historico que os outros ; antes pelo contrario. O que mais fere a imaginação foi da mais alta importancia para Jesus e para os seus discipulos immediatos. O mundo romano illudia-se mais facilmente que o mundo judaico. São vasados no mesmo typo dos de Jesus, no evangelho de

S. Marcos, os milagres de Vespasiano. Detem-n'o na praça publica um cego e um aleijado e pedem-lhe que os cure. Sara o primeiro cuspindo-lhe nos olhos ; e o segundo, andando sobre a sua perna. Parece que estes milagres produziam um grande effeito no espirito de Pedro ; e d'ahi o costume de habitualmente a elles se referir nas suas prédicas. Portanto na obra por elle inspirada, ha uma feição especial. O evangelho de Marcos é menos uma lenda, que uma biographia escripta com credulidade. Os caracteres da lenda, o vago das circumstancias, a molleza dos contornos são salientes nas obras de Matheus e de Lucas ; em Marcos, pelo contrario, tudo é feito sobre o vivo ; sente-se o influxo da reminiscencia.

O espirito que domina o livro é o de Pedro. Cephas desempenha n'elle um papel primacial e apparece sempre á frente dos apostolos. O auctor não segue nunca a escola de Paulo ; é por isso que, em pontos, se approxima mais de Thiago, pela sua indifferença pelo judaismo, pelo odio aos phariseus, pela opposição viva aos principios de theocracia judaica. A narrativa da Cananeia, significando evidentemente que o pagão obtem a graça logo que tenha fé, que se humilhe, que reconheça o privilegio ancestral dos filhos da casa, concorda em absoluto com o papel de Pedro na historia do centurião Cornelio. É certo que Pedro pareceu mais tarde a Paulo um timido ; mas nem por isso deixou de ser o primeiro a reconhecer a vocação dos gentios.

Veremos mais tarde que modificação foi preciso introduzir n'esta primitiva redacção grega, afim de a disseminar sem inconvenientes entre os fieis e como d'esta revisão sahiram os Evangelhos de Matheus e o de Lucas. Um facto capital da litteratura christã primitiva, é o de os textos corrigidos n'um certo sentido e augmentados, não fazerem desapparecer o texto primitivo. O opusculo de Marcos

conservou-se ; e cedo, graças á hypothese commoda, mas erronea, que o transformou n'um « divino resumidor », tem lugar assignalado no quatuor mysterioso dos Evangelistas. Seria certo que o escripto de S. Marcos ficou isento de toda a interpolação e que o texto actual seja pura e simplesmente o primeiro Evangelho grego ? Affigura-se-nos ousadia tal affirmação. É provavel que, ao mesmo tempo que se compozeram, tomando Marcos por base, outros Evangelhos, com outros nomes, se retocasse o do proprio Marcos, deixando-lhe o nome epigraphando a obra. Muitas particularidades fazem suppor uma influencia retroactiva exercida no texto de Marcos, pelos Evangelhos compostos, segundo Marcos. Tudo isto são hypotheses complicadas e nada demonstradas. O Evangelho de Marcos tem uma unidade perfeita ; e tirante certos detalhes em que differem os manuscriptos e os pequenos retoques soffridos por quasi todos os escriptos christãos, não deveria haver grandes additamentos depois de ter sido composto.

O traço fundamental do Evangelho de Marcos, era, desde a origem, a ausencia da genealogia e das lendas referentes á infancia de Jesus. Se ha lacuna a preencher para os leitores catholicos, é essa uma d'ellas ; e portanto ninguem a preencheu. Muitas outras particularidades, debaixo do ponto de vista do apologista, não desappareceram. Só ha violencias evidentes na narrativa da resurreição. Os melhores manuscriptos finalisam depois das palavras « e a ninguem disseram cousa alguma ». Não se póde admittir que o texto primitivo acabasse assim abruptamente. É provavel que haja mais adiante qualquer coisa de chocante para as ideias correntes ; isto foi cortado ; mas a queda ἐφοβοῦντο γάρ sendo pouco satisfatoria, inventaram-se novas clausulas sem auctoridade para alienar as outras dos ma-

nuscriptos. Porque Matheus e especialmente Lucas, omittiram tal passagem citada actualmente em Marcos, concluiu-se de prompto que essa passagem não existia no texto do proto-Marcos. Erro manifesto ; as segundas redacções omittiam, guiadas pelo sentimento de uma arte instinctiva e pela unidade da sua obra. Houve quem dissesse que a Paixão não vinha relatada no Marcos primitivo, porque Lucas, que decalcou por elle e até ahi o seu Evangelho, não o acompanha nas horas derradeiras de Jesus. A verdade é que Lucas guiou-se por um symbolismo mais commovedor que o de Marcos ; Lucas era um grande artista para confundir as côres. A Paixão por Marcos é mais verdadeira, mais antiga e mais historica. A segunda redacção, em casos analogos, é sempre mais embotada e mais dominada pelas razões *à priori* do que aquellas que a precederam. A precisão é indifferente ás gerações que não conheceram os actores primitivos. O que ellas querem é uma narrativa de contornos arredondados e significativa em todos os detalhes.

Parece que Marcos só escreveu o seu Evangelho depois da morte de Pedro. Suppõe-n'o Papias quando affirma que Marcos escreveu de memoria o que sabia por Pedro. Ireneu sustenta o mesmo. Finalmente, o que é decisivo, a admittir a integridade da obra de Marcos, no seu evangelho, é a evidente allusão á catastrophe do anno 70. O auctor põe na bôca de Jesus, no capitulo XIII, uma especie de apocalypse recheiado de predicções sobre a tomada de Jerusalem e o proximo fim do mundo. Cremos que o pequeno apocalypse concebido para decidir a sahida dos fieis para Pella se espalhou entre a communidade de Jerusalem no anno 68. Certamente que se não referia á destruição do templo. O auctor do Apocalypse joannino, tanto ao corrente da consciencia christã, não crê, nos ultimos dias do anno

68 e nos primeiros do de 69, que o templo seja destruido. Naturalmente todos os apanhados da vida e das palavras de Jesus, adoptando esse trecho como prophetico, foram modificados no sentido dos factos consummados e annunciando portanto a ruina do templo. É provavel que o Evangelho hebreu já tivesse o sermão apocalyptico a que nos referimos. O evangelho hebreu com certeza que relatava o assassinato de Zacharias, filho de Barachia, narração apparecida ao mesmo tempo que o sermão apocalyptico apontado. Marcos não desprezou um facto tão palpitante. Suppoz que Jesus, nos ultimos dias da sua vida, teve a visão clara da ruina da nação judaica e tomou essa mesma ruina como medida do tempo que deveria decorrer, até á sua segunda apparição. « Nos dias depois da catastrophe . . . vêr-se-ha o filho do homem . . . » Tal formula faz suppôr que a ruina de Jerusalem se havia consummado, mas o facto se passára ha pouco tempo.

Além d'isto o Evangelho de Marcos foi escripto antes de desapparecerem todas as testimunhas oculares da vida de Jesus. Vê-se por isso, dentro de que estreitos limites se encontra a data possivel da redacção do livro. Por todos os modos se é levado aos primeiros annos de socego que se seguiram á guerra da Judeia. Marcos não devia ter mais de cincoenta e cinco annos.

Segundo todas as probabilidades, foi em Roma que Marcos escreveu o seu primeiro ensaio de evangelho grego, que, por mais imperfeito que fôsse, continha as linhas geraes do assumpto. Tal é a velha tradição, que nada tem de inverosimil. Depois da Syria, foi Roma a séde principal do christianismo. Os latinismos são mais frequentes no opusculo de Marcos do que em qualquer outro escripto do Novo Testamento. Os trechos biblicos citados approximam-se dos dos Septenta. Muitas particulari-

dades levam a suppôr que o escriptor se dirigia a leitores pouco conhecedores da Palestina e dos usos judaicos. As situações expressas do Antigo Testamento, feitas pelo auctor, são uma só; faltam em Marcos os raciocinios exegeticos de Matheus e de Lucas; o nome da Lei não o escreveu a sua penna. Nada leva a acreditar que seja para com uma obra differente da nossa que se applica o que *Presbyteros Johannes* dizia a Papias nos primeiros annos do seculo II: «Marcos, interprete de Pedro, escreveu exactamente, mas sem ordem, tudo o que se referia ás palavras ou ás acções do Christo. Porque elle não viu nem ouviu ao Senhor; mas seguiu, como já tive occasião de dizer, a Pedro, que fazia os seus *didascalies* segundo as indicações do momento, não como uma compilação methodica dos dizeres do Senhor; e de tal modo que Marcos nunca erra, mesmo porque escrevendo só um reduzido numero de factos da vida de Jesus, o fez pelo que sabia de memoria; e porque, não querendo omittir coisa alguma do que ouvira, não deixou escapar nenhuma falsidade.»

CAPITULO VIII

O christianismo e o imperio no tempo dos Flavios

A guerra da Judeia em vez de diminuir a importancia dos judeus em Roma, não fez senão augmental-a. De ha muito que Roma era a maior cidade judaica do mundo ; herdára a importancia de Jerusalem. A guerra da Judeia lançou na Italia milhares de judeus. De 65 a 72 fôram vendidos em massa todos os prisioneiros de guerra. Judeus e judias das mais distinctas familias enchiam os logares de prostituição. A lenda bordou sobre estes dados encontros romanescos.

Além da pesada capitação que onerava os judeus, arrastando para os christãos mais de um vexame, o reino de Vespasiano não se assignalou por nenhuma tormenta para com os dois ramos da familia israelita. A nova dynastia, longe de provocar nas suas origens o desprezo dos judeus, fôra levada pelo proprio facto da guerra da Judeia, inseparavel da sua exaltação, a contrahir obrigações para com um grande numero de judeus. É bom lembrar que

Vespasiano e Tito, antes de chegarem ao poder, tinham permanecido perto de quatro annos na Syria e tinham criado alli bastantes relações. Tiberio Alexandre era o homem a quem Flavio mais devia. Continuava a occupar um lugar elevado no estado; a sua estatua era uma das que ornamentavam o forum. *Nec meiere fas est!* diziam com raiva os velhos romanos, ao vêrem a intrusão dos orientaes. Herodes Agrippa II, continuando a reinar e a cunhar moeda em Tiberiade e em Paneas, vivia em Roma, com uma côrte de correligionarios, n'um grande fausto, deslumbrando o povo romano com a pompa das festas judaicas. Deixava transluzir nas suas relações uma grande franqueza, tendo até como secretario o zelota radical, Justo de Tiberiade, que não escrupulisou em viver á custa de um homem que elle varias vezes accusara de traição. Agrippa recebeu as insignias de pretor e um augmento de fundos nas terras de Hermon.

As suas irmãs, Drusillia e Berenice, viviam tambem em Roma. Berenice, apezar de não ser nova, exercia um tal imperio no coração de Tito, que affagava a pretensão de casar com elle, affirmando que Tito lhe promettera o matrimonio; e que o não realisára, sómente por considerações politicas. Berenice habitava o palacio imperial e, apezar de muito piedosa, vivia publicamente com o conquistador da sua patria. Os ciumes de Tito eram tão acirrados que deveriam ter contribuido, como a politica, para a morte de Cecina. A favorita judia gosava de privilegios reaes. Submetteram-se demandas á sua jurisdicção; Quintiliano conta que deante d'ella advogou n'uma causa em que Berenice era juiz e parte. O seu luxo deslumbrava os romanos; qualquer annel que tivesse sido seu era vendido a peso d'oiro; mas a gente séria desprezava-a, accusando-a de incesto com o seu irmão Agrippa. Outros herodianos

viviam em Italia, talvez em Napoles, particularmente Agrippa, filho de Drusillia e de Felix, morto pela erupção do Vesuvio. Emfim todos os dynastas da Syria e da Armenia, que seguiram o judaismo, conservavam as melhores relações com a nova familia imperial.

Como um servidor complacente e cauteloso, volitava em roda d'este mundo aristocratico, Josepho. Seguidamente á sua entrada na domesticidade de Vespasiano e de Tito, adoptou o pronome de Flavio, e, como todos os mediocres, conciliava as attitudes mais contradictorias, obsequioso para os algozes do seu paiz, gabarola quando se referia aos fastos nacionaes. A sua vida domestica, até ahi pouco assente, soffria agora uma regulamentação. Depois da derrota, commetteu a má acção de acceitar das mãos de Vespasiano uma escrava moça de nome Cesarea, que o abandonou logo que poude. Em Alexandria, ligou-se com outra mulher de quem houve tres filhos, dos quaes dois morreram em crianças, e que elle repudiou, por incompatibilidade de genios. Em Creta casou com uma judia, em quem encontrou todas as perfeições ambicionadas, e que lhe deu dois filhos. O seu judaismo era largo, até ao ponto de fazer acreditar que, na epocha do maior fanatismo galileu, elle fôra um liberal, não consentindo que se circumcisasse alguem á força e sustentando que cada um devia adorar a Deus, segundo o seu culto preferido. Esta ideia da liberdade do culto, em Roma, ganhava terreno e servia admiravelmente para a propaganda dos cultos fundados sobre uma ideia racional da divindade.

Josepho não tinha uma grande cultura hellenica ; mas o que elle soube foi tirar partido dos seus recursos ; lia os historiadores gregos ; por essa leitura accendia-se n'elle o desejo de escrever assim a historia das ultimas catastrophes da sua patria.

Pouco artista para avaliar a temeridade da empreza, lançou-se na aventura, como succede tanta vez com os judeus que fazem a sua iniciação n'uma lingua estranha, conscio do seu alto valor. Não tendo o habito de escrever o grego, foi em syrochaldaico que redigiu primeiramente a sua obra; só depois d'isso é que escreveu a edição grega por nós conhecida. Apezar dos seus protestos, Josepho não é um escriptor verdadeiro. Soffre do grande defeito judaico, defeito mau para quem escreve historia, um grande pessoalismo. Dominam-n'o mil preoccupações: ora a necessidade de agradar aos seus senhores Tito e Herodes Agrippa; ora o desejo de se fazer valer e de mostrar aos compatriotas, que lhe mostravam má cara, que as suas intenções eram filhas do mais puro patriotismo; depois um sentimento honesto, sob muitos pontos de vista, força-o a apresentar o caracter da sua nação sob um aspecto menos compromettedor aos olhos dos Romanos. A revolta sahiu da escumalha, diz elle; o judaismo é uma doutrina pura, elevada em philosophia, inoffensiva em politica; os judeus moderados nunca fizeram causa commum com os sectaristas, fôram até as suas primeiras victimas. Seria possivel que fôssem os inimigos dos Romanos, se fôram elles os primeiros a pedir auxilio contra os revolucionarios? Esta visualidade systematica falseia em cada pagina a pretensa imparcialidade do historiador.»

A obra foi submettida (assim o quer Josepho fazer acreditar) á censura de Agrippa e de Tito, que parece certo o tel-a approvado. Tito teria ido mais longe; assignaria com o proprio punho o exemplar modelo, para demonstrar que era assim que se devia contar a historia do cêrco de Jerusalem. Vê-se bem o exaggero. O que ha, evidentemente, em volta de Tito, é uma agglomeração judaica de lou-

vaminheiros, querendo-o persuadir que, longe de ser o destruidor do judaismo, elle quiz salvar o templo, pois o judaismo se tinha suicidado e um decreto superior de Deus, ignorado por Tito, pairava sobre tudo isso. Tito deveria lisonjear-se ouvindo sustentar tal these. Esquecia com agrado as suas crueldades e a sentença proferida contra o templo, visto que eram os proprios vencidos que lhe suggeriam taes apologias. Tito possuia um grande fundo de humanismo; simulava uma extrema moderação; devia ter gostado que esta versão se espalhasse no mundo judaico; mas tambem lhe devia ser aprazivel, quando a historia fôsse feita para Romanos, que o representassem sobre as muralhas de Jerusalem como um vencedor altivo, não respirando senão o incendio e a morte.

O sentimento de sympathia, que tudo isto faz suppor em Tito, pelos judeus, torna-se extensivo aos christãos. O judaismo, tal como o concebera Josepho, approximava-o por varios pontos do christianismo, especialmente do christianismo de S. Paulo. Como Josepho, muitos christãos condemnaram a revolta e amaldiçoaram os zelotas, professando em voz alta a submissão aos Romanos. Como Josepho, consideravam secundario o ritual da Lei e entendiam n'um sentido moral a filiação de Abrahão. Josepho parece que foi favoravel aos christãos e teve uma certa sympathia pelos chefes da seita. Berenice e Agrippa sentiram por S. Paulo uma curiosidade benevola. A sociedade intima de Tito era mais favoravel do que desfavoravel aos discipulos de Christo; e assim se explica que, na familia flavia, houvesse christãos. Lembremos, porém, que esta familia não era da alta aristocracia romana; fazia parte do que nós chamaremos a burguezia da provincia; não tinha contra os judeus e os orientaes em geral, os prejuizos, mais tarde apparecidos

com Nerva e dos quaes resultaram quasi cem annos de perseguições ininterruptas. Esta dynastia admittia plenamente o charlatanismo popular. Vespasiano não escrupulisou com os seus milagres de Alexandria, e quando lembrava que o charlatanismo concorrera largamente para a sua fortuna, deveria sentir os accessos da alegria sceptica tão habitual n'elle.

As conversões que levaram a fé em Jesus até junto do throno, não se produziram provavelmente senão no reinado de Domiciano. Reformava-se lentamente a egreja de Roma. Minorisava-se a tendencia dos christãos, tão manifesta em 68, em fugirem de uma cidade sobre a qual cahiria a todo o momento a colera de Deus. A geração ceifada nas chacinas de 64, engrossava-se com o contínuo exodo para Roma das outras partes do imperio. Respiravam emfim os sobreviventes dos morticinios do tempo de Nero; suppunham-se n'um pequeno paraizo provisorio e comparavam-se aos israelitas depois da travessia do mar Vermelho. A perseguição de 64 era como um mar de sangue, onde todos estiveram prestes a sossobrar. Deus invertera os papeis, e, como a Pharaó, déra aos carrascos sangue a beber, o sangue das guerras civis de 68 a 70 que correra ás torrentes.

A lista exacta dos antigos *presbyteri* ou *episcopi* da egreja romana, não é conhecida. Se Pedro esteve em Roma, como é nossa crença, ocupou um lugar excepcional e não teve successor propriamente dito. Só cem annos depois, quando o episcopado se constituiu regularmente, é que appareceu uma lista seguida dos bispos de Roma, successores de Pedro. Nada se sabia com precisão senão a partir de Xisto, fallecido em 1251. O intervallo entre Xisto e S. Pedro foi preenchido com nomes de *presbyteri*, alguns de nomeada. Depois de Pedro, cita-se um certo

Lino, de que nada se sabe de positivo e depois Anacleto, cujo nome se estropiou para dar lugar a dois personagens *Cleto* e *Anacleto*.

Um phenomeno que se accentuou foi o da egreja de Roma ser a herdeira da de Jerusalem e de a substituir até um certo ponto. O mesmo espirito, a mesma tradição, o mesmissimo amor á auctoridade. O judeo-christianismo dominava tanto em Roma como em Jerusalem. Alexandria ainda não era um grande centro christão. Epheso e até Antiochia não podiam luctar contra uma preponderancia que a capital do imperio, pela força das circumstancias, se arrogava.

Vespasiano chegava a uma grande longevidade, estimado pela gente séria do imperio, reparando, na tranquillidade de uma paz duradoura, os males provocados por Nero e pela guerra civil. A alta aristocracia, sem grandes sympathias por uma familia de aventureiros intelligentes, mas sem distincção e de costumes bastante vulgares, sustentava-a e apoiava-a. Estava-se emfim liberto da detestavel escola de Nero, escola de homens maus, immoraes, sem gravidade, administradores e militares miseraveis. O partido honrado, que depois da prova cruel do reinado de Domiciano, alcançara definitivamente o poder com Nerva, respirava e quasi triumphava. Só os loucos e debochados que amaram Nero é que se riam da parcimonia do velho general, sem pensar que essa economia era bem simples e quasi digna de elogio. O erario do imperador não era nitidamente distincto da sua fortuna privada; ora o thesouro no tempo de Nero fôra fortemente delapidado. A situação de uma familia sem fortuna, como os Flavios, erguida ao pinaculo do poder em taes circumstancias tornava-se bastante difficil. Galba, que era da alta nobreza, mas com habitos sérios, perdeu-se porque um dia no theatro offere-

ceu a um tocador de flauta muito applaudido cinco dinheiros que tirou da sua bolsa. O povo saudou-o com a canção

Onesim vem da aldeia,

e logo os espectadores repetiram em côro o estribilho. Só havia um meio de agradar aos impertinentes, fausto e maneiras delicadas. Seria mais facil perdoar a Vespasiano crimes commettidos do que o seu invulgar bom senso e essa especie de acanhamento peculiar aos officiaes pobres entrando na alta roda sómente pelo seu merito. A especie humana anima tão pouco nos soberanos a bondade e a applicação, chegando a espantar que as funcções de rei e de imperador sejam desempenhadas por pessoas conscienciosas.

Uma imposição mais importuna que a dos pedintes do amphitheatro e dos adoradores da memoria de Nero foi a dos philosophos, ou mais propriamente a dos republicanos. O partido republicano, que governou trinta e seis horas depois da morte de Caligula, teve na morte de Nero e durante a guerra civil consecutiva uma importancia imprevista. Homens altamente considerados como Helvidio Prisco e sua mulher Fannia, filha de Thraséa, recusaram as mais simples contumelias da pragmatica imperial e affectaram ante Vespasiano uma attitude intrigante e impudente. É preciso fazer justiça a Vespasiano e concordar que o seu rigorismo foi provocado pelas aggressões grosseiras, produzidas pela sua bondade e pela sua simplicidade. Os philosophos pensavam na sua bôa fé defender, nas suas allusões litterarias, a dignidade da natureza humana; não sentindo que só defendiam o privilegio da aristocracia e preparavam o reinado feroz de Domiciano. Aspiravam ao impossivel; uma

republica municipal governando o mundo, um espirito publico n'um imperio immenso composto de raças heterogeneas. A sua mania era tão grande como a dos destemperados actuaes a sonharem um Paris, communa livre, no coração de uma França educada para a monarchia. Os espiritos de selecção existentes na epocha viram bem a vaidade d'essa escola politica ; e fôram elles Tacito, os dois Plinios e Quintiliano. Abandonaram a chimera republicana, apezar do seu respeito por Helvidio Prisco, os Rusticos e Senecion. Procurando melhorar o principado, colheram do esforço empregado excellentes fructos durante quasi um seculo. Ah ! o principado tinha um defeito grave ; fluctuava deploravelmente entre a dictadura electiva e a monarchia hereditaria. Toda a monarchia aspira a ser hereditaria, não só como consequencia do que os democratas chamam espirito de familia, mas porque só a monarchia hereditaria é que póde ter vantagens para os povos. A herança é além d'isso impossivel sem o principio da fidelidade germanica. Todos os imperadores romanos pretenderam a successão hereditaria; mas a hereditariedade do throno não passou da segunda geração e sempre carreou consequencias funestas. O mundo só respirou quando prevaleceu a adopção (o melhor systema para o cesarismo) ; foi um acaso feliz ; Marco Aurelio teve um filho e perdeu tudo.

Vespasiano preoccupava-se immenso com esta questão capital. O seu filho mais velho Tito, com trinta e nove annos, não tinha filhos varões. A ambição de Domiciano deveria satisfazer taes esperanças. Tito declarava-o alto e bom som seu successor e só queria que elle casasse com sua filha Julia Sabina. Mas a natureza foi cruel para com esta familia tantas vezes protegida pela sorte. Domiciano era um scelerado comparado com o qual

Nero e Caligula pareciam de cêra. Não escondia a sua pretensão em esbulhar seu pae e seu irmão. Vespasiano e Mucio empregavam os maiores esforços para evitar os seus esbanjamentos.

Como succede com todas as boas indoles, Vespasiano melhorava dia a dia. Mesmo a chalaça, que, á falta de educação, era por vezes grosseira, aligeirava-se em graça fina. Disseram-lhe que apparecera um cometa no céu: « É o rei dos Parthos, commentava, com a sua farta cabelleira. » Depois, quando o seu estado se aggravou, disse sorrindo: « Parece-me que me vou tornando um deus. » Tratou dos negocios publicos até ao fim: « Um imperador deve morrer de pé » ; e effectivamente falleceu nos braços dos que o amparavam ; grande exemplo de firmeza e virilidade em tempos tão revoltos e que pareciam desesperados. Só os judeus conservam a sua memoria, como a d'um monstro calcando a terra com a sua tyrannia. Houve lenda rabbinica ácerca da sua morte ; morreu no leito, mas não escapou aos supplicios que mereceu.

Succedeu-lhe Tito sem difficuldades. A sua virtude não era profunda como a de Marco Aurelio. Tentava ser virtuoso, mas algumas vezes a natureza vencia o esforço. Caso raro, depois de subir ao throno melhorou o seu caracter. Dominava-se muito, e iniciou a sua governação por um grande sacrificio á opinião publica. Como nunca, Berenice concebia as maiores esperanças de ser desposada ; e procedia como se o fôsse. A sua qualidade de judia, de estrangeira, de rainha, tão mal soante ao Romano, como a palavra rei, lembravam o Oriente e era para o seu desejo um tremendo obstaculo. Não se fallava n'outra coisa em Roma e algumas impertinencias se ouviram em voz alta. Um dia, no theatro, um cynico, chamado Diogenes, que entrara em Roma, apezar das leis prohibitivas contra

os philosophos, levantou-se e, deante do povo, bolsou uma torrente de injurias contra os dois amantes. Chicotearam-n'o. Heras, outro cynico, suppoz que teria egual sorte, procedeu do mesmo modo e cortaram-lhe a cabeça. Tito cedeu com muito custo ás murmurações do publico. A separação foi muito dolorosa, porque Berenice resistiu. Foi preciso deportal-a. Mantiveram-se depois do rompimento as relações do imperador com Josepho e provavelmente com Herodes Agrippa. A propria Berenice volta a Roma ; mas Tito nunca mais teve relações com ella.

Sentia-se reviver a gente honrada. Contentava-se o povo com espectaculos e um pouco de charlatanismo. Reinava a tranquillidade. Renascia a litteratura do tempo de Augusto, depois de um grande eclipse. Vespasiano animava as sciencias, as letras e as artes. Creou os primeiros professores pagos pelo Estado e foi assim o instituidor do corpo docente ; á frente da illustre academia fulge o nome de Quintiliano. Continúa miseravelmente a sorna poesia das epopeias e das tragedias artificiaes. Bohemios de talento, como Marcial e Stacio, embora bons versejadores, não produzem mais que uma litteratura baixa e sem vistas. Mas Juvenal attinge, no genero verdadeiramente latino da satyra, uma superioridade incontestada de força e de originalidade. Um alto espirito romano, acanhado, se quizerem, fechado, exclusivo, mas rico de tradição, patriotico e opposto á corrupção estrangeira passa pelos seus versos, animando-os. A corajosa Sulpicia ousará defender os philosophos contra Domiciano. Crearam-se optimos prosadores, rejeitando as declamações emphaticas do tempo de Nero, mas conservando tudo o que não irritasse o bom gosto ; vincaram tudo com um elevado sentimento moral, e prepararam emfim uma geração excellente que

soube descobrir e rodear a Nerva e que originou os reinados philosophicos de Trajano, Adriano, Antonino e Marco Aurelio. Plinio o novo, que parece um prosador do seculo dezoito, Quintiliano, o pedagogo illustre que criou o codigo da instrucção publica, o mestre dos nossos mestres na arte educativa; Tacito, o incomparavel historiador; e outros, como o auctor dos *Dialogos dos oradores*, que os egualou, embora seus nomes ficassem ignorados, ou seus escriptos se perdessem, engrandeceriam pelo trabalho ou colheriam sazonados os seus fructos. Uma gravidade cheia de elevação, o respeito pelas leis moraes e da humanidade substituiram o deboche de Petronio e a philosophia á sobreposse de Seneca. A lingua é menos pura que nos tempos de Cesar e de Augusto; mas tem caracter e audacia, um *quid* que a levará a ser imitada nos seculos modernos, os quaes conceberam uma prova n'um tom menos declamatorio que o dos gregos.

Sob este reinado sabio e moderado, viveram em paz os christãos. A memoria de Tito não foi para a Egreja a de um perseguidor. Um facto do seu tempo produziu uma viva impressão; foi a erupção do Vesuvio. O anno 79 viu o phenomeno talvez mais palpitante da historia sismica da terra. Desde que a humanidade tivera consciencia, nunca se observara um phenomeno tão singular. Uma velha cratera, apagada desde tempos immemoriaes, entrou em actividade com desusada violencia, como se nos nossos dias os vulcões de Auvergne recomeçassem a projectar furiosamente lavas ardentes. Vimos que, desde o anno 68, preoccupavam a imaginação christã e inspiravam passagens do Apocalypse as erupções vulcanicas. O phenomeno do anno 79 foi celebrado pelos videntes judeo-christãos e provocou uma recrudescencia do espirito apocalyptico. Especialmente as seitas judaizantes consideravam a

catastrophe das cidades italianas devoradas pelo fogo como o castigo da destruição de Jerusalem. Os flagellos que mortificavam o mundo pareciam justificar taes phantasias. Era extraordinario o terror produzido por esses phenomenos. Metade das paginas de Dion Cassio é consagrada aos prognosticos. O anno 80 viu o maior incendio de Roma, depois do de 64. Durou trs dias e tres noites; ardeu todo o campo do Capitolio e do Pantheon. Uma peste terrivel assolou por esse tempo o mundo; suppoz-se ser a maior das epidemias; faziam-se sentir os tremores de terra; alastrava a fome.

Tito seria sempre bondoso? Eis o que todos perguntavam. Pretendiam varios que o papel de «Delicias do genero humano» é difficil de desempenhar e que o novo Cesar seguiria na esteira de Tiberio, Caligula e Nero, que, depois de começarem bem, acabaram mal. Para não abusar do poder illimitado, era realmente preciso ter a alma cançada de um philosopho, já sem illusões. O caracter de Tito era de rara tempera; a tentativa de governar pelo Bem, as nobres illusões sobre a humanidade do seu tempo têm alguma coisa de liberal e de commovente; a sua moralidade não era, porém, solida; era uma consequencia da vontade. Reprimia a vaidade e tentava dar á sua vida um fim objectivo. Mas um temperamento philosophico e virtuoso vale mais que a moral da opinião antecipada. O temperamento não muda; e as opiniões mudam. Deve-se suppôr que a bondade de Tito foi uma suspensão de desenvolvimento; quem sabe se ao cabo de alguns annos elle não seria outro Domiciano.

Tudo isto são apprehensões retrospectivas. A morte subtrahiu Tito a uma prova que, prolongada, talvez lhe fôsse fatal. A sua saude abysmava-se a olhos vistos. Chorava a cada instante, como se depois de attingir o acume do poder humano, elle visse

a frivolidade de todas as coisas. Uma vez, depois da inauguração do Colyseu, chorou deante do povo. Pairava sobre elle uma grande tristeza quando da viagem a Rieti. Em certo ponto, viram-n'o abrir as cortinas da liteira, olhar o céu e exclamar: Que não merecia a morte! Talvez este abatimento fôsse causado pela enervação originada no esforço que fazia para desempenhar um papel forçado. A vida de deboche que levára antes de ser imperador devia fazer suppôr isso. Talvez fôsse o protesto de uma alma nobre, legitimo n'aquelle tempo, contra o destino. A sua natureza era sentimental e affectiva. Esmagava-o a estupenda maldade de seu irmão. Via claramente que se não fôsse o primeiro, seu irmão Domiciano levar-lhe-ia a dianteira. Sonhar o imperio do mundo para ser adorado, cumprir o seu sonho, topar com a vaidade e reconhecer que, na politica, a bondade é um erro, vêr o mal ante si a bradar-lhe, sob as fórmas de um monstro: «Mata-me ou eu te mato», formidavel prova para um bom coração! Tito não tinha a dureza de Tiberio, mas não tinha a resignação de Marco Aurelio. O seu regimen hygienico era pessimo. Em todo o tempo e sobretudo junto de Rieti, Tito tomava banhos tão frios que eram capazes de matar os homens mais vigorosos. Este facto aliena a suspeita de envenenamento na sua morte prematura. Domiciano não foi um fratricida no sentido material; mas foi-o com o seu rancor, com a sua inveja, com os seus desejos mal disfarçados. Ainda Tito não expirava e já Domiciano o mandava abandonar como se morto estivesse, e largava em correria, a cavallo, a caminho do campo dos pretorianos.

Pôz luto o mundo; mas Israel triumphou. A sua morte inexplicada, por exgoto melancholico e philosophico, era um juizo manifesto do Céu sobre o destruidor do Templo, sobre o maior culpado do

mundo. A lenda rabbinica revestiu, como de costume, uma feição pueril que tem seus fóros de exactidão. Tito morreu, dizem os agadistas, em consequencia de um moscardo se haver introduzido no seu cerebro e de o fazer expirar em soffrimentos atrozes. Joguetes sempre dos boatos populares, os judeus e os christãos acreditaram geralmente n'um fratricidio. Na sua opinião, Domiciano, assasino de Clemente, perseguidor dos santos, foi o assassino de seu irmão e este facto, como o do parricidio de Nero, serviram de base ao novo symbolismo apocalyptico, assim como será explicado lá mais ad deante.

CAPITULO

Disseminação do christianismo. O Egypto. O Sibyllismo

A tolerancia de que gozou o christianismo no reino dos Flavios contribuiu immenso para o seu desenvolvimento. Antiochia, Epheso, Corintho e especialmente Roma, fôram centros de actividade em que o nome de Jesus augmentava de importancia dia a dia e d'onde irradiava a nova fé. Exceptuando os ebionitas exclusivistas da Batanéa, eram cada vez mais cordeaes as relações entre os judeus christãos e os idolatras conversos; desappareciam os prejuizos; dava-se a fusão. Em muitas cidades importantes havia dois presbyterados e dois *episcopi*, um para os christãos de procedencia judaica, o outro para os fieis de origem pagã. Suppunha-se que o *episcopos* dos pagãos convertidos fôra instituido por S. Paulo, e o outro por algum apostolo de Jerusalem. É verdade que no 3.º e 4.º seculo se abusou d'esta hypothese para se evitarem difficuldades, surgindo nas egrejas, quando se quiz fazer as su-

cessões regulares dos bispos com os disparatados elementos da tradição. Ainda assim parece que foi um facto a duplicidade de certas Egrejas. E de tal modo divergiam as duas fracções da communidade christã, que os seus pastores não puderam ministrar ás duas o ensino que lhes era preciso.

Era assim quando á differença de origens se juntava a differença de linguas, como na Antiochia, em que um grupo fallava o grego e o outro o syriaco. Parece que na Antiochia houve duas successões de *presbyteri*, uma presa idealmente a S. Pedro e a outra a S. Paulo. O processo para a organisação d'estas duas listas foi o mesmo usado para os bispos de Roma. Lançou-se mão dos nomes mais antigos de *presbyteri*, que vinham á memoria, o de um tal Evhode, muito respeitado, e o de Ignacio, de alta reputação e com elles se formaram os chefes de fila das duas séries. Ora Ignacio morreu no tempo de Trajano; S. Paulo viu pela ultima vez Antiochia no anno 54. Com Ignacio succedeu o mesmo que com Clemente, Papias e um grande numero de personagens de segunda e terceira gerações christãs; forçavam-se as datas para que se pudesse suppôr que todos elles receberam directamente dos apostolos a sua instituição e o seu ensino.

O Egypto, que esteve largo tempo fóra da acção do christianismo, recebeu a doutrina provavelmente no tempo dos Flavios. A tradição da prédica de Marcos na Alexandria constitue um dos muitos inventos da Egreja para explicar a sua antiguidade apostolica. Conhecem-se bem as linhas geraes da vida de S. Marcos; é para Roma e não para a Alexandria que ella convergiu. Quando todas as grandes Egrejas imaginaram que tinham fundadores apostolicos, a Egreja de Alexandria, adquirindo por seu turno uma alta supremacia, tambem se arrogou titulos nibiliarchicos, que não possuia. Marcos fôra

o unico da série apostolica que não tinha sido adoptado. Mas a causa da ausencia do nome do Egypto nas narrativas dos *Actos dos Apostolos* e nas epistolas de S. Paulo dependeu do facto de se haver produzido no Egypto uma especie de pre-christianismo que o conservou largamente fechado ao christianismo propriamente dito. O Egypto tinha Philon e os therapeutas, isto é um corpo de doutrinas tão analogo ao professado na Galiléa e na Judeia, que lhe não valia a pena outra nova conversão. Mais tarde asseverou-se que os therapeutas eram a mesma coisa que os christãos de S. Marcos, cuja vida Philon tornara conhecida. Isto é uma estranha allucinação ; comquanto que, até certo ponto, a confusão não seja destituida de verdade, como seria facil provar á primeira vista.

O christianismo parece que, no inicio, teve no Egypto um caracter indeciso. Os membros das antigas communidades de therapeutas do lago Mareotis, admittindo a sua existencia, deveriam parecer santos aos discipulos de Jesus ; os exegetas da escola de Philon, como Apollos, ladearam o christianismo, entraram até n'elle, sem que para sempre quedassem ; os auctores judeus alexandrinos de livros apocryphos approximavam-se das ideias que prevaleceram, segundo se diz, no concilio de Jerusalem. Quando os judeus sentiam assim, ouvindo fallar no nome de Jesus, não precisavam converter-se para sympathisar com os seus discipulos. Estabelecia-se naturalmente a confraternisação. Conservou-se um curioso monumento do espirito peculiar dos Egypcios n'um poema sibyllino, poema rigorosamente datado do reino de Tito ou dos primeiros annos de Domiciano e que os criticos com as mesmas razões podiam considerar tão christão, como essenio ou therapeuta. A verdade é que o seu auctor é um sectarista judeu, fluctuando entre

o christianismo, o baptismo, o essenismo, e influenciado sobretudo pela ideia dominante dos sibyllistas, a prédica aos pagãos do monotheismo e a moral sob a capa de um judaismo simplificado.

O sibyllismo nasceu na Alexandria no tempo em que o Apocalypse surdia na Palestina. Estes dois generos parallelos fôram criados em situações analogas de espirito. A caracteristica dos apocalypses é a referencia a um personagem celebre dos seculos passados. A opinião do tempo era que o cyclo dos prophetas estava fechado e que mais ninguem poderia affagar a pretensão de os egualar. Que havia então de fazer o escriptor estimulado pelo desejo da producção e de valorisar a auctoridade do seu pensamento? Cobrir-se com o pseudonymo de um filho dilecto de Deus e arrojadamente lançar o seu livro. Este procedimento não provocava a sombra de um escrupulo ao falsificador, visto que elle sacrificava a sua personalidade para lançar uma ideia. Tambem não lhe passava pela mente o vexar um sabio antigo, porque imaginava até honral-o attribuindo-lhe ideias tão sympathicas, tão extraordinarios pensamentos. O publico, esse, na sua ignorancia critica, não podia levantar objecções. Na Palestina os nomes de que se serviram para confirmar estas novas revelações fôram os de personagens reaes ou imaginarios, cuja santidade era incontestada, Daniel, Henoch, Moisés, Salomão, Baruch, Esdras. Na Alexandria, onde os judeus conheciam a litteratura grega e onde pretendiam exercer uma influencia intellectual e moral sobre os pagãos, os falsificadores escolheram os mais reputados nomes de philosophos e moralistas. Foi assim que se viu Aristobulus allegar a Homero, Hesiodo e Lino, citações falsas ; foi assim que appareceram pseudo Orpheus, pseudo Pythagoras, uma correspondencia apocrypha de Heraclito, um poema moral attri-

buido a Phylocides. O fim das obras era sempre o mesmo : prégar aos idolatras o deismo e os preceitos *noachicos*, isto é um judaismo reduzido ás proporções de uma lei natural. Só se determinaram tres jejuns, o que para os judeus tolerantes eram leis naturaes.

As sibyllas tambem deveriam cultivar a falsificação, para apresentarem aos Gregos as suas ideias com um cunho de auctoridade. Andavam nas mãos do publico poemetos attribuidos ás sibyllas de Cumas e da Erythrea, prenhes de ameaças, presagiando catastrophes para differentes paizes. Taes vaticinios, cujo effeito era decisivo sobre as imaginações, sobretudo quando as coincidencias fortuitas os justificavam, eram escriptos em hexametros epicos, n'uma linguagem querendo imitar a de Homero. Os falsificadores judeus adoptaram os mesmos rythmos e para mais facilmente illudirem os credulos, encheram os textos com algumas ameaças que se suppunham ser proferidas pelas virgens fatidicas da remota antiguidade.

A fórma do apocalypse alexandrino foi o sibyllismo. Quando um judeu amante do bem e da verdade, pertencente a uma escola tão tolerante e sympathica, queria dirigir aos pagãos advertencias e conselhos, fazia fallar uma d'essas prophetisas do mundo idolatra, afim de que se valorisassem as suas prédicas. Tomava o tom dos oraculos erythreus, procurava imitar o estylo tradicional da poesia prophetica dos gregos, lançava mão das ameaças versificadas, que tanto impressionavam o povo e enquadrava-as em piedosos sermões. Mais uma vez affirmamos que taes fraudes a ninguem repugnavam. Junto do fabrico judaico de textos classicos, cujo artificio consistia em pôr na bôca dos philosophos e moralistas gregos as maximas que se pretendiam divulgar, appareceu desde o seculo II antes

de Jesus Christo um pseudo-sibyllismo na mesma corrente de ideias. Algumas paginas são formosamente bellas:

«Feliz o que adora o Deus grande, o que não foi moldado pelas mãos do homem, que não tem egrejas, que os mortaes não pódem vêr, que as mãos não pódem medir. Felizes os que rezam antes de comer e beber, que, ao olhar os templos, estremecem de horror por vêr os seus altares manchados com o sangue das hostias sacrificadas. Apavoram-n'os o assassinato, o ganho deshonesto, o adulterio e os crimes contra a natureza. Os outros homens, entregues á perversidade dos seus desejos, perseguem estes santos com os sarcasmos e as injurias; na sua loucura accusam-nos de crimes que elles mesmos commettem; mas o juizo de Deus ha-de cumprir-se. Os impios serão precipitados nas trevas; os homens piedosos habitarão a terra fertil e terão graça e vida por obra do Espirito de Deus».

Depois d'este inicio, seguem-se as partes essenciaes do apocalypse; uma theoria sobre a successão dos imperios, uma philosophia historica bebida em Daniel; os signaes do céu, os tremores da terra, as ilhas emergindo do fundo dos mares, a fome, a guerra, os flagellos que annunciam o julgamento de Deus. O auctor menciona particularmente o tremor de terra da Laodicea, succedido no anno 60, o de Myra, e as invasões do mar na Lycia, facto occorrido em 68. Um rei poderoso, matricida, fugiu da Italia, ignorado, incognito, sob o disfarce de um escravo e refugiou-se além Euphrates. Alli escondido, espera, emquanto os competidores ao mando supremo se batem nas luctas sanguinolentas. Um chefe romano destruirá o templo e o queimará. Rasgar-se-hão as entranhas da Italia e d'ellas sahirão chammas, que subirão aos céus destruindo cidades, matando milhares de pessoas; uma poeira negra acinzeirará a atmosphera; *lapilli* rubros como o

minium sahirão do céu. Então os homens reconhecerão a colera de Deus Todo-Poderoso, colera que cahiu sobre elles porque destruiram a tribu innocente dos homens piedosos. Para cumulo de desgraça, o rei fugitivo desembainhará a sua espada e passára o Euphrates com milhares de homens.

Vê-se a sequencia que este Apocalypse faz ao Apocalypse de S. João. Retomando as ideias do Vidente de 68 ou de 69, o sibyllista do anno 81 ou 82, confirmado nas sombrias previsões pela erupção do Vesuvio, estimula a crença de Nero vivendo além Euphrates e annuncia o seu retorno como proximo. Alguns indicios fazem suppôr que appareceu um falso Nero no tempo de Tito. Houve uma tentativa mais séria em 88, e quasi provocou uma guerra com os Parthos. Annuncia uma guerra pavorosa; ora a questão do Nero impostor no tempo de Tito, se se deu não foi séria, e pouco mais causaria além de um falso alarme.

Quando a piedade, a fé e a justiça tiverem desapparecido, quando ninguem cuidar dos homens piedosos, que todos quererão matar, regosijando-se em insultal-os, atolando as mãos no seu sangue, então chegará ao ultimo termo a paciencia divina; e fremente de colera, Deus aniquilará a raça humana com um enorme incendio.

«Ah! desgraçados mortaes, mudae o vosso proceder; não leveis Deus ao extremo de sua colera; abandonae as espadas, as questiunculas, os assassinatos, as violencias e mergulhae o vosso corpo na agua corrente; levantae vossas mãos ao céu e pedi perdão para vossas culpas passadas e salvae-vos pela oração da vossa funesta impiedade. Então Deus abrandará a sua resolução e não vos perderá. Sua colera abrandará, se vós cultivardes em vossos corações a preciosa piedade. Mas se persistis no erro, não obedeceis, se, acariciando a vossa loucura, não seguis as advertencias, o fogo cahirá sobre a terra, e ahi vão os signaes da vossa destrui-

ção. Ao romper d'alva, espadas no céu e sonidos de trombetas; revolto n'um pavoroso mugido, será ouvido um estrepito terrivel pelo mundo inteiro. O fogo queimará a terra; morrerá a raça humana; o universo será reduzido a pó negro.

Quando tudo fôr cinza e Deus apagar o enorme incendio, o Todo Poderoso revestirá novamente os ossos e organisará os mortaes como antigamente. Então haverá o juizo final e todos serão julgados. Os que fôram impios serão cobertos com terra, precipitados nos abysmos do sombrio Tartaro, a gehenna, irmã da Stygia. Os piedosos, porém, viverão no mundo de Deus eterno, na felicidade inextinguivel, dando-lhes Deus a recompensa da sua piedade, o espirito, a vida e a graça. Então vêr-se-hão uns aos outros, os olhos fitos na luz encantadora do sol que não tem occaso. Feliz o homem que viver n'esse tempo!»

Seria christão o auctor d'este poema? Era-o pelo coração; mas a seu modo. Os criticos que vejam n'este trecho a obra de um discipulo de Jèsus, apoiar-se-hão no convite dirigido aos gentios para que se convertam e se baptizem. Mas o baptismo não é exclusivismo dos christãos. Ao lado do christianismo, ha seitas de baptistas, hemerobaptistas, a quem melhor convem os versos sibyllinos, porque o baptismo christão era administrado uma só vez, ao passo que o baptismo referido no poema parece ser, como a oração, uma pratica piedosa remindo o peccado, um sacramento susceptivel de renovação e que o fiel ministrava a si proprio. O que seria inconcebivel é que não apparecesse no apocalypse christão de quasi duzentos versos, escripto no começo do reinado de Domiciano, referencia a Jesus resuscitado, vivendo como Filho do homem nas nuvens do céu para julgar os vivos e os mortos. Apparecem expressões mythologicas de que não ha exemplo nos escriptores christãos do 1.º seculo, em estylo artificial, imitado do velho estylo homerico, lembrando a leitura de poemas profanos e uma

longa permanencia entre os grammaticos de Alexandria.

A litteratura sibyllica parece haurir a sua origem nas communidades essenias ou therapeutas; ora estas e os baptistas e sibyllistas viviam n'uma ordem de ideias muito analoga á dos christãos e só differiam em não ter o culto da pessoa de Jesus. Mais tarde todas estas seitas se fundiram na Egreja. A mais e mais que só ficaram duas categorias de judeus: o observador stricto da lei, o talmudista, casuistico e phariseu; o judeu tolerante, reduzindo o judaismo a uma religião natural aberta aos pagãos virtuosos. Em 80, havia no Egypto seitas que pensavam assim, sem adherirem a Jesus. Em breve não haverá divergencias e a Egreja christã comportará todos os que desejem subtrahir-se aos excessos da lei, sem deixar de pertencer á familia espiritual de Abrahão.

O livro cotado como o quarto da collecção sibyllina não foi o unico escripto da sua especie apparecido na epocha de Domiciano. O trecho que prefacia a collecção inteira, e que foi conservado por Theophilo, bispo da Antiochia (fim do 2.º seculo) assemelha-se immenso ao livro quarto e acaba do mesmo modo: «Uma tromba de fogo cahirá sobre vós; tochas ardentes queimar-vos-hão durante toda a eternidade; mas os que adoraram o verdadeiro Deus terão vida infinita e habitarão para sempre o ridente jardim do Paraizo, comendo o pão dôce que cahe do céu estrellado.» Parece que em algumas d'estas expressões ha indicio de christianismo; mas em Philon existem passagens analogas. O christianismo nascente teve, além do papel divino da pessoa de Jesus, tão poucos traços originaes, que é muito delicada por vezes a distincção entre o que é christão e o que o deixa de o ser.

O detalhe caracteristico dominante dos apoca-

lypses sibyllinos é o fim do mundo pela deflagração. Levam a esta ideia muitos textos biblicos. Não apparece porém no Apocalypse christão que tem o nome de João. O primeiro vestigio d'esta concepção encontra-se na Epistola de Pedro, escripto posthumo com toda a certeza. Esta ideia devia ter-se desenvolvido no meio alexandrino, sahindo em parte da philosophia grega; muitas escolas e especialmente a dos estoicos tinham como principio que o mundo finalisaria pelo fogo. Os essenios perfilhavam a mesma opinião; ella será a base dos escriptos attribuidos á Sibylla, emquanto a ficção litteraria servir de paradygma aos sonhos dos espiritos inquietos pelo futuro. Foi lá e nos escriptos do falso Hystaspo que os doutores christãos a descobriram. Tal era a auctoridade dos oraculos, que ella passou como uma revelação. A imaginação pagã foi excitada pelo terrorismo e explorada por mais de um embusteiro.

Annianus, Avilius, Cerdon, Primus, considerados successores de S. Paulo, fôram, com certeza, antigos *presbyteri*, cujo nome se conservou e que fôram feitos bispos, quando se assentou que o episcopado era uma instituição divina e que cada séde devia ter uma successão ininterrupta de presidentes, até ao personagem apostolico julgado o fundador. Seja como fôr, a egreja de Alexandria parece que teve de entrada um caracter peculiar: o ser muito anti-judaica; foi do seu seio que sahiu em quatorze ou quinze annos o mais energico manifesto separatista entre o judaismo e o christianismo, conhecido pela Epistola de Barnabé. Será outra coisa em cincoenta annos, quando lá apparecer o gnosticismo proclamando o judaismo, obra de um Deus mau e o advento de Jesus um grito de revolta para desthronar Jehovah. O papel de Alexandria ou, melhor, do Egypto no desenvolvimento da theo-

logia christã desenhar-se-ha então nitidamente. Apparecerá um novo Christo, parecido com o que nós conheciamos até aqui, como as parabolas de Galileu se assemelham aos mythos osiricos ou ao symbolismo da mãe de Apis.

CAPITULO X

Completa-se e corrige-se o evangelho grego (*Matheus*)

Tornavam-se mais palpaveis, dia a dia, os defeitos do Evangelho de Marcos. Os que conheciam as lindas fallas de Jesus, pelos escriptos syro-chaldaicos, sentiam a seccura da narrativa baseada na tradição de Pedro. Não só os mais bellos sermões haviam soffrido córtes, mas faltavam episodios essenciaes da vida de Jesus. Pedro, fiel ás velhas ideias da primeira edade christã, não se importava com os factos referentes á infancia de Jesus, nem tão pouco com a genealogia. Ora era n'este ponto que batalhava a imaginação christã. Tinham-se inventado novas narrativas; pretendia-se um evangelho completo que, além do que referia Marcos, tivesse o mais que os tradicionalistas orientaes sabiam ou cuidavam saber.

Tal foi a origem do texto segundo Matheus. O auctor d'este escripto baseou o seu trabalho no evangelho de Marcos. Segue-o na ordem, no plano

geral, nas expressões caracteristicas, de modo tal que se não póde duvidar que ou lia ou tinha de memoria a obra do seu antecessor. Durante paginas seguidas as coincidencias nos menores detalhes são tão litteraes que quasi se póde affirmar possuir o auctor um manuscripto de Marcos. Mas certas trocas de palavras, numerosas transposições e omissões, cujo motivo se não explica, justificam a ideia do trabalho ser feito de memoria, o que não tem importancia. O que é importante é o facto do evangelho de Marcos existir antes do de Matheus que serviu a completal-o. E completou-o por dois processos; inserindo os longos discursos que valorisavam os Evangelhos hebreus e juntando-lhe tradições de formação mais hodierna, fructo do desenvolvimento successivo da lenda e ás quaes a consciencia christã ligava uma tão alta importancia. A derradeira redacção tem muita unidade de estylo, foi a mesma mão quem agrupou os varios trechos que entram na sua composição. Essa unidade demonstra que para os trechos estranhos a Marcos, o redactor compoz sobre o original hebreu; porque se se houvesse servido de uma traducção, seriam palpaveis as differenças de estylo entre o fundo e as interpolações. Além d'isso, o gosto do tempo preferia refazer do que traduzir. As citações biblicas do pseudo-Matheus suppõem o uso do texto hebreu (ou d'um *targum* armenio) e da versão dos Septenta; uma parte da sua exegese só faz sentido em hebraico.

A maneira porque o auctor intercala as longas prédicas de Jesus é original. Ou as vae buscar a compilações de sentenças que podiam ter existido n'um certo momento da tradição evangelica, ou as transcreve por completo do Evangelho hebraico, inserindo-as como grandes parenthesis na narrativa de Marcos, na qual abre por assim dizer entalhes.

O principal dos sermões, o sermão da montanha, é formado por partes que não têm entre si connexão e que se approximaram por um artificio.

O Capitulo XXIII compendia todas as reprehensões de Jesus aos Phariseus. As sete parabolas do capitulo XIII não fôram apresentadas por Jesus nem a seguir nem todas no mesmo dia. Seja-nos permittida uma comparação familiar que explica o nosso pensamento. Havia, antes da redacção do primeiro Evangelho, muitos discursos e parabolas, nos quaes as palavras de Jesus fôram classificadas segundo um criterio puramente exterior. O auctor encontrou a collecção já arranjada e inseriu-a no texto de Marcos, que lhe servia de esboço cerzido sem partir o fio de connexão. Algumas vezes o texto de Marcos, embora resumido em discursos, contém textos dos sermões que o novo redactor compõe em blóco no collectaneo da *logia*. Repete-se, por isso mesmo. Mas não se preoccupa com as repetições, ou evita-as por meio de córtes, transposições e certos artificios de estylisação.

A inserção de tradições ignoradas do velho Marcos, apparece no pseudo-Matheus por um processo mais violento ainda. Possuindo narrativas de milagres e de curas cuja identidade não conjuga com os contados por Marcos, prefere as repetições á omissão do facto. O seu desejo é ser completo, pouco lhe importando, ao arranjar trechos de proveniencias differentes, cahir em contradicções e em difficuldades de narração. Por isso ha circumstancias incomprehensiveis no momento da sua apparição e que se não explicam senão pelo seguimento da obra; allusões a factos não mencionados na parte historica. Como consequencia, as duplicações singulares e caracteristicas do primeiro Evangelho; as duas curas dos dois cegos; as duas multiplicações dos pães; as duas rogativas de um signal

miraculoso ; as duas invectivas contra o escandalo ; as duas sentenças sobre o divorcio. D'ahi tambem a maneira de proceder em duplicado, o que produz o effeito de uma diplopia narrativa : dois cegos de Jerichó e mais dois outros cegos ; dois demoniacos de Gergésa ; dois discipulos de João ; dois discipulos de Jesus ; dois irmãos. A exegese harmonica produz desde logo os seus effeitos ; redundancia e maçada. Em outros pontos salta á vista a incisão ainda fresca, a operação da enxertia com que se interpolou a addição. Assim, o milagre de Pedro (Math., XIV, 28-31), que não vem relatado em Marcos, foi intercalado em Marcos, no cap. VI, 50 e 51, de modo que ficaram escancarados os bordos da ferida.

É assim com o milagre do statero (Math., XVII, 24-27), com Judas denunciando-se a si mesmo depois de interrogado por Jesus ; Jesus censurando a espadeirada de Pedro, o suicidio de Judas, o sonho da mulher de Pilatos, etc. Tirem-se todos estes trechos e ficará o evangelho de Marcos.

Assim, entraram no texto evangelico muitas lendas que não vinham no texto de Marcos ; a genealogia (I, 1-17), o nascimento sobrenatural (I, 18-25), a visita dos reis magos (II, 1-12), a fuga para o Egypto (II, 13-15), o massacre de Bethléhem (II, 16-18), Pedro caminhando sobre as aguas (XIV, 28-31), as prerogativas de Pedro (XVI, 17-19), o milagre da moeda na bôca d'um peixe (XVII, 24-37), os eunucos do reino de Deus (XIX, 11-12), a emoção de Jerusalem á entrada de Jesus (XXI, 10-11), os milagres hierosolymitas e o triumpho infantil (XXI, 14-16), certos trechos lendarios sobre Judas e particularmente o seu suicidio (XXVI, 25-50 ; XXVII, 52-53), a interferencia da mulher de Pilatos (XVII, 19), Pilatos lavando as mãos e o povo judeu assumindo a responsabilidade da morte de Jesus (XXVII,

25), o veu do templo rasgado, o tremor de terra, a resurreição dos santos no momento da morte de Jesus (xxvii, 51-53), a guarda do tumulo e a corrupção dos soldados (xvii, 62-66 ; xxviii, 11-15). Em todos estes sitios as citações são feitas segundo os Septenta. O redactor, para seu uso pessoal, adoptou a versão grega ; mas quando traduzia o evangelho hebraico, conformava-se com a exegese d'este original, que muitas vezes não teria base nos Septenta.

Uma superfetação no emprego do maravilhoso, o gosto pelo milagre cada vez mais abalisado, uma tendencia a apresentar a Egreja como organisada e disciplinada desde os tempos de Jesus, uma repulsão crescente pelos judeus, dictaram a maioria das addições ao trecho primitivo. Já dissemos que ha momentos na evolução de um dogma que valem seculos. Uma semana depois da sua morte já Jesus tinha uma lenda ; quando vivo, já a maioria dos episodios apontados estavam escriptos.

O grande factor da creação da *agada* é a analogia tirada dos textos biblicos. Este processo preenche grandes lacunas da recordação. Os boatos mais contradictorios corriam sobre a morte de Judas. Logo uma versão dominou tudo ; Architophel, traidor a David, serviu de prototypo. Convencionou-se que Judas se enforcasse como elle. Uma passagem de Zacharias forneceu a paga dos trinta dinheiros ; o facto de os atirar para o recinto do templo, bem como o campo do oleiro, todos os detalhes analogos encheram a narrativa.

A intenção apologetica foi outra fonte inexhaurivel de anecdotas e interpolações. Já as objecções contra o messianismo de Jesus se levantavam e exigiam resposta. João Baptista, diziam os descrentes, não acreditava n'elle ou deixou de acreditar ; as cidades onde se produziram milagres não

se tinham convertido; os sabios e ajuizados da nação tinham-n'o chasqueado; se expulsou o demonio é porque era Belzebuth; promettia signaes celestes e ninguem os viu. — Havia resposta para tudo isto. Agradava-se ao instincto democratico das multidões. Não foi a nação quem repudiou Jesus; fôram as classes elevadas, diziam os christãos, que o não quizeram pelo seu habitual egoismo. Os simples eram por elle; então os mandantes usaram de manhas para o prenderem, porque temiam a plebe. «A culpa foi do governo»; explicação bem acceite em todos os tempos. O nascimento de Jesus e a resurreição fôram causa de objecções sem fim da parte das almas baixas e dos corações mal intencionados. A resurreição ninguem a vira; os judeus sustentavam que os discipulos haviam levado o cadaver para a Galileia. Objectou-se a isto com a fabula dos guardas; que os judeus pagaram a declaração de que os discipulos tinham roubado o corpo. — Quanto ao nascimento, duas correntes de opinião, contradictorias, se chocavam, mas como ambas correspondiam a necessidades da consciencia christã, conciliavam-n'as conforme podiam. Por um lado era indispensavel que Jesus descendesse de David; por outro lado pretendia-se que Jesus nascera nas condições normaes da humanidade. Não era natural que quem vivera differentemente dos outros homens nascesse como elles. A descendencia de David conseguia-se por uma genealogia em que José sahia do tronco davidico.

José era o pae de Jesus; para encabeçar n'esta heraldica a Jesus, bastava encontrar n'ella a José. Mas assim não se satisfazia a hypothese da concepção sobrenatural, porque nem José nem os seus ascendentes haviam collaborado para o nascimento de Jesus. Então era preciso entroncar a Maria na arvore régia; ora nenhuma tentativa se fez n'este

sentido, durante o 1.º seculo; sem duvida porque os genealogicos haviam concordado em que antes se désse a Jesus um nascimento fóra da união regular dos dois sexos, e se não contestasse a José o direito de paternidade legitima. O Evangelho hebraico considerava sempre Jesus, o filho de Maria e de José; o Espirito Santo, na concepção d'este evangelho, era para o Jesus-Messias uma mãe e não um pae. O Evangelho segundo Matheus, quéda n'uma combinação fundamentalmente contradictoria. Jesus é o filho de David por José, que não é seu pae. O auctor vence este obice com uma ingenuidade extrema. Um anjo vem desfazer as duvidas que, em caso tão extravagante, deviam con turbar o espirito de José.

A genealogia apontada no evangelho de Matheus não é por certo a obra do auctor. Respigou-a em documento anterior. Seria no Evangelho hebraico? Ha duvidas. Grande numero de christãos hebraicos da Syria guardaram um texto onde não entravam taes genealogias; mas tambem remotamente certos manuscriptos nazarenos tinham á laia de prefacio um *sépher toledoth*. A genealogia apontada por Matheus é hebraica; a transcripção dos nomes proprios não é a dos Septenta. Vimos que as genealogias fôram obra dos parentes de Jesus, vivendo na Batanéa e fallando hebraico. Certo é que o trabalho das genealogias não se fez nem com unidade, nem com auctoridade; porque dois systemas tendentes a ligar José com membros conhecidos da linhagem davidica chegaram até nós. Não é impossivel que os nomes do pae e do avô de José fôssem conhecidos. De Zorobabel até José foi tudo falsificado. Como depois do captiveiro os escriptos biblicos não tinham chronologia, o auctor suppõe mais curto o lapso de tempo e abre-lhe poucos escalões. De Zorobabel até David serviram-se dos

Paralipomenos, com inexactidões e bizarras mnemonicas. A arvore até David foi fornecida pelo Genesis, livro de Ruth, Paralipomenos. Uma preoccupação singular do auctor foi a de nomear por privilegio excepcional, ou metter á força na linha ascendente de Jesus, quatro peccadoras, infieis, ou de um porte condemnavel para os phariseus : Thamar, Rahab, Ruth e Bethsabé. Parecia um convite aos peccadores de não desesperarem de entrar na familia de eleição. A genealogia de Matheus dá a Jesus por ancestraes os reis de Judá, descendentes de David, a principiar em Salomão ; mas em breve não agradará uma genealogia viciada de glorias profanas e então Jesus entroncará na casa de David por um filho do rei, pouco conhecido, Natham, e por uma linhagem parallela á dos reis de Judá.

A concepção sobrenatural adquiria cada vez mais importancia, de modo que a questão da ancestralidade carnal de Jesus era cousa de somenos. Podia-se concluir de um versiculo de Isaias que o Messias nasceria de uma virgem. Foi o espirito de Deus, o Espirito Santo, quem fez tudo. Realmente parece que José era bastante velho quando Jesus nasceu ; Maria, que talvez fôsse a sua segunda mulher, podia ser muito nova. Este contraste justifica facilmente o milagre. Seria sem isto impossivel inventar a lenda ; no emtanto, como o mytho se formava entre pessoas que conheciam a familia de Jesus, a circumstancia de marido velho e mulher nova não lhes devia ser indifferente. Um traço frequente das narrações hebraicas, é soerguer o poder divino pela propria fraqueza dos instrumentos empregados. Apraz fazer nascer os grandes homens de paes velhos ou muito tempo estereis. A lenda de Samuel originou a de João Baptista, a de Jesus e a da propria Maria. Por outro lado, tudo isto provocava objecções malevolas. A gros-

seira concepção de que Jesus nascera de um escandalo com o soldado Panthére, inventada pelos inimigos do christianismo, originou-se na propria narrativa christã, pois que ella pretendia apresentar um nascimento em que o pae não tomára parte activa. Esta fabula não apparece claramente senão no seculo II; desde o I, porém, que os judeus dão maldosamente o nascimento de Jesus como illegitimo. Talvez baseassem o seu argumento na ostentação com que se exhibem no prefacio dos livros dos *toledoth* de Jesus, os nomes de Thamar, Rahab, Bethsabé, omittindo os de Sara, Rebecca e Lia.

As narrativas da infancia, que não apparecem em Marcos, limitam-se em Matheus ao episodio dos magos, á perseguição de Herodes e á degolação dos innocentes. Toda esta enumeração parece de origem syriaca; o papel odioso de Herodes foi sem duvida invento dos parentes de Jesus, refugiados na Batanéa. Este grupo parece que calumniou fortemente Herodes. O invento sobre a origem infame de seu pae parece ter essa procedencia. Herodes foi o bode expiatorio de todos os aggravos christãos. Os perigos da infancia de Jesus, são uma imitação dos perigos da infancia de Moisés, que um rei quiz matar, o que o obrigou a emigrar. Aconteceu com Jesus o mesmo que com todos os grandes homens. Nada se sabe da sua infancia, pela simples razão de se não poder prevêr a celebridade futura de uma criança; suppre-se o desconhecimento por uma serie de anecdotas concebidas a proposito. A imaginação, além d'isso, figura que os homens providenciaes cresceram atravez de mil perigos, pela intervenção celeste. Um conto popular referente ao nascimento de Augusto e alguns traços da crueldade de Herodes, poderiam originar a lenda da degolação dos innocentes.

Marcos, na sua redacção ingenua, tem extrava-

gancias, rudezas e trechos mal explicados e dignos de objecção. Matheus retoca e attenua os detalhes. Compare-se o Marcos do cap. III, 34-35, ao Matheus do cap. XII, 46-50. O segundo redactor destroe a ideia de que os parentes de Jesus o tinham por doido e o quizeram prender. A sinceridade espantosa de Marcos, VI, 5 : « E não podia fazer alli milagre algum » (em Nazareth) está velada em Matheus, XIII, 58 : « e não fez alli muitos milagres ». O estranho paradoxo de Marcos : « Na verdade vos digo : que não ha nenhum que haja deixado casa, ou irmãos ou irmãs, ou pae ou mãe, ou filhos ou terras, por amor de mim e por amor do evangelho, que não venha a receber já de presente n'este mesmo seculo, o cento por um das casas e dos irmãos e das irmãs, e das mães e dos filhos e das terras com as perseguições dos homens e no seculo futuro a vida eterna », é em Matheus assim : « E todo o que deixar por amor do meu Nome a casa, ou os irmãos ou as irmãs, ou o pae ou a mãe, ou a mulher ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por um e possuirá a vida eterna ». O episodio da visita das mulheres ao tumulo, evidenciando que ellas não contavam com a resurreição, é expresso em Matheus muito sobriamente. O escriba que interroga Jesus sobre o mando, fal-o em Marcos com boas intenções. Nos outros evangelistas, fal-o para tentar a Jesus. Os tempos evolucionaram ; já não é possivel um escriba interrogar sem malicia. O episodio em que o mancebo rico chama a Jesus « o bom mestre » e a quem elle replica « só Deus é bom », mais tarde pareceu escandaloso. Matheus conta isto de um modo menos frizante. O modo porque Marcos sacrifica os discipulos é attenuado em Matheus. Emfim este chega a verdadeiros contrasensos, para produzir effeitos patheticos ; o vinho dos condemnados, instituição benevola e hu-

mana, é para elle um requinte de crueldade e isto só para cumprir uma prophecia.

As replicas vivas de Marcos desapparecem; as linhas do novo Evangelho são mais rasgadas, mais correctas, mais ideaes. Multiplicam-se os trechos maravilhosos; mas dir-se-ia que o maravilhoso procura ser acceite. Os milagres são mais levemente contados e omittem-se certas prolixidades. O materialismo thaumaturgico, o emprego de meios naturaes para a producção dos milagres, caracteristicos de Marcos, desapparecem pouco a pouco em Matheus. Comparados os dois, o evangelho de Matheus offerece correcções de gosto e de tacto. Rectificam-se certas inexactidões; particularidades pouco estheticas ou inexplicadas, explicam-se ou omittem-se. Considerou-se muita vez Marcos um resumidor de Matheus. O contrario é que é verdadeiro; sómente a addição dos sermões augmenta o resumo, de modo a tornal-o mais extenso que o original. Comparem-se as narrações do endemoninhado de Gergésa, do paralytico de Capharnaum, da filha de Jairo, da multiplicação dos peixes, do epileptico e verificar-se-ha o nosso asserto. Algumas vezes Matheus junta n'um só, dois episodios de Marcos. Algumas narrações que parecem originaes á primeira vista, são decalques desnudados e empobrecidos das longas narrativas de Marcos.

Sobretudo com respeito ao pauperismo, Matheus é cheio de precauções e receios. Entre as beatitudes celestes, Jesus pôz a pobreza: «Felizes os pobres», foi naturalmente a primeira palavra sahida da sua bôca divina quando começou a fallar com auctoridade. A maioria das sentenças de Jesus (como succede sempre que se quer dar ao pensamento uma fórma viva), prestaram-se a mal entendidos; os *ebionim* puros tiravam d'ellas consequencias subversivas. O redactor do nosso Evan

gelho junta uma palavra preventiva de certos excessos. Os pobres, na sua accepção, são os « pobres de espirito », isto é, os piedosos israelitas, humildes no mundo, e contrastando com o ar orgulhoso dos grandes da terra. N'uma outra beatitude, os famintos têm « fome de justiça ».

O progresso da reflexão é sensivel em Matheus ; entrevê-se n'uma serie de opiniões antecipadas, a de se precavêr contra certas objecções e um exaggero das pretensões symbolicas. A descripção da tentação no deserto variou de aspecto ; a Paixão tem a mais alguns trechos lindos ; Jesus falla da sua Egreja, como de um corpo constituido e fundado sobre a primazia de Pedro. Alargou-se a formula do baptismo que comprehende syntheticamente as tres palavras sacramentaes da theologia da epocha : Padre, Filho e Espirito Santo. O germen do dogma da Trindade apparece n'um refolho da pagina sagrada, e fecundará. O sermão apocalyptico, attribuido a Jesus, versando a guerra da Judeia e relacionado com o fim dos tempos, reforça-se e não se minusculisa. Lucas, como veremos em breve, envida toda a arte para attenuar o que ha de estorvador nas asserções temerarias sobre um fim que não acabava de chegar.

CAPITULO XI

Segredo das bellezas do Evangelho

Nota-se muito sensivelmente no novo evangelho um grande progresso litterario. O effeito generico é o d'um palacio encantado feito de pedras luminosas. O exquisito indefinido das transições e das ligações chronologicas, dá á compilação divina o ar leve d'um conto de crianças: « N'aquella hora... », « n'aquelle tempo . . . », « n'aquelle dia . . . », « succedeu que . . . » e outras formulas varias, simulando uma ficticia precisão, sustentam a narrativa, como que suspensa entre o céu e a terra, n'uma atmosphera de sonho. Pela indecisão das datas a narração evangelica mal roça na realidade. Um genio aereo que se tacteia e abraça, mas que nunca choca nas pedras do caminho, falla-nos e encanta-nos. Para que insistir em saber se elle conhece bem o que nos conta? De nada duvída e nada sabe. Seduz-nos como a affirmação de uma mulher que, abrindo-nos os labios para o riso, nos avassalla. É na litteratura

o que é na pintura, um anjo de Corregio ou uma virgem aos dezesseis annos de Raphael.

A linguagem é naturalmente apropriada ao assumpto. Por um brilhante esforço, o seguimento claro e infantil da narrativa hebraica, o timbre fino e excentrico dos proverbios hebreus, fôram transportados para um dialecto hellenico, muito correcto, sob o ponto de vista das fórmas grammaticaes, mas em que se dissolve a velha syntaxe dos eruditos. São os Evangelhos a primeira obra escripta em grego vulgar. O antigo grego modifica-se n'elles no sentido analytico das linguas modernas. O hellenista acha esta lingua baixa e pobre ; é certo que, debaixo do ponto de vista classico, o Evangelho não possue nem estylo, nem plano, nem bellezas ; mas é uma obra prima da litteratura popular, e em certo sentido, o mais antigo dos livros populares. A lingua desataviada tem a vantagem de conservar o mesmo encanto em todas as traducções, se bem que para taes escriptos a traducção quantivale o original. A sinceridade da fórma não deve illudir. O termo verdade não significa para o oriental o mesmo que para nós. O oriental conta com uma candura admiravel e com a firmeza de uma testimunha, as coisas que não viu e de que não tem a certeza. A narrativa phantasista da sahida do Egypto contada entre as familias israelitas nas vesperas da Paschoa não engana ninguem e nem por isso deixa de encantar os que a escutam. Todos os annos as representações scenicas do martyrio da familia Ali, exhibidas na Persia, se apresentam com novas invenções destinadas a tornar mais interessantes as victimas e mais odiosos os algozes. A paixão por estes episodios não desmerece da que seria suscitada se fôssem verdadeiros. É particularidade da *agada* commover mais profundamente aquelles que bem sabem que ella foi inventada.

O seu melhor triumpho é produzir uma obra prima capaz de enganar toda a gente e que, pela ignorancia das leis do genero, o credulo oriental admitte como depoimento testimunhal a narração de factos que ninguem viu.

A caracteristica de uma litteratura de *logia* e de *hadith* é avolumar-se sempre. Foi incalculavel o numero de phrases attribuidas a Mahomet depois da sua morte. Succedeu o mesmo com Jesus. Aos apologos realmente inventados por elle e em que excedeu o proprio Buddha, juntaram-se outros concebidos no mesmo estylo e que é difficil distinguir dos verdadeiros. As ideias do tempo exprimiram-se nas sete admiraveis parabolas do reino de Deus, e em que todas as rivalidades innocentes da edade de oiro do christianismo vincaram o seu sulco. Alguns achavam demasiado benevola a entrada na Egreja de todo o mundo; pareciam-lhe um escandalo as portas da egreja de S. Paulo abertas de par em par; queriam um exame prévio, uma selecção, uma censura. Os schamaïtas só admittiam ao ensino judaico os intelligentes, modestos, de bôa familia e ricos. Respondia-se ás suas exigencias com a parabola do homem que arranjou um jantar e que, á falta dos convidados, foi chamar os côxos, os vagabundos e os mendigos; ou a do pescador que colhe toda a casta de peixes bons e maus para os seleccionar mais tarde. Excitou murmurios o lugar eminente dado por Paulo a alguns antigos adversarios de Jesus e a adeptos da ultima hora. Originou-se ahi a parabola dos obreiros recentes receberem tanto como os que trabalhavam todo o dia. Uma phrase de Jesus justificava o facto: «muitos primeiros virão a ser os ultimos, e muitos ultimos virão a ser os primeiros.» É evidente a lucta entre os dois partidos christãos. Quando os novos diziam com amargura que os lugares já estavam

tomados e nenhum havia para elles, restando-lhes um papel subalterno, contava-se-lhes a conceituosa parabola, de que resultava não haver motivos para inveja. A parabola do joio significava, a seu modo, a composição heterogenea de um reino, onde Satanaz poderia algumas vezes lançar das suas sementes. A mostarda significava a grandeza futura; o fermento a sua força de propaganda; o thesouro occulto e a perola pela qual tudo se vende, o seu custo inavaliavel; a rêde o seu triumpho eivado de perigos pelo futuro. «Os primeiros serão os ultimos; porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos», taes eram as maximas commummente repetidas. A vinda de Jesus inspirava comparações vivas e impressionantes. As imagens do ladrão que chega quando menos se cuida, o raio que brilha ao mesmo tempo no Oriente e no Occidente, a figueira cujas borbulhas rebentam no estio, povoavam as imaginações. Redigiu-se finalmente o apologo interessante das cinco virgens loucas e das cinco prudentes, maravilhosa concepção da sinceridade e fino espirito. Umas e outras esperavam o Esposo; e, tardando o Esposo, começavam a dormir. Quando á meia noite se ouviu gritar: «Eis ahi vem o Esposo», logo se levantaram e prepararam as suas lampadas; mas as virgens que levaram azeite accenderam logo as suas lampadas e as outras, pobres fatuas, ficaram confusas; e a porta da sala das bodas fechou-se para ellas.

Não queremos asseverar que estes episodios não sejam de Jesus. A grande difficuldade da historia das origens do christianismo é distinguir o que é de Jesus e o que por elle foi inspirado. Jesus nada escreveu; os redactores dos Evangelhos transmittiram-n'os confusamente as palavras authenticas e as que se lhe attribuiram, de modo que é difficil á critica mais subtil fazer o seu discernimento. A

vida de Jesus e a historia da redacção dos Evangelhos são dois assumptos tão intimamente ligados que é preciso deixar entre elles um limite indefinido, sob pena de contradicção. Mas na realidade essa contradicção tem consequencias banaes. Jesus é o verdadeiro creador do Evangelho; Jesus fez tudo; até o que se lhe inventou; a sua lenda e elle proprio são inseparaveis; identificou-se tanto com a sua ideia, que ella é elle, absorve-o, faz da sua biographia o que ella deveria ter sido. Houve n'elle o que os theologos chamam a «communicação dos idiomas.» A mesma communicação dá-se entre o primeiro e o ante-penultimo livro d'esta historia. Se isto é defeito, a culpa tem-n'a o assumpto e seria um rasgo de verdade não procurar demasiado evital-o. O que resalta é a physionomia original das narrativas. Seja qual fôr a data da sua redacção, estão alli as verdadeiras flôres da Galileia, desabrochando nos primeiros dias sob os pés embalsamados do divino sonhador.

As instrucções apostolicas, taes como vêm no nosso Evangelho, parecem proceder d'um ideal do apostolo formado sobre o modelo de Paulo. A impressão da vida do grande caminheiro evangelico fôra profunda. Varios apostolos tinham soffrido o martyrio por terem levado aos povos as doutrinas de Jesus. Figurava-se o prégador christão deante dos reis e dos mais augustos tribunaes a proclamar o Christo. O primeiro principio d'esta eloquencia apostolica era não preparar os discursos. Na hora precisa o Espirito Santo devia inspirar ao missionario a sua doutrina. Em viagem, nada de provisões, nem dinheiro, nem saccola, nem mesmo um bordão. O obreiro merece o pão quotidiano. Quando o missionario entrar n'uma casa, póde permanecer n'ella, comer e beber o que lhe servir, sem dar mais em troca do que a sua palavra e os votos de sal-

vação. Era o principio de Paulo; sómente applicado com pessoas de confiança como com as damas de Philippes. Como a Paulo, cobre o viajante apostolico o manto da protecção divina contra os perigos dos caminhos; não o intimidam as serpentes, nem os venenos o damnificam. O seu premio será o odio do mundo, a perseguição... A tradição exagera sempre o trecho primitivo. É uma necessidade mnémotechnica, a memoria conservando melhor as palavras mordentes e hyperbolicas do que as sentenças reflectidas. Jesus conhecia profundamente a humanidade para não saber que o rigor e a exigencia são a melhor peia para a conquistar e subjugar. Não acreditamos que elle commettesse as prepotencias que lhe fôram attribuidas; e o fogo sombrio animando as instrucções apostolicas deve ser um reflexo do ardor febril de Paulo.

O auctor do Evangelho segundo Matheus não tem juizo antecipado nas questões que dividiam a Egreja. Não é um judeu exclusivista como Thiago, nem benevolo como Paulo. Presente que a Egreja se deve ligar a Pedro e insiste nas prerogativas d'este ultimo. Mas tambem deixa transluzir a malevolencia contra a familia de Jesus e contra o orgulho da primeira geração christã. Não põe na narrativa nem as apparições de Jesus resuscitado, nem dá representação a Thiago, que os discipulos de Paulo consideravam um inimigo. Theses oppostas pódem provar argumentos de igual valia. Por instantes, falla-se da fé como nas epistolas de S. Paulo. O auctor acceita a tradição dos dizeres, as parabolas, os milagres, as decisões em sentido inverso, logo que catechisem, sem pretensões a conciliál-as. Trata-se de evangelisar Israel, trata-se de evangelisar o mundo. A Cananeia, acolhida primeiro com palavras duras, é exalçada em seguida, e uma historia, cujo inicio prova que Jesus foi man-

dado á terra por causa de Israel, termina pela exaltação da fé de uma pagã. O centurião de Capharnaum conquista logo graça e favor. Os chefes legaes da nação contrariam mais o Messias que os pagãos, os magicos, Pilatos e a sua mulher. É o proprio povo judeu quem proclama a sua maldição. Não quiz compartilhar do festim de Deus, os gentios tomarão o seu lugar. A formula «Foi dito aos velhos..., eu, em verdade, vos digo,...» apparece insistentemente na bôca de Jesus. A gente a quem o auctor se dirige são judeus conversos. Preoccupa-o immenso a polemica contra os judeus não convertidos. As suas citações dos textos propheticos, assim como circumstancias referidas por elle, dirigem-se aos assaltos soffridos pelos fieis á orthodoxia e especialmente á grande objecção sahida do facto dos representantes officiaes da nação não haverem acreditado no messianismo de Jesus.

O Evangelho de S. Matheus, como todas as composições finas, foi obra de uma consciencia por assim dizer dupla. O auctor é simultaneamente judeu e christão; a sua nova fé não matou a antiga nem lhe roubou a poesia. Ama as duas coisas ao mesmo tempo. O espectador gosa esta lucta sem magoas. Interessante o estado em que se está, sem ainda haver nada de determinado. Transição estranha, momento adoravel para a arte, o da consciencia transformada em tranquillo campo de batalha, onde, sem abalo para ella, se degladiam os partidos contrarios. Posto que o pretenso Matheus falle dos judeus na terceira pessoa como se fôssem estranhos, o seu espirito, a sua apologetica, o seu messianismo, a sua exegese, a sua piedade são de um judeu. Jerusalem é para elle a «cidade santa», «o lugar santo.» As missões são aos seus olhos o apanagio dos Doze; não lhes associa S. Paulo, nem lhe concede uma vocação especial ainda que as

instrucções apostolicas, taes como as apresenta, tenham mais de um caracter peculiar ao catechisador dos gentios. A sua aversão aos phariseus não exclue o respeito pela auctoridade do judaismo. O christianismo é n'elle uma flôr aberta com os vestigios recentes do botão d'onde desabrochou.

Foi essa a sua força. A habilidade suprema nas obras de conciliação é negar e affirmar, praticar a *Ama tanquam osurus* do sabio antigo. Paulo supprime todo o judaismo, toda a religião, para dar todo o lugar a Jesus. Os Evangelhos hesitam e ficam n'uma penumbra de moderação. Subsistirá a Lei ? Sim e não. Jesus destroe-a e cumpre-a. O sabbado supprime-o e mantem-o. Observa as ceremonias judaicas, mas não quer que haja apêgo a ellas. Todos os reformadores de religiões deviam observar esta regra : livram-se os homens de um fardo impossivel de carregar, senão por livre vontade, sem reservas nem temporisações. A contradicção existia em tudo. Quando o Talmud citou no mesmo versiculo opiniões ansolutamente antagonicas, remata por esta formula : « E todas estas opiniões são a palavra da vida. » A anecdota da Chananeia é a imagem perfeita do christianismo n'esta epocha. Ella reza : « Eu não fui mandado senão por causa das ovelhas tresmalhadas de Israel », responde-lhe Jesus. E chegando-se a elle ella adora-o : « Não é bom tomar o pão dos filhos e lançal-o aos cães. — Assim é, Senhor : mas tambem os cachorrinhos comem das migalhas que cahem da mesa de seus donos. — Oh mulher, grande é a tua fé ; faça-se comtigo como queres ». O pagão converso acabava por vencer, á força de humildade, e com a condição de soffrer a má acolhida de uma aristocracia com pretensões a ser lisonjeada.

Um tal espirito só comportava um odio — o do phariseu, o do judeu official. O phariseu, ou melhor

o hypocrita (porque se abusava d'este termo, como hoje se designa pelo termo jesuita muita gente que não é da ordem de Loyola) deveria ser o peccador por excellencia, o opposto a Jesus. O nosso Evangelho agrupa n'uma só invectiva virulenta todos os discursos que Jesus varias vezes proferiu contra os phariseus. O auctor respigou com certeza o trecho em algum collectaneo anterior. Jesus é censurado pelas suas muitas viagens a Jerusalem. Prediz-se ahi o castigo dos phariseus, de um modo vago, que parece ser referido antes da revolução da Judeia.

Resulta assim um evangelho superior pela belleza ao de Marcos, mas de menor valor historico. Marcos é para os factos o unico documento authentico da vida de Jesus. As narrativas do pseudo-Matheus appensas aos episodios de Marcos são processos para mascarar difficuldades. A assimilação de elementos respigados fóra do texto de Marcos faz-se por um modo grosseiro; não é completa a sua digestão, se nos é permittido fallar assim; os trechos conservam-se intactos e reconhecem-se bem. Debaixo d'este ponto de vista, os aperfeiçoamentos de Lucas serão notaveis. Mas o valor da obra de Matheus está nos sermões de Jesus, fielmente reproduzidos e talvez na ordem chronologica em que fôram escriptos.

Este facto é de maior peso que a exactidão biographica, e o Evangelho de Matheus é o livro mais importante do christianismo, o mais importante que se escreveu. Não é sem razão que na classificação dos escriptos do Novo Testamento se lhe consigna o primeiro lugar. A biographia d'um homem notavel é uma parte da sua obra. Sem Joinvile, S. Luiz não seria o que foi na consciencia da humanidade. A mais bella obra de Spinoza é a sua vida por Colero. Epicteto deve quasi tudo a Ar-

riano, Socrates a Platão e a Xenofonte. Jesus do mesmo modo faz parte do Evangelho. A redacção dos Evangelhos é, depois da acção pessoal de Jesus, o facto capital da historia das origens do christianismo e eu direi da historia da humanidade. A leitura habitual do mundo é um livro em que o padre está sempre em erro, em que os mundanos são tartufos, em que as auctoridades civis são scelerados, em que todos os ricos são condemnados. Este livro, o mais revolucionario e perigoso que se tem escripto, foi prudentemente afastado pela Egreja catholica; o pue o não impediu de fructificar. Malevolos para o sacerdocio, zombeteiros para o rigorismo, indulgentes qara o homem brando de coração, os evangelhos fôram o eterno pesadelo dos hypocritas. O evangelista foi o adversario da theologia pedante, da hierarchia ceremoniatica, do espirito ecclesiastico, tal como os seculos o fizeram. A edade media queimou-o. Nos nossos dias, a grande invectiva de Matheus contra os phariseus é a contínua satyra sanguinolenta dos que se cobrem com o nome de Jesus e que se elle voltasse ao mundo correria a chicote.

Onde foi escripto o Evangelho segundo Matheus ? Parece que na Syria, para um grupo judeu, que não sabia grego, mas conhecia o hebraico; não é crivel que os textos judaicos dos evangelhos sahissem da Syria. Em cinco ou seis casos, Marcos conservou phrases armenias pronunciadas por Jesus; o pretenso Matheus apaga-as todas, menos uma. O caracter das tradições proprias ao nosso evangelista é essencialmente galileu. Na sua opinião todas as apparições de Jesus resuscitado fôram na Galileia. Os seus primeiros leitores deveriam ter sido syriacos. Não tem nem explicações de costumes nem notas topographicas, como em Marcos. Contrariamente, ha trechos que, sem sentido em

Roma, eram interessantes para o Oriente. Deve-se suppôr que este evangelho foi redigido quando o evangelho de Marcos, composto em Roma, chegou ao Oriente. Um evangelho deveria parecer precioso ; mas as suas lacunas exigiam um complemento. O Evangelho resultante das addições levou tempo em chegar a Roma. Assim se explica que Lucas só o conhecesse n'esta cidade em 95.

Tambem se explica que, para valorisar o nosso escripto e oppôr ao nome de Marcos um nome de uma auctoridade superior, se attribuisse o texto em questão ao apostolo Matheus. Matheus era um apostolo judeo-christão, de vida ascetica, como Thiago, não comendo carne e alimentando-se de vegetais e raízes. Talvez que a sua qualidade de antigo publicano lembrasse que, sabendo escrever, elle quizesse fixar factos dos quaes era apontado como testimunha. Por certo que Matheus não redigiu a obra que tem o seu nome. O apostolo tinha ha muito fallecido, quando o Evangelho foi composto e a obra repudia o auctor. Nunca o livro poderia ser de uma testimunha ocular. E, se o evangelho fôsse de um apostolo, como era elle um esboço tão incompleto da vida de Jesus ? Talvez que o evangelho hebraico com que o auctor completou o de Marcos tivesse o nome de Matheus. Talvez que tambem a collecção das *logia* tivesse o mesmo nome. E se a addição das *logia* era o caracter do novo Evangelho, o nome do apostolo poderia servir de garantia das *logia* e conservar-se para designar o auctor da obra que tirava o seu valor d'essas mesmas addições. Tudo isto é dubio. Papias crê que a obra é realmente de Matheus ; mas passados cincoenta ou sessenta annos, deviam já faltar todos os meios de decifrar uma questão tão baralhada.

O que é certo é que o evangelho de Matheus, apezar do nome, nem teve a auctoridade que se

suppõe, nem foi definitivo. Houve mais tentativas analogas, embora perdidas. Não bastava o nome de um apostolo para recommendar um trabalho d'este genero. Lucas, que não era um apostolo, e nós vêl-o-hemos tentar um Evangelho resumindo os outros e inutilisando-os, ignorava a existencia do Evangelho segundo Matheus.

CAPITULO XII

Os christãos da familia Flavia. Flavio Josepho.

Cumpria-se a lei fatal do cesarismo. Os reis legitimos melhoram com a permanencia no throno; os cesareos, começando bem, acabam mal. Com os annos progrediam as ruins paixões de Domiciano. O homem fôra sempre um perverso: tivera qualquer coisa de abominavel a sua ingratidão para com o pae e para com o irmão: no emtanto o inicio do seu reinado não foi o de um mau imperador. Mas pouco a pouco revelaram-se o ciume sombrio contra todos os merecimentos, a perfidia requintada, e a negra malicia, essencia da sua propria natureza. Tiberio fôra mais cruel; mas quasi que, por uma furia philosophica contra a humanidade, com uma certa elevação e não o impedindo de ser um dos homens mais intelligentes do seu tempo. Caligula realisou o palhaço lugubre, grotesco e terrivel, mas divertido e pouco perigoso para os que não viviam junto d'elle. Durante o reinado da en-

carnação da ironia satanica que se chamou Nero, um pavor enorme teve suspenso o mundo; tinha-se a consciencia de assistir a uma crise sem precedentes; a lucta definitiva entre o bem e o mal. Respirou-se depois da sua morte; parecia que o mal fôra agrilhoado; adoçava-se a perversidade do seculo. Que horror apavorou as almas quando se sentiu que a Besta renascia, e quando se verificou que a abnegação dos homens de bem existentes no imperio dera como resultado o governo a um imperador mais execravel que os monstros já perdidos nas sombras do passado!

Domiciano foi o peor homem que tem existido. Commodo é mais odioso, porque procedia de um pae admiravel; mas Commodo era um estupido; Domiciano é um sensato; a sua maldade é reflectida. N'elle não ha a attenuação da loucura; a sua cabeça é sã, fria e clara. É um homem politico sério e logico. Não tinha imaginação e, se n'uma epocha da sua vida produziu peças litterarias e alguns versos razoaveis, foi por affectação, para dar ideia de que o não interessavam os negocios publicos; mas muito breve renunciou ás tendencias artisticas e nunca mais pensou em tal. Detestava mesmo as artes; a musica deixava-o indifferente; ao seu temperamento melancholico só agradava a solidão. Viam-n'o horas inteiras passeando só; era então que amadurava algum plano tôrvo. Cruel sem phrases, sorria antes de matar. Vinha ao lume d'agua a sua baixa extracção. Os Cesares da casa de Augusto, prodigos e ávidos de gloria, são absurdos e maus, mas nada vulgares. Domiciano é um burguez no crime; tira sempre proveito das suas más acções. Pouco abastado, faz dinheiro com tudo; augmenta os impostos até aos ultimos limites. Nunca a sua face sinistra se desenrugou com o riso louco de Caligula. Nero, tyranno muito litterario, preoccupa-

va-se com a estima e a admiração publicas, ouvia gracejos e provocava-os ; Domiciano não se prestava ao burlesco nem ao ridiculo ; era sempre tragico. Os seus costumes não valiam mais que os do filho de Agrippina ; mas reunia á infamia o egoismo sorna, a affectação hypocrita da severidade, o ar de um ríspido censor, *sanctissimus censor*, que eram outros tantos pretextos para liquidar os innocentes. É doloroso aturar o tom de virtude austera em que escrevem os seus aduladores, Marcial, Stacio, Quintiliano, quando intentam justificar o titulo, que mais o envaidecia, de salvador dos deuses e restaurador dos costumes.

A sua vaidade não era inferior á que levou Nero a tão miseraveis aventuras, mas era menos sincera. Os falsos triumphos, as pretensas victorias, os monumentos cheios de adulações mentirosas, a accumulação dos consulados tinham algo de nauseabundo e de mais irritante que as mil e oitocentas corôas de Nero e a sua procissão periodonica.

Todas as outras tyrannias já vistas tiveram menos sabedoria. A d'elle era administrativa, meticulosa, organisada. O tyranno desempenhava as funcções de chefe de policia e juiz de instrucção. Procedia-se com a legalidade irrisoria de um tribunal revolucionario. Flavio Sabino, primo do imperador, foi suppliciado por um *lapso* do pregoeiro que o proclamou *imperator* em vez de *consul ;* soffreu morte affrontosa um historiador grego por certas imagens, cujo sentido não era claro ; todos os copistas fôram crucificados. Um romano distincto morreu porque tinha um grande prazer em recitar as arengas de Tito Livio, porque possuia cartas geographicas e puzera a dois escravos os nomes de Magon e de Annibal ; um militar muito estimado. Salustio Lucullo, foi morto por consentir que dessem ás lanças de um novo modelo e da sua invenção

o seu nome. Nunca se exerceu tão largamente a industria dos delatores; os agentes de provocação e os espiões entravam em toda a parte. Os perigos cresciam por causa da fé estupida que o imperador tinha nos astrologos. Os alcaiotes de Caligula e de Nero fôram vis orientaes estranhos á sociedade romana e satisfeitos logo que se viam ricos. Os delatores de Domiciano, raça de Fouquier-Tinville pallidos e sinistros, feriam pela certa. O imperador combinava com os accusadores e as falsas testimunhas o que elles haviam de dizer; e elle proprio assistia á tortura e regosijava-se com a pallidez apavorada dos physionomias e parecia contar os suspiros que a compaixão provocava. Nero não assistia aos crimes por elle ordenados. Este queria vêr tudo. Os seus requintes de crueldade excediam toda a espectativa. O seu espirito era tão dissimulado, que o offendiam tanto lisonjeando-o como não o lisonjeando; a sua desconfiança e a sua inveja não conheciam limites. Todo o homem estimado, todo o homem de coração era para elle um rival. Nero, ao menos, não queria mal senão aos cantores, e não considerava fatalmente todo o estadista ou todo o militar superior como um inimigo.

Foi medonho, durante este tempo, o silencio. O senado passou alguns annos n'um sombrio mutismo. O peor é que se não via sahida para este estado. O imperador tinha trinta e seis annos. Os accessos de febre maldosa tinham sido curtos; mas presentia-se que era uma crise de pouca duração. E agora não havia razão para que isto acabasse. O exercito estava contente e o povo indifferente. Domiciano, é certo que nunca teve a popularidade de Nero, e no anno 88 um impostor pensou ter probabilidades de o depôr apresentando-se como o senhor adorado que déra ao povo tão bellos dias. Mas

apezar de tudo não se tinha perdido muito. Os espectaculos realisavam monstruosidades nunca vistas. O amphitheatro flavio (Colyseu) inaugurado por Tito, tinha assistido a verdadeiros progressos na arte de divertir o povo. Portanto, nenhum perigo por esse lado. Domiciano só lia as Memorias de Tiberio. Tinha um desprezo absoluto pela familiaridade de seu pae Vespasiano; considerava infantil a bondade de seu irmão Tito e a illusão de governar a humanidade fazendo-se amar. Parecia conhecer melhor do que ninguem as exigencias do poder sem constituição, obrigado a defender-se e a cimentar-se dia a dia.

Havia a consciencia de que os horrores occorridos tinham uma razão politica e não eram capricho d'um doido. A horrida imagem da moderna soberania, tal como a criou a necessidade do tempo, suspeitando e receiando tudo de todos, cabeça de Medusa, gelando de pavor, surdia na mascara hedionda, injectada de sangue, com que o sabio terrorista cobrira o seu rosto contra qualquer pudor.

O seu furor feria sobretudo a sua propria casa. Fôram mortos quasi todos os seus primos e sobrinhos. Exasperava-o tudo o que fizesse lembrar Tito. Esta familia singular, sem prejuizos, nem sangue-frio aristocraticos, sem a profunda desillusão da alta nobreza romana, offerecia contrastes estranhos. Que destino o de Julia Sabina, filha de Tito, resvalando de crime em crime, e finalisando como uma heroína de romances baratos, na agonia de um aborto! Tanta perversidade provocou espantosas reacções. O sentimentalismo e a ternura de Tito haviam sido burlados por alguns membros da sua familia, especialmente do ramo de Flavio Sabino, irmão de Vespasiano. Flavio Sabino, que foi muito tempo governador de Roma e desempenhou estas funcções em 64, pôde conhecer christãos; era um

homem affavel, humanitario, a quem se dirigia a expressão «baixeza d'alma», que deveria perder seu filho. Para a ferocidade romana uma tal phrase significava humanidade. Os numerosos judeus que entravam na intimidade d'esta familia deviam encontrar n'este ramo flavio ouvintes já preparados e attentos.

Fóra de toda a duvida, as ideias christãs ou judeo-christãs disseminaram-se entre a familia imperial, especialmente no seu ramo collateral. Flavio Clemente, filho de Flavio Sabino, e por tal primo germano de Domiciano, casou com Flavia Domitilla, sua prima, filha d'outra Flavia Domitilla, filha de Vespasiano e fallecida antes do ascenso de seu pae ao throno. Por vias que nos são ignoradas, mas que se ligavam com as relações da familia Flavia e os judeus, Clemente e Domitilla adoptaram os costumes judaicos, ou melhor o judaismo attenuado, que só differia do christianismo pela importancia dada ao papel de Jesus. O judaismo dos proselytos era precisamente o que prégava Josepho, o cliente da familia Flavia, limitando-se sómente ao cumprimento dos preceitos *noachicos*. Era o seguido como consequencia do accordo dos apostolos em Jerusalem. Clemente foi seduzido por elle. Talvez que Domitilla fôsse mais longe e merecesse o nome de christã. No emtanto não convem exagerar. Flavio Clemente e Flavia Domitilla não parece que tenham sido verdadeiros membros da egreja romana. Como outros romanos distinctos, sentiam o vacuo do culto official, a insufficiencia da lei moral nascida no paganismo, a fealdade repellente dos costumes e da sociedade da epocha. Sentiram por isso e encanto das ideias judeo-christãs. Reconheceram por esta phase a vida e o futuro; mas não ha duvidas de que não fôram ostensivamente christãos. Mais tarde mesmo Flavia Domitilla actúa

mais como romana do que como christã e não recúa ante o assassinato de um tyranno. O facto de acceitar um consulado constituiu para Clemente a obrigação de cooperar nos sacrificios e ceremonias essencialmente idolatras. Clemente era o segundo personagem no estado romano. Tinha dois filhos que Domiciano destinava á successão e aos quaes dera os nomes de Vespasiano e Domiciano. A educação dos mancebos foi confiada a um dos homens mais correctos da epocha, Quintiliano, a quem Clemente concedeu as insignias honorarias do consulado. Ora Quintiliano tinha o mesmo horror pelo judaismo que pelas ideias republicanas. Colloca o auctor da superstição judaica ao lado dos Gracchos como «revolucionarios dos mais nefastos.» Quintiliano pensava em Moisés ou em Jesus? Talvez elle proprio o não soubesse com exactidão. Superstição judaica, eis o termo generico envolvendo judeus e christãos. Não eram só os christãos que cumpriam a lei judaica sem se imporem a circumcisão. Muitos dos sectarios do mosaïsmo limitavam-se á observação do sabbado. A mesma pureza de vida, o horror ao polytheismo, reuniam os pequenos grupos de homens piedosos, ácerca dos quaes os idolatras diziam: «Levam vida judaica.» Se os Clementes fôram christãos, não o fôram definitivamente. Bem pouco foi o que o publico observou da conversão dos dois personagens illustres. O mundo distrahido que os rodeava não distinguia se eram christãos ou judeus. Essas mudanças só se conheciam por dois symptomas, a aversão mal dissimulada pela religião nacional, um retrahimento de todo o culto publico, o que fazia suppôr um culto secreto de um Deus intangivel, innominado, e uma indolencia, um abandono completo dos deveres e honras civicas inseparaveis da idolatria. Amor ao isolamento, procura de uma vida tranquilla e retirada, aversão

pelos theatros, espectaculos e scenas creis exhibidas pela vida romana, relações fraternaes com os humildes, não tendo nada de militar e que os romanos desprezavam, afastamento dos negocios publicos, tornados uma frivolidade para quem cria na proxima vinda de Christo, habitos meditativos, espirito de desprendimento, eis o que o romano designava com uma só palavra *ignavia*. Segundo as ideias do tempo, a ambição deveria ser parallela ao nascimento e aos recursos da fortuna. O homem de jerarchia elevada que se desprendia da lucta da vida, que temia derramar sangue, que tinha um ar dôce e humanitario, era um preguiçoso aviltado, incapaz de qualquer esforço. Impio e cobarde, taes os dois epithetos que sobre elle cahiam e que n'uma sociedade muito vigorosa ainda deveriam acabar por o perder.

Não fôram só Clemente e Domitilla os unicos que a rajada do reino de Domiciano atirou para o christianismo. Vergavam as almas o terror e a tristeza dos tempos. Muitas pessoas da aristocracia romana ouviam a lição que, no meio da noite escura, mostrava o puro céu de um reino ideal. O mundo era tão tenebroso e tão mau! Nunca tambem a propaganda judaica tinha sido tão activa. É preciso talvez referir a esse tempo a conversão de uma matrona romana, de edade de setenta annos, Veturia Paula, que tomou o nome de Sara e foi mãe das Synagogas do campo de Marte e de Volumnus ainda durante dezeseis annos. Uma grande parte do movimento dos bairros de Roma, onde se agitava uma baixa plebe bem superior em numero á sociedade aristocratica do recinto de Servio Tullio, vinha dos filhos de Israel. Relegados para as bandas da porta Capena, na margem do curso malefico da fonte Egeria, viviam ahi, esmolando, exercendo officios fraudulentos. artes de ciganos, lendo

a *buena-dicha*, levando gorgetas aos visitantes do bosque Egeria, que lhes fôra alugado. Era mais viva que nunca a impressão produzida por essa raça estranha. « Aquelle a quem a sorte deu por pae um observador do sabbado, não contente com adorar o Deus do céu e da terra, nivela a carne humana com a do porco, e tem muita pressa em se libertar do prepucio. Desprezando as leis romanas, estuda e observa com temor o direito judaico que Moisés escreveu n'um volume mysterioso. Ahi aprende a não indicar o caminho senão aos que praticam a sua religião e quando se lhe pergunta onde está a fonte, só lá conduz os circumcisos. A culpa é do pae que adoptou o descanço do setimo dia e prohibiu n'esse dia todos os actos da vida ».

O sabbado, com effeito, apezar do mau humor dos verdadeiros romanos, não se parecia em Roma com os outros dias. Os pequenos mercadores, que aos outros dias atulhavam os mercados, parecia que se haviam sumido debaixo do chão. Essa irregularidade, ainda mais que o seu typo inconfundivel, attrahia a attenção e fazia dos bizarros estrangeiros um motivo de conversação para os ociosos.

Os judeus soffriam, como toda a gente, com o rigor dos tempos. A avidez de Domiciano augmentou excessivamente todos os impostos e principalmente a capitação, chamada *fiscus judaicus*, á qual estavam sujeitos os judeus. Até alli o tributo fôra exigido só aos judeus confessos. Muitos dissimulavam a sua origem e não pagavam. Para acabar com esta tolerancia, serviram-se de constatações odiosas. Suetonio lembrava-se de ter visto, na sua mocidade, um velho com noventa annos ser despido deante de immensa gente para se verificar se elle era circumciso. Estes rigores tiveram como consequencia a pratica da operação do epispasmo; o numero dos *recutiti* foi enorme n'essa data. Esas

investigação levou os romanos a verificarem que havia muita gente praticando o judaismo e que não era circumcisa. O fisco decidiu que essa categoria, *improfessi*, pagaria o tributo como os circumcisos. A vida judaica e não a circumcisão é que passou a ser capitada; e os christãos fôram incluidos no imposto. As queixas que levantou este abuso commoveram os estadistas menos sympathicos aos judeus e aos christãos; chocou os liberaes o attentado contra o corpo do individuo, a distincção entre denominações religiosas feita pelo Estado e fôram supprimidos os abusos nos futuros programmas.

Os vexames infligidos por Domiciano contribuiram para tirar ao christianismo o seu caracter indeciso. Ao lado da orthodoxia severa dos doutores da egreja de Jerusalem e depois de Iabné, tinha havido no judaismo escolas analogas sem se identificarem com elle. Apollos, no seio da egreja, foi um exemplo dos judeus rebuscadores que experimentam muitas seitas sem se fixarem n'uma d'ellas. Josepho, quando escrevia para os Romanos, reduzia o seu judaismo a uma especie de deismo, confessando que a circumcisão e as praticas judaicas eram bôas para os judeus de raça e que o verdadeiro culto é o que cada um escolhe livremente. Foi Flavio Clemente um christão no rigor do termo? Ha motivos para duvidar. Amava a «vida judaica» e seguia os costumes judaicos; eis o que chamou a attenção dos seus contemporaneos. Nada mais aprofundaram e talvez nem o proprio Clemente soubesse a que categoria de judeus pertencia. A luz fez-se pela intervenção do fisco. Levou a circumcisão, n'esse momento, um golpe fatal. A avidez de Domiciano estendeu o imposto dos judeus, *fiscus judaicus*, aos que sem serem judeus de raça, e sem serem circumcisos, seguiam a lei judaica. Então separaram-se as categorias; o judeu puro eviden-

ciado pelas inspecções corporaes e o judeu *improfessus*, que no judaismo só procurava a moral honesta e o culto apurado.

As penas contra a circumcisão dos não judeus deram o mesmo resultado. Não se conhece a data precisa d'esta lei; mas deve ser do tempo dos Flavios. Todo o cidadão romano que se faça circumcisar é castigado com a deportação perpetua e perda dos seus bens. Succede o mesmo ao senhor que permitta tal pratica aos seus escravos; o medico operador é castigado com a morte. O judeu que faça circumcisar os seus escravos não judeus soffre egualmente a morte. Isto conforma-se bem com a politica romana, tolerante com os cultos estranhos, quando não se intromettam com os nacionaes; severa, porém, quando se trata de fazer propaganda. Mas taes medidas fôram decisivas na lucta entre os circumcisos e os *improfessi*. Só estes ultimos é que podiam exercer um proselytismo sério. Pela lei do imperio, a circumcisão não podia sahir do estreito circulo da pequena familia d'Israel.

Agrippa II e provavelmente Berenice deviam ter morrido por este tempo. Foi uma grande perda para a colonia judaica, que estes altos personagens acreditaram junto dos Flavios. Josepho, no meio da lucta ardente, redobrou de actividade. Tinha a facilidade superficial que faz com que o judeu, no meio de uma civilização estranha, se ponha com uma presteza maravilhosa ao facto das ideias do novo meio e veja qual o lado por onde as póde explorar. Domiciano protegia-o, mas não ligou importancia aos seus escriptos. A imperatriz Domitia encheu-o de favores. Era, além d'isso, o cliente de um certo Epaphrodite. personagem notavel e supposto identico ao Epaphrodite de Nero, que Domiciano teve ao seu serviço. Epaphrodite, espirito liberal, curioso e animando os estudos historicos.

interessou-se pelo judaismo. Não sabendo hebreu, nem comprehendendo a versão grega da Biblia, levou Josepho a escrever uma historia do povo hebraico. Josepho acolheu tal ideia com enthusiasmo. Correspondia perfeitamente ás suggestões da sua vaidade litteraria e do seu judaismo liberal. A objecção feita aos judeus pelas pessoas instruidas, imbuidas das bellezas da historia grega e romana, é que elles não tinham historia, que os gregos não tiveram empenho em conhecel-a, que os bons auctores não citavam o seu nome, que nunca tiveram relações com povos civilisados e que no seu passado historico não havia nem Cynégyro nem Scævola. Provar que o povo judaico era um povo antigo, que tinha heroes como os melhores da Grecia e que no decorrer dos seculos mantivera relações com outros, que hellenos cultos tinham fallado d'elle, tal foi o fim attingido n'uma larga composição, dividida em vinte livros pelo protegido de Epaphrodite. A base foi naturalmente a Biblia; Josepho fez-lhe additamentos, sem valor para os tempos antigos, pois que outros documentos não havia senão os que nós possuimos e que nos periodos mais modernos são de primeira ordem, porque preenchem uma grande lacuna na série da historia sagrada.

Josepho junta a esta obra curiosa, á laia de appendice, uma autobiografia ou antes uma apologia da sua conducta. Os seus inimigos da Galileia eram ainda vivos e não lhe davam tréguas nas suas invectivas, apodando-o de traidor. Justo de Tiberiades, escrevendo a historia da catastrophe da sua patria, accusava-o de mentira e tornava a sua attitude odiosa aos olhos de todo o mundo. Deve fazer-se justiça a Josepho que não deu um passo para prejudicar o seu terrivel inimigo, o que lhe seria facil pelas relações que tinha. Josepho defende-se pallidamente contra as accusações de Justo, invo-

cando as approvações officiaes de Tito e de Agrippa. Devemos sentir que um escripto referente á historia da guerra da Judeia, inspirado no ardor revolucionario, se tenha perdido. Parece que as testimunhas da catastrophe tiveram desejos de a contar. Antonio Juliano, um dos subalternos de Tito, escreveu tambem uma narração que serviu de base á historia de Tacito, que se perdeu egualmente.

A fecundidade de Josepho era inexgotavel. Como houvesse duvidas sobre o que affirmava na *Archeologia* e lhe fôsse objectado que, se a nação judaica era tão antiga como elle asseverava, não podiam os escriptores gregos deixar de a referir, compoz uma memoria justificativa, que é o primeiro monumento da apologetica christã e judaica. Já, no seculo II antes de Christo, o peripathetico judeu, Aristobulo, sustentara que os poetas e philosophos gregos haviam conhecido os escriptos hebraicos e plagiado todas as passagens com resaibos monotheistas. Para o provar forjou sem escrupulo trechos inteiros de auctores profanos, Homero, Hesiodo, Lino, que dizia copiados das Escripturas. Josepho encetou a tarefa com mais honradez mas falho de critica. Tinha de refutar sabios como Lysimaco de Alexandria, Apollonio Molon (cem annos antes de Christo) que desfavoravelmente se referiram aos Judeus. Sobretudo urgia destruir a auctoridade do sabio egypcio Apion, que, cincoenta annos antes da epocha que nos occupa, tinha, quer na historia do Egypto, quer n'um tratado distincto, desenvolvido uma grande erudição para contestar a antiguidade da religião judaica. Aos olhos de um egypcio ou de um grego, isto equivalia a roubar-lhe toda a nobreza. Apion tivera relações em Roma com o mundo imperial; Tiberio chamava-lhe «o cymbalo do mundo». Plinio achava melhor chamar-lhe o tam-tam. O seu livro podia ainda ser lido em Roma no tempo dos Flavios.

A sciencia de Apion era a d'um pedante leviano e vaidoso; mas a que Josepho lhe oppõe vale o mesmo. A erudição grega era para elle uma especialidade improvisada, pois que a sua educação primitiva fôra judaica e consagrada á Lei. O seu livro era o de um advogado sem critica; sente-se isso desde a primeira pagina, em que tudo o que luz é oiro. Josepho não fabrica os textos; mas não cuida da sua procedencia; os historiadores falsos, os classicos adulterados da escola judaica de Alexandria, os documentos sem valor do livro «sobre os judeus», que corria sob o nome de Alexandre Polyhistor, são por elle ávidamente acceites; é por Josepho que a litteratura suspeita dos Eupoleme, Cleodeme, falsos Hecateo d'Abdero, Demetrio de Phalero, etc., entra na sciencia e a turva gravemente. Os apologistas e escriptores christãos, Justino, Clemente de Alexandria, Eusebio, Moisés de Khoreno seguiram-n'o no mau caminho. O publico a quem Josepho se dirigia era superficial em erudição e facil de contentar; desapparecera a cultura racional do tempo dos Cesares; baixava rapidamente o espirito humano e servia de pasto a todo o charlatanismo.

Tal fôra a litteratura dos judeus letrados e liberaes, agrupados em torno dos principaes representantes d'uma dynastia liberal na sua origem devorada por um louco furioso. Josepho formava projectos sem conta. Tinha cincoenta e seis annos. Com o seu estylo artificial, recamado de trechos heterogeneos, suppunha-se um grande escriptor; suppunha saber o grego e conhecia-o de ouvido. Pretendia retomar a *Guerra dos judeus*, abrevial-a, fazer uma continuação da *Archeologia* e contar o que succedera aos judeus desde o fim da guerra até ao momento em que elle escrevia. Meditava uma obra philosophica em quatro livros sobre Deus

e a sua essencia, segundo as opiniões judaicas e sobre as leis de Moisés, afim de apresentar as prohibições que ellas faziam e que espantavam os pagãos. A morte não lhe permittiu levar a cabo os seus intentos. É provavel que, se elle tivesse escripto mais alguns livros, elles chegariam, como os outros, até nós. Josepho teve um destino singular como escriptor. Ficou ignorado para a tradição judaica talmudica; mas foi adoptado pelos christãos, como um dos seus e considerado quasi como um escriptor sagrado. Os seus escriptos completam a historia santa, que, reduzida aos documentos biblicos, é uma pagina em branco para certos seculos. Formavam uma especie de commentario aos Evangelhos, cuja série historica se não perceberia sem os dados fornecidos pelo historiador sobre o tempo dos Herodes. Adulavam especialmente uma das theorias favoritas dos christãos e serviram de base á apologetica christã, pela narração do cêrco de Jerusalem.

Uma das ideias a que os christãos mais se aferravam, era que Jesus predissera a ruina da cidade surda á sua voz. E que mais concludente para provar o cumprimento da prophecia, do que a narrativa feita por um judeu, das atrocidades inauditas que acompanharam a destruição do templo? Josepho foi assim uma testimunha fundamental e um supplemento da Biblia. Foi lido e copiado pelos christãos. Fez-se d'elle, por assim dizer, uma edição christã e permittiram-se estas correcções nas passagens que melindravam os copistas. Ha tres passagens que deixaram duvidas ainda não desfeitas pela critica; as que se referem a João Baptista, a Jesus e a Thiago. É possivel que essas passagens, pelo menos a referente a Jesus, sejam interpolações feitas pelos christãos a um livro de que elles se tinham apropriado. Preferimos comtudo suppôr que

nos tres sitios em questão se fallou de Baptista, de Jesus e de Thiago, mas que o trabalho do editor christão, e vá esta designação, se limitou a cortar da passagem sobre Jesus as expressões que poderiam melindrar o leitor orthodoxo.

Quanto ao circulo reduzido dos proselytos aristocratas, de gosto litterario mediocre, para quem foi composto o livro de Josepho, esse deveria sentir-se satisfeito. Disfarçaram-se bem as difficuldades dos velhos textos. A historia judaica tomava o ar de uma historia hellenica, semeada de discursos, segundo os canones da rhetorica profana. Graças ao estendal charlatanesco de erudição, á escolha das citações duvidosas ou levemente falsificadas, havia resposta para tudo. Um racionalismo discreto cobria com um veu as maravilhas demasiado ingenuas dos livros hebraicos ; depois da leitura dos maiores milagres, que cada um acreditasse o que quizesse. Para os não israelitas, nem uma palavra mordente ; logo que se reconheça a nobreza da sua raça, Josepho não tem mais motivos de queixa. Em cada pagina, uma philosophia suave, sympathica a toda a virtude, encarando os preceitos rituaes da Lei como um dever só para os israelitas, proclamando bem alto que qualquer justo tem a qualidade precisa para ser filho de Abrahão. Um simples deismo metaphysico e racionalista, uma moral puramente natural, tal é a substituição da sombria theologia de Jehovah. A Biblia, tornada um livro humano, seria para o transfuga de Jotapata muito mais acceitavel. Puro engano. O seu livro, precioso para os eruditos, não vale aos olhos do artista mais que uma d'essas apagadas Biblias do seculo XVII, em que os velhos textos mais terriveis estão traduzidos n'uma lingua academica e illustrados com vinhetas em estylo rococó.

CAPITULO XIII

O Evangelho de Lucas

Como varias vezes se disse, os escriptos evangelicos, na epocha que referimos, eram immensos. A maioria d'esses evangelhos não tinha os nomes dos apostolos; eram ensaios de segunda mão, baseados na tradição oral, que não pretendiam exgotar. O Evangelho de Matheus era o unico com o privilegio de uma origem apostolica; mas este evangelho era pouco conhecido; escripto pelos judeus da Syria, não chegara ainda a Roma. Foi n'estas condições que um membro culminante da Egreja de Roma deliberou escrever um Evangelho concatenando os textos anteriores e fazendo interpolações, como os seus antecessores originadas quer nas tradições, quer no seu modo de sentir. Esse auctor foi Lucanus ou Lucas, disciplo muito ligado a Paulo na Macedonia e que o seguiu nas viagens e no captiveiro, desempenhando um papel importante nas cartas d'este ultimo. É licito suppôr que, depois da morte

de Paulo, elle ficasse em Roma, e como devia ser novo quando Paulo morreu, (anno 52) não teria mais de sessenta annos na epocha que ora nos occupa. Em taes questões não ha certeza; mas tambem não ha coisa de maior que se opponha ao facto de ser Lucas o auctor do Evangelho a elle attribuido. Lucas não era muito celebre para que o seu nome fôsse explorado para dar auctoridade a um livro, assim como succedeu com os apostolos Matheus e João e mais tarde com Thiago e Pedro, etc.

A data tambem deve ser precisa. Todo o mundo admitte que o livro é posterior ao anno 70; nem elle póde ser muito posterior a esta data. Sem isso a annunciação da proxima apparição do Christo nas nuvens, que o auctor copía sem embicar com documentos mais antigos, seria um contrasenso. O auctor não admitte que o regresso de Christo se faça n'um tempo indeterminado; o fim é dilatado tanto quanto possivel; mas existe claramente a connexão entre a catastrophe da Judeia e a destruição do mundo. O auctor insiste na asserção de Jesus; as gerações coevas não acabarão sem que as prophecias sejam cumpridas. Apezar da extrema latitude da exegese apostolica na interpretação dos sermões do Senhor, não se póde admittir que um redactor tão intelligente como é o do terceiro Evangelho, um redactor que amolda as palavras de Jesus ás necessidades do tempo, transcrevesse uma phrase antinomica com o sentido do dom de prophecia do mestre.

Só por conjectura é que podemos ligar Lucano e o Evangelho á sociedade christã de Roma no tempo dos Flavios. É certo, porém, que o caracter da obra de Lucas corresponde bem a uma tal hypothese. Lucas, como notamos, tem o espirito romano: ama a ordem e a hierarchia; tem um respeito profundo pelos centuriões, pelos funccionarios

romanos e compraz-se por significar que elles não são desfavoraveis ao christianismo. Habilidosamente consegue dizer que Jesus nem foi crucificado nem injuriado pelos romanos. Ha grandes analogias entre Lucas e Clemente Romano. Clemente cita muitas vezes as palavras de Jesus, segundo Lucas ou segundo uma tradição analoga á do Evangelho d'este evangelista. O estylo de Lucas, pelas expressões alatinadas, pelo contorno geral, pelos seus hebraïsmos, lembra o *Pastor* de Hermas. O proprio nome de Lucano é romano, e póde ligar-se por um laço de clientela ou de alforria a qualquer M. Annæus Lucanus, parente do celebre poeta: o que daria mais um traço de união com a familia Annæa com que topamos sempre nos seus passos, quando se revolve o velho pó da Roma christã. Os capitulos XXV e XXVI dos *Actos* levavam a crêr que o auctor manteve, como Josepho, relações com Agrippa II, Berenice e a limitada roda judaica de Roma. Embora não procure diminuir os crimes de Herodes Antipas, ha uma certa benevolencia a seu respeito quanto á sua intervenção na historia evangelica. E não será um processo perfeitamente romano, o da dedicatoria a Theophilo, lembrando a de Josepho a Epaphrodite, e tão extrinseca aos modelos syriacos e da Palestina, no começo do seculo 1.º? De resto, vê-se quanto as situações de Lucas e Josepho são similares. Lucas e Josepho, escrevendo quasi na mesma era, um as origens do christianismo, o outro a revolução judaica, fizeram-n'o com sentimentos analogos, moderação e antipathia contra os partidos exaltados, tom official, com um cuidado extremo nas posições a defender, ainda que com menoscabo da verdade, um mixto de respeito e de terror pela auctoridade romana, cujos rigores são definidos como necessidades imperiosas e das quaes ás vezes se confessam protegidos. É por

isso que crêmos serem proximos um do outro os dois mundos em que ambos viveram e com mais de um ponto de contacto.

Theophilo é bastante desconhecido ; o seu nome póde ser uma méra ficção ou um pseudonymo para designar algum dos adeptos poderosos da Egreja, por exemplo um dos Clementes. Um pequeno prefacio explica nitida e claramente a intenção e a situação do auctor :

«Tendo já muitos ensaiado a redacção da narrativa dos factos passados entre nós, como nol-os transmittiram os que, desde o começo, fôram as testimunhas e os actores, eu achei bem, depois de um exame rigoroso desde as origens, escrever uma narrativa seguida, caro Theophilo, para que tu vejas a solidez das lições que te deram os teus catechisadores»

Não se conclue por este prefacio que Lucas tenha sob os olhos, ao compor o Evangelho, os «numerosos» escriptos, cuja existencia elle authentíca ; mas a leitura do livro não deixa duvidas a este respeito. As coincidencias verbaes do texto de Lucas com o de Marcos e, por consequencia, com o de Matheus, são muito frequentes. Não ha duvida que Lucas tinha á vista um texto de Marcos, que differia pouco do nosso conhecido. Póde-se dizer que o assimilou por completo, excepto a parte VI, 45-VIII, 26, de S. Marcos e a descripção da Paixão, para a qual escolheu a antiga narrativa tradicional. No resto, a coincidencia é litteral e, quando ha variantes, vê-se bem o motivo que determinou Lucas a corrigir, ante o seu publico, o original que tinha entre mãos. Em passagens parallelas dos tres textos não pôz Lucas os detalhes addicionados por Matheus ao evangelho de Marcos. O que Lucas juntou a Matheus está em Marcos ; mas nas passagens que faltam em Marcos houve, para Lucas, um rascunho

differente do de Matheus. Por outras palavras, nas partes communs aos tres Evangelhos, Lucas não offerece um accordo sensivel, nos termos, com Matheus, senão quando este concorda com Marcos. Não apparecem em Lucas certas passagens de Matheus, sem que se atine com o motivo determinante da exclusão. Os sermões de Jesus são em Lucas fragmentarios como em Marcos : não se comprehenderia que Lucas, se tivesse conhecido Matheus, cortasse os longos discursos apresentados por este. Lucas é certo que lembra uma grande quantidade de *logia* que se não lêem em Marcos ; mas estas *logia* não chegaram ao seu conhecimento, no arranjo de Matheus. As lendas da infancia e as genealogias nada têm de commum nos dois evangelhos. Como se exporia Lucas de animo leve a objecções tão evidentes ? Tudo permitte concluir que Lucas não conheceu Matheus ; com effeito, os ensaios de que falla no seu prologo podiam ter nomes dos discipulos dos apostolos ; nenhum d'elles usou o nome de Matheus, porque Lucas distingue nitidamente os apostolos, as testimunhas, os actores da historia evangelica e os auctores da tradição, dos redactores que fizeram correr a essa mesma tradição os seus riscos e perigos e sem titulo especial para isso.

Ao lado do livro de Marcos, Lucas deveria ter na sua mesa outras narrativas do mesmo genero, as quaes elle copiou largamente. O grande trecho de IX, 51, até XVII, 14, por exemplo, foi copiado de outra fonte anterior, porque reina n'elle uma grande confusão ; ora Lucas compõe melhor quando escreve sobre a tradição oral. Um terço do trecho de Lucas não existe nem em Marcos nem em Matheus. Alguns dos Evangelhos perdidos d'onde Lucas copía, têm factos precisos : « Aquelles sobre quem cahiu a torre de Siloé » (XIII, 4) ; « aquelles cujo sangue misturára Pilatos com o dos sacrificios d'elles »

(XIII, 1). Varios d'esses documentos fôram remodelações do Evangelho hebraico, carregado de ebionismo, e tiveram assim analogia com o de Matheus. E como se explicam em Lucas certas passagens de Matheus que se não encontram em Marcos? A maioria das *logia* primitivas estão no Evangelho de Lucas, não sob a fórma dos grandes discursos que se lêem em Matheus, mas cortadas, detalhadas e jungidas a certas circumstancias particulares. Não só Lucas não tinha entre as mãos o Evangelho de Matheus, mas não parece que elle recolhesse qualquer compilação dos sermões de Jesus, ou que já estivesse organisada a grande serie de maximas cuja inserção nós constatamos em Matheus. Se tinha taes collectaneos, desprezou-os. Mas ainda mais; Lucas approxima-se por vezes do Evangelho hebreu, sobretudo quando este é melhor que o de Matheus. Talvez que possuisse uma traducção grega do Evangelho hebraico.

Vê-se, pois, que as posições de Matheus e de Lucas com respeito a Marcos são as mesmas. De um lado e d'outro, Marcos avolumou-se com invenções derivadas do Evangelho hebraico. Para explicar essas multiplas addições, em que Lucas faz causa commum com Matheus na cópia de Marcos, é necessario não esquecer a parte importante da tradição oral. Lucas afundava-se plenamente n'essa tradição; bebia n'ella, pondo-se no mesmo pé dos numerosos auctores de ensaios de historia evangelica existentes antes d'elle. Escrupulisou por ventura em inserir no seu texto narrativas da sua lavra, afim de imprimir á obra de Jesus a direcção que lhe convinha melhor? Não, com certeza. É assim mesmo que se constitue a tradição. A tradição é uma obra collectiva, pois que exprime o espirito geral; mas houve alguem que disse um dia a phrase bella, ou contou a anecdota significativa.

Lucas foi algumas vezes esse alguem. Seccara-se a fonte das *logia* e não acreditamos que ellas se produzissem fóra da Syria. Pelo contrario, a liberdade da *agada* mostra-se por inteiro no direito que Lucas se arroga de modelar, intercalar, transpôr, combinar a seu bel-prazer, para conseguir o arranjo que melhor lhe convem. Nem uma só vez elle disse: « Se a historia é verdadeira como isto, não o é como aquillo ». O material verdadeiro pouco lhe importa; a ideia, o fim dogmatico e moral são tudo. Eu direi mais: o effeito litterario. Talvez o pensamento que o levou a não admittir a collecção das *logia* existentes antes d'elle e a dividil-as, violentamente, se originasse n'um escrupulo do seu delicado gosto protestando contra o agrupamento artificial e massudo. É inexcedivel a habilidade com que Lucas recorta os collectaneos anteriores e cria novas molduras para as *logia* desaggregadas e as apresenta como brilhantes engastados nas primorosas narrativas que as chamam e as sollicitam. A arte do modelador é inegualavel. Este modo de composição leva Lucas, como Matheus e os evangelistas de segunda mão, redigindo artificialmente pelos documentos escriptos anteriormente, a repetições, contradicções, incoherencias, promanadas dos disparatados elementos, que o mais recente redactor tenta fundir n'um todo. Só Marcos, pelo seu caracter primitivo, se exime a este defeito e é essa a melhor prova da sua originalidade.

Em outro ponto insistimos sobre os erros commettidos pelo evangelista e devidos á grande distancia a que se achava dos lugares onde se passaram os factos narrados. A sua exegese repousa sobre a versão dos Septenta, que elle segue nos seus maiores erros. O auctor não é judeu de nascença; escreveu por certo para não judeus; o seu conhecimento da geographia da Palestina e dos costumes dos judeus

é muito incompleto; omitte tudo o que não interesse os não israelitas; as notas são insignificantes para um habitante da Palestina. A genealogia inventada para Jesus suppõe que Lucas escreve para pessoas que não tinham meio facil de verificar um trecho biblico. Attenua o que revela a origem judaica do christianismo e ainda que sejam compassivas as suas phrases para com Jerusalem, a Lei não é para elle mais do que uma remota lembrança.

O espirito que inspirou Lucas é mais facil de determinar do que o que inspirou Marcos e o auctor do Evangelho, segundo Matheus. Estes ultimos evangelistas são neutros e sem partido entre as facções que laceravam a Egreja. Poderiam adoptal-os egualmente os partidarios de Paulo ou os de Thiago. Lucas, pelo contrario, é um discipulo de Paulo, discipulo moderado, tolerante, cheio de respeito por Pedro e por Thiago, mas partidario acerrimo da adopção na egreja dos pagãos, publicanos, peccadores e hereticos de toda a natureza. N'elles se lêem as palavras misericordiosas do bom samaritano, do filho prodigo, da ovelha desgarrada, da drachma perdida, em que a posição do peccador arrependido se eleva sobre a do justo sem macula. N'este ponto estava Lucas bem de accordo com o espirito de Jesus; mas ha, pelo seu lado, preoccupação, opinião antecipada, ideia fixa. A mais audaz das suas concepções foi a da conversão de um dos ladrões na tragedia do Calvario. Na opinião de Marcos e de Matheus, os malfeitores insultaram Jesus. Mas Lucas faz nascer bons sentimentos n'um d'elles: «Nós o merecemos; mas é justo;» ao que Jesus replicou: «hoje serás commigo no paraizo.» Jesus vae mais além; pede pelos seus carrascos: «Porque não sabem o que fazem.» Em Matheus parece que Jesus é pouco amavel para a Samaria e aconselha aos seus discipulos que evitem os Samaritanos,

como pagãos. Em Lucas, pelo contrario, Jesus mantem boas relações com os Samaritanos e a elles se refere com elogio. Na viagem á Samaria surdem em Lucas muitos ensinamentos e narrativas. Em vez de adscrever Jesus á Galileia, como o fazem Marcos e Matheus, Lucas obedeceu a uma tendencia anti-galileia e anti-judaica, tendencia mais visivel ainda no quarto evangelho. O evangelho de Lucas, encarado por outro prisma, é o intermediario entre os dois primeiros evangelhos e o quarto que parece não ter nenhuma connexão com elles.

Ha apenas uma anecdota, uma parabola original de Lucas que não respira o espirito de misericordia e de appello aos peccadores. As unicas palavras de Jesus um pouco duras transforma-as Lucas n'um apologo cheio de indulgencia e longanimidade: Um homem tinha uma figueira na sua vinha e não lhe viu fructo; disse então ao cultivador da vinha: Corta-a pelo pé; mas este retorquiu-lhe: Deixa-a ainda este anno, emquanto eu a escavo em roda e lhe lanço esterco. Lucas é o auctor do evangelho do perdão e do perdão alcançado pela fé. «Haverá mais jubilo no céu, sobre um peccador que fizer penitencia, que sobre noventa e nove justos que não hão mister de penitencia.» «O filho do Homem não veio a perder as almas, mas a salval-as.» Contorciona-se de qualquer maneira para transformar as historias evangelicas em historias de peccadores rehabilitados. Samaritanos, publicanos, centuriões, mulheres perdidas, pagãos por sua culpa, todos os desprezados pelo pharisaismo, constituem a sua melhor clientela. É bem pessoal a ideia de que o christianismo tem perdão para toda a gente. A porta está aberta; a conversão é possivel para todos. Não importa a Lei; substitue-a uma nova devoção, o culto de Jesus. Aqui é o Samaritano quem pratica a boa acção, emquanto passam

indifferentes o padre e o levita; além o publicano sahe justificado do templo pela sua humildade, emquanto o phariseu immaculado, mas orgulhoso, sahe mais culpado. A mulher peccadora é elevada pelo seu amor a Jesus e rehabilita-se ao ponto de lhe dispensar provas especiaes de ternura. O publicano Zacheu transforma-se n'um filho de Abrahão pelo facto de se açodar para vêr a Jesus. O melhor successo das religiões foi o offerecimento de um perdão facil. « O maior culpado, diz Bhagavat, vindo adorar-me e voltando para mim o seu culto, deve ser considerado bom. » Lucas junta a este modo de vêr a condição humilde : « o que é elevação aos olhos dos homens é abominação aos olhos de Deus. » O poderoso será deposto do seu throno e o humilde será elevado ; tal é para elle o resumo da revolução operada por Jesus. Ora o orgulhoso é o judeu basofiando de descender de Abrahão ; o humilde é o gentio que não póde vangloriar-se dos seus antepassados e deve tudo o que é á sua fé em Jesus.

Vê-se a conformidade d'estas vistas com as de Paulo. Seguramente que Paulo não tinha Evangelho no sentido em que empregamos este termo. Paulo não ouvira a Jesus e propositalmente põe grandes reservas nas suas relações com os discipulos immediatos. Vira-os muito pouco e raros dias passára no centro das tradições, em Jerusalem. Mal ouviu fallar das *logia* ; só conheceu fragmentos da tradição evangelica. Vale a pena lembrar que esses fragmentos coincidem com o que se lê em Lucas. A ceia descripta por Paulo é identica, á excepção de pequenos detalhes, á do terceiro evangelho. Lucas evita tudo o que poderia molestar o partido judeo-christão e levantar controversias, que elle intenta abafar ; respeita tanto quanto se póde os apostolos, receiando, porém, quese lhe não con-

signe um lugar muito exclusivo. Esta politica inspirou-lhe uma ideia audaciosa. Além dos Doze, inventou com a sua auctoridade mais setenta discipulos, a quem Jesus dá uma missão, que é nos outros evangelhos rigorosamente commettida aos Doze.

Imita assim um capitulo dos Numeros, em que Deus, para alliviar Moisés de um grande fardo, distribue por setenta anciãos uma parte do espirito de governo até ahi sómente doado a Moisés. Para tornar mais sensivel a partilha e a similitude dos poderes, Lucas divide entre os Doze e os setenta as instrucções apostolicas que, nos collectaneos das *logia*, não fazem senão um sermão dirigido aos Doze. A cifra de setenta ou setenta e dois tinha a vantagem de corresponder ás nações então conhecidas, como o numero doze correspondia ás doze tribus de Israel. Era uma opinião que Deus tivesse dividido a terra entre setenta e duas nações e que a cada uma d'ellas tivesse presidido um anjo. Este numero é mystico; além dos setenta anciãos de Moisés, havia setenta membros do synhedrio, setenta ou setenta e dois traductores gregos da Biblia. O pensamento intimo que dictou a Lucas esta addição tão grave para os textos evangelicos, é pois evidente. É preciso salvar a legitimidade do apostolado de Paulo e parallelisar esse apostolado com o dos Doze, o que era a propria these de Paulo. Os Setenta expulsam os demonios e têm o mesmo poder sobrenatural que os apostolos. Os Doze não preenchem o apostolado, a plenitude do seu poder não aliena a sua extensibilidade a outros. Accrescenta o sabio discipulo de Paulo: «e comtudo o sujeitarem-se-vos os espiritos não é o de que vós vos deveis alegrar; mas sim, deveis alegrar-vos de que os vossos nomes estão escriptos no Céu.» A fé é tudo; ora a fé é um dom de Deus que o concede a quem elle quer.

Debaixo d'este ponto de vista, bem mesquinho é o privilegio dos Abrahamides. Jesus, desprezado pelos seus, encontrou a sua verdadeira familia entre os gentios. Homens de longes terras (os gentios de Paulo) consagraram-n'o como rei, emquanto os compatriotas de quem era o soberano legitimo não o quizeram. Desgraça a elles! «Quanto, porém, áquelles meus inimigos que não quizeram que eu fôsse rei, trazei-m'os aqui: e tirai-lhe a vida em minha presença.» Os judeus imaginam que têm o privilegio de Jesus, porque comeu, bebeu no meio d'elles e ensinou nas suas ruas. Puro engano! Homens do Norte e do Meio-dia sentar-se-hão á mesa de Abrahão, de Isaac e de Jacob, e elles lamentar-se-hão á porta. As vivas impressões das desgraças dos judeus surgem em cada pagina; mas o auctor reputa-as merecidas pelo facto de elles não haverem comprehendido a Jesus nem a missão que o levou a Jerusalem. Na genealogia, Lucas evita a ancestralidade directa de Jesus, dos reis de Judá. De David a Salathiel, a descendencia faz-se pelos ramos collateraes.

Outros signaes mais velados desmascaram intenções favoraveis a Paulo. Não é por acaso que, depois de contar como Pedro foi o primeiro a reconhecer Jesus como o Messias, escreve as celebres palavras: «Tu és Pedro; e sobre esta pedra edificarei a minha egreja.» O episodio da Chananeia, que o auctor leu em Marcos, com certeza, foi riscado por causa das palavras asperas e apezar do desfecho misericordioso. A parabola do joio, que parece inventada contra Paulo, o mau semeador, que seguia atraz dos bons semeadores e transformava a futura ceifa de uma colheita pura n'uma colheita mixta foi egualmente esquecida. Uma passagem que parece uma injuria contra os christãos libertos da Lei contorce-a Lucas de molde a vol-

tar-se contra judeo-christãos. O rigorismo de Paulo sobre o espirito apostolico vae mais longe do que em Matheus ; e o mais grave é que os preceitos para o restricto grupo de missionarios são aqui applicados á universalidade dos fieis. « Se alguem vem a mim e não aborrece a seu pae e mãe e mulher e filhos e irmãos e irmãs e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discipulo. Assim, qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discipulo ». E depois d'estes sacrificios, ainda é preciso dizer : « Somos uns servos inuteis ; fizemos o que deviamos fazer. Entre o apostolo e Jesus não ha differenças ». « O que a vós ouve, a mim ouve ; e o que a vós despreza, a mim despreza ; e quem a mim despreza, despreza o que me enviou ».

Nota-se a mesma exaltação no que se refere á pobreza. Lucas odeia a riqueza e considera um mal a simples ligação á propriedade. Quando Jesus nasceu não havia quarto para elle na estalagem ; nasceu entre sêres dos mais simples, bois e carneiros. Foi pobre toda a sua vida. A economia é um absurdo, porque o rico não leva nada comsigo ; o discipulo de Jesus nada tem com os bens da terra ; deve renunciar a toda a riqueza. O homem feliz é o pobre ; o rico é sempre culpado ; o inferno é a sua partilha. A pobreza de Jesus foi extrema. O reino de Deus será o festim dos pobres : terá lugar uma nova substituição das camadas sociaes, e um advento de novas classes. Nos outros evangelistas os substitutos dos primitivos convidados são creaturas encontradas nos caminhos, os primeiros que se topam ; em Lucas são os pobres, os côxos, os estropiados, os cegos e os grandes desgraçados. No novo reino, vale mais angariar amigos entre os pobres, mesmo á custa de uma iniquidade, do que ser um economo honrado. Não são os ricos que se devem convidar

para jantar; são os pobres, para serdes recompensados no dia da resurreição dos justos; isto no reino dos mil annos. A esmola é o preceito supremo; a esmola purifica as coisas impuras; está acima da lei.

A doutrina de Lucas é *ebionismo* puro; é a glorificação da pobreza. Na opinião dos ebionitas, Satanaz, rei do mundo, é o seu proprietario; distribuiu a riqueza pelos seus vassallos. Jesus é o rei do reino futuro. Partilhar a riqueza do mundo diabolico é excluir-se do outro. Satanaz é o inimigo declarado dos christãos e de Jesus; o mundo, os principes e os ricos, são alliados na obra contra Jesus. A demonologia de Lucas é material e extravagante. A sua thaumaturgia tem algo da crueza materialista de Marcos; atemorisa. Lucas desconhece n'este ponto a tonalidade macia de Matheus.

Um admiravel sentimento popular, uma fina e commovente poesia, o som claro e puro de uma alma argentina, alguma coisa que se evola da terra não consentem que se vejam as manchas, as faltas de logica, as singulares contradicções. O juiz e a viuva impertinente, o filho prodigo, a peccadora perdoada, muitas combinações originaes de Lucas, parecem para os espiritos positivos pouco conformes com a razão escolastica e com uma moralidade tacanha; mas as apparentes fraquezas que semelham os desfallecimentos amaveis do pensamento feminino, são mais um traço de verdade, e lembram o tom commovido, ora expirante, ora anciado, o movimento feminino da palavra de Jesus, animando mais pelo sentimento e pela imagem do que pelo raciocinio. A arte divina apparece sobretudo nas narrativas da infancia e da Paixão. Os episodios deliciosos da creche, dos pastores e do anjo, annunciando aos humildes a grande alegria do céu, descendo á terra junto dos pobres, para entoar o can-

tico de paz entre os homens; depois o velho Simeão, respeitavel personificação do velho Israel, cujo papel é findo, mas que se reputa feliz por ter vivido o seu tempo, porque seus olhos viram a gloria de um povo e a revelação da luz entre as nações; e a viuva de oitenta annos morrendo na beatitude, e os canticos puros e suaves: *Magnificat...*, *Gloria in excelsis...*, *Nunc dimittis...*, *Benedictus Dominus Deus Israel...*, que servirão de base a uma nova liturgia; toda a pastoral exquisita, desenhada n'um contorno leve no frontão do christianismo, tudo isto é bem a obra de Lucas. Nunca se inventou mais suave cantiga para adormecer as dôres da pobre humanidade.

O gosto de Lucas pelas narrativas pias levou-o a criar para João Baptista uma infancia analoga á de Jesus. Isabel e Zacharias, largo tempo estereis, a visão do patriarcha no momento do incenso, a visita das duas mães, o cantico do pae de João Baptista, fôram propyleos ante o portico, imitados do proprio portico e reproduzindo-lhe as linhas principaes. Não se póde negar que Lucas encontrasse nos documentos de que se serviu o germen d'estas lindas narrativas, que fôram uma das origens da arte christã. Com effeito o estylo de Lucas nas *infancias*, cortado, pleno de hebraismos, não se parece nada com o prologo. Esta parte da obra é mais judaica que o resto; João Baptista é de origem sacerdotal; os ritos da purificação e da circumcisão cumprem-se rigorosamente; os parentes de Jesus fazem todos os annos a sua peregrinação; algumas anecdotas são bem do gosto judaico. Um facto notavel: valorisa-se o papel de Maria, nullo em Marcos, á medida que nos afastamos da Judeia e que José perde o papel paternal. A lenda não a dispensa e falla longamente de Maria. Não era crivel que a mulher fecundada pelo Espirito fôsse uma mulher

ordinaria; é ella a garantia de trechos inteiros da historia evangelica; o seu papel na egreja valorisou-se dia a dia.

Muito bellas e pouco historicas são as narrativas, no terceiro Evangelho, da Paixão, morte e resurreição de Jesus. N'esta parte do seu livro Lucas abandonou quasi por completo o exemplar de Marcos e seguiu outros trechos. D'ahi resulta uma narração mais lendaria que a de Matheus. Tudo ahi se exagera. Em Gethsemani, Lucas põe a mais o anjo, o suor de sangue e a cura da orelha cortada. A comparencia ante Herodes Antipas é uma pura invenção. O bello episodio das filhas de Jerusalem, objectivando a desculpar a turba como cumplice na morte de Jesus e a atirar com o odioso para cima dos grandes e dos chefes, a conversão de um dos ladrões, a supplica de Jesus intercedendo pelos carrascos, tirada de Isaias, LIII, 12, são additamentos bem reflexionados. Ao grito sublime de desespero: *Elohi, elohi, lamma sabacthani*, discordante das ideias correntes sobre a divindade de Jesus, substitue elle um trecho mais moderado: «Pae, remetto a minha alma nas tuas mãos». Finalmente a vida de Jesus resuscitado é feita sobre um plano artificial, conforme em parte com o evangelho dos Hebreus, para o qual a vida de além tumulo não durou senão um dia e terminando por uma ascenção que é ignorada totalmente por Marcos e por Matheus.

O evangelho de Lucas é pois um evangelho emendado, completado e internando-se fortemente no caminho da lenda. Como o pseudo-Matheus, Lucas corrige Marcos prevenindo as objecções, desfazendo as contradicções reaes ou apparentes, supprimindo os trechos cortantes, os detalhes vulgares, exagerados ou insignificantes. O que Lucas não comprehende, ou o supprime ou o torneja com arte.

Augmenta-lhe trechos commoventes e delicados. Inventa pouco e modifica muito. São surprehendentes as suas transformações estheticas. É maravilhoso o partido que tira de Martha e de Maria sua irmã; nenhuma penna escreveu linhas mais encantadoras. O arranjo da mulher que «deita perfumes» não é menos fino. O episodio dos discipulos de Emaús é uma narrativa delicada e das mais bellas cambiantes conhecidas.

O evangelho de Lucas é o mais litterario de todos os evangelhos. N'elle se revela um largo espirito, pacifico e prudente, moderado, sobrio e razoavel até para com o irracional. Os seus exageros, inverosimilhanças e inconsequencias, participam da parabola e constituem o seu encanto. Matheus arredondou os contornos duros de Marcos; Lucas fez mais; escreveu com a verdadeira sciencia da composição. O seu livro é uma narração seguida, hebraica e hellenica, juntando á emoção do drama a serenidade do idyllio. Tudo ri, chora e canta; em toda a parte as lagrimas e os canticos; é o hymno do novo povo, o *hosanna* dos pequenos e dos humildes, entrando no reino dos céus. Um espirito de infancia santa, de alegria e de fervor, o sentimento evangelico na originalidade primeira, derramam na lenda um colorido de incomparavel doçura. Ninguem foi menos sectarista. Nem uma palavra má para o povo excluido; não bastaria a sua exclusão? É o mais bello livro que tem apparecido. Nunca se chegou a perceber quanta satisfação deveria ter o auctor em escrevel-o!

O valor historico do terceiro evangelho é menor que o dos dois outros. Um facto notavel, que prova bem que os Evangelhos chamados synopticos são um echo da palavra de Jesus, é a comparação do Evangelho de Lucas com os *Actos dos apostolos*. O auctor é o mesmo em ambos os lados. Ora appro-

ximando os sermões de Jesus nos Evangelhos e dos Apostolos nos *Actos*, é completa a differença ; n'elle ha o encanto do ingenuo abandono ; nos sermões dos *Actos*, especialmente nos ultimos capitulos, apparece uma certa rhetorica, por vezes bastante fria. D'onde vem esta differença ? No segundo caso Lucas faz os sermões, emquanto que no primeiro segue as tradições. As palavras de Jesus escreveram-se antes de Lucas ; as dos apostolos não. Uma inducção notavel tira-se da Ceia na primeira Epistola de S. Paulo aos Corinthios. Este é o texto evangelico mais antigo que se conhece (a primeira epistola aos Corinthios data de 57) ; ora esse texto coincide com o de Lucas. Lucas póde ter valor pessoal, mesmo separado de Marcos e de Matheus.

Lucas marca a ultima balisa de redacção reflectida a que podia chegar a tradição evangelica. Depois d'elle só apparece um evangelho apocrypho, feito por mera amplificação e por supposições *à priori*, sem lançar mão de novos documentos. Veremos mais tarde como os textos no genero de Marcos, de Lucas e do pseudo-Matheus, não bastaram á piedade christã e como surgiu um novo evangelho com a pretensão de os supplantar. A nossa tarefa será esplicar como nenhum dos textos evangelicos póde supplantar os outros e como a egreja christã se expoz, na sua boa fé, ás formidaveis objecções gestadas nas suas diversidades.

CAPITULO XIV

As perseguições de Domiciano

Progrediam as monstruosidades do «Nero calvo». Attingiam a raiva, mas uma raiva sombria e reflexiva. Até então as suas furias haviam sido intermittentes; agora os accessos eram seguidos. A maldade, com qualquer coisa de febril e de colerico, parecendo uma consequencia do clima de Roma, o temor do ridiculo pela nullidade militar e pelos triumphos mentirosos que a si proprio se decretava, accendiam em Domiciano um odio implacavel contra todo o homem honrado e sensato. Dir-se-ia um vampiro encarniçado sobre o cadaver agonisante da humanidade; declarava-se á virtude uma guerra sem tréguas. Era um grande crime escrever-se a biographia de um homem notavel; pretendia-se abolir o espirito humano e calar a voz da consciencia. Andavam apavoradas todas as pessoas illustres; por toda a parte o exilio e a morte violenta. Para honra da especie humana, ella atra-

vessou esta crise sem succumbir. Reconheceu-se o poder da philosophia na grande lucta contra o soffrimento ; houve esposas heroicas, maridos dedicados, genros constantes e escravos fieis. No primeiro plano da opposição virtuosa, surgem as familias de Thrasea e de Barea Sorano. Helvidio Prisco (filho), Aruleno Rustico, Junio Maurico, Senecion, Pomponia Gratilla e Fannia, resistiram sem esperança. Epicteto repetia com voz grave todos os dias : « Soffre e abstem-te. Dôr, não me convencerás que és um mal ! Pódem Anyto e Mellito matarem-me, mas nunca me prejudicarão ».

Honra o christianismo e a philosophia o facto de serem concomitantemente perseguidos, tanto no tempo de Domiciano como no de Nero. Diz Tertulliano que taes monstros condemnaram tudo o que havia de bom. Realisa o cumulo da maldade o governo que não consente á vida o viver, mesmo na sua feição mais resignada. O nome de philosopho implica a ideia de uma profissão com praticas asceticas, um genero de vida particular, um habito. Esta especie de monges seculares, protestando pela renuncia contra as vaidades da terra, fôram, no decorrer do seculo I, os maiores inimigos do cesarismo. A philosophia, seja dito em sua honra, não se bandeia na baixeza humana, nem concorre para as tristes consequencias a que ella arrasta na politica. Os estoicos da epocha romana, herdeiros do espirito liberal da Grecia, visionavam as democracias virtuosas, n'uma epocha propensa ao jugo da tyrannia. Os politicos, cuja norma é restringirem-se aos limites do possivel, antipathisavam fortemente com taes pontos de vista. Já Tiberio aborrecia os philosophos. Nero (em 66) expulsou esses importunos, cuja presença era uma recriminação constante para a sua vida. Vespasiano (em 74) encontrou melhores razões para proceder do mesmo modo.

A sua recente dynastia era minada dia a dia pelo espirito democratico entretido pelo estoicismo ; foi n'uma defeza legitima que se precaveu contra os seus peiores inimigos.

Domiciano, para perseguir os sabios, recorreu á sua maldade. De ha muito que odiava os letrados ; o pensamento era a condemnação tacita dos seus crimes e da sua mediocridade. Não se poude conter nos ultimos tempos. O senado, por um decreto, expulsou de Roma e da Italia os philosophos. Exilaram-se Epicteto, Dion Chrysostomo e Artemidoro. A valorosa Sulpicia teve a coragem precisa para erguer a sua voz a favor dos banidos e de ameaçar Domiciano com predicções propheticas. Plinio, o moço, escapou por milagre ao supplicio, onde o conduziriam a sua distincção e a sua virtude. A composição de *Octavia*, feita por este tempo, vibra de indignação e de desespero :

Urbe est nostra mitior Aulis
Et Taurorum barbara tellus :
Hospitis illic cæde litatur
Numen superum ; civis gaudet
Roma cruore.

Nada surprehende que christãos e judeus soffressem com o terrivel furor. Uma circumstancia tornava a guerra inevitavel ; e fôra ella o facto de Domiciano, como o vesanico Caligula, pretender honras divinas. Enchiam-se de rebanhos os caminhos do Capitolio para serem immolados ante a sua estatua ; o formulario das cartas da sua chancellaria começava assim : *Dominus et Deus noster*. Veja-se o monstruoso prefacio com que encabeça um dos seus volumes um dos melhores espiritos da epocha, Quintiliano, no dia seguinte áquelle em que o imperador o encarregou da educação dos seus

herdeiros adoptivos, filhos de Flavio Clemente: «... E agora seria não estimar a honra das apreciações celestiaes, quedar abaixo da minha tarefa. Que cuidados exigirão os costumes que terão de obter a approvação do mais santo dos censores! Que attenção eu terei de votar aos estudos para corresponder á espectativa de um principe culminante na eloquencia e eminentissimo em todo o resto! Que ninguem se admire porque os poetas invoquem as musas nos começos dos seus poemas e renovem essa invocação nas passagens mais difficeis da sua obra. Que se me releve chamar em meu auxilio todos os deuses e em especial o que se mostra entre todos o mais propicio aos nossos estudos. Que elle insufle em mim o genio para cumprir a missão que elle me confiou; que elle seja sempre commigo; que elle me faça o que pensa que eu sou.»

É este o tom no qual falla o homem «pio» segundo a cambiante da epocha. Domiciano, como todos os soberanos hypocritas, era um conservador rigoroso dos velhos cultos. A palavra *impietas*, especialmente a partir do seu reinado, teve um significado politico e foi synonima de lesa-magestade. A indifferença religiosa e a tyrannia tinham conseguido que o imperador fôsse o unico deus, cuja magestade era temida. Amar o imperador, eis a religião; ser suspeito de opposição ou mesmo de frieza, eis a impiedade. Mas não se pense por isto que o termo perdera o sentido religioso. O amor ao imperador implicava a adopção respeitosa de uma rhetorica sagrada que ninguem podia tomar a sério. Mas quem se não inclinasse respeitoso ante taes absurdos, a verdadeira rotina do Estado, era um revolucionario, e ser revolucionario era ser impio. O imperio realisava uma especie de orthodoxia, uma pedagogia official, como a China. Admittira

tudo o que queria o imperador com uma *lealdade* semelhante á que os inglezes affectam para com o seu soberano e para com a sua Egreja, é o que se chama *religio* e o que dá direito ao titulo de *juris*. O monotheismo judaico e christão devia parecer uma suprema impiedade para um tal estado de linguagem e de espirito. A religião do christão e do judeu visionava um deus supremo, cujo culto era um furto ao deus profano. Adorar a Deus era crear um rival para o imperador; mas peor injuria era adorar deuses dos quaes o imperador não era o patrono legitimo. Os christãos ou os judeus piedosos impunham-se o dever de fazer um signal de protesto ao passar deante dos templos pagãos; pelo menos prohibiam-se de mandar o beijo que os pagãos enviavam, passando, ao edificio sagrado. O christianismo, pelo seu principio cosmopolita e revolucionario, era bem o «inimigo dos deuses, dos imperadores, das leis, dos costumes, e da natureza inteira.» Os melhores imperadores não saberão destrinçar este sophisma e serão perseguidores, quasi inconscientemente. Um espirito tacanho e perverso, como o de Domiciano, deveria sêl-o por pedantismo e com uma certa voluptuosidade.

A politica romana estabelece na legislação religiosa uma differença fundamental. Que o provinciano pratique a sua religião no seu paiz, sem proselytismo, pouco se preoccupa com isso o estadista romano; mas em Italia e especialmente em Roma é caso mais delicado; aos olhos do verdadeiro romano taes praticas de ceremonias estranhas não podem ser vistas com bons olhos e é por isso que de tempos a tempos rusgas policiaes varriam as ignominias assim julgadas por esses aristocratas. As religiões estrangeiras attrahiam as classes baixas; urgia pôr um dique á sua disseminação. Mas o mais grave era que cidadãos romanos e pessoas

gradas abandonassem a religião de Roma pelas superstições orientaes. Isso era um crime contra o Estado. O romano constituia a base do imperio. Romano completo só com a religião romana ; quem passasse para um culto estranho atraiçoava a patria. Nunca um cidadão romano podia ser iniciado no druidismo. Domiciano, que desejava passar por um restaurador do culto dos deuses latinos, não podia perder tão opportuna occasião para dar largas ao seu maior prazer, punir.

Sabemos, com effeito, que tendo um grande numero de personagens illustres abraçado os costumes judaicos (os christãos entravam frequentemente n'esta categoria) fôram julgados como impios e atheus. As denuncias partiram de falsos irmãos em delações analogas ás do tempo de Nero. Uns fôram condemnados á morte, outros exilados e confiscados os seus bens. Houve algumas apostasias. Justamente no anno 95, era consul Flavio Clemente. Nos derradeiros annos do seu consulado, mandou-o Domiciano matar, por levissimas suspeitas originadas em baixas delações. Essas inspirações eram quasi com certeza politicas ; mas o pretexto foi a religião. Clemente talvez mostrasse pouco zelo pelas fórmas pagãs ás quaes se subordinavam todos os actos civis ; talvez que não assistisse a qualquer ceremonia reputada capital. Mais não foi preciso para soffrer a accusação contra si e contra Flavia Domitilla de impiedade. Clemente foi morto. Flavia Domitilla foi desterrada para a ilha Pandataria, onde estiveram exiladas Julia, filha de Augusto, Agrippina, mulher de Germanico e Octavia, mulher de Nero. Este crime custou caro a Domiciano. Domitilla, fôsse qual fôsse o seu grau de iniciação no christianismo, era antes de tudo uma romana. Constituia para ella um dever vingar o marido, salvar os filhos compromettidos pelo capricho de um mons-

tro phantastico. Continuou de Pandataria a manter relações com o numeroso sequito de libertos e escravos que deixara em Roma e que lhe fôram muito dedicados.

Só uma victima das perseguições de Domiciano nos é conhecida pelo seu nome: Flavio Clemente. A má vontade do governo parece ter ferido de preferencia os proselytos romanos conversos ao judaismo ou ao christianismo, de que os judeus e christãos orientaes residentes em Roma. Não ha noticia de algum *presbyteri* ou *episcopus* da Egreja ter sido suppliciado. Tambem parece que nenhum christão foi votado ás féras do amphitheatro, porque quasi todos pertenciam ás classes elevadas da sociedade. Como no tempo de Nero, foi Roma o local preferido para a violencia; houve no emtanto vexames pelas provincias. Alguns christãos entibiaram-se e abandonaram a Egreja, onde haviam encontrado consolo para a alma, mas onde a permanencia custava muito caro. Outros fôram heroicos e caridosos, gastavam os seus bens para sustentar os confessores e deixavam-se agrilhoar para livrar outros captivos reputados mais precisos á Egreja do que elles proprios.

Não foi o anno 95 tão solemne para a Egreja como o anno 64; mas ainda assim teve uma certa importancia. Foi a segunda consagração de Roma. Com trinta e um annos de intervallo, o mais doido e o mais perverso dos homens parece que se harmonisaram para destruir a Egreja de Jesus e só conseguiram fortifical-a, de modo que os apologistas pudessem com razão conclamar: «Todos os monstros nos odiaram; nós somos pois a verdade!»

Foi provavelmente pelos esclarecimentos que Domiciano obteve ácerca do judeo-christianismo que elle veio a saber dos boatos que corriam sobre a existencia dos descendentes da antiga dynastia

de Judá. A imaginação dos agadistas enveredara por este caminho e a attenção que, durante seculos, se não concentrara em tal, prendia-se agora com a evolução da familia de David. Domiciano ensombrou-se com este facto e mandou matar os que lhe fôram designados; mas cêdo lhe disseram que entre os descendentes suppostos da velha raça real de Jerusalem, havia pessoas tão inoffensivas que ficariam fóra do alcance das suas suspeitas. Eram os netos de Judas, irmão de Jesus, vivendo tranquillamente na Betanéa. O precavido imperador ouvira fallar do advento triumphal de Christo, o que muito o preoccupava. Um *evocatus* foi buscar as santas creaturas á Syria; eram dois; levados á presença do imperador, Domiciano perguntou-lhes se elles eram na verdade descendentes de David. Responderam que sim. O imperador quiz saber quaes os seus meios de subsistencia. «Nós ambos temos mil dinheiros, responderam os dois irmãos, e metade é de cada um de nós; mas este valor não o temos em dinheiro; possuimol-o em terras, trinta e nove geiras que grangeamos com o nosso trabalho e das quaes pagamos o tributo respectivo.» Depois mostraram as mãos cheias de callos, e a pelle rugosa, estygmas certos do trabalho. Domiciano inquiriu do Christo, do seu reino, da sua apparição futura, do tempo e do local da apparição. Responderam «que o reino não era d'este mundo, que era um reino celeste e angelical; que só se revelaria no fim dos seculos, quando o Christo em toda a sua gloria julgasse os vivos e os mortos e recompensasse cada um segundo as suas obras.» Domiciano sentiu um profundo desprezo por tal simplicidade e mandou soltar os dois sobrinhos de Jesus. Parece que o idealismo sincero, assim revelado, o tranquillisou inteiramente sobre os perigos politicos do christianimo e mandou cessar as perseguições contra um sonho.

Certos indicios parecem revelar que essa perseguição afrouxou no final da sua vida. Nada ha de positivo a este respeito ; porque outros testimunhos levam a crêr que a situação da Egreja só melhorou com a acclamação de Nerva. No momento em que Clemente escreveu a sua carta, parecia ter diminuido o fogo. Como no dia seguinte ao de uma batalha, contavam-se os mortos ; sentia-se uma grande piedade pelos captivos ; mas ninguem pensava que tudo estivesse acabado, porque se continuava a pedir a Deus que minorasse os designios perversos dos gentios e livrasse o seu povo dos que tão injustamente o odiavam.

A perseguição de Domiciano abrangeu egualmente judeus e christãos. A casa Flavia exaltou até ao cumulo os seus crimes e foi para os dois ramos da casa de Israel a mais horrenda representação da impiedade. É provavel que Josepho fôsse victima dos ultimos furores da dynastia que adulara. Nunca mais se falla d'elle depois de 94. As obras que deveria organisar em 93 não as escreveu. Em 93 já a sua vida corria perigo por causa dos delatores. Escapou duas vezes á desgraça ; os que o accusavam fôram punidos ; mas o habito abominavel de Domiciano era voltar aos julgamentos já pronunciados e, depois de castigar o delator, fazer matar o réu. A furia de assassinatos que Domiciano mostrou em 96 contra tudo o que era mundo judaico ou familia sua, mal deixa entrever que escapasse sem violencias um escriptor que fallára de Tito no tom de um panegyrista (o peor para elle de todos os crimes) e não louvasse o imperador senão passageiramente. A privança de Domitia, que detestava e que resolvera mandar matar, era aggravo sufficiente. Josepho tinha em 96 cincoenta e nove annos. Se vivesse no reinado tolerante de Nerva teria continuado os seus escriptos e expli-

cado algumas passagens obscuras pelo terror do tyranno.

Possuiriamos um monumento dos sombrios mezes de terror, em que os adoradores do verdadeiro Deus sonharam o martyrio, com o discurso «Sobre o imperio da razão» e que tem nos manuscriptos o nome de Josepho? O pensamento é pelo menos da epocha em que nos encontramos. Uma alma forte é senhora do corpo e não se deixa abater pelos mais crueis supplicios. Esta these é comprovada pelos exemplos de Eleazar e da mãe dos Machabeus que, na perseguição de Antiocho Epiphanio, supportou corajosamente a morte com os seus sete filhos, historia essa contada nos capitulos VI e VII do livro segundo dos Machabeus.

Apezar do tom declamatorio e de certos enxertos que trescalam a lições de philosophia, o livro contém bellas doutrinas. Deus confunde-se com a ordem eterna que se manifesta ao homem pela razão; a razão é a lei da vida; consiste o dever na preferencia dada a esta sobre as paixões. Como no segundo livro dos Machabeus, as ideias de recompensa futura são de ordem inteiramente espiritual. Os justos, morrendo pela justiça, vivem em Deus e para Deus. Deus é, para o auctor, o Deus absoluto e o Deus nacional de Israel. O judeu deve morrer pela sua lei, porque a lei é a de seus paes e porque é divina e verdadeira. As carnes prohibidas pela Lei são nocivas ao homem; violar as leis nas mais pequenas coisas é tanta culpa como violal-a nas grandes, porque nos dois casos se desconhece a auctoridade da razão. Tal modo de vêr approxima-se do de Josepho e do dos judeus philosophos. O livro refere-se ao momento culminante dos furores de Domiciano, pela colera contra os tyrannos que transborda em cada pagina, pelas imagens das torturas que obsecam o espirito do auctor. Não é

fóra de verdade que se suppunha ser este livro um consolo para os ultimos dias de Josepho, quando, prestes a morrer suppliciado, procurava com ancia todas as razões que um sabio póde encontrar para não temer a morte.

O livro teve um grande successo entre os christãos ; quasi entrou no canon sob o titulo de « Quarto livro dos Machabeus » ; vem em alguns manuscriptos gregos do Velho Testamento. Menos feliz que o livro de Judith, não conservou ahi o seu lugar ; tirava-lhe a razão de enfileirar ao seu lado o segundo livro dos Machabeus. O que nos interessa é ser elle o primeiro typo de um genero litterario, mais tarde largamente explorado, o das exhortações ao martyrio, onde o auctor valorisa, para excitar ao soffrimento, o exemplo de sêres fracos que se mostraram heroicos, ou ainda melhor o da *Acta martyrum*, peças de rhetorica tendo por fim a edificação, procedendo por amplificações oratorias, sem respeito pela verdade historica e pedindo aos detalhes horripilantes da tortura antiga o fermento de uma voluptuosidade tenebrosa e de novos meios de emotividade.

Apparece um echo indistincto d'estes acontecimentos na tradição judaica. No mez de setembro ou de outubro, quatro anciãos da Judeia, Rabbi Gamaliel, patriarcha do tribunal de Iabné, Rabbi Eleazer ben Azaria, Rabbi Josué, Rabbi Aquiba, mais tarde celeberrimo, dirigem-se a Roma. Descreve-se detalhadamente a viagem ; todas as noites, por causa da estação, arriba-se a um porto ; os rabbinos, no dia da festa dos Tabernaculos, encontram meio de erigir no convez do navio uma cabana revestida de folhagens que o vento dispersa no dia seguinte ; passa-se a jornada a discutir o modo de pagar o dizimo e de substituir o *loulab* n'uma terra onde não ha palmeiras. A cento e vinte

milhas da cidade ouve-se um ruido surdo; é o rumor do capitolio. Todos choram; só Aquiba desata ás gargalhadas. «Como não havemos de chorar, exclamam os rabbinos, vendo felizes e tranquillos os idolatras sacrificando aos falsos deuses, emquanto o sanctuario do nosso Deus foi devorado pelas chammas e serve de abrigo aos animaes bravios? — Pois é isso, replica Aquiba, o que me faz rir. Se Deus concede tantas graças aos que o offendem, que destino espera os que satisfazem a sua vontade e têm o seu reino?»

Foi quando os quatro anciãos estiveram em Roma que o senado decretou que nunca mais haveria judeus no mundo. Um senador, homem pio (Clemente?) revela a Gamaliel o pavoroso segredo. A mulher do senador, ainda mais piedosa (Domitilla?) aconselha-lhe que se suicide sugando um veneno que elle esconde no seu annel, o que salvará os judeus (não se percebe de que maneira). Mais tarde fica-se convencido que o senador era um circumciso, ou segundo a expressão consagrada, «que o navio não largara do porto sem pagar o imposto». Segundo outra narrativa, o Cesar inimigo dos judeus disse aos grandes do seu imperio: «Se se tem uma ulcera no pé, o que se ha de fazer, amputar o pé ou conserval-o, apezar do soffrimento?» Todos votaram pela amputação, menos *Katia ben Schalom*, o qual foi condemnado á morte por ordem do imperador e que disse ao morrer: «Sou um navio que pagou o imposto; posso seguir viagem.»

Não passam estas coisas de imagens vagas, recordações de um hemiplegico. São referidas algumas controversias que houve em Roma entre os quatro doutores da egreja. Pergunta-se-lhes: «Se Deus desapprova a idolatria, porque é que a não destroe? — Mas então tinha Deus que destruir o sol, a lua, as estrellas. — Não; poderia destruir os

idolos inuteis e conservar os uteis. — Mas seria erigir em divindades as coisas que por indispensaveis não fôram destruidas. O mundo segue o seu caminho. A semente roubada germina tão bem como qualquer outra; a mulher impudica não é esteril porque o seu filho é um bastardo». Prégando, um dos quatro viajores emittiu esta ideia: «Deus não é como os reis terrestres, que fazem as leis e não as cumprem. Um *mîn* (judeu christão ?) ouviu estas palavras e ao sahir da sala retorquiu ao doutor: «Mas Deus não guarda o sabbado, porque o mundo não pára ao sabbado. — E não é permittido a qualquer remover no sabbado o que está no seu pateo ? Sim, disse o *mîn*. — Pois então o mundo é o pateo de Deus.»

CAPITULO XV

Clemente romano. Progresso do Prebysterado

As listas mais correctas dos bispos de Roma, forçando um todo nada a significação do termo bispo para tempos tão remotos, põem junto de Anacleto um tal Clemente, que a semelhança do nome e a approximação dos tempos fizeram que muitas vezes se confundisse com Flavio Clemente. Este nome não era raro no mundo judeo-christão. Rigorosamente póde até estabelecer-se uma relação de clientela entre os dois. Mas é preciso pôr completamente de parte não só a imaginação de certos criticos modernos, que não vêem no bispo Clemente senão um personagem ficticio, um desdobramento de Flavio Clemente, mas tambem o erro, contumazmente acceite na tradição ecclesiastica, de que Clemente pertencera á familia Flavia. Clemente Romano não foi sómente um personagem veridico, mas um personagem de primeira ordem, um verdadeiro chefe da Egreja, um bispo, mesmo antes de constituido o episcopado, eu diria um papa, se o termo não fôsse n'esta altura um excessivo ana-

chronismo. A sua auctoridade foi a maior de toda a Italia, da Grecia e da Macedonia, durante os dez ultimos annos do 1.º seculo. Já no limite da edade apostolica, elle foi um verdadeiro apostolo, um epigono da grande geração dos discipulos de Jesus, uma das columnas da Egreja de Roma, que, depois da destruição de Jerusalem, se accentuou cada vez mais como o centro do christianismo.

São todas as razões favoraveis á sua origem judaica. A familiaridade com a Biblia, o contorno estylistico de certas passagens da sua epistola, o abuso do livro de Judith e dos apocryphos, como o da assumpção de Moysés, não eram coisas convenientes para um pagão converso. Mas por outro lado parece pouco hebraïsante. Suppõe-se que nasceria em Roma d'uma das muitas familias judaicas que habitaram a capital do mundo havia mais de uma geração. Pelos seus conhecimentos em cosmographia e historia profana vê-se bem a sua educação esmerada. Admitte-se que mantivesse relações com os apostolos, especialmente com Pedro, sem haver a este respeito provas decisivas. No que não ha duvidas é sobre a alta jerarchia espiritual que occupou na Egreja do seu tempo e a elevada reputação de que gozou. Fazia lei a sua approvação, que foi attributo de todos os partidos pretendendo acobertar-se com a sua auctoridade. Um véu espesso tapa-nos as suas opiniões particulares; a sua epistola é um bello trecho neutral, com que deviam contentar-se egualmente os discipulos de Pedro e de Paulo. É provavel que contribuisse pessoalmente para a grande obra a cumprir-se, a reconciliação posthuma de Pedro e de Paulo; a fusão das duas facções, sem a qual não vingaria a obra de Christo.

A alta importancia de Clemente dependeu sobretudo da vasta litteratura apocrypha, que se lhe attribuiu. Quando, cêrca de 140, houve a pretensão

de reunir n'um corpo de escriptos com caracter ecclesiastico as tradições judeo-christãs ácerca de Pedro e do seu apostolado, foi Clemente escolhido como o auctor presumivel da obra. Quando se quiz codificar os antigos usos ecclesiasticos e fazer passar o collectaneo assim formado para um *corpus* de « constituições apostolicas », foi Clemente ainda o fiador d'este apocrypho. Mais se lhe attribuiram outros escriptos relativos á fundação de um direito canonico. O auctor dos apocryphos tenta valorisar os escriptos que fabrica. O nome que encima as suas composições é o de uma celebridade. Apparece-nos assim a sancção de Clemente como a melhor no seculo II para recommendar um livro. Tambem no *Pastor* do falso Hermes a funcção especial de Clemente é mandar os livros recentemente apparecidos em Roma para as outras Egrejas, obrigando-as a acceital-os. A sua supposta litteratura, ainda que não seja da sua responsabilidade, é uma litteratura de auctoridade, inculcando em cada pagina a jerarchia, a obediencia aos padres e aos bispos. Toda a phrase a elle attribuida é uma lei, uma decretal. Concede-se-lhe pleno direito de fallar á Egreja universal. É o primeiro typo de Papa apresentado pela historia ecclesiastica. A sua alta personalidade engrandecida pela lenda foi, depois da de Pedro, a imagem mais santa da primitiva Roma christã. A sua face veneravel foi para os seculos seguintes a de um legislador affavel e grave, uma prédica contínua de submissão e de respeito.

A perseguição de Domiciano não attingiu Clemente. Apaziguados os rigores, a Egreja romana relacionou-se com as exteriores. Já se começa a sentir a sua primazia. Concede-se-lhe o direito de avisar as outras egrejas e de regular as suas contendas. Segundo era crença, eguaes privilegios tinham sido conferidos a Pedro entre todos os dis-

cipulos. Laceravam a egreja de Corintho graves dissenções. Esta Egreja não mudara depois de S. Paulo. Sempre o mesmo espirito de orgulho, de disputa e de leviandade. A principal opposição contra a jerarchia existia no espirito grego, sempre irrequieto, frivolo, indiscipilinado, não sabendo reduzir a turba a um rebanho submisso de ovelhas. Até as mulheres e as crianças se agitavam n'essa revolta permanente. Doutores transcendentes suppunham possuir um senso profundo sobre todas as coisas, segredos mysticos, analogos á glossolalia e ao discernimento dos espiritos. Os que a si proprios declinavam estes dons sobrenaturaes desprezavam os anciãos e desejavam substituil-os. Corintho tinha um presbyterado respeitavel, mas não visionando altos mysticismos. Os illuminados envidavam o seu esforço para o lançar na sombra e occupar-lhe o lugar; sendo até alguns anciãos demittidos. Iniciava-se a lucta das jerarchias estabelecidas e das revelações pessoaes, lucta que preencherá toda a historia da egreja, porque repugna sempre ás almas de eleição, apezar das honras concedidas, que domine officialmente uma clerezia grosseira e estranha á vida espiritual. Os revoltados de Corintho, como depois os protestantes, faziam uma Egreja á parte, ou distribuiam a Eucharistia fóra dos lugares consagrados. Fôra a eucharistia o grande escolho da egreja de Corintho. A Egreja tinha ricos e pobres; accommodava-se muito difficilmente ao mysterio da egualdade. Finalmente os innovadores, excessivamente orgulhosos da sua grande virtude, exalçavam a castidade até ao repúdio do casamento. Surge a heresia do mysticismo individual, sustentando os direitos do espirito contra a auctoridade, pretendendo elevar-se muito acima do commum dos fieis e da clerezia ordinaria, em nome da sua relacionação directa com a divindade.

Consultada a egreja romana sobre as luctas intestinas, respondeu com um bom senso admiravel. A egreja romana era então a egreja da ordem, da subordinação, da regra. O principio fundamental consistia no criterio que reputava a humildade e a submissão superiores aos dotes mais sublimes. A epistola endereçada á egreja de Corintho era anonyma; mas uma tradição antiquissima quiz que Clemente a escrevesse. Nomearam-se tres anciãos dos mais cotados para serem os portadores da carta, Claudio Ephebo, Valerio Biton e Fortunato, com os plenos poderes da Egreja de Roma para effectuarem a conciliação.

«A Egreja de Deus com séde em Roma á Egreja de Deus com séde em Corintho, aos eleitos santificados pela vontade de Deus Nosso Senhor Jesus Christo, para que a graça e a paz vos sejam concedidas em abundancia pelo Deus todo-poderoso por intermedio de Jesus-Christo.

As desgraças, as catastrophes imprevistas que nos feriram seguidamente, amados irmãos, fôram a causa de tardiamente nos occuparmos das perguntas que vós nos dirigistes, queridos amigos, referentes á impia e execravel revolta, maldita pelos eleitos de Deus, accesa por um restricto numero de personagens insolentes e audaciosos e por elles levada a uma tal extravagancia, que por ella soffreis em menoscabo do vosso nome famoso e tão querido por todos. Quem seria que, vivendo no vosso seio, não reconhecesse a vossa virtude e a firmeza da vossa fé? Quem não admiraria a prudencia e a moderação christã da vossa piedade? Quem não publicaria a franqueza da vossa hospitalidade? Quem não vos acreditaria felizes pela perfeição e consciencia da vossa sabedoria? As suas obras eram perfeitas sem excepção de ninguem; e o vosso caminho seguia conforme com as leis divinas, pela submissão aos nossos dirigentes. Honraveis os vossos anciãos;

e chamaveis a mocidade ao sentimento da honradez e da gravidade e as mulheres ao da castidade e da pureza, amando como devem a seus maridos, na regra da submissão, e cuidando do labor de sua casa com uma grande modestia.

Vivieis no sentimento da humanidade, isentos de fanfarronadas, antes dispostos á submissão propria do que ao intento de dominar a outrem, a dar do que a receber. Satisfeitos com os viaticos de Christo, n'uma applicação rigorosa das suas palavras, guardaveis no vosso coração os seus dictames, tendo presente aos vossos olhos os seus soffrimentos. É por isso que entre vós reinava a doçura de uma inteira paz; pelo vosso desejo insaciavel de praticar o bem e porque a plena effusão do Espirito Santo cahirá sobre vós. Cheios de zelo, bôa vontade e d'uma santa confiança, ergueis as mãos para o Altissimo, pedindo perdão dos peccados involuntarios. Luctaveis dia e noite a favor da communidade, para que o numero dos escolhidos se salvasse á força de piedade e de consciencia. Ereis sinceros e innocentes, sem o menor resentimento das injurias. Causava-vos profundo horror qualquer rebellião, qualquer dissidencia. Lamentaveis as fraquezas do vosso proximo; e crieis que as suas culpas eram as vossas. O vosso ornamento era a vossa conducta virtuosa e respeitavel; e as vossas obras eram praticadas no temor de Deus; suas ordens estavam escriptas nas taboas do vosso coração. Vós ereis a gloria e a abundancia e em vós se cumpriu o que está escripto: «O amado comeu, bebeu e engrossado recalcitrou.» D'ahi vieram o odio e a inveja, as disputas e a sedição, as perseguições e a desordem, a guerra e o captiveiro. Por isso creaturas vís se conspiraram contra os mais importantes; os insensatos contra os prudentes; os rapazes contra os velhos. Por isso fugiram a paz e a justiça, porque nos faltou o temor de Deus, porque se turvou a fé, porque nem todos querem seguir a lei, nem ser governados como mandam as maximas de Jesus Christo, mas ir atraz dos seus ruins desejos, abandonando-se á inveja injusta e impia, por cuja causa a morte entrou no mundo.»

Referindo varios exemplos funestos do Velho Testamento, accrescenta:

«Mas abandonemos os velhos exemplos e fallemos dos athletas que ha pouco combatiam. Comecemos pelos illustres exemplos da nossa geração. Foi pela inveja e pela discordia que os grandes justos, columnas da Egreja, fôram perseguidos e combateram até morrer. Vejamos os Santos Apostolos. Pedro, por exemplo, pela injusta inveja soffreu não uma vez, mas muitas vezes, até que cumprido o seu martyrio, foi para o lugar da eterna gloria. Pela inveja e pela discordia Paulo demonstrou a maxima paciencia, sete vezes preso, desterrado, lapidado; e vendo o arauto da verdade no Oriente e no Occidente, recebeu a nobre recompensa da sua fé, depois de ensinar a justiça ao mundo inteiro, até aos confins do Occidente. Cumprido o seu martyrio ante as potencias da terra, libertou-se do mundo e foi para os lugares santos, dando um formidavel exemplo de resignação. A esses homens se juntaram muitos eleitos, de vida santa, que, pela inveja, soffreram um bello exemplo. Foi pela perseguição da inveja que essas pobres mulheres, Danaides e Dirceas, depois de monstruosas e terriveis indignidades, attingiram a méta na corrida sagrada da fé e receberam o premio da virtude, apezar da fraqueza e debilidade do seu corpo.»

A ordem e a obediencia, eis a lei suprema da familia da egreja:

«É preferivel desagradar a homens imprudentes e insensatos que se elevam e glorificam pela vaidade dos seus discursos do que a Deus ... Respeitemos os nossos superiores, honremos os velhos, instruamos a mocidade no temor de Deus e corrijamos pelo bem as nossas mulheres. Que appareçam os habitos adoraveis da castidade na sua conducta; que exhibam uma docilidade simples e sincera; que o silencio indique o seu imperio sobre a sua lingua; que em lugar de deixar correr o seu sentimento ao sabôr das suas inclinações, testimunhem santamente uma amizade egual a todos os que temem a Deus ...

Olhemos os soldados que servem os nossos soberanos, com que ordem, com que pontualidade, com que submissão executam o que lhes é ordenado. Nem todos elles são prefeitos, nem tribunos, nem centuriões; mas cada qual na fileira

executa as ordens dos superiores e do imperador. Os grandes não pódem viver sem os pequenos, nem os pequenos sem os grandes. No mundo inteiro ha promiscuidade de varios elementos ; é por causa d'essa confusão que tudo se move. Sirvanos de exemplo o nosso corpo. A cabeça sem os pés não é nada ; os pés sem a cabeça de nada servem. Os mais pequenos orgãos são indispensaveis e servem o resto do corpo ; todos conspiram e obedecem a um principio fixo de subordinação pela conservação do todo. Que cada qual se submetta ao seu proximo, na ordem em que o collocou a graça de Deus Christo. Que o forte não despreze o fraco e que o fraco respeite o forte ; que o rico seja generoso para o pobre e que o pobre agradeça a Deus o ter-lhe dado com que satisfazer as suas necessidades. Que o sabio revele a sua sabedoria, não pelas palavras, mas pelas obras; que o humilde se não affirme elle proprio, outros que o digam. Que o que guarda a pureza da carne não o faça em vão, reconhecendo que d'outrem recebeu o dom da continencia.»

Os officios seriam celebrados em lugares e a horas fixas pelos ministros designados, como em Jerusalem. Todo o poder e toda a regra ecclesiastica vem de Deus.

«Os apostolos evangelisaram-nos por ordem de Nosso Senhor Jesus Christo ; e Jesus Christo recebeu a sua missão de Deus. O Christo foi enviado por Deus e os apostolos foram mandados por Christo. Ambas as coisas se fizeram pela vontade de Deus. Com as instrucções do Mestre, convencidos pela resurreição do Senhor Jesus Christo, firmes pela fé na palavra de Deus pela confirmação do Espirito Santo, os apostolos dispersaram-se prégando o advento proximo do reino de Deus. Prégando assim por cidades e nações, escolheram os que tinham as premicias do seu apostolado e, depois de os haverem experimentado pelo Espirito, nomeavam-se *episcopi* e *diaconi* dos que deviam crer. Isto não é novo. De ha muito que a Escriptura se referia a *episcopi* e *diaconi*, pois que diz em qualquer ponto : «Criarei os *episcopi* sobre os alicerces da justiça e os seus *diaconi* nas bases da fé». Os nossos apostolos, esclarecidos por Nosso Senhor Jesus Christo, sabiam per-

feitamente que havia competencias para o titulo de *episcopos*. Esse titulo foi conferido na sua presciencia, áquelles que nós citamos e providenciaram para que depois da sua morte outros homens experimentados retomassem as suas funcções. Os que fôram nomeados pelos apostolos ou em seguida a esses por homens excellentes, com o consentimento de toda a Egreja, e que sem mancha serviram o rebanho de Jesus Christo, humilde, pacifica e honradamente, e de quem todos deram bom testimunho durante largo tempo, não entendemos que sejam apartados dos seus misteres; porque seria uma falta grave expulsar do episcopado quem tão bem ministra as offerendas sagradas. Felizes os velhos que finalisaram a sua vida antes de nós e que morreram na santidade e com proveito! Já não pódem recear que alguem os esbulhe do lugar que lhes foi consignado. E nós vêmos que vós haveis tirado do seu mistér alguns que bem cumpriam sem motivo de censura e até com muita honra. Não é o nosso Deus um só? Um só Christo, o mesmo espirito da graça para todos, a mesma vocação em Christo? Para que lacerar e esquartejar os membros de Christo? Porque guerreiamos o nosso corpo e attingimos um grau de loucura até ao ponto de esquecer que somos os membros uns dos outros? O vosso schisma desnorteou muita gente, desanimou outra, abriu ensanchas á duvida e encheu-nos de afflicção; e apezar de tudo, perserveraes na revolta. Lêde a epistola do bemaventurado Paulo, o apostolo. O que é que elle nos diz no começo do Evangelho? Certamente que o espirito da verdade dictou o que nos ordena ácerca de Cephas, Apollon e de elle mesmo. Desde logo as cabalas appareceram entre nós; mas as cabalas de outr'ora eram inoffensivas comparadas com as de hoje. A nossa preferencia oscillava entre os apostolos auctorisados e um homem que elles tinham approvado. Agora vêde bem, são os que nos desviaram os que ferem a nossa tradição de fraternal caridade, essencia de respeito devido a vós. É vergonhoso, bem amados, e vergonhosissimo e indigno da piedade christã ouvir dizer que a Egreja de Corintho, tão firme e tão antiga, se revoltou contra os anciãos por causa de um ou dois personagens. E o boato não só chegou até nós, mas até aos que não nos vêem com bons olhos; de modo que se blasphema do nome do Senhos por causa da nossa imprudencia, e que surgem perigos por todos os lados... Se um fiel tem capacidade especial

para explicar os segredos da gnose, e o grão de sciencia para discernir os discursos, se é puro em suas acções, que se humilhe tanto quanto maior parece e que procure antes de sua propria a utilidade commum.»

O melhor que os auctores da revolta tinham a fazer era expatriarem-se.

« Ha entre nós alguem generoso, affectivo e caridoso que diga : « Se eu sou a causa de sedição, das questiunculas, do schisma, retiro-me, parto para onde quizerem, obedeço cegamente á maioria. Só peço que o rebanho de Christo esteja em paz com os anciãos consagrados.» O que assim fizer haverá grande quinhão de gloria no Senhor e será recebido com affecto em qualquer parte para onde vá. « Tudo o que vive na terra é do Senhor.» Ahi está o que fizeram e o que farão ainda os que praticam a politica de Deus e do que não terão de arrepender-se.»

Reis e chefes pagãos caminharam para a morte em tempos calamitosos para salvar os seus concidadãos ; outros voluntariamente se exilaram para finalisar com as guerras civis. « Sabemos que alguns dos nossos se entregaram aos ferros do captiveiro para libertar outros.» Judith e Esther sacrificaram-se pelo seu povo. Se os promotores da revolta reconhecem o seu erro, é a Deus e não a nós que elles cederão. É com alegria que se deve acceitar a correcção da Egreja.

« Os que promoveram a sedição que se submettam aos anciãos e recebam o correctivo da penitencia ajoelhando em seu coração. Que aprendam a submetter-se, renunciando á altivez vã e insolente da sua lingua ; porque mais vale ser pequeno e estimado no rebanho de Christo, do que guardar apparencias falsas de superioridade e ser excluido das esperanças de Christo.»

O christão deve ás potencias da terra a mesma submissão havida para com os bispos e os anciãos. No tempo das maiores atrocidades de Nero, ouvimos Pedro e Paulo dizerem que o poder do monstro vinha de Deus. Nos dias em que Domiciano feria com mais crueldade a Egreja e o genero humano, Clemente considera-o egualmente um delegado de Deus. Exprime-se assim n'uma oração a Deus :

«É a ti, senhor supremo, que pelo teu grande e inenarravel poder déste aos nossos soberanos e aos que nos governam na terra o poder da realeza para que, conhecendo a gloria e a honra que tu por elles repartistes, nos submettamos de modo a não ir nunca contra a tua vontade. Dá-lhes, Senhor, a saude, a paz, a concordia, a estabilidade para que governem sem obstaculos com a soberania que lhes foi confiada. Porque és tu, celeste Senhor, rei dos mundos, que déste aos filhos dos homens a gloria, a honra e o poder sobre tudo o que existe á superficie da terra. Dirige, Senhor, a sua vontade na senda do Bem, e como te fôr agradavel, para que, exercendo em paz e com brandura, piedosamente, o poder que tu lhe deste, elles te encontrem sempre propicio.»

Tal é o escripto revelativo da sabedoria pratica de Egreja de Roma, da sua profunda politica, do seu espirito de governação. Pedro e Paulo cada vez mais se reconciliam ; ambos têm razão ; pacificou-se o embate entre a Lei e as obras : a vaga expressão « nossos apostolos », « nossas columnas » véla a lembrança de passadas dissenções. Ainda que admirador sincero de Paulo, o auctor é sensivelmente judeu. Jesus é para elle simplesmente « o filho dilecto de Deus », o sacerdote magno, o principe dos christãos. Em vez de romper com o judaismo, conserva na sua integridade o privilegio de Israel ; só um novo povo se junta a Israel. Ficam de pé todas as prescripções antigas, ainda que desviadas do seu sentido primitivo. Emquanto Paulo destroe, Cle-

mente conserva e transforma. O que pretende acima de tudo é a concordia, a uniformidade, a regra, a ordem na Egreja como na Natureza e no imperio romano. O exercito parece-lhe o verdadeiro modelo da Egreja. A lei do mundo é obedecer cada um no seu lugar. Os pequenos não pódem existir sem os grandes, nem os grandes sem os pequenos ; a vida do corpo é a resultante da acção commum de todos os membros. A obediencia é o resumo, o synonimo da palavra «dever». A desigualdade dos homens, a subordinação de uns aos outros é a lei de Deus.

A historia da jerarchia ecclesiastica é a historia da triplice abdicação, a communidade dos fieis pondo todos os poderes nas mãos dos anciãos ou *presbyteri*, o corpo presbyteral resumindo-se n'um só personagem, o *episcopos ;* mais tarde os *episcopi* da Egreja annullam-se deante de um só que é o papa. Este ultimo progresso, se se lhe quer assim chamar, só se ultimou nos nossos dias. A creação do episcopado é obra do seculo II. A absorpção da egreja pelos *presbyteri* é um facto consummado antes do fim do primeiro. Na epistola de Clemente não é ainda o episcopado que a provoca, mas sim o presbyterado. Não ha ahi vestigios de um *presbyteros* superior aos outros e devendo desthronisar os demais. Mas o auctor proclama altivamente que o presbyterado, o clero, são anteriores ao povo. Os apostolos, creando as Egrejas, escolhem, por inspiração do Espirito, «os bispos e os diaconos dos futuros crentes.» Os poderes emanados dos apostolos transmittiram-se por uma successão regular. Nenhuma egreja tem o direito de destituir os seus anciãos. O privilegio dos ricos é nullo na egreja. Parallelamente os favorecidos pelos dons mysticos, em vez de se julgarem acima da jerarchia, devem ser os mais submissos.

Chegava-se ao problema : quem existe na Egre-

ja? O povo? O clero? O inspirado? A questão estava posta desde o tempo de S. Paulo, que a resolvia pela solução verdadeira, a caridade mutua. A nossa Epistola corta a questão no sentido do mais puro catholicismo. O titulo apostolico é tudo; o direito do povo não é nada. Póde-se affirmar que o catholicismo nasceu em Roma; pois que foi a Egreja romana quem traçou a sua primeira Lei. A precedencia não cabe aos dons espirituaes, á sciencia, á distincção; pertence á jerarchia, ao poder canalisado pela ordenação canonica, ligada aos apostolos por uma cadeia ininterrupta. Previa-se que a Egreja, livre como a concebera Jesus, e como a admittia S. Paulo, era uma utopia anarchica sem proveito para o futuro. Com a liberdade evangelica havia a desordem, mas não se previu que com a jerarchia ter-se-ia no futuro a uniformidade e a morte.

Litterariamente encarada, a epistola de Clemente é frouxa e molle. É o primeiro monumento de estylo prolixo, cheio de superlativos, cheirando a prédica, que se conservou até aos nossos dias nas bullas papaes. É sensivel a imitação de S. Paulo; domina o auctor a reminiscencia das sagradas escripturas. Quasi em todas as linhas ha allusões aos escriptos do Antigo Testamento. Clemente mostra-se preoccupadissimo com a nova biblia prestes a apparecer. A epistola aos hebreus, especie de patrimonio da egreja de Roma, era evidentemente a sua leitura habitual; é preciso pensar outro tanto das epistolas de S. Paulo. As allusões aos textos evangelicos são divididas entre Matheus, Marcos e Lucas; póde-se dizer que elle possuia o mesmo material evangelico que nós hoje temos, sómente distribuido de outra maneira differente. São duvidosas as allusões ás epistolas de Thiago e de Pedro. Mas o mais saliente é o abuso dos apocryphos judaicos,

aos quaes Clemente concede auctoridade egual á dos escriptos do Velho Testamento; Judith, um apocrypho de Ezequiel, a assumpção de Moisés, e talvez a oração de Mannassés, Clemente admittia, como o apostolo Judas, na sua Biblia, todos os productos recentes das paixões ou da imaginativa judaica, bem inferiores á velha litteratura hebraica, mas mais propensas a agradarem pelo tom eloquente a pathetico e pela sua viva piedade.

A epistola de Clemente conseguiu o seu fim. Restabeleceu-se a ordem na egreja de Corintho. Baixaram as altas pretensões dos doutores espirituaes. Era tal a fé dos conventiculos, que foi sempre preferivel soffrer as maiores abjecções do que abandonar a Egreja. Mas a obra ultrapassou em successo os limites da egreja de Corintho. Nunca escripto algum foi mais vezes citado e imitado. Copiam d'elle como se o soubessem de cór e o tivessem assimilado integralmente, Polycarpo ou quem escreveu a epistola do seu nome, o auctor das epistolas apocryphas de Ignacio e o auctor do trecho falsariamente conhecido pela segunda epistola de S. Clemente. A peça litteraria foi lida nas egrejas como um escripto inspirado. Juntou-se aos annexos do canon do Novo Testamento. Encontra-se na série dos livros da nova alliança e como fazendo parte d'elles no mais antigo manuscripto da Biblia *(Codex Alexandrinus)*. A impressão deixada em Roma pelo bispo Clemente foi profunda. Nos mais remotos tempos uma Egreja consagrou o seu nome, sita no valle que separa o Cœlio do Esquilino, n'um local onde a tradição quiz que fôsse a sua casa paterna, e onde outros, por uma hesitação secular, pretenderam recordar a memoria de Flabio Clemente. Vêl-o-hemos mais tarde heroe de um romance publicado em Roma, «os Reconhecimentos», porque seu Pae, sua Mãe, seus Irmãos, chorados como mortos, se encontram

e se reconhecem. Associava-se-lhe uma tal Grapté, desempenhando ao seu lado o cargo de governanta e professora das viuvas e orphãos. Na penumbra onde ficou, envolto e quasi perdido no pó luminoso de um longe historico, cheio de bellezas, Clemente é uma grande figura do christianismo nascente. Só alguns raios illuminam o mysterio que o cerca; lembra uma cabeça santa de um velho fresco apagado de Giotto, apenas perceptivel na aureola d'oiro e nos traços vagos de um brilho suave e puro.

CAPITULO XVI

Fim dos Flavios. — Nerva. — Recrudescencia dos apocalypses

Á perseguição dos christãos e á morte de Flavio Clemente seguiu-se a breve trecho a de Domiciano. Não podemos precisar as relações coexistentes entre estes acontecimentos. Diz Juvenal: « Pôde privar Roma impunemente dos seus espiritos mais illustres, sem que alguem se armasse para os vingar; mas quando se lembrou de apavorar sapateiros, mataram-n'o. E foi isto o que perdeu um homem manchado com o sangue dos Lamia. » É crivel que Domitilla e os familiares de Flavio Clemente entrassem na conspiração. Domitilla poderia ter sido mandada regressar da Pandataria, nos ultimos mezes do governo de Domiciano. Mas a conspiração em roda do monstro era universal. Domiciano sentia o perigo e como todos os egoistas exigia muito da fidelidade alheia. Mandou matar Epaphrodita, que ajudara Nero a suicidar-se, para demonstrar a gravidade do crime commettido pelo liberto que

ousa pôr as mãos no seu senhor, mesmo com as mais puras intenções. A sua mulher Domicia, as pessoas do seu sequito andavam aterrorisadas e resolveram-se a prevenir o raio que as aniquilaria. Juntou-se-lhes Stephano, liberto de Domitilla e seu feitor. Fiado na sua muita robustez, offereceu-se para o ataque corpo a corpo. A 18 de Setembro, Stephano, com o braço envolto n'uma atadura, apresentou-se no palacio para entregar ao imperador um memorial sobre uma pretensa conspiração, descoberta sua. O camarista Parthenio, que era da conspiração, introduziu-o e fechou as portas. Emquanto Domiciano lia attento, Stephano, sacando um punhal da atadura, enterrou-lh'o na virilha. Domiciano gritou ao pagem que tinha a seu cuidado o altar dos Lares que lhe desse a faca que estava na cabeceira do leito e chamou a guarda em seu soccorro. O rapazinho cumpre a ordem, mas encontra sómente o cabo sem a lamina. Parthenio prevenira tudo e interceptara as sahidas. A lucta foi demorada. Domiciano tentara sacar o punhal da ferida e com os dedos quasi cortados arrancou os olhos do regicida, conseguindo dominal-o. Então Parthenio abriu as portas aos outros conjurados, que acabaram com o miseravel. Era tempo; minutos depois acudia a guarda e matava Stephano.

Os soldados, que Domiciano cobrira de vergonha mas cujo soldo elle augmentara, quizeram vingal-o e proclamaram-n'o *Divus*. No senado houve a coragem precisa para evitar esta derradeira ignominia. Mandou picar ou fundir as estatuas do imperador, apagar-lhe o nome nas inscripções e demolir os seus arcos de triumpho. Decidiu mandal-o enterrar como um gladiador; mas a sua ama conseguiu roubar o corpo e juntou clandestinamente as suas cinzas ás dos outros membros da sua familia no templo da *gens Flavia*. Essa casa, levada pelo

acaso das revoluções a estranhos destinos, ficou desde então desacreditada. Fôram votados ao esquecimento os restos das pessoas alli guardadas, embora algumas d'ellas tivessem virtudes e merecimentos. Os aristocratas orgulhosos, honestos e da alta nobreza, que se succederam no throno, só poderiam sentir uma aversão instinctiva pelos restos de uma familia burgueza, cujo ultimo chefe foi com justa razão abominado por elles. Durante todo o seculo II não mais se ouviu fallar de qualquer Flavio. Flavia Domitilla morreu esquecida. Não se soube do destino que tiveram seus dois filhos, destinados por Domiciano a serem imperadores. Por certo indicio póde crêr-se que a posteridade de Domitilla chegou até ao III seculo. A sua casa parece que manteve sempre relações com o christianismo. A sepultura de familia, sita na via Ardeatina, foi uma das mais antigas catacumbas christãs. Distingue-se das outras pelos accessos especiaes, pelo vestibulo de estylisação classica, abrindo em cheio sobre a via publica, pela largura do seu corredor principal, destinado aos sarcophagos e pela elegancia e caracter profano das pinturas decorativas do tecto do corredor. O frontespicio lembra Pompeia, ou melhor ainda a *villa* de Livia *ad gallinas albas*, na via Flaminia. O aspecto é tanto mais christão quanto mais se penetra no hypogeo. É muito possivel que esta linda sepultura recebesse a primeira consagração de Domitilla, cuja *familia* foi na sua maioria christã. No seculo III alargaram-se-lhe os áditos e construiu-se alli uma *schola* collegial, destinada aos ágapes ou festins sagrados.

Não são claras as circumstancias que levaram Nerva ao poder. Com certeza que os conjurados que mataram o tyranno tiveram grande preponderancia n'esta escolha. Não se podia evitar uma reacção contra as abominações do reinado precedente ; mas

tambem os conjurados não quizeram que fôsse intensa essa reacção, porque elles haviam tomado parte activa nos actos principaes do seu reinado. Nerva era um homem excellente, mas reservado, tímido, levando até ao excesso a moderação e o gosto pelos meios brandos. O exercito queria o castigo dos assassinos de Domiciano ; a parte honrada do Senado exigia a punição dos ministros, cumplices dos crimes do governo findo ; atanazado por estas antagonicas exigencias, Nerva foi muitas vezes um fraco. Uma vez á sua mesa juntaram-se o illustre Junio Maurico, que arriscara a sua vida pela liberdade e o ignobil Veiento, um dos maiores facinoras do tempo de Domiciano. Fallou-se por incidente em Catullo Messalino, o mais odiado dos delatores : « Que faria Catullo se ainda vivesse ? perguntou Nerva. Ao que Maurico, exasperado, respondeu : — Jantava comnosco. »

Nerva fez todo o bem possivel sem cortar o mal. Nunca o progresso foi mais sinceramente amado. Presidiu ao governo um notavel espirito de humanidade e uma certa brandura adoçou o rigorismo das leis. O senado recuperou a auctoridade. Os individuos intelligentes suppozeram resolvido o problema da epocha, alliança definitiva entre o principado e a liberdade. Diluiu-se inteiramente a monomania da perseguição religiosa, tão funesta no tempo de Domiciano. No reinado de Nerva, fôram absolvidos os incriminados por esta culpa e repatriaram-se os desterrados. Prohibiu-se a perseguição dos judeus pela pratica dos habitos judaicos ; supprimiram-se os processos por impiedade e puniram-se os delatores. Como dissemos, o *fiscus judaicos* originava muitas injustiças. Eram obrigados a pagal-o pessoas que não o deviam fazer, recorrendo-se a inqueritos vexatorios para lhes verificar a sua qualidade. Fôram adoptadas medidas para evi-

tar o retorno a semelhantes abusos e uma moedagem especial (FISCI IVDAICI CALVMNIA SVBLATA) fixou a memoria d'essas determinações.

Depois da cruel tormenta as familias judaicas gosaram de uma relativa tranquillidade. Já se respirava. Durante alguns annos a Egreja romana foi mais florescente e feliz do que nunca o havia sido. Desenvolveram-se as ideias apocalypticas; cria-se que Deus fixara o tempo do seu regresso á terra logo que attingisse uma cifra determinada o numero dos eleitos; e dia a dia via-se com satisfação augmentar o seu numero. Não se diluira a ideia da nova apparição de Nero. Se vivesse, Nero deveria contar sessenta annos, edade já pesada para o papel que tinha a representar; mas a imaginação não raciocina; Nero, o Anti-Christo, transformava-se n'um personagem ideal, fóra das condições normaes da vida. E' ainda se fallava do seu regresso n'uma epocha em que já era impossivel que elle vivesse.

Os judeus eram agora mais ardentes e mais sombrios do que nunca o fôram. Parece haver sido uma lei da consciencia religiosa d'este povo e emittir em cada uma das grandes crises que laceravam o imperio romano composições allegoricas dando largas ás suas preoccupações sobre o futuro. A situação do anno de 97 semelhava-se bastante á do anno 68. Redobravam os prodigios naturaes. A queda dos Flavios causou quasi tanta impressão como o aniquilamento da casa de Julio. Acreditaram os judeus que a existencia do imperio fôra posta de novo á prova. Precederam as duas quedas loucuras sanguinolentas e seguiram-se-lhes perturbações civis, permittindo duvidar da vitalidade de um estado combalido por tantos embates. Os messianistas deram largas á sua imaginação durante este novo eclipse do poder romano; surdiam as

hypotheses extravagantes sobre o fim do imperio e sobre o fim do mundo.

Appareceu o Apocalypse do reinado de Nerva e sob um pseudonymo, o de Esdras, como era corrente com este genero de litteratura. Começava a celebrisar-se este escriba. Attribuia-se-lhe um papel exagerado na reconstituição dos livros sagrados. O falsificador necessitava de um personagem que tivesse vivido n'uma epocha semelhante, na historia do povo judeu, á do momento historico em que escrevia. Parece que a obra foi primitivamente escripta em grego viciado de hebraismos como o fôra o apocalypse de João. Perdeu-se o original; mas o texto grego teve traducções em latim, syriaco, armenio, ethiopico, arabe, que conservaram o documento precioso e garantiram a sua integral authenticidade. É muito bem escripto, de gosto essencialmente hebraico, composto por um phariseu e provavelmente em Roma. Os christãos leram-n'o avidamente e com pequenissimas alterações fizeram d'elle um livro essencialmente christão e de bastante edificação.

O auctor, debaixo de certos pontos de vista, deve considerar-se o ultimo propheta de Israel. Divide-se a obra em sete visões, simulando um dialogo entre Esdras, que se suppõe exilado na Babylonia, e o anjo Uriel; mas facilmente se enxerga, atraz do personagem biblico, o ardente judeu da epocha flavianna, enraivecido com a destruição do templo por Tito. Como o fumo sahido do abysmo, acossado por um furor santo irrompe na sua alma a recordação dos dias calamitosos do anno 70. Como se afasta este fogoso zelota de Josepho apodando de scelerados os defensores de Jerusalem! Eis um judeu authentico, triste por não ter pertencido ao numero dos que morreram no incendio do templo. No seu criterio, a revolução da Judeia não foi uma

loucura. Os que defenderam Jerusalem até á ultima, esses sicarios sacrificados pela moderação dos tímidos e responsabilisados pelas desgraças da nação, eram santos. Causava inveja a sua sorte! Porque seriam no futuro verdadeiros heroes.

Nunca israelita mais piedoso e compenetrado das desgraças de Sião derramou mais copioso pranto em oração a Jehovah. Rasga-o a duvida profunda, a duvida judaica, devoradora do psalmista «ao vêr a paz dos peccadores.» Israel é o povo eleito, Deus prometteu-lhe a felicidade pela observancia da Lei. Sem cumprir esta condição com todo o seu rigorismo impossivel para as forças humanas, Israel vale muito mais que os outros povos. Mas nunca a Lei foi observada como nos ultimos tempos. Porque é pois Israel tão desgraçado entre os povos, e tanto mais desgraçado quanto mais justo? O auctor vê claramente que não são admissiveis as velhas soluções do problema. Assim uma turbação mortal agonia a sua alma.

«Deus, Senhor universal, diz elle, das florestas da terra e das suas arvores, escolheste uma vinha; um rincão entre todas as regiões da terra; um lirio entre todas as flôres; na massa das aguas uma corrente; entre as cidades edificadas santificaste Sião; das aves consagraste uma pomba e dos animaes creados só quizeste uma ovelha. Só um povo tu adoptaste entre todos os povos da terra e deste-lhe uma lei admirada pelo mundo inteiro. Senhor! como foi que a elle só abandonaste ás mais execrandas profanações; enxertaste na raiz d'eleição outras plantas e dispersaste o teu povo amado por outras nações estranhas? Os que te renegam esmagam sob as plantas dos pés os que te guardam fidelidade. Se odeias o teu povo, assim seja; mas então castiga-o tu pela tua mão e não consintas que o façam estranhos.

Tu disseste que o mundo se creou para nós; e que os outros povos sahidos de Adão eram um escarro vil. E agora, Senhor, as nações que nada valem, dominam-n'os, calcam-n'os aos pés. E nós, o teu povo, teu primogenito, teu filho unico,

nós o objecto do teu ciume estamos submettidos aos outros. Se o mundo foi creado para nós, onde está o que é a nossa parte? Até quando durará isto?

Sião é deserta, Babylonia é feliz. Será justo? Sião peccou muito? Seja assim. Mas Babylonia não é mais innocente. Antes de lá ir, já eu assim pensava; mas, des'que ahi estou, o que vejo? Tantas impiedades que não sei como as toleras, depois de haveres destruido Sião por muito menos. Quem te reconheceu, a não ser Israel? Que tribu acreditou em ti, a não ser a de Jacob? E qual foi a que teve uma menor recompensa? Passando pelas outras nações, eu as vi florescentes e servidas á tua voz. Pesa n'uma balança as suas acções e as nossas. Entre nós haverá poucos fieis; mas entre elles não ha nenhum. Para elles a paz completa, para nós a vida errante do gafanhoto; os dias passados na tortura agonica do terror. Antes não existir do que soffrer o tormento cruciante sem conhecer a nossa culpa.

Ah! porque não morremos no incendio de Sião? Nós não somos melhores que os que lá pereceram.»

O anjo Uriel, dialogando com Esdras, illude tanto quanto é possivel a logica inflexivel do protesto. Como os mysterios de Deus são impenetraveis! Como o espirito do homem é tacanho! Illaqueado de perguntas, o anjo Uriel refugia-se n'uma theoria messianica analoga á dos christãos. O Messias, filho de Deus, mas um simples mortal, da raça de David, está prestes a apparecer por cima de Sião, no esplendor da sua gloria, cercado por aquelles que não morreram, Moisés, Henoch, Elias e o proprio Esdras. Reunirá as dez tribus de *Arzareth*. Ferirá renhidas batalhas contra os maus. Depois da sua victoria, reinará quatrocentos annos sobre a terra entre os seus eleitos. Passado esse tempo, morrerão o Messias e todos os viventes. O mundo volverá ao silencio primitivo n'um lapso de sete dias. Surgirá depois um mundo novo e haverá uma resurreição geral. O Altissimo subirá ao seu throno e terá lugar o juizo final.

Vê-se claramente a linha que segue o messianismo judaico. Em vez do reino eterno, sonhado pelos antigos prophetas para a descendencia de David, desponta a concepção de um reinado messianico perfeitamente limitado. O auctor do Apocalypse christão fixou-lhe o termo em mil annos. Pseudo-Esdras contenta-se com quatrocentos annos. Corriam no judaismo as mais desencontradas opiniões a tal respeito. Pseudo-Baruch não precisa limites, mas affirma que o reino messianico terá a duração da terra mortal. N'este modo de vêr o advento do reino messianico é distincto do juizo final presidido pelo Altissimo e não pelo Messias. Hesitou n'este ponto e por algum tempo a consciencia christã, como o demonstra o Apocalypse de João. Mais tarde a concepção do Messias eterno, inaugurando um reino sem fim e julgando o mundo, tomou a definitiva e constituiu-se a caracteristica essencial e distinctiva do christianismo.

Tal theoria levantou uma questão que já muito preoccupara S. Paulo e os seus discipulos. N'esta concepção é muito differente o destino dos que são coevos do Messias e dos que tenham morrido antes do seu advento. O nosso vidente chegou a propôr uma pergunta bizarra, mas bastante logica. Porque é que Deus não fez viver todos os homens na mesma epocha? Livra-se de embaraços pela hypothese dos depositos provisorios formando as reservas dos santos fallecidos até ao dia do julgamento. N'esse dia grande, abrem-se os depositos de maneira que os contemporaneos da apparição do Messias só terão uma vantagem sobre os outros, é a de gosarem logo o reino dos quatrocentos annos. Isto não é nada comparado com a eternidade; é por esta razão que o auctor se auctorisa a declarar que não ha privilegios nem para os primeiros nem para os segundos porque serão absolutamente eguaes no dia do jul-

gamento. Naturalmente as almas dos justos, quasi que encarceradas, dirão muita vez : « Quanto tempo durará isto ? Quando chegará a hora da ceifa ? » Ao que o anjo Uriel responderá : « Quando se completar o numero dos vossos semelhantes ». Approximam-se esses tempos. Como os flancos da mulher gravida, passados nove mezes, não pódem já reter o fructo, assim os depositos do *scheol*, demasiadamente cheios, apressam-se a restituir as almas que guardavam. A duração maxima do universo dividia-se por doze partes ; dez e meia já passaram. O mundo precipita-se para o seu fim com rapidez vertiginosa. Decahe a olhos vistos a humanidade ; mingua-se a estatura ; como filhos nascidos de paes edosos, a raça humana já não tem o vigor das epochas primitivas. Passou a mocidade dos seculos e o tempo começa a envelhecer.

Vinte vezes encontramos a enumeração dos signaes apparecidos nos ultimos dias. A trombeta soará. Será destruida a ordem na natureza, correrá o sangue das arvores e as pedras fallarão. Apparecerão Henoch e Elias para converterem os homens. Urge morrer ; porque não são nada os males de agora comparados com os que hão-de vir. O mundo será tanto peor quanto mais fôr envelhecendo. Fugirá um dia a verdade da terra ; o bem parecerá exilado.

Para o nosso sombrio pensador a ideia dominante é o reduzido numero de eleitos. As portas da vida eterna semelham a foz angustiada do mar, passagem estreita e escorregadia dando ingresso para uma cidade ; á direita ha um precipicio de fogo ; á esquerda agua sem fundo. Só se póde ahi manter um homem por cada vez. Mas o mar que se lhe segue é immenso e na cidade ha toda a especie de confortos. Existe no mundo mais prata do que ouro, mais cobre do que prata, mais ferro do

que cobre. Os eleitos são o ouro ; as coisas são tanto mais preciosas quanto mais raras. Os eleitos são a joia de Deus, que nada valeria se fôsse vulgar. Deus não se entristece com o numero dos que morrem. Miseraveis ! d'elles só fica fumo, uma indecisa chamma ; arderam, morreram... Que profundas raizes aferravam ao judaismo as doutrinas atrozes de eleitos e predestinados que mais tarde torturariam tantas almas excellentes. Esta pavorosa dureza, apanagio de todas as escolas preoccupadas com a condemnação, revolta algumas vezes o pio sentimento do auctor. Exclama então :

« Oh terra, que fizeste tu dando a vida a tantos sêres condemnados á perdição? Para que temos nós consciencia, se ella serve só para nos torturar ! Chore a humanidade ; rejubilem os animaes ; a sua condição é preferivel á nossa ; não esperam o juizo final ; não temem a condemnação, nada ha mais para elles além da sua morte. Para que serve a vida se o futuro se antolha cheio de torturas ! Antes o nada que a perspectiva do juizo final. »

O Eterno responde que concedeu a intelligencia ao homem para que elle não tivesse desculpas, no dia supremo, com que pudesse replicar-lhe.

O auctor afunda-se cada vez mais em questões bizarras originadas nos dogmas pavorosos. É logo no momento do ultimo suspiro que se é condemnado e torturado ; ou melhor, ha um intervallo durante o qual se repousa até ao julgamento final. Segundo o auctor, já á hora da morte se fixa a sorte de cada um. Os maus, excluidos do deposito das almas, andam erradios, provisoriamente atormentados pelos sete supplicios, entre os quaes os peores são vêr a felicidade gosada no seu asylo pelos justos e assistir aos preparativos dos supplicios que lhes estão reservados. Os justos, sob a custodia dos anjos, disfructam sete alegrias, sendo a mais sensivel vêr

a angustia dos maus e os supplicios que os aguardam. A alma misericordiosa do auctor protesta contra as monstruosidades da propria theologia. «Não poderão ao menos os justos, pergunta Esdras, rezar pelos condemnados, o filho pelo pae, o irmão pelo irmão, o amigo pelo amigo?» A resposta é terrivel. Como na vida da terra o pae não dá procuração ao filho, o filho ao pae, o senhor ao escravo, o amigo ao amigo; para adoecer, para dormir, para comer, para se curar, assim tambem n'esse dia não poderão interceder uns pelos outros; cada um apparecerá com a sua justiça ou com a sua injustiça. Em vão Esdras objecta a Uriel, offerecendo os exemplos de Abrahão e de outros santos que supplicaram pelos seus irmãos. O dia do ultimo julgamento inaugurará um estado definitivo, em que o triumpho da justiça será tal que nem o justo se apiedará do condemnado. É claro que nós estamos com o auctor quando exclama, depois d'estas respostas julgadas divinas:

> Eu disse e repito: «Mais valera que Adão não nascesse n'este mundo. Pelo menos, ao dar-se este acontecimento, Deus deveria ter evitado que se praticasse o mal. Que vantagem tem o homem em vêr passar a sua vida na tristeza e na miseria, para depois da sua morte ainda ir soffrer supplicios e torturas? O' Adão, que enorme foi o teu crime! Ao peccar perdeste-te a ti e a todos nós, que somos teus filhos! Para que nos serve a immortalidade, se as nossas obras são dignas de morte?»

Pseudo-Esdras admitte a liberdade; mas pouca razão tem a liberdade n'um systema que tão alto levanta a predestinação. O mundo foi criado para Israel, todo o resto do genero humano está condemnado.

> «E agora, Senhor, só vos peço clemencia para o vosso

povo; eu não vos peço pelos outros homens, vós bem sabeis o que elles valem, mas pelos vossos herdeiros, motivo perpetuo das minhas lagrimas...»

« Interrogae a terra e ella vos responderá que é ella que deve chorar. Todos os que nasceram ou venham a nascer, sahem da terra; mas correm todos para a sua perdição, e o maior numero morrerá...»

« Não te inquiete a cifra dos que têm que morrer; porque, tendo-lhes sido concedida a liberdade, desobedeceram ao Todo Poderoso, abandonando a lei santa, calcando aos pés os justos e dizendo em seu coração: «Não ha Deus». É por isso que nós temos a bemaventurança e elles soffrerão a sêde e a tortura. Não foi Deus que quiz a perda do homem; mas fôram os homens criados pelas suas mãos que mancharam o nome de quem os fez e manifestaram a sua ingratidão a quem lhes deu a vida.

Destinei para mim um bago do cacho e uma planta em toda a floresta. Morram os que nasceram em vão, desde que se conserve o meu bago d'uva e a planta que eu cultivei com tanto disvelo.»

Uma visão especial destina-se, como em todos os apocalypses, a dar de uma maneira enygmatica a philosophia da historia contemporanea, e assim se póde precisar a data do livro. Uma aguia enorme (a aguia é o symbolo do imperio romano em Daniel) abre as azas sobre a terra que prende nas suas garras. Tem seis pares de azas grandes, quatro pares de remiges, e tres cabeças. As seis azas grandes são seis imperadores. O segundo reina tanto tempo que nenhum dos que lhe succede chega a metade dos annos do seu reinado. A referencia é notoriamente para Augusto; e os seis imperadores são os da casa dos Julios: Cesar, Augusto, Tiberio, Caligula, Claudio e Nero, senhores do Oriente e do Occidente. As quatro remiges são os quatro imperadores, ou anti-cesares, Galba, Othão, Vitellius e Nerva, que na opinião do auctor não deviam ser considerados como verdadeiros imperadores. O rei-

nado dos tres primeiros anti-cesares é revolto ao ponto de se pensar que succumbirá; mas adquire novas forças, não attingindo, porém, o primitivo poder. As tres cabeças (os Flavios) representam o novo imperio resuscitado. As tres cabeças pensam sempre juntas, são grandes innovadoras, excedem a tyrannia dos Julios, levam ao ultimo extremo as impiedades do imperio da aguia (destruição de Jerusalem) e marcam-lhe o fim. A cabeça do centro (Vespasiano) é a maior; todas tres devoram as remiges (Galba, Othão, Vitellio), que aspiravam a reinar. A cabeça do centro morre; as outras duas (Tito e Domiciano) reinam; mas a cabeça da direita devora a da esquerda (allusão á tradição popular ácerca do fratricidio de Domiciano); a cabeça da direita, depois de matar a da esquerda, é por seu turno morta; só morre na sua cama a cabeça do centro, mas depois de torturas crueis (allusão ás fabulas rabbinicas sobre as doenças pelas quaes Vespasiano expiou o crime perpetrado contra a nação judaica).

É agora a vez do ultimo par de remiges, Nerva, o usurpador que succede á cabeça da direita (Domiciano) e está com os Flavios na mesma relação que Galba, Othão e Vitellio para com os Julios. O ultimo reinado é curto e agitado; é um reinado encaminhando-se por determinação divina para o fim dos tempos. Segundo o nosso visionario, ao cabo de poucos instantes desapparece o ultimo anticesar (Nerva); arde o corpo da aguia e enche-se de espanto a terra inteira. Finalisa o mundo profano e o Messias verbera o imperio com recriminações sanguinolentas:

«Tu reinaste no mundo pelo terror e não pela verdade. Esmagaste os homens bons, perseguiste os pacificos, odiaste os justos, amaste os embusteiros, abateste as muralhas dos

que te não fizeram mal nenhum. As tuas violencias subiram ao throno do Eterno e o teu orgulho chegou até ao Todo-Poderoso. O Altissimo consultou a taboa dos tempos e viu que tinha batido a hora do teu castigo. É por isso que vaes desapparecer, ó aguia, com as tuas azas e as tuas remiges e as tuas cabeças e as tuas garras detestaveis e o teu corpo sinistro, para que a terra respire e se reanime, liberta dos tyrannos, e possa esperar na justiça e na piedade d'aquelle que a creou.»

Os romanos serão julgados immediatamente e exterminados n'um prompto. Então respirará o povo judeu e Deus conservará a sua alegria até ao juizo final.

Não é licito duvidar que isto fôsse escripto no reinado de Nerva, reinado que não parecia ter nem solidez, nem futuro, por causa da edade e da fraqueza do imperador, situação dubia que se mantem até á adopção de Trajano (fim de 97). O auctor do Apocalypse de Esdras, como o auctor do Apocalypse de João, imagina que o imperio por elles odiado está prestes a findar. Os auctores das duas revelações, judeus apaixonados, applaudem com antecedencia a ruina dos inimigos. As mesmas esperanças surgiram pelos insuccessos de Trajano na Mesopotamia. Farejando os momentos de fraqueza do imperio, o partido judaico, á menor nuvem obscurecendo o horisonte, batia palmas e soltava gritos de triumpho. As suas almas abrazavam-se na esperança de que um imperio judaico viesse a succeder ao imperio romano, não tendo succumbido ante os massacres horriveis de 70. Talvez que o auctor do Apocalypse de Esdras tivesse combatido na Judeia, no tempo da sua mocidade: porque ás vezes lamenta não ter lá morrido. Sente-se que o fogo se não extinguiu e que lavra no rescaldo. Israel, antes de abdicar de vez, tentará ainda a sorte. Responderão ao grito de enthusiasmo as revoltas

judaicas do tempo de Trajano e de Adriano. Para vencer a nova geração de revolucionarios sahida das cinzas dos heroes de 70 só o exterminio de Bether.

A fortuna do Apocalypse d'Esdras foi tão estranha como o proprio livro. Semelhantemente ao livro de Judith e ao discurso sobre o « Imperio da Razão », desprezaram-n'o os Judeus, por que para elles era sempre um livro estrangeiro, um livro escripto em grego; mas desde a sua apparição foi com ancia adoptado pelos christãos e considerado como fazendo parte do Canon do Velho Testamento e realmente escripto por Esdras. Com certeza foi lido pelo auctor da epistola apocrypha, chamada a segunda de Pedro e pelo da epistola attribuida a S. Bernabé. Parece ser imitado pelo falso Hermas, por causa do plano, da ordem, do arranjo das visões e do contorno do dialogo. Clemente de Alexandria liga-lhe muita importancia. A egreja grega, cada vez mais afastada do judeo-christianismo, abandona-o e perde-lhe o original. Divide-se a Egreja latina. Os doutores eruditos, como S. Jeronymo, reconhecem o caracter apocrypho da composição e rejeitam-n'a com desprezo, emquanto que Santo Ambrosio liga-lhe uma importancia superior á d'outros livros santos e consigna-lhe lugar egual ao das Escripturas reveladas. Copia-o a liturgia. É de lá que Vigilancia traz a ideia da inutilidade das rezas pelos defuntos. Roger Bacon cita-o com respeito. Christovão Colombo encontra n'elle os argumentos para affirmar a existencia de um novo mundo. É o pão espiritual dos enthusiastas do seculo XVI. Considera-o o mais bello dos livros santos a illuminada Antoinette Bourignon.

Realmente poucos livros forneceram tantos elementos á theologia christã, como este livro antichristão. Os limbos, o peccado original, o pequeno

numero dos eleitos, a eternidade das penas do inferno, o supplicio do fogo, a liberdade das preferencias de Deus, encontraram ahi a sua menos suave expressão ; se os terrores da morte augmentaram com o christianismo, a culpa foi dos livros como o Apocalypse do pseudo-Esdras. O Officio sombrio, povoado de sonhos grandiosos, recitado pela egreja nos enterros parece ter-se inspirado nas visões, ou melhor, nos pesadelos do pseudo-Esdras. Tudo o que se relaciona com os mortos foi haurido pelos christãos nas paginas d'esse livro. Os mosaicos bysantinos e as miniaturas representativas das imagens da resurreição ou do juizo final parecem decalcadas na descripção do deposito dos mortos. Deriva d'estas asserções a ideia de que Esdras recompoz as escripturas perdidas. Graças ao livro em questão, o anjo Uriel tem fóros de cidadão na arte christã ; a juncção d'este personagem a Miguel, Gabriel e Raphael deu aos quatro angulos do throno de Deus, e portanto aos quatro pontos cardeaes, os seus respectivos guardas. O concilio de Trento, excluindo este livro tão querido dos Padres antigos, não estorvou a sua reimpressão em seguida ás edições da vulgata, embora com caracter differente.

Para provar a rapidez com que os christãos acolheram a falsa prophecia de Esdras, basta lembrar o emprego que d'ella se faz no pequeno tratado de exegese alexandrina, imitada da Epistola aos hebreus e o qual se subordinou muito remotamente ao nome de Bernabé. O auctor d'este tratado cita o nome de Esdras, ao lado de Daniel, Enoch e dos antigos prophetas. Uma citação d'Esdras commove-o sinceramente : é o lenho d'onde escorre o sangue. Naturalmente vê a imagem da cruz. Todos os factos levam a crêr que o tratado attribuido a Barnabé foi composto, como o Apocalypse d'Esdras,

no reinado de Nerva. Quem o escreveu applica ou melhor altera, adaptando-a á sua epocha, a prophecia de Daniel sobre os dez reinados (Cesar, Augusto, Tiberio, Caligula, Claudio, Nero, Galba, Othon, Vespasiano, Tito), sobre um pequeno «rei» (Nerva) que humilhará os taes (Flavios) reduzidos a um e que o precederam.

A facilidade com que o auctor imagina adoptar a prophecia do falso Esdras é tanto mais singular, quanto poucos doutores christãos exprimem tão energicamente como elle a necessidade de se cortar absolutamente com o judaismo. Nunca os gnosticos disseram nada mais violento a este respeito. O auctor apresenta-se como um ex-judeu, versado no ritual, na agada e nas discussões rabbinicas, mas com uma grande animadversão contra o culto abandonado. A circumcisão parece-lhe um erro dos judeus, um disparate suggerido por algum genio perverso. O templo um contrasenso, o culto n'elle praticado idolatria, repousando na ideia pagã que se póde guardar Deus n'uma casa. O templo, destruido pela culpa dos judeus, nunca mais se reconstruirá; o verdadeiro templo é o que se eleva no coração dos christãos. O judaismo não foi, em geral, senão uma aberração, obra de um anjo mau que obrigou os judeus a transviarem-se das ordens de Deus. O que mais o intimida é que o christão pareça proselyto judeu. Jesus alterou tudo, até o sabbado. O sabbado representava outr'ora o fim do mundo; transferido para o oitavo dia, marca o começo de um mundo novo, pela alegria da sua celebração, inaugurando-se pela resurreição e ascensão de Jesus Christo. Acabaram os sacrificios, acabou a lei; o Antigo Testamento não passou de um symbolo. A cruz de Jesus é a chave de todos os enygmas; o auctor encontra-a por toda a parte servindo-se de excentricas *ghematrioth*. A paixão de

Jesus representa o sacrificio propiciatorio; os outros fôram sómente um pallido reflexo. O gosto do Antigo Egypto e do Egypto judaico pelas allegorias, parece encontrar-se nas explicações, onde nada mais se descobre além do arbitrario. Como os outros leitores de Apocalypses, o auctor pensa que se está nas vesperas de um julgamento. Vão maus os tempos; Satanaz póde tudo nas coisas do mundo; mas vem proximo o dia em que morrerá assim como os seus: «O Senhor está perto com as suas recompensas.»

Justificavam as previsões do pseudo-Esdras e do pretenso Barnabé as scenas de desordem occorridas diariamente no imperio. O reinado do velho impotente, escolhido por todos os partidos concordes em ascendel-o ao throno, parecia uma agonia, nas horas de surpresa, seguindo-se á morte de Domiciano. Mas a sua timidez era antes prudencia. Nerva via que o exercito sentia a morte de Domiciano e supportava com desprazer o dominio civil. Tinham o poder as pessoas honestas; mas o reino dos honrados, não apoiado na força, é um fraco reino. Um accidente terrivel revelou a grandeza do mal. Em 27 de Outubro de 97, os pretorianos, tendo como chefe Casperio Æliano, assediaram o palacio e reclamaram em altos gritos o castigo dos regicidas. O temperamento molle de Nerva não era para scenas violentas. Offereceu-se virtuosamente á morte, mas não pôde evitar o assassinato de Parthenio nem o dos que o tinham acclamado. Como verdadeiro politico, Nerva viu que devia associar a si um joven capitão, possuidor da energia que lhe faltava. Escolheu-o entre os seus parentes; mas amando acima de tudo o bem da nação, procurou o mais digno. O partido liberal tinha um magnifico homem de guerra, Trajano, que commandava as legiões em Colonia, sobre o Rheno. Foi o escolhido por Nerva.

Este acto de virtude politica assegurou a victoria aos liberaes, que ficára sempre duvidosa desde a morte de Domiciano. Encontrara-se a verdadeira lei do cesarismo, a adopção. Refreiava-se a soldadesca. A logica queria que um Septimo Severo, com a sua maxima detestavel: « Contenta o soldado e ri-te do resto », succedesse a Domiciano. Graças a Trajano, addiou-se e retardou-se um seculo a fatalidade historica. Vencera-se o mal não por mil annos, como o cria João, nem por quatrocentos como o phantasiara o pseudo-Esdras, mas por cem, o que já foi bastante.

CAPITULO XVII

Trajano. — Os grandes e os bons imperadores

Depois de tão horriveis acontecimentos, a adopção de Trajano assegurava á humanidade uma epocha de ventura. Salvara-se o imperio. As prédicas rancorosas dos inventores de apocalypses tinham nos factos um desmentido formal. O mundo desejava viver ainda; o imperio, apezar da queda dos Julios e dos Flavios, tinha na sua poderosa organisação militar recursos ignorados pelos superficialissimos provincianos. Trajano, escolhido por Nerva para seu successor, era um homem muito notavel, um verdadeiro romano, senhor de si, frio no commando e com uma attitude grave e digna. O seu genio politico era inferior ao de Augusto ou de Tiberio; mas era-lhes superior pela justiça e pela bondade; e o seu talento militar pouco differia do de Cesar. Não era um philosopho como Marco Aurelio, mas egualava-o em senso pratico e benevolencia. Nunca se desmentiu a sua arreigada fé no

liberalismo; demonstrou por um exemplo excellente que o partido heroicamente optimista, levando-nos a crêr na bondade dos homens emquanto elles não provarem o contrario, se concilia com a firmeza de um soberano. Phenomeno espantoso! O mundo de ideologos e opposicionistas, ascendendo ao poder pela morte de Domiciano, soube governar. Reconciliou-se francamente com as necessidades e produziu o admiravel resultado da excellencia d'uma monarchia feita pelos republicanos conversos. O velho Virginio Rufo, o grande cidadão que sonhara, toda a vida, a republica, envidando todos os seus esforços para o seu restabelecimento depois da morte de Nero, como succedera depois da morte de Caligula, Virginio, illustre por tantos titulos e até por haver recusado o imperio, servia de centro á sociedade escolhida, á qual se aggregára. O partido radical renunciou ás suas chimeras, vendo que o milagre, até ahi impossivel, por felicidade se dera, conciliando-se o principado e a liberdade.

Galba foi o primeiro que anteviu, n'um relance, esta combinação apparentemente contradictoria. Realisaram-n'a Nerva e Trajano. O imperio com elles foi uma republica, ou melhor o imperador foi o primeiro e o unico republicano do imperio. Os homens superiores, lembrados com elogio, na côrte do soberano fôram Thraséa, Helvidio, Senecion, Catão, Bruto, os heroes gregos que expulsaram os tyrannos da sua patria. E é por isto mesmo que, depois de 98, já se não ouvem protestos contra o principado. Os philosophos, a alma do opposicionismo radical, e cuja attitude fôra tão hostil aos Flavios, calam-se como por encanto; não têm motivos de queixa. Existe uma alliança intima entre o novo regimen e a philosophia. Urge lembrar que nunca governou os homens um grupo tão digno. Fôram Plinio, Tacito, Virginio Rufo, Junio Maurico, Gratilla, Fan-

nia, homens cheios de nobreza, mulheres pudicas, todos victimas das perseguições de Domiciano, tendo na alma o luto de algum parente ou amigo sacrificado pela tyrannia odiosa.

Passára a edade dos monstros. A raça superior dos Julios e das familias affins, deram ao mundo o espectaculo mais extravagante de loucura, de grandeza e de perversidade. A partir d'este momento esgotou-se a acidez do sangue romano. Roma suou toda a sua maldade. Toda a aristocracia que levou vida desregrada transforma-se com os tempos n'uma aristocracia ponderada, orthodoxa, puritana. A nobreza romana, a peor que existiu, não tem agora senão requintes extremos de virtude, de delicadeza e de modestia.

Deveu-se em grande parte esta transformação á Grecia. O pedagogo grego conseguira tornar-se acceite pela nobreza romana, graças á paciencia com que lhe supportou o altivo desdem, as grosserias e o desprezo pelas manifestações intellectuaes. Desde Julio Cesar, Sextio pae levara de Athenas para Roma, a orgulhosa disciplina moral do estoicismo, o exame de consciencia, o ascetismo, a frugalidade, o amor da pobreza. Seguindo-se-lhe Sextio filho, Sotion de Alexandria, Attala, Demetrio o cynico, Metronax, Clarano, Faniano, Seneca, dão-nos o modelo de uma philosophia activa e pratica, empregando varios meios, desde a prelecção até á direcção das consciencias, na propaganda da virtude. A nobre lucta dos philosophos contra Nerc e Domiciano, o seu exilio, os seus supplicios, tornaram-n'os credores da estima da mais fina sociedade romana. Engrandece a sua reputação até ao reinado de Marco Aurelio, subindo então á direcção suprema dos negocios publicos. A força de um partido é proporcional ao numero dos martyres. A philosophia tivera os seus. Soffrera, como tudo o

que era nobre, a oppressão dos regimens abominaveis; beneficiou-se com a reacção moral provocada pelo excesso do mal. Germina então uma ideia; o tyranno é inimigo nato do philosopho, o philosopho inimigo nato do tyranno. Os mestres dos Antoninos têm todos esse criterio; o bondoso Marco Aurelio passa a sua mocidade a declamar contra os tyrannos: peja a litteratura do tempo o horror a Nero e aos imperadores a quem Plinio apoda de «brandões incendiarios do genero humano.» Trajano teve sempre as maiores deferencias e as mais delicadas attenções para com os philosophos. Reatam-se intimamente os laços entre a altivez romana e a discipilna grega. Quem se respeita — «sonha viver como um homem, viver como um romano»! Ainda não nascera Marco Aurelio, mas moralmente é como se já fôsse nado: apparecera o dominio espiritual d'onde elle promanará.

Por certo que houve dias mais originaes na philosophia antiga; mas nunca como n'esta epocha ella conseguiu penetrar mais profundamente na vida e na sociedade. Quasi se diluiram as differenças das escolas; abandonaram-se os systemas geraes; estava na moda um «eccletismo superficial» tão agradavel ás pessoas mundanas preoccupadas com bem agir. A philosophia tornava-se oratoria, litteraria, doutrinadora, visando antes o aperfeiçoamento moral do que a satisfação da curiosidade. Serviu de norma a muita gente e de lei para a sua vida exterior. Musonio Rufo e Artemidoro fôram verdadeiros confessores da sua fé e heroes da virtude estoica. Euphrates de Tyro realisou o typo do philosopho mundano; havia um grande encanto na sua pessoa e as suas maneiras tinham uma rara distincção. Dion Chrysostomo inventava uma especie de conferencias quasi sermões, e conquistava brilhantes resultados sem se afastar do tom mais

elevado. O excellente Plutarco escrevia para os vindouros a *Moral em acção* do bom senso, da honestidade, e imaginava uma antiguidade grega, suave e fraternal, pouco semelhante á verdadeira (que foi resplandecente de belleza, de liberdade e de genio), mas mais adequada do que a real ás urgencias da educação. Epicteto possuia as palavras da eternidade e sentava-se ao lado de Jesus, não sobre as montanhas doiradas da Galileia, illuminadas pelo sol do reino de Deus, mas no mundo ideal da virtude perfeita. Sem resurreição, sem o chimerico Thabor, sem o reino de Deus, prégou o sacrificio, a renuncia, a abnegação. Foi o pico de neve que a humanidade contempla com pavor no horisonte ; Jesus teve o papel mais carinhoso de deus entre os homens ; foi-lhe permittido o riso, a alegria e o perdão.

A litteratura grave e digna attesta o immenso progredimento nos costumes da alta sociedade. Já Quintiliano, nos peores dias do reino de Domiciano, traçara o codigo da probidade oratoria, que concorda com os nossos melhores talentos dos seculos XVII e XVIII, Rollin e de Port-Royal ; a probidade litteraria nunca vem só ; só os seculos sérios é que têm uma litteratura séria. Tacito escrevia a historia com o elevado sentimento aristocratico, inspirando-lhe, apezar dos erros de detalhe, a virtuosa cólera, que fez d'elle o perpetuo espectro dos tyrannos. Suetonio, com trabalhos de solida erudição, adestrava-se na tarefa de exacto e imparcial biographo. Plinio, homem de fina educação, humanitario e liberal, caridoso e delicado, funda escolas e bibliothecas publicas, lembrando um francez do seculo XVIII. Juvenal, sincero na declamação e moralisador na pintura do vicio, tem cambiantes adoraveis de humanitarismo e sustenta, atravez das maculas da sua vida, o sentimento da altivez ro-

mana. Parecia a tardia reflorescencia da encantadora cultura intellectual criada pela collaboração do genio grego e do genio italiano. Essa cultura já se encontrava ferida de morte; mas antes de fenecer produzia o ultimo rebento de folhas e de flôres.

Vae emfim o mundo ser governado pela razão. A philosophia terá durante cem annos o direito que se arrogou de fazer os povos felizes. Muitas leis admiraveis que constituem a melhor parte do direito romano, são d'esse tempo. Inicia-se a assistencia publica, sendo as crianças objecto particular dos cuidados do estado. Um verdadeiro sentimento moral anima o governo; e nunca mais, até ao seculo XVIII, tanto se conseguiu para a melhoria do destino da humanidade. O imperador é um deus, seguindo a sua viagem na terra, assignalada por constantes beneficios.

Apezar de tal regimen não differir muito do que actualmente se considera como a essencia de um governo liberal, é impossivel vislumbrar-lhe cousa parecida com as actuaes instituições parlamentares ou representativas; o estado do mundo n'essa epocha não podia comportar nada que se lhe assemelhasse. A opinião corrente dos politicos d'esse tempo dá o poder, como delegação natural, aos homens honrados, sensatos e moderados. Determina essa designação o *fatum*. Logo que elle se dê, o imperador governa o imperio como o carneiro guia o seu rebanho e o touro a sua manada. A linguagem é republicana. Com a melhor boa fé, os excellentes soberanos pensam realisar um estado baseando-se na egualdade natural de todos os cidadãos, uma realeza firmando-se no respeito da liberdade. Liberdade, justiça, respeito da opposição, eis as suas maximas fundamentaes. Mas as palavras, colhidas na historia das republicas gregas, cuja leitura era corrente para os letrados, nada significavam para

a sociedade real do tempo que referimos. Não existia egualdade civica. A lei marcava as differenças entre o rico e o pobre; a aristocracia romana ou italiota conservava todos os seus privilegios; o senado, restabelecido por Nerva, mantinha-se mais reservado do que em tempo algum: o *cursos honorum* era privilegio exclusivo dos nobres. Só as familias aristocraticas romanas é que reconquistaram o predominio exclusivo na politica; e absolutamente mais ninguem.

A victoria d'essas familias foi uma victoria justa; porque nos tempos ominosos de Nero e Domiciano albergaram a virtude e o respeito de si proprias, o instincto razoavel do mando, a boa educação litteraria e philosophica; mas essas familias constituiam um mundo muito reservado. A subida ao throno de Nerva e de Trajano, obra do partido conservador liberal e aristocratico, finalisou dois males, as revoltas da caserna e a importancia dos orientaes, criados e familiares dos imperadores. Não mais os libertos, oriundos do Egypto e da Syria, farão tremer o que havia de melhor em Roma. Os miseraveis, transformados em senhores, pela complacencia de Caligula, Claudio e Nero e que fôram os conselheiros e confidentes dos deboches de Tito antes da sua acclamação são votados ao desprezo. A irritação dos Romanos por causa das honras prestadas a um Herodes Agrippa ou a Tiberio Alexandre não encontra motivo depois da queda dos Flavios. O senado engrandeceu-se outro tanto, mas minorisou-se a acção das provincias; fôram infructiferas todas as tentativas para romper o gêlo do mundo official.

Nada soffreu o hellenismo, porque, ou pela sua ductilidade, ou pela sua suprema distincção, conseguiu ser bem acceite pelo melhor do povo romano; mas outro tanto não succedeu com o judaismo e o

christianismo. Por duas vezes os judeus e os christãos se approximaram da casa real no 1.º seculo e sendo imperadores Nero e os Flavios, conseguindo ter ahi uma notavel influencia. De Nerva até Commodo foi de milhares de leguas o seu afastamento. Além d'isso os judeus já não possuem uma nobreza; os mundanos, como os herodiadas, os Tiberio Alexandre, tinham fallecido; agora o israelita é um fanatico separado do mundo por um abysmo de desprezo. Para os espiritos esclarecidos da epocha o mosaïsmo não passa de uma amalgama de impurezas, inepcias e absurdos. Os judeus revelam-se como supersticiosos, sem religião, atheus e votados ás crenças mais grosseiras. O seu culto parece um mundo ás avessas, um desafio á razão, um empenho decidido em contrariar totalmente os costumes dos outros povos. Acepilhada de ridiculo, a sua historia é o thema de um gracejo constante e considerada como uma variação do culto bacchico. «Foi inutil, dizia-se, o esforço de Antiocho para melhorar esta raça detestavel.» Uma accusação mortal era a do judeu odiar tudo o que lhe não dissesse respeito, porque se estatuía sobre motivos especiaes tendentes a desnortear a opinião. Mas mais perigosa se accentuava a ideia de que o proselyto do mosaïsmo tinha por iniciação o desprezo dos deuses, o abandono do patriotismo, a renuncia dos paes, dos filhos, dos irmãos. A sua caridade, segundo a versão corrente, não passava de uma fórma de egoismo; a sua moralidade uma apparencia; entre os judeus tudo era permittido.

Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurelio mantiveram para com o christianismo e o judaismo um altivo desdem. Não os conhecem, nem pensam estudal-os. Tacito, escrevendo para o grande mundo, falla dos judeus como de uma raridade exotica, desconhecida pelos seus leitores e cujos erros são

surprehendentes. A confiança exclusiva na disciplina romana tornava esses espiritos elevados refractarios a uma doutrina extravagante e absurda. A historia tem por dever respeitar os politicos honrados e corajosos que limparam a lama com que o ultimo Julio e o ultimo Flavio haviam conspurcado o mundo, embora tivessem imperfeições consequentes com as suas qualidades. Fôram aristocratas, homens de tradição, de preconceitos, uma especie de torys inglezes, haurindo a sua força nos proprios preconceitos. Sobretudo sentiam-se profundamente romanos. Convictos de que quem não fôsse rico ou de nobre estirpe, não poderia ser honrado, não eram capazes de sentir o pendor dos Flavios, burguezes de nascimento, para as doutrinas estranhas. O seu sequito, a sociedade que sobe ao poder, Tacito, Plinio desprezam analogamente as barbaras theorias. Cava-se durante todo o seculo II um fosso entre o mundo official e o christianismo. Os quatro imperadores, bondosos e grandes, são-lhe abertamente hostís; só sob Commodo torna a haver «christãos da casa de Cesar», como nos tempos de Claudio, Nero e Flavio. Os defeitos dos virtuosos imperadores são os de todos os romanos, um excesso de confiança na tradição latina, uma obstinação pertinaz em não admittir honradez fóra de Roma, e muito orgulho e dureza para com os pequenos, os pobres, os estrangeiros, os Syrios e todos aquelles a quem Augusto appellidava desdenhosamente de «Gregos» e a quem tolerava adulações prohibidas aos Italiotas. Os desprezados terão a sua reivindicta mostrando-se capazes da virtude e susceptiveis de nobreza.

Nunca as republicas da antiguidade puzeram a questão da liberdade no pé em que ella se encontra. A cidade antiga, desdobramento da familia, não podia ter outra religião que não fôsse a da propria

cidade; essa religião fôra a dos mythicos fundadores, a do proprio espirito da cidade. Ficava-se excluido dos privilegios citadinos não a praticando. Havia uma grande logica na sua intolerancia; mas se Alexandre não fôra razoavel, muito menos o foi Antiocho Epiphanio, perseguindo em nome de um culto particular, porque os seus Estados, havidos pela conquista, continham differentes cidades, cuja existencia politica se supprimira. Cesar comprehendeu a situação ás mil maravilhas. Mais tarde avolumou-se novamente a ideia restricta da cidade romana, dubiamente no 1.º seculo, de um modo definitivo durante todo o 2.º. Já no tempo de Tiberio, Valerio Maximo, auctor de livros mediocres, prégou a religião com um espantoso convencimento. Domiciano deu uma grande protecção ao culto latino, tentando a união do throno e do altar. Isto passava-se como actualmente; muitas pessoas pouco crentes seguem o catholicismo por supporem que elle é a religião da França. Marcial e Stacio, gazetilheiros da chronica escandalosa do tempo, sentindo no intimo saudades dos tempos de Nero, tornam-se graves, religiosos e applaudem a censura dos costumes prégando o respeito pela auctoridade. As crises sociaes e politicas provocam quasi sempre reacções d'esta ordem. Uma sociedade em perigo agarra-se a tudo o que encontra. Entra nos eixos um povo ameaçado; e na persuasão que todo o pensamento leva ao mal, intimida-se e suffoca até o proprio respirar pelo receio de que qualquer movimento estale o edificio onde se abriga.

Trajano e os seus successores não pensaram em renovar a hypocrisia velhaca do tempo de Domiciano. No emtanto estes principes fôram muito conservadores em materia religiosa. A unica salvação possivel só se encontrava no antigo espirito romano. Marco Aurelio, embora muito philosopho,

não se libertou das superstições. Foi um rigido observador da religião official. Não havia na confraria dos sallicos irmão mais cumpridor. Pretendia semelhar-se a Numa de quem se dizia descendente e cumpria com rigor as leis que prohibiam as religiões estrangeiras. Devoções da vespera da morte! No dia em que ellas se transviam é que se accentua o aferro a essas recordações. Quanto se prejudicou a casa de Bourbon por pensar demais em S. Luiz e querer entroncar em Clovis e Carlos Magno!

Ligou-se com a preferencia ao culto nacional nos imperadores do seculo 2.º o receio das heterias, *cœtus illiciti*, ou associações capazes de se transformarem em facções nas cidades. Tornava-se suspeito um simples corpo de bombeiros. Inquietava-se a auctoridade com um grande agglomerado de povo n'uma festa de familia. Trajano determina que se limitem os convites e que elles sejam pessoaes e intransmissiveis. As proprias sociedades *ad sustinendam tenuiorum inopiam* são toleradas sómente nas cidades que possuam cartas especiaes para esse fim. Seria espantoso que taes medidas fôssem imprescindiveis a homens superiores se não tivessem uma certa justificação. Mas o espirito administrativo do seculo 2.º attingiu o seu fastigio. Teria sido melhor ao Estado, em vez de praticar a beneficencia publica, deixal-a á iniciativa das associações livres. Tendiam a apparecer em toda a parte essas associações e o Estado foi-lhes adverso, com severidade e injustiça. Queria tranquillidade a todo o custo: mas ella é impossivel se assenta na suppressão dos esforços particulares e até prejudicial a uma sociedade cujas agitações se pretendem obviar pelo sacrificio da liberdade.

Eis a causa do mal estar do christianismo, embora pareça singular este phenomeno, devido á prudente administração dos grandes imperadores

do 2.º seculo, bem mais funesta que os loucos furores dos scelerados do seculo 1.º. As violencias de Nero e de Domiciano duraram, apenas, semanas, mezes ; fôram actos brutaes, passageiros, e vexames originados n'uma politica phantastica e sombria. No intervallo que decorre desde a apparição do christianismo até á acclamação de Trajano, nunca se invoca uma lei contra os christãos considerando-os delinquentes. Já existia parcialmente a legislação sobre os collegios illicitos ; mas nunca se applicou, como mais tarde, com tanto rigor. Contrariamente, o regimen legalista, mas excessivamente governamental, como se diria hoje, dos Trajanos e Antoninos, opprimirá bem mais os christãos que a feroz maldade dos tyrannos. Os grandes conservadores das tradições romanas verão, com fundamento, um perigo grave para o imperio na fé inabalavel no reino de Deus, o inverso da sociedade existente. Apavora-os o elemento theocrata, essencial do judaismo e do christianismo. Entrevêm vagamente o que será nitido para Decio, Aureliano e Diocleciano, os restauradores do imperio em desmoronamento no seculo 3.º, isto é, a escolha entre o imperio e a Egreja ; porque a plena liberdade d'esta é o fim do imperio. Luctam por dever ; consentem na applicação de uma pena severa que é a garantia da existencia da sociedade do seu tempo. Pronunciava-se mais o afastamento do christianismo do que no tempo de Nero ou dos Flavios. Os politicos acautelavam-se presentindo o perigo. Robustecia-se o estoicismo ; o mundo era das almas ternas, plenas de sentimentos femininos, como Virgilio. Os discipulos de Jesus encontram-se frente a frente com homens seguros, doutrinarios inflexiveis, conscios da sua razão, capazes de dureza systematicamente, porque se justificam com o bem do Estado e exclamam com ineffavel doçura : « O que

não é bom para o enxame tambem o não é para a abelha.»

Por certo que, segundo o nosso modo de vêr, Trajano, Marco Aurelio, teriam andado melhor, sendo altamente liberaes, concedendo o direito de associação, reconhecendo ás corporações o direito de posse, salvo, em caso de schisma, o de dividirem entre si as propriedades da corporação proporcionalmente ao numero de adherentes de cada partido. Bastaria esta ultima parte para afastar o perigo. Já no seculo 3.º foi o imperio quem sustentou a unidade da Egreja, estatuindo que o bispo real de uma cidade é só aquelle que se corresponde directamente com Roma. Que seria o seculo 4.º no meio das luctas ardentes do arianismo? Um redomoinho de scisões irremediaveis. Só os imperadores e os reis barbaros é que conseguiram pôr-lhe um travão, cortando o nó gordio pela decisiva conclusão de que o verdadeiro orthodoxo era o bispo canonico. As corporações desligadas do Estado não lhe são perigosas, quando este se conserva realmente neutral, não julga as nomeações e no julgamento da posse dos bens divide o capital social proporcionalmente ao numero. Assim todas as sociedades perigosas para a paz mundial serão facilmente dissolvidas, pulverisadas pela divisão. Só a auctoridade do Estado será capaz de terminar com os schismas em corpos d'esta natureza, incuraveis pela neutralidade do Estado. O systema liberal é o melhor dissolvente das associações. Mas Trajano e Aurelio não o podiam saber. Este erro e alguns outros que defeituam a sua obra legislativa, pertencem ao numero d'aquelles corrigidos pelo andar dos tempos.

O estado permanente da perseguição, eis o erro commettido para com o christianismo. Pensou-se na existencia de um edito especial concebido n'estes

termos : *Non licet esse christianos*, ponto de partida para todas as perseguições contra os christãos. Tal seria possivel ; mas não é crivel, porque os christãos, pelas condições da sua existencia, estavam em contravenção com as leis sobre associações. Eram accusados de sacrilegio, de lesa-magestade, de reuniões nocturnas. Não podiam prestar ao imperador as honras devidas por um vassallo leal. Ora o crime de lesa-magestade era castigado com os mais atrozes supplicios ; ninguem accusado d'esse crime escapava á tortura. Depois havia a negra categoria dos *flagitia nominis cohærentia*, crimes que não precisavam provas, considerados *à priori* como taes e carreando a desinencia de *hostis publicus*. A perseguição tornava-se official para taes crimes. Tal a accusação de incendio reavivada constantemente pela lembrança de 64 e pela insistencia dos apocalypses na ideia das conflagrações finaes. Accrescentava-se-lhe a suspeição constante de infamias secretas, reuniões nocturnas, culposas seducções de mulheres, raparigas e crianças. Como consequencia pouco era preciso para se julgarem os christãos capazes de todos os crimes e attribuirem-se-lhes todos os maleficios. Os curtos passos para lá chegar dava-os todos os dias o povo ainda mais depressa do que a magistratura.

Accrescente-se a arbitrariedade terrivel dos juizes, especialmente na escolha da pena, e facil será comprehender como sem leis de excepção e sem uma legislação especial se deu o espectaculo desolador offerecido pela historia do imperio romano nos seus melhores dias. Póde applicar-se a lei com mais ou menos rigor, mas ficará sempre a lei. Este estado lembra uma febre lenta durante o 2.º seculo, com intervallos de exacerbação e de remissão durante o 3.º seculo. Findará pelo accesso terrivel dos primeiros annos do seculo 4.º e fechar-se-ha defini-

tivamente pelo edito de Milão em 313. Redobrarão as perseguições a cada resurgimento do espirito romano. Os perseguidores encarniçados serão os imperadores que em varias quadras do 3.º seculo procuram regenerar o imperio. Os tolerantes como Septimo Severo e Philippe não têm sangue romano nas veias e sacrificam as tradições latinas ao cosmopolitismo oriental.

«Venera a divindade em tudo e por tudo, conforme os usos da patria e obriga os outros a honral-a. Odeia e pune os partidarios das ceremonias estrangeiras, pelo respeito aos deuses e ainda mais porque os que professam esses cultos intentam criar novos deuses e disseminar o gosto pelos costumes estrangeiros, conduzindo á conjuração, á coalisão, as associações incompativeis com a monarchia. Não consintas a ninguem a profissão de atheismo e de magia. É necessaria a adivinhação; nomeia augures e aurispices que devem ser consultados por quem quizer; mas nada de magicos livres; porque, immiscuindo algumas verdades com as mentiras, pódem levar os cidadãos á revolta. Outro tanto succede com os philosophos; não ha maleficio que não façam ao individuo e aos povos.»

Eis os termos em que um estadista da geração seguinte á dos Antoninos resume a sua politica religiosa. Como em epochas mais recentes, o Estado imaginou um acto habil apoderar-se da superstição e regulamental-a. Por delegação, os municipes gosaram dos mesmos direitos. A religião passou a ser uma questão de policia. Um systema de annullação absoluta, em que todo o movimento se comprimiu, em que toda a individualidade se tornou perigosa, em que o individuo isolado, sem ligações religiosas com os outros homens, não é mais que um sêr puramente official, collocado entre uma familia reduzida a proporções mesquinhas e um Estado demasia-

damente grande para ser uma patria, formar o espirito, fazer pulsar o coração ; eis o ideal sonhado. Tudo o que fôsse susceptivel de fixar a attenção dos homens, de provocar uma emoção, devia ter-se como um crime castigado com a morte ou com o exilio. Foi assim que o imperio romano matou a vida antiga, matou a alma, matou a sciencia e formou uma escola de espiritos rudes e tacanhos, de politicos estreitos que, com o pretexto de entravar a superstição, provocaram o triumpho da theocracia.

Succedeu ao esforço para levar a fé a quem a tinha perdido, um grande enfraquecimento intellectual. Uma especie de banalidade corroeu a crença e tirou-lhe toda a seriedade. Os livres pensadores, innumeros no 1.º seculo antes e no 1.º depois de Christo, diminuem pouco a pouco e desapparecem de todo. O tom desenvolto da litteratura latina dá lugar a uma pesada credulidade. A sciencia extingue-se dia a dia. Depois da morte de Seneca já não ha um sabio completamente racionalista. Plinio o velho é curioso, mas sem critica. Tacito, Plinio o moço, Suetonio evitam o pronunciarem-se sobre a inanidade das mais ridiculas imaginações. Plinio o moço acredita em historias pueris de phantasmas. Epicteto exige a pratica do culto estabelecido. Até um escriptor tão frivolo como Apuleo se julga na obrigação de ter a linha de conservador quando se refere aos deuses. Só ha um homem no seculo, isento de crenças sobrenaturaes, Luciano. Só um pequeno numero conservava o espirito scientifico, negação do sobrenatural ; a superstição invadia tudo, enervando a razão.

Ao mesmo tempo que a religião corrompia a philosophia, esta procurava conciliações apparentes com o sobrenatural. Andava na moda uma theosophia miseravel e ôca, mesclada de impostura.

Em breve Apuleo chamará aos philosophos « Padres de todos os deuses ». Com sortes de prestidigitação Alexandre de Abnotica instituirá um culto. O charlatanismo religioso, a thaumaturgia, com um falso verniz de philosophia, conseguiram uma grande voga. Foi Apollonio de Tyana que deu o exemplo, sendo difficil saber-se a especie d'este personagem singular. Só mais tarde lembrou o transformal-o em um revelador religioso, semi-deus philosopho. Com tanta rapidez baixou o espirito humano, que a um miseravel theurgico que, na epocha de Trajano, teve uma certa aura entre os pataratas da Asia Menor, transformou-o, cem annos depois, graças á desvergonha de escriptores sem escrupulos, com o intuito de divertir um publico credulo, n'um personagem de primeira plana, uma encarnação divina que ousaram comparar a Jesus.

É certo que a instrucção publica foi mais bem favorecida do que no tempo dos Cesares ou dos Flavios, mas sómente na litteratura ; nenhum proveito houve a grande disciplina do espirito, dimanada sobretudo da sciencia. Á philosophia favoreceram-n'a Antonino e Marco Aurelio ; mas a philosophia, fim supremo da vida, resumo de toda a sciencia, não a póde ensinar o Estado. Bem pouco compartilhou o povo d'essa instrucção. Era qualquer coisa de abstracto e elevado passando sobre a sua cabeça, e como o templo não ministrava o ensino moral, que a egreja mais tarde dispensou, as classes inferiores estagnaram n'um abandono deploravel. Isto não significa censura para os imperadores que não conseguiram realisar a salvação da antiga civilisação. Faltou-lhes o tempo. Uma noite, depois de aturar todo o dia a chusma de declamadores que lhe promettiam uma gloria infinita se convertesse o mundo á philosophia, Marco Aurelio escrevia no seu caderno intimo de apontamentos : « A causa

universal é uma torrente que arrasta todas as coisas. Que ingenuidade a dos pretensos politicos imaginando regulamentar a politica com as maximas da philosophia. Creanças com o ranho no nariz... Não sonhes uma republica de Platão; contenta-te com pequenos melhoramentos, e, se os conseguires, olha que já não é pouco. Quem póde mudar as disposições internas dos homens? E de que serve o resto sem a mudança dos sentimentos e das opiniões? Não conseguirás fazer senão escravos e hypocritas... A obra da philosophia é simples e modesta; para longe os aranzeis pretenciosos.» Ah! que homem honrado!

Resumindo: apezar de tudo, a sociedade do seculo 2.º progrediu. Houve decadencia intellectual, mas melhoria moral, como parece succeder agora nas classes superiores francezas. Por toda a parte se desenvolveram as ideias de caridade, d'assistencia aos pobres e o desgosto pelos espectaculos. O christianismo entravou emquanto durou este bello espirito, isto é, até á morte de Marco Aurelio. Quando se esqueceram as bellas maximas de Antonino, a sua evolução foi extraordinaria. Nós o dissemos: Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurelio prolongaram cem annos a vida do imperio e tambem retardaram cem annos a victoria do christianismo. Os seus progressos nos seculos 1.º e 3.º são passadas de gigante comparados com os do seculo 2.º. N'este seculo o christianismo teve contra si uma forte concorrencia, a da philosophia pratica, trabalhando racionalmente em melhorar a sociedade humana. A partir de Commodo, o egoismo individual, o que se póde chamar egoismo do Estado, só na Egreja dá o lugar ás aspirações ideaes. A Egreja é o asylo da vida do coração e da alma; lá se concentrarão em breve a vida civil e a vida politica.

CAPITULO XVIII

Epheso. — Velhice de João. — Corintho. — Docetismo.

Quando se falla de Epheso e do tumultuar das paixões que ahi se agitavam, a duvida, companheira inseparavel d'esta historia, cada vez mais se intensifica. Foi por nós admittida com visos de probabilidade a opinião tradicional de que João, conseguindo escapar-se aos temporaes de Roma e da Judeia, se refugiasse em Epheso, vivendo ahi largos annos, venerado por todas as egrejas da Asia. É mesmo crivel a affirmação de Ireneu, concordante com a versão de Polycarpo, garantindo que o velho apostolo vivesse até o reinado de Trajano. Se os factos são verdadeiros, devem ter graves consequencias. A rememoração do supplicio que João estivera prestes a soffrer em Roma, comparava-o, sob este ponto de vista, a seu irmão Thiago e assignava-lhe lugar entre os martyres. Correlacionando as palavras de Jesus nuncias do seu regresso á terra, antes que d'ella desapparecesse a geração dos seus

coevos, com o facto da longevidade de João, concluiu-se logicamente que este discipulo não morreria e portanto veria a inauguração do reino de Deus, sem ter previamente soffrido a morte. João contava ou deixava entrever que Jesus resuscitado conversara enygmaticamente a este respeito com Pedro. Como consequencia, já em vida uma aureola maravilhosa illuminava a João. A lenda formava-se antes da morte.

O velho apostolo, nos ultimos annos velados de mysterio, parece que fôra muito sollicitado. Attribuiam-se-lhe muitos milagres e até o da resurreição dos mortos. Apertava-se o circulo dos seus discipulos. O que se passaria n'esse cenaculo intimo? Que tradições ahi se elaboraram? O que referira o ancião? Não se adoçou nos ultimos tempos a sua antipathia contra os discipulos de Paulo? Nas suas narrativas, porque não attribuiria a si um lugar primacial ao lado do mestre, como mais de uma vez o fizera na vida de Jesus, considerando-se o seu mais intimo affeiçoado? Por acaso algumas doutrinas, conhecidas mais tarde como joannicas, não germinavam já fluctuando entre um mestre edoso e os discipulos cheios de mocidade e persuadindo-o que eram d'elle as ideias suggeridas? Não o sabemos; e é esta a maior difficuldade com que se topa no estudo das origens do christianismo. Não se trata sómente da incerteza e da hyperbole das lendas. Houve naturalmente no seio da egreja fallaz de Epheso um proposito de dissimulação e de fraude piedosa, embaraçando singularmente os criticos que desejem fazer luz sobre tão emmaranhada confusão.

Philon, no tempo de Jesus, desenvolvera uma philosophia do judaismo que, preparada pelas especulações antecedentes dos pensadores israelitas, adquiriu pela sua penna uma fórma definitiva. A

base d'essa philosophia era uma especie de metaphysica abstracta inserindo n'uma só divindade differentes hypotheses e fazendo da razão divina (em grego *logos*, em syriaco-chaldaico *mémera*) uma especie de principio distincto do Padre eterno. Esse desdobramento d'um mesmo Deus era já conhecido no Egypto e na Phenicia. Os livros hermeticos ergueram mais tarde a theologia das hypotheses até uma philosophia analoga ao christianismo. Deveria Jesus não assentir n'estas especulações, porque, se ellas fôssem suas conhecidas, pouco lisonjeariam a sua imaginação poetica e o seu coração affectivo. Contrariamente a sua escola soffreu, por assim dizer, um verdadeiro assalto, a que não foi estranho Apollos e que parece ter preoccupado immenso S. Paulo no derradeiro quartel da vida. O Apocalypse chama ao seu Messias triumphante e mysterioso: Λόγος τοῦ Θεοῦ. O judeo-christianismo, fiel ao espirito do judaismo orthodoxo, não se deixou invadir por taes ideias senão com bastantes restricções. Mas á medida que as egrejas fóra da Syria se desligavam do judaismo, a invasão das novas ideias produziu-se com uma intensidade irresistivel. Jesus, que fôra para os adherentes um propheta, um filho de Deus, considerado pelos mais exaltados como o Messias, ou o Filho do homem que o pseudo-Daniel apontara como o centro brilhante das futuras apparições, transformou-se no *Logos*, Razão, Verbo de Deus. Foi em Epheso onde mais se enraizou este modo de encarar o papel de Jesus e d'onde se disseminou por todo mundo christão.

Não foi sómente ao apostolo João que as tradições vincularam a promulgação solemne do dogma novo. Em torno de João o tradicionalismo mostra esta doutrina erguendo tempestades, turvando as consciencias, provocando schismas e anathemas.

Por este tempo começa a apparecer em Epheso, vindo de Alexandria qual outro Apollos, um homem que parece ter, a uma geração de distancia, immensas correlações com elle : Cerintho, a quem muitos chamaram *Merintho*, não nos sendo possivel descobrir a razão d'esta assonancia. Como Apollos, Cerintho foi um judeu imbuido de philosophia judeo-alexandrina antes de conhecer o christianismo. Abraçou a religião de Jesus de um modo differente dos bons israelitas que julgavam o reino de Deus realisado no idyllio de Nazareth e dos pagãos piedosos a quem um instincto secreto attrahia para essa fórma mitigada do judaismo. O seu espirito erradio não se fixou, preferindo ir de um ao outro extremo. As suas concepções approximam-se algumas vezes das dos ebionitas ; outras inclinam-se para o millenarismo, fluctuam em pleno gnosticismo, ou são affins das de Philon. O creador do mundo auctor da lei judaica, o Deus de Israel não foi o Deus eterno ; foi um anjo, um demiurgo subordinado do grande Deus todo poderoso. O espirito do grande Deus, longo tempo ignoto, revelou-se em Jesus. O evangelho de Cerintho era o dos hebreus, naturalmente traduzido em grego. O trecho caracterisco era o que narrava o baptismo de Jesus, descrevendo a descida do espirito divino, do espirito prophetico n'essa hora solemne e alçapremando-o a uma dignidade muito elevada relativamente á sua jerarchia anterior. Cerintho pensava até, que antes do baptismo, Jesus fôra simplesmente um homem, o mais verdadeiro e o mais sabio dos homens ; pelo baptismo entrou n'elle o espirito de Deus todo-poderoso. A missão de Jesus transformado em Christo foi revelar o Deus supremo pela prédica e pelos milagres ; mas por este modo de vêr, o Christo não podia soffrer o supplicio da cruz ; antes da Paixão, o Christo, impassivel por

natureza, separou-se do homem Jesus e só este é que foi crucificado, que morreu e resuscitou. Algumas vezes Cerintho negava a resurreição e affirmava que Jesus resuscitaria com o mundo inteiro no dia do juizo final.

Tal doutrina, já nossa conhecida pelo menos em germen, nas varias familias de *ebionim*, cuja propaganda se fazia além Jordão na Asia e que, em cincoenta annos, Marcion e os gnosticos retomaram com fervor, pareceu um formidavel escandalo para a consciencia christã. Separando de Jesus o phantastico *Christos*, scindiria a pessoa de Jesus roubando-lhe a personalidade á parte mais formosa da sua vida activa, porque assim o Christo não passava de um sêr impessoal e estranho a si proprio. Concebe-se que especialmente os amigos de Jesus, os que o conheceram e amaram, em criança, em adolescente, em martyr e em cadaver se indignassem com tal conceito. A sua remembrança evocava-lhes um Jesus carinhoso, tão Deus n'um momento como no outro ; queriam, pois, que o adoptassem e reverenciassem. Parece que João repelliu indignado as doutrinas de Cerintho. A sua fidelidade a uma affeição d'infancia devia desculpar certos traços de fanatismo e que não estão muito fóra do seu caracter habitual. Um dia, entrando n'um balneario de Epheso e vendo Cerintho, exclamou : « Fujamos porque o edificio vae cahir ; está lá dentro Cerintho, o inimigo da verdade. » Os odios violentos fazem sectarios. Quem muito ama muito odeia.

Além d'isso, a difficuldade de conciliar os dous papeis de Jesus, de fazer cohabitar na mesma existencia o sabio e o Christo, provocava devaneios analogos aos que excitavam as coleras de João. O *docetismo*, se é licita a expressão, significava a heresia do tempo. Nem todos admittiam que o Christo fôsse crucificado e sepultado. Uns, como

Cerintho, queriam uma especie de intermittencia no papel de Jesus ; outros suppunham que o corpo de Jesus fôra um mytho e que toda a vida material e de soffrimento não passou de uma apparencia. Taes conceitos originou-os a opinião corrente da epocha, de que a materia é uma queda, uma degradação do espirito e as manifestações materiaes um rebaixamento da ideia. A historia evangelica volatilisava-se em qualquer coisa de impalpavel. É curioso que o islamismo, no fundo uma especie de prolongamento arabe do judeo-christianismo, adoptasse esta ideia sobre Jesus. Particularmente em Jerusalem, os musulmanos negaram absolutamente que Isa morresse no Golgotha, pretendendo que foi alguem crucificado em seu lugar e com elle bastante parecido. O presupposto local da ascensão no monte das Oliveiras, representa para os scheikhos o verdadeiro lugar santo de Jerusalem relacionado com Isa ; porque foi ahi que o Messias impassivel, nascido do sopro divino e não da carne, appareceu pela ultima vez unido ao disfarce que escolhera.

Seja como fôr, Cerintho transformou-se na tradição christã n'uma especie de Simão o magico, um personagem quasi fabuloso, o representante do christianismo doceta, irmão do christianismo ebionita e judeo-christão. Como Simão o magico era o inimigo declarado de Pedro, Cerintho foi o adversario encarniçado de Paulo. Puzeram-n'o no pé de *Ebion ;* habituaram-se a não os separar ; e como *Ebion* era a personificação abstracta do judeo-christianismo fallando o hebraico, *Cerintho* generalisou-se como termo significativo do judeo-christianismo fallando o grego. Fizeram-se phrases como esta : « Quem de ousado censurou Pedro por ter admittido os publicanos na egreja ? Quem injuriou Paulo ? Quem provocou a sedição contra Tito o

incircumciso? Foi *Ebion*; foi *Cerintho*», phrases que, ao pé da letra, levaram a crêr, contra toda a verdade, que Cerintho fôsse qualquer coisa em Jerusalem nos primeiros annos da sua Egreja. Como Cerintho não escreveu, a tradição ecclesiastica bordou a seu respeito inexactidões sobre inexactidões. Só ha uma verdade n'esta trama de contradicções. Cerintho foi realmente o primeiro heretico, o auctor de uma doutrina conducente a ser um ramo fenecido na grande arvore da doutrina christã. Foi pela sua opposição contra elle que a egreja christã avançou para lançar os fundamentos da orthodoxia.

Desenvolvia-se com effeito a theologia christã no seio das luctas e das controversias. A base das suas especulações fôram a pessoa de Jesus e as singulares combinações do homem e da divindade. O gnosticismo nasceu d'uma corrente de ideias analogas, pretendendo desdobrar a unidade de Christo; mas a egreja orthodoxa será inabalavel na repulsa de taes concepções; a existencia do christianismo só se concebia baseando-se na realidade da acção pessoal de Jesus.

João encontrava o consolo para a magua causada por estas aberrações, oriundas d'um espirito estranho á tradição galileia, na fidelidade e affeição dos seus discipulos. Em primeiro lugar apparece um joven asiatico, Polycarpo, que deveria ter trinta annos ao tempo da longeva edade de João e que parece converso á fé de Christo desde a mais tenra infancia. O respeito enorme pelo apostolado devia avolumal-o ante a sua vista curiosa de adolescente que tudo engrandece e transforma. Fixou-se no seu espirito a imagem viva do velho e d'ella fallou toda a sua vida como de uma visão haurida no mundo divino. A sua actividade exerceu-se em Smyrna e é provavel que João para ahi o destacasse para presidir á Egreja já antiga da cidade, como pensa Ireneu.

Graças a Polycarpo, a lembrança de João foi na Asia e conseguintemente em Lyão e nas Gallias uma tradição viva. Tudo o que Polycarpo dizia do Senhor, da sua doutrina, dos seus milagres, referia-o como se o ouvisse de testimunhas oculares da vida de Jesus. Exprimia-se habitualmente assim: «Eu, que sei isto pelos apostolos...» «Eu, instruido pelos apostolos e que vivi com a maior parte dos que viram a Christo...» Esta maneira de fallar leva a crêr que Polycarpo conhecera, além de João, outros apostolos; por exemplo Philippe. No emtanto é provavel que haja n'isto qualquer exagero. Pela palavra «apostolos» deve entender-se João, ou naturalmente acompanhado por discipulos galileus de nome desconhecido. Podem ser assim considerados *Presbyteros Johannes* e Aristion, que segundo certos textos, fôram discipulos immediatos do Senhor. Caio, Diotréphés, Demetrio e a piedosa Cyria incluidos no circulo ephesico, como o consignam as epistolas do *Presbyteros*, podem não ser verdadeiros e se a discussão se levanta sobre elles, talvez que estejam nas condições referidas no Talmud, de «sêres increados» e cuja existencia se deve a artificiosos falsificadores ou a mal entendidos como com Cyria.

Não ha nada mais dubio do que o que se refere ao homonymo do apostolo *Presbyteros Johannes*, que surge nos ultimos annos ao lado do apostolo João e segundo algumas tradições seu successor na presidencia da Egreja de Epheso. Parece no emtanto que a sua existencia foi real. Talvez que a designação de *presbyteros* fôsse a escolhida para o distinguir do *apostolos*. Em seguida á morte do apostolo, é ainda crivel que ficasse com a alcunha de *Presbyteros*, occultando o verdadeiro nome. Aristion é tambem um enygma, apezar de muito remotas informações o collocarem ao lado do *Presbyteros* como

um tradicionalista bastante auctorisado e de ser reivindicado pela egreja de Smyrna. O que podemos affirmar é a existencia em Epheso de um grupo de individuos, que no fim do 1.° seculo se consideravam testimunhas oculares da vida de Jesus. Papias conheceu-os ou teve correlações proximas com elles e guardou as suas tradições.

D'este pequeno ágape sahiu mais tarde uma redacção evangelica de caracter peculiar, que parece ter merecido a confiança do velho apostolo e que talvez se julgasse auctorisada a fallar em seu nome. Na epocha referida e antes da morte de João não procuraria qualquer dos seus discipulos mais proximos e que se apegára mais intimamente á velhice do derradeiro apostolo sobrevivente, explorar o rico manancial á sua disposição? Devemol-o suppôr, e nós mesmos já estivemos convencidos d'isso. Agora julgamos mais provavel que João nada escrevesse e que o Evangelho com o seu nome fôsse obra feita por tal ou tal dos seus discipulos ainda na sua vida. Mas não desistimos de pensar que a vida de Jesus era contada por João de um modo differente das narrativas originarias da Batanéa e superior em certos pontos de vista; e particularmente mais desenvolvida nas referencias aos episodios da vida de Jesus passados em Jerusalem. Não duvidamos que João, cujo caracter era assaz pessoal, aspirando como seu irmão ao primeiro lugar no reino do Deus, assignalasse para si esse lugar sinceranente em todas as suas narrativas. Se leu os evangelhos de Marcos ou de Lucas, o que é muito provavel, deveria ter visto a pouca importancia a elle concedida e de modo algum proporcional á que elle tivera. Queria que se soubesse ser elle o discipulo particularmente amado por Jesus, desempenhando um papel notorio no drama evangelico. Com a vaidade propria da velhice arrogava-se uma

grande preponderancia e as suas historias compridas visavam á demonstração do que fôra o discipulo favorito de Jesus, que nos momentos solemnes só elle repousara no seu coração, que Jesus lhe confiara a sua mãe e que, se em certas circumstancias parecia Pedro ser o primeiro, essa preponderancia pertencera-lhe a elle João e a mais ninguem. A sua edade avançadissima prestava-se a varias reflexões; talvez a longevidade fôsse um signal do céu. Como na sua roda houvesse muito boa fé e até algum charlatanismo, calcule-se que productos estranhos não germinariam n'este ninho de intrigas piedosas, em torno de um velho já com debilidade senil e á disposição dos seus enfermeiros!

João foi até ao fim um judeu perfeito, cumprindo a lei com todo o rigor, não sendo certo que as theorias transcendentes espalhadas de ha pouco sobre a identidade de Jesus e do *Logos* fôssem por elle comprehendidas; mas como em todas as escolas em que o mestre chega a uma longeva edade, a escola evolucionava, sem elle e extrinsecamente a elle, apezar de pretender apoiar-se nas suas opiniões. Vimos já o que ha de dubio na origem do Apocalypse; as objecções são quasi as mesmas em gravidade, tanto ácerca da authenticidade do livro como da hypothese que o declara apocrypho. Que pensar d'essa outra extravagancia da tradição ecclesiastica, a escola de Alexandria querer que o Apocalypse não seja de João, mas que o fôsse de Cerintho, o seu grande adversario? Veremos os mesmos equivocos apparecerem em breve ácerca da segunda classe dos escriptos joannicos e só um facto ficar de pé; João não póde ser o auctor das duas series d'obras a elle attribuidas. Talvez que uma das series seja d'elle; agora as duas é que não.

Foi grande a emoção no dia em que morreu o

apostolo, resumindo em si e ha muitos annos a tradição christã e pela qual as gerações se prendiam a Jesus e ás origens da palavra nova. Desappareciam as columnas da Egreja. Aquelle a quem Jesus promettera a vida até ao seu advento, descia por seu turno ao tumulo. Cruel foi a decepção e logo para justificar a prophecia de Jesus se recorreu á subtileza. Não fôra verdade, diziam os amigos de João, que Jesus annunciasse ao seu apostolo bem amado que elle teria vida até á sua reapparição. Dissera sómente a Pedro: «Que te importa a ti que elle viva até ao meu advento, se eu assim o quero?» Formula vaga, deixando o campo aberto a todas as explicações e permittindo que João ficasse de reserva como Henoch, Elias, Esdras, até á volta do Christo. O momento foi solemne. Já mais ninguem podia affirmar: «Eu vi-o.» Jesus e os primeiros annos da Egreja perdem-se nas trevas do passado. Passa a primazia para os que conheceram os apostolos, a Marcos e a Lucas, discipulos de Pedro e de Paulo, ás filhas de Philippe, as continuadoras dos dons maravilhosos. Em toda a sua vida Polycarpo allegou as suas relações com João. Aristion e *Presbyteros Johannes* viveram das mesmas recordações. Ter visto Pedro, André, Thomaz, Philippe, eis o titulo capital para os que queriam saber a verdade ácerca da apparição de Christo. Os livros, como o temos sempre affirmado, de pouco valiam, a tradição oral era tudo. A transmissão da doutrina e a dos poderes apostolicos ficaram ligados a uma especie de delegação, ordenação e consagração, cuja origem foi o collegio apostolico. Em breve cada Egreja quiz mostrar a série dos homens que formavam a cadeia da successão remontando até ao tempo dos apostolos. A procedencia ecclesiastica foi concebida como uma especie de inoculação de poderes espirituaes, sem interrupções.

Progrediam assim as ideias de hierarchia sacerdotal ; dia a dia se formava o episcopado.

Noventa annos depois ainda se mostrava o tumulo de João. Talvez que sobre este monumento se erguesse a basilica tão celebre e cuja situação parece ter sido a da actual cidadella de Aïa-Solouk. Ao lado do tumulo do apostolo havia, no 3.º seculo, outro tumulo attribuido a um personagem de nome João e que devia occasionar muitas confusões. Voltaremos a fallar d'isto.

CAPITULO XIX

Lucas, primeiro historiador do christianismo

Desappareceu com João o ultimo homem da estranha geração que imaginára vêr Deus na terra e concebera a esperança de não morrer. Foi por esse tempo que appareceu o livro encantador que nos conservou atravez das brumas da lenda, a imagem d'essa edade d'oiro. Lucas, ou quem quer que seja o auctor do terceiro evangelho, realisou essa tarefa, tão agradavel á delicadeza da sua alma e ao seu talento puro e bondoso. Pelos prefacios que servem de portico de entrada ao terceiro evangelho e aos *Actos* parece á primeira vista ter concebido Lucas a sua obra como composta de dois livros; um com a vida de Jesus e o outro com a vida dos apostolos tal qual elle a conhecera. Fortes razões levam a crêr que algum intervallo separou as duas obras. O prefacio dos Evangelhos não descobre a intenção de redigir fatalmente os *Actos*. Talvez que Lucas juntasse este livro á sua obra depois de pas-

sados alguns annos e para satisfazer o desejo dos leitores animando-o com o successo do seu primeiro livro.

O que documenta esta hypothese é a opinião do auctor, evidenciada nas primeiras linhas ácerca da ascensão de Jesus. Nos outros Evangelhos o periodo das apparições de Jesus esbate-se pouco a pouco, sem conclusões definitivas. A imaginação desejava um verdadeiro golpe theatral, um processo nitido de sahir de uma situação que não podia prolongar-se indefinidamente. O mytho, complemento da lenda de Jesus, formou-se com demoradas difficuldades. O auctor do Apocalypse, em 69, acreditava quasi com certeza na Ascensão. Segundo a sua opinião, Jesus foi arrebatado para o céu e sentado no throno de Deus. No mesmo livro, os dois prophetas perseguidos e suppliciados como Jesus, resuscitaram ao fim de tres dias e meio, depois da resurreição subiram ao céu n'uma nuvem, á vista dos seus inimigos. Lucas deixa o episodio em meio no seu Evangelho ; mas no começo dos *Actos* conta, com a ensecenação desejada, o episodio que é o fecho brilhante da vida de Jesus. Precisa mesmo a duração da vida d'além tumulo de Jesus. Foi de quarenta dias, por uma coincidencia notavel com o Apocalypse de Esdras. Talvez que Lucas fôsse em Roma um dos primeiros leitores d'este escripto e que este o tivesse vivamente impressionado.

O espirito dos *Actos* é o mesmo que o do terceiro Evangelho : mansidão, tolerancia, conciliação, sympathia pelos humildes e aversão aos soberbos. O auctor é bem o que escreveu : « Paz aos homens de boa vontade. » Já expuzemos as torturas singulares que as excellentes intenções lhe obrigaram a infligir á veracidade historica e como o seu livro foi o primeiro documento do espirito da Egreja romana indifferente á verdade das coisas e em tudo domi-

nada pelas tendencias officiaes. Lucas é o fundador da eterna ficção que se chama a historia ecclesiastica, com o seu enfado, o seu habito de bolear as quinas e os seus contornos nesciamente beatos. O dogma *à priori* de uma egreja eminentemente sábia e sempre moderada é a pedra angular da sua narrativa. Para elle o essencial é demonstrar que os discipulos de Paulo não são os discipulos de um intruso, mas de um apostolo como os outros e em perfeita communhão com os outros. Pouco lhe importa o resto. Passou-se tudo como n'um idyllio. Pedro era da opinião de Paulo; Paulo era da opinião de Pedro. Uma assembleia inspirada viu todos os membros do collegio apostolico unidos por um pensamento commum. Pedro baptizou o primeiro pagão convertido; Paulo, pelo seu lado, submetteu-se aos preceitos legaes e observou-os publicamente em Jerusalem. Repugna a este narrador cauteloso toda a expressão franca de uma opinião nitida. Os judeus são considerados como falsas testimunhas pelo facto de referirem uma phrase authentica de Jesus e acoimarem o fundador do christianismo de iconoclasta do mosaïsmo. O christianismo é judaismo ou deixa de o ser conforme a opportunidade. O privilegio é altamente reconhecido quando o judeu se prostra deante de Jesus. Lucas emprega então as palavras mais unctuosas quando pensa em reconciliar os paes e os primogenitos d'esta familia com os mais novos. O que o não impede de ser com insistencia complacente para com os pagãos conversos e de os lançar contra o judeu incircumciso e insensivel pelo coração. Sente-se que no fundo está com os primeiros. Os seus preferidos são os pagãos, christãos em espirito, os centuriões que não desprezam os judeus, os plebeus que confessam a sua baixeza. Regresso a Deus, fé em Jesus, eis o que egualisa todas as differenças

e desfaz as rivalidades. É a doutrina de Paulo sem a rudez que amargurou de desgostos a vida do apostolo.

Debaixo do criterio historico, ha duas partes distinctas nos *Actos*; conforme Lucas conta os factos da vida de Paulo, que elle conhecera pessoalmente, ou expõe a theoria convencional do seu tempo sobre os primeiros annos da Egreja de Jerusalem. Esses primeiros annos lembravam uma miragem remota, povoada de illusões. Lucas era o menos competente para comprehender esse mundo já desapparecido. Tudo o que se passou depois da morte de Jesus envolvia-se n'um symbolismo mysterioso. Atravez d'esse nevoeiro, tudo se tornava sacramental. Assim surdiram o mytho da ascensão de Jesus, o descenso do Espirito Santo no dia da festa de Pentecostes, os exageros sobre a communidade dos bens na egreja primitiva, a lenda temerosa de Ananias e Saphira, as phantasias sobre o caracter hierarchico do collegio dos Doze, as contradicções sobre a glossolalia, cujos effeitos fôram a transformação n'um milagre publico de um phenomeno espiritual do interior das egrejas. O que diz respeito á instituição dos Sete, o martyrio de Estevão, a conversão de Cornelio, o concilio de Jerusalem e os decretos ahi levados, como se presumiu, por consentimento commum, dimanam da mesma tendencia. É muito difficil discernir n'essas curiosas paginas a verdade da lenda ou ainda do mytho. Como todos os dogmas e todas as instituições tinham uma eclosão quotidiana e havia o desejo de lhes encontrar uma base evangelica, ampliavam á vida de Jesus anecdotas fabulosas; e assim o mesmo desejo de encontrar para esses dogmas e instituições uma base apostolica encheu a historia dos primeiros annos da Egreja de Jerusalem com uma infinidade de narrativas concebidas

à priori. Escrever historia *para narrar* e *não para provar*, realisa um facto sem interesse, de que não ha exemplo nas epochas geradoras da fé.

Por muitas vezes mostramos em detalhe os principios em que assentam as narrativas de Lucas para repisarmos esse assumpto. O seu fim principal foi unir os dois partidos oppostos que scisionavam a egreja de Jesus. Roma era o ponto onde se realisava essa obra capital. Iniciara-a Clemente Romano. Talvez que Clemente não tivesse visto nem Pedro nem Paulo. O seu senso pratico indicava-lhe a reconciliação dos dois fundadores para a salvação da egreja christã. Seria elle o inspirador de Lucas, com quem parece se relacionara, ou essas duas almas piedosas estariam por acaso de accordo e expontaneamente pensariam na direcção conveniente da opinião christã? Não temos documentos para o saber. No que não ha duvida é que foi obra romana. Roma tinha duas egrejas, uma de Pedro e outra de Paulo. Aos innumeros conversos a Jesus, uns pelo canal da escola de Pedro e outros pela de Paulo e que tinham o direito de perguntar: «Ha então dois Christos?» era preciso responder: «Não. Pedro e Paulo entenderam-se perfeitamente. O christianismo do primeiro é o do outro.» Talvez que uma tenue cambiante apparecesse a este respeito na lenda da pesca milagrosa. Na narração de Lucas, as rêdes de Pedro não chegam para conter os peixes que se deixam emmalhar; Pedro é coagido a chamar collaboradores em seu auxilio; uma segunda barca (Paulo e os seus) se enche como a primeira e a pesca do reino de Deus é superabundante.

Houve um phenomeno similar no partido que em plena restauração pretendeu reanimar o culto da revolução franceza. As luctas entre os seus heroes fôram encarniçadas e ardentes; odiaram-se até á morte. Mas vinte e cinco annos depois o resultado

foi neutro. Ninguem mais lembrou que os girondinos, Danton, Robespierre, se tinham degolado uns aos outros. Salvo raras excepções, não houve partidarios dos girondinos, de Danton, de Robespierre ; houve partidarios da obra commum, isto é da Revolução. Juntaram-se no Pantheon, como irmãos, individuos que se haviam proscripto uns aos outros. Nos grandes movimentos historicos, ha o momento de exaltação em que os homens associados para uma obra commum se separam ou matam por uma pequena divergencia, ao qual succede o da reconciliação, em que se pretende provar que esses inimigos apparentes se entendiam e trabalhavam para um fim commum. Passado tempo, de todas as discordancias fica uma doutrina unica e um accordo perfeito entre os discipulos de homens que se anathematisaram entre si.

Outra caracteristica, essencialmente romana, que approxima Lucas de Clemente, é o respeito pela auctoridade imperial, fugindo com muita prudencia ao perigo de a melindrar. Não se lê em qualquer dos dois auctores uma palavra do odio sombrio contra Roma expresso nos apocalypses e poemas sybillinos. O auctor dos *Actos* evita tudo o que levasse a considerar os Romanos como inimigos do christianismo. Pelo contrario, intenta até demonstrar que, em varias circumstancias, defenderam S. Paulo e os christãos contra os judeus. Nunca uma palavra aspera para as auctoridades civis. Se suspende a narração á entrada de Paulo em Roma é para não contar as monstruosidades de Nero. Lucas não admitte que os christãos se compromettessem em face da lei. Se Paulo não appellasse para o imperador, « podel-o-iam absolver ». Uma opinião juridica antecipada, tão de accordo com o seculo de Trajano, preoccupa-o bastante ; quer abrir precedentes e mostrar que não ha motivo para perse-

guir aquelles que os tribunaes romanos tantas vezes absolveram. Não o desanimam os maus procedimentos. Ninguem o excedeu em paciencia e optimismo. O gosto pela perseguição, a satisfação pelas injurias soffridas em nome de Jesus, alegram a alma de Lucas e fazem do seu livro o manual por excellencia do missionario christão.

Não se póde concluir pela perfeita unidade do livro se Lucas, ao compôl-o, tinha á vista documentos anteriores ou se foi elle o primeiro que escreveu a historia dos apostolos guiado pela tradição oral. Houve muitos Actos dos Apostolos, como houve innumeros evangelhos; mas emquanto ficaram no canon varios evangelhos, só ahi se conservou um unico livro dos Actos. A «Prédica de Pedro», que visou a apresentar Jerusalem como a origem do christianismo e Pedro como o centro do christianismo hierosolymitano, deve ser tão antiga como os *Actos*, mas Lucas não a conheceu. Foi também gratuitamente que se pensou ter Lucas remodelado e completado, no sentido da reconciliação dos judeo-christãos e de Paulo, um escripto mais antigo, composto para maior gloria da Egreja de Jerusalem e dos Doze. O designio de equiparar Paulo aos Doze e sobretudo de não desligar Pedro de Paulo manifesta-se claramente no nosso auctor; mas parece que não seguiu na sua narrativa senão a tradição oral de ha muito conhecida. Os chefes da Egreja de Roma deviam contar a historia apostolica por uma fórma consagrada, com a qual Lucas se conformou, accrescentando-a com uma biographia de Paulo, bastante extensa e subordinada ás recordações pessoaes. Não se cohibiu do emprego de uma rhetorica innocente, como o faziam todos os escriptores da antiguidade. A sua educação hellenica quasi com certeza se completou em Roma, nascendo assim o sentimento da composição oratoria á moda grega.

Confinou-se o livro dos *Actos*, bem como o terceiro Evangelho, á sociedade christã de Roma. Teve uma importancia secundaria, emquanto que a evolução da Egreja se fez pela tradição directa e pelas necessidades internas ; mas o livro dos *Actos* adquiriu uma auctoridade capital quando o argumento decisivo nas discussões relativas á organisação ecclesiastica foi alçapremar a Egreja primitiva até a um ideal. Contava a Ascensão, o Pentecostes, o Cenaculo, os milagres da palavra apostolica e o concilio de Jerusalem. A sua opinião antecipada impôl-o á historia e até ás penetrantes observações da critica moderna, não sendo conhecidos de mais ninguem os trinta annos mais fecundos de fastos da egreja. Resentiu-se a verdade material ; porque Lucas não a conhecia e pouco se importava com isso ; mas os *Actos*, tanto como os Evangelhos, affeiçoaram o futuro. O modo porque os factos se narram importa mais aos grandes desenvolvimentos seculares do que a maneira porque occorreram. Os que fizeram a lenda de Jesus compartilharam egualmente na obra do christianismo. O que fez a lenda da Egreja primitiva pesou duramente na creação da sociedade espiritual onde tantos seculos encontraram o repouso das suas almas. *Multitudinis credentium erat cor unum et anima una.* Quando se escreve assim, pertence-se ao numero dos que aguilhoaram o coração da humanidade e que a não deixam mais adormecer até que seja realidade o sonho e palpavel o que se phantasiou.

CAPITULO XX

Seitas da Syria. Alkasaï

Ao passo que as egrejas occidentaes, subordinadas mais ou menos ao influxo do espirito romano, caminhavam rapidamente para um catholicismo orthodoxo e aspiravam a um governo central com exclusão das seitas, as egrejas dos *ebionim*, na Syria, esphacelavam-se cada vez mais e perdiam-se em toda a casta de aberrações. A seita não é a Egreja; pelo contrario, a seita ataca a Egreja e dissolve-a. O judeo-christianismo, verdadeiro Proteu, enveredava por direcções oppostas. Apezar do privilegio das communidades da Syria terem no seu meio parentes de Jesus, e de se prenderem a uma tradição bem mais directa que a das egrejas da Asia, da Grecia e de Roma, não é licito duvidar-se que essas pequenas aggremiações, abandonadas a si proprias, se perderiam n'um sonho passados duzentos ou trezentos annos. Por um lado, o uso exclusivo da lingua syriaca isolava-as do

convivio fecundo com as producções do genio grego; por outro lado a serie de influencias orientaes, assaz perigosas, actuavam sobre ellas ameaçando-as de uma rapida corrupção. A ausencia de criterio deixava-as influenciar pelos desvarios theosophicos, de origem babylonica, egypciaca, persica que, n'um periodo de quarenta annos, enfermaram o christianismo com os achaques do gnosticismo, comparavel a um garrotilho virulento ao qual uma criança só por milagre escaparia.

Turvava-se cada vez mais a atmosphera em que viviam as Egrejas ebionitas da Syria além Jordão. Abundavam n'essas paragens as seitas judaicas e seguiam uma direcção opposta ás doutrinas orthodoxas. O judaismo, privado do estimulo prophetico, depois da ruina de Jerusalem só conheceu dous pólos de actividade religiosa, a casuística, representada pelo Talmud e os sonhos mysticos da Cabbala nascente. Lydda e Iabné foram os centros da elaboração do Talmud; o paiz além Jordão serviu de berço á Cabbala. Os essenios não tinham morrido; com o nome de *essenios*, *ossenios*, *osseenios*, mal se distinguiam dos nazarenos ou ebionitas, proseguindo no seu peculiar ascetismo e nas suas abstinencias, com tanto mais ardor quanto a destruição do templo supprimira o ritual da Thora. Parece que os galileus de Judas o Gaulonita formavam uma egreja á parte. Nada se sabe do que seriam os masbotheanos, os genistas e os meristas e outros ignorados herisiarchas.

Fragmentavam-se os samaritanos n'um grande numero de seitas, relacionadas mais ou menos com Simão de Gitton. Cléobius, Menandro, os gorotheanos, os sebuenanos, já são gnosticos; correm sobre elles ondas de mysticismo cabbalistico. Leva ainda a maiores confusões a falta de auctoridade. Pullulavam as seitas samaritanas em volta da Egreja,

introduzindo-se no seu seio e algumas vezes á viva força. Póde referir-se a essa epocha o livro *Grande exposição*, attribuido a Simão de Gitton. Menandro de Capheretea realisava as ambições de Simão. Como o seu mestre, suppunha possuir a virtude suprema sonegada ao resto da humanidade. Havia um mundo infinito de anjos entre Deus e a creação, sobre os quaes a magia tinha todo o poderio. Suppunha conhecer-lhe os intimos segredos. É crivel que baptizasse em seu proprio nome. Esse baptismo dava jús á immortalidade e á resurreição. O maior numero de sectarios de Menandro viveu em Antiochia. Os seus discipulos intentaram, ao que parece, usurpar o nome de christãos. Succedeu o mesmo com outros sectaristas simonianos conhecidos por entichytos, adoradores de eons, sobre quem recahiram graves accusações.

Outro samaritano, Dositheo ou Dosthaï, representava o papel de Christo, filho de Deus e pretendia ser considerado como um grande propheta egual de Moisés, cuja promessa se lia no Deuteronomio (XVIII, 15) e que se julgava prestes a realisar-se n'esses tempos de febre. No fundo de todas as aberrações lá estava o essenismo com a sua tendencia para a multiplicação dos anjos; o Messias já não era senão um anjo como qualquer outro; e Jesus, nas egrejas assim influenciadas, perdia o titulo glorioso de filho de Deus e passava a ser um anjo de primeira plana.

Dada a união intima entre os christãos e a massa israelita, ao desnorteamento das egrejas transjordanicas contrapunha-se a egreja de Jesus. Não percebemos o que nos quer dizer Hegesippo, quando abre na Egreja um periodo de virgindade absoluta, finalisando na epocha referida, nem quando attribue todos os maleficios d'esse tempo a um tal Thébuthis, que, despeitado por não ser eleito bispo,

encheu a Egreja d'esses filiados nas sete seitas judaicas. É verdade que se deram estranhas allianças n'esses cantões perdidos do oriente. Ás vezes a mania das associações incoherentes não quedava nos limites do judaismo ; as religiões da alta Asia forneciam elementos á caldeira onde fermentavam os mais disparatados ingredientes. O baptismo é um culto originario da região do baixo Euphrates; ora o baptismo era o caracteristico corrente das seitas judaicas que queriam libertar-se do templo e dos padres de Jerusalem. João Baptista ainda tinha discipulos. Praticavam abluções os essenios e os ebionitas. O baptismo fortaleceu-se depois da destruição do templo. Os sectarios mergulhavam na agua a toda a hora e por qualquer pretexto. Ha cantos, em 80, que parecem ser d'esta seita. Redobrou a voga do baptismo no tempo de Trajano. Este progredimento foi devido á influencia de Elkasaï, que parece, em muitas coisas, um imitador de João Baptista e de Jesus.

Elkasaï talvez fôsse um essenio das terras de além Jordão, residindo em Babylonia, d'onde simulava ter trazido o livro da revelação. Desfraldou a sua bandeira prophetica no anno 3 do reinado de Trajano, prégando a penitencia e um novo baptismo, mais efficaz que o dos seus predecessores, susceptivel de resgatar os peccados mais torpes. Como manifesto da missão divina exhibiu um apocalypse extravagante, escripto provavelmente em syriaco, envolvido n'um mysterio charlatanesco e dado como recebido do céu em Seres, além dos Parthos. O revelador era um anjo de trinta e duas leguas de alto, representando o filho de Deus, e servindo de revelador ; ao seu lado um anjo feminino, o Espirito Santo, surgia como uma estatua nas nuvens entre duas montanhas. Elkasaï, depositario do livro, entregou-o a um tal Sobiaï. São conhecidos fragmentos

d'esse escripto bizarro, que não passa de uma mystificação vulgar, pretendendo ter successo, baseando-se em pretensas formulas de expiação e momices ridiculas. Formulas magicas constituidas por phrases syriacas lidas ao contrario, prescripções pueris sobre os dias faustosos e os dias aziagos, uma medicina vazia de senso e plena de sortilegios e exorcismos, receitas contra os cães e os demonios, previsões astrologicas, eis succintamente o evangelho de Elkasaï. Annunciava, como todos os elaboradores de apocalypses, grandes catastrophes para o imperio romano, cuja data fixava no sexto anno do reinado de Trajano.

Seria Elkasaï realmente christão? É caso para duvidar. Fallando muitas vezes de Moisés, equivocava-se ácerca de Jesus. Tudo leva a crêr que decalcando os passos de Simão de Githon, Elkasaï conhecesse o christianismo e o copiasse. Como succedeu mais tarde com Mahomet, adoptou Jesus considerando-o um personagem divino. Só se relacionou com os ebionitas; porque a sua christologia é de *Ebion*. Seguindo o seu exemplo, respeita a Lei, a circumcisão, o sabbado, despreza os antigos prophetas, odeia S. Paulo, não come carne e reza olhando na direcção de Jerusalem. Parece que os seus discipulos se approximam do buddhismo; admittem muitos Christos, passando de uns para os outros por transmigração, ou antes um só Christo encarnando-se e apparecendo no mundo por intercadencias. Jesus foi uma das apparições, como Adão fôra a primeira. Estes devaneios fazem pensar nos avatares de Vischnú e nas vidas successivas de Krichna.

Ha em tudo isto o syncretismo grosseiro de um sectario, assemelhando-se a Mahomet, ennovelando e confundindo, com frieza e ao sabor do seu capricho ou do seu interesse, os dados apanhados em

todas as procedencias. A mais sensivel influencia é a do naturalismo persa e da cabbala babylonica. Os elkasaïtas adoravam a agua como fonte de vida e renegavam o fogo. O baptismo, ministrado em nome de «Deus todo poderoso e em nome de seu filho, o grande rei», limpava de toda a macula e curava todos os males, se se lhe juntasse a invocação das sete testimunhas mysticas, o céu, a agua, os santos espiritos, as anjos da oração, o azeite, o sal e a Terra. Elkasaï praticava a abstinencia e sentia o mesmo horror pelos sacrificios cruentos que os essenios. Outra pretensão d'estes ultimos era o privilegio de annunciar o futuro e o curar as doenças por processos magicos. A sua moral assemelhava-se á d'esses bons cenobitas. Reprovava a virgindade e achava bôas, com o fim de obviar as perseguições, a simulação da idolatria e a renegação verbal da fé professada.

As suas doutrinas adoptaram-n'as quasi todas as seitas ebionitas. Sente-se o seu influxo nas narrativas pseudo-clementinas, obra dos ebionitas de Roma e nas reminiscencias vagas da carta falsamente attribuida a João. Só foi conhecido o livro de Elkasaï pelas egrejas gregas e latinas no seculo 3.º e não conseguiu seduzir ninguem; pelo contrario, os ebionitas do oriente, os ossenios e os nazarenos adoptaram-n'o com vivissimo enthusiasmo. Em toda a região d'além Jordão, Pereu, Moab, a Iturea, o paiz dos Nabateus, as margens do mar Morto, para os lados do Arnon, pullulavam os seus sectarios. Mais tarde chamou-se-lhes samsenios, expressão cujo sentido é obscuro. No 4.º seculo foi tal o fanatismo da seita que havia martyres pela familia de Elkasaï, a qual ainda vivia e proseguia no seu charlatanismo grosseiro. Duas mulheres, Marthous e Marthana, que se diziam suas descendentes, eram adoradas, sendo o pó das suas sanda-

lias e até os seus escarros tidos como reliquias. Na Arabia os elkasaïtas, como em geral os ebionitas e os judeo-christãos, viveram até ao advento do islamismo e com elle se confundiram. Mal discorda a theoria de Mahomet sobre Jesus do conceito de Elkasaï. A ideia da *kibla*, ou direcção pela reza, talvez se originasse no sectarismo transjordanico.

Não é banal deixar de insistir n'um ponto; antes do grande schisma das egrejas gregas e latinas, egualmente orthodoxas e catholicas, houve um schisma oriental, e um schisma syriaco, seja-nos licito esta expressão, que expulsou do christianismo ou propelliu para a orla das suas fronteiras um mundo inteiro de seitas judeo-christãs e ebionitas, de nenhum modo catholicas (essenios, ossenios, samsenios, jessenios, elkasaïtas) em cujo seio Mahomet hauriu o christianismo e cuja desforra foi o islamismo. Uma prova d'esta asserção e ainda palpitante é o nome de *nazarenos*, sempre conferido aos christãos pelos musulmanos. Outra prova do christianismo de Mahomet ser o ebionismo ou o nazarismo é o ferrenho docetismo com que os musulmanos proclamaram sempre que Jesus não foi pessoalmente crucificado, mas que foi uma sombra que por elle padeceu. Parece estar-se a ouvir Cerintho ou qualquer dos gnosticos tão energicamente batidos por Ireneu.

Sabiin, em syriaco, abrangendo as differentes seitas de baptistas, significava «baptizadores». D'essa palavra deriva o termo *sabianos*, servindo ainda hoje para designar os mendaïtas, nazarenos, ou christãos de S. João, continuando a sua vida obscura na região pantanosa de Wasith e de Howeyza, proximo da confluencia do Tigre e do Euphrates. Mahomet no VII seculo trata-as com grande deferencia. Chamam-lhe os polygraphos arabes do seculo X *el-mogtasila*, «os que tomam banho». Os

primeiros europeus que os conheceram confundiram-n'os com os discipulos de João Baptista, abandonando as margens do Jordão antes das prédicas de Jesus. É impossivel duvidar-se da identidade d'estes sectarios com os elkasaïtas, quando elles chamam ao seu iniciador *El-hasih*, e especialmente quando se estudam as suas doutrinas, uma especie de gnosticismo judeo-babylonico, analogo em muitos pontos ao de Elkasaï. O uso das abluções, o amor á astrologia, o costume de attribuir livros a Adão como o primeiro revelador, o papel dos anjos, uma especie de naturalismo e crença no magico poder dos elementos, o horror do celibato, taes são os pontos de contacto que unem aos sectarios de Bassora os elkasaïtas.

Como estes, os mendaïtas consideram a agua o principio da vida, o fogo o principio das trevas e da destruição. Ainda que longe do Jordão, o rio é para elles o rio baptismal por excellencia. Apezar da sua antipathia para com Jerusalem e o judaismo, da malevolencia para com Jesus e o christianismo, nem por isso a sua organisação de bispos, padres e fieis se afasta da organisação christã, nem tampouco a sua liturgia deixa de ser decalcada na da egreja e de tender para os verdadeiros sacramentos. Os seus livros não parecem antigos, mas antes substituiram outros mais velhos. Talvez esteja n'este caso o *Apocalypse* ou *Penitencia de Adão*, livro singular versando a liturgia celeste de cada hora do dia e da noite e dos actos sacramentaes que com elles se relacionam.

Serão o esseismo e o baptismo judaicos as unicas origens do mendaïsmo? Não, por certo; debaixo de muitos pontos de vista elle é um ramo da religião babylonica, ligada por um intimo consorcio com uma seita judeo-christã, eivada pelas ideias da Babylonia. O syncretismo desenfreado, lei cons

tante das seitas orientaes, impossibilita a analyse de taes monstruosidades. São muito obscuras as relações ulteriores dos sabianos com o manicheismo. A unica coisa que se póde affirmar é que o elkasaïsmo dura actualmente e representa nos pantanos de Bassora as seitas judeo-christãs, outr'ora florescentes além Jordão.

A familia de Jesus, ainda viva na Syria, deveria oppôr-se a tão perniciosas chimeras. No tempo que referimos, morrem os dois ultimos sobrinhos do grande iniciador galileu, cercados do maior respeito pelas communidades transjordanicas, mas quasi esquecidos pelas outras egrejas. Os filhos de Judas, regressando á Batanéa, depois da sua comparencia ante Domiciano, fôram considerados como martyres. Deram-lhes a direcção das Egrejas, e tiveram até á morte de Trajano uma auctoridade preponderante. Os filhos de Clopas, durante este tempo, continuaram a usar o titulo de presidentes da egreja de Jerusalem. A Simeão, filho de Clopas, succedeu seu sobrinho Judas, filho de Thiago, ao qual se seguiu outro Simão, bisneto de Clopas.

Succedeu um facto politico importante no anno 105, na Syria, e que teve para o futuro do christianismo graves consequencias. O reino nabateu, até ahi independente, contornando a leste a Palestina, e comprehendendo as cidades de Petra, de Botia e, de facto senão de direito, Damasco, foi destruido por Cornelio Palma e encorporado na provincia romana de Arabia. Pelo mesmo tempo, pequenos reinos, feudatarios do imperio e que se conservaram até ahi na Syria, os Herodes e Soèmas d'Edesso, os pequenos principados de Chalcis, Abila, os Seleucidas da Comagenia, haviam desapparecido. Manteve-se então no Oriente uma regularidade no dominio romano até ahi irrealisavel. Para além das suas fronteiras só havia o deserto inultrapassavel.

Englobou o mundo transjordanico até então occupado só no lado occidental. Palmyra ficou sujeita ao imperio romano, Palmyra que só era obrigada a fornecer auxiliares. D'or'avante o campo inteiro da laboração christã pertence a Roma e passa a gosar a tranquillidade assegurada, pela finalisação do patriotismo local. Os costumes romanos são adoptados no oriente inteiro. As cidades até então orientaes fôram reconstruidas segundo os modelos da arte romana. Falharam assim as prophecias do apocalypse. O imperio chegara ao auge do poder; o mesmo governo ia de York a Assouan, de Gibraltar aos Carpathos e aos desertos da Syria. Ninguem se lembrava dos maleficios de Tiberio e Domiciano nem das loucuras de Caligula e de Nero. E n'esse espaço immenso só um protesto se ouvia, o dos judeus; o resto curvava a cerviz deante do maior poder até então conhecido.

CAPITULO XXI

Trajano perseguidor. — Carta de Plinio

Tal poder, debaixo de certos pontos de vista, foi benefico. Como não havia patrias, não havia guerras. Parecia que a humanidade alcançara o seu objectivo pelas reformas promettidas, com fundamento, pelos dirigentes politicos de elevada intellectualidade. Já demonstramos precedentemente o quanto fôra duro para os christãos um regimen, n'um sentido peor que o de Nero e Domiciano, regimen esse, especie de edade de ouro dos liberaes, exercido por homens sabios e honrados. Não podiam deixar de ser perseguidores estadistas frios, correctos e moderados, não conhecendo senão a lei embora a applicassem com indulgencia; porque a lei era perseguidora, não permittindo o que Jesus reputava como a propria essencia da sua divina instituição.

Tudo prova que Trajano foi o primeiro perseguidor systematico do christianismo. Produziram-se,

embora com pouca frequencia, durante o seu reinado, processos contra os christãos. Estimulavam-n'o a esses actos a sua politica de principios, o seu zelo pelo culto official, a sua aversão por tudo o que se assemelhasse a uma sociedade secreta. Propellia-o a opinião publica. Não eram raros os motins contra os christãos ; assim, com o cunho de popularidade, o governo concitava o applauso publico, satisfazendo ao mesmo tempo as suas desconfianças. Tinham caracter local os motins e as perseguições consecutivas. E se não houve no tempo de Trajano, como no de Decio e de Diocleciano, uma perseguição geral, ainda assim o estado da egreja foi instavel e desigual. Ficou ella á mercê de caprichos ; e os caprichos da turba são mais temerosos que os das auctoridades. Os proprios agentes da auctoridade nutriam enraizados prejuizos contra « a nova superstição », mesmo quando dotados de alta capacidade mental como Plinio e Suetonio. Considera Tacito um dever de bom politico esmagar simultaneamente o judiasmo e o christianismo, rebentos damninhos do mesmo tronco. Viu-se claramente esta orientação, quando se encontrou face a face, pela qualidade das suas funcções, com o problema embaraçando os mais cultos espiritos, um dos homens mais rectos, honrados e instruidos do seu tempo. Plinio foi nomeado delegado imperial extraordinario, pelo anno 111, nas provincias da Bithynia e do Ponto ; isto é, em todo o norte da Asia Menor. Até então esse paiz fôra governado por proconsules annuaes, tirados á sorte entre os senadores e bastante descurados no seu governo. Ganhara a liberdade em alguns pontos. Pouco importava aos administradores de um dia, enclaustrados nas altas questões politicas, o futuro do imperio. Até ao ultimo extremo chegou a delapidação dos dinheiros publicos ; as obras publicas e as finanças

das provincias, estavam n'um estado desgraçado. E emquanto os governadores se divertiam ou enriqueciam, as provincias seguiam livremente os seus instinctos. A desordem, como tantas vezes succede, aproveitara á liberdade.

A religião official apegava-se sómente ao apoio imperial; abandonada pelos prefeitos indifferentes, descera o mais possivel. Os templos, em alguns pontos, cahiam em ruinas. Desenvolviam-se infinitamente as associações profissionaes e religiosas, as *heterias*, tanto no gosto da Asia Menor; ganhava partido o christianismo, aproveitando a monção favorecida pelas facilidades do funccionalismo. Os seus progressos fôram espantosos para os lados do mar Negro. Refundiam-se os costumes. Não encontravam venda as carnes immoladas aos idolos, uma das fontes do abastecimento dos mercados. Talvez que o nucleo ferrenho dos fieis não fôsse muito numeroso; mas em volta d'elle aggremiava-se uma turba sympathica, quasi iniciada, inconstante e capaz de dissimular as suas crenças para evitar um perigo, mas sem nunca se apartar da sua fé. Predominava nas conversões em massa o attractivo da moda, rajadas que alternativamente levavam ou lhe tiravam ondas de população instavel; mas a coragem dos chefes resistia a todas as provas; supportavam as maiores torturas pelo horror á idolatria e na defeza honrada das suas crenças.

Plinio, executor fiel das ordens imperiaes e homem honesto, encetou a tarefa de metter na ordem e na legalidade as provincias, cujo governo assumira. Faltava-lhe, porém, a experiencia; sendo antes um litterato amavel que um verdadeiro administrador, consultava directamente o imperador ácerca de quasi todos os negocios publicos. Trajano respondeu-lhe a todas as cartas e conservou-se a preciosa correspondencia. Tudo se vigiou e refor-

mou sob as ordens diarias do imperador; pedia-se auctorisação para as minimas deliberações. Um edito formal prohibiu as *heterias*; e fôram dissolvidas as corporações mais inoffensivas. Supprimiram-se os antigos usos, como a celebração na Bithynia dos dias celebres familiares, as festas locaes com grandes ajuntamentos onde se reuniam mais de mil pessoas. Ficou quasi reduzida a zero a liberdade, que se insinua no mundo, na maioria dos casos, subrepticiamente.

As egrejas christãs foram fatalmente feridas por uma politica meticulosa, não vendo senão os espectros das *heterias* e receiando-se até de uma associação de cento e cincoenta operarios, nomeados pela auctoridade para apagar os incendios. Plinio encontrou no seu caminho, por varias vezes, os sectaristas inoffensivos, cujo perigo não attingiu. Nos differentes estadios da sua vida de advogado nunca se immiscuira em processos levantados contra os christãos. Mas como as denuncias fervessem, urgia effectuar prisões. O delegado imperial deu alguns exemplos seguindo os processos summarios do tempo; decidiu recambiar para Roma os que eram romanos; mandou torturar duas diaconisas. O que descobriu pareceu-lhe pueril. Quiz fechar os olhos; mas as determinações do imperador eram formaes; excediam a espectativa as contínuas delações: via-se obrigado a encarcerar a população inteira.

Foi em Amisus, no mar Negro, pelo outomno do anno 112, que se sentiu deveras embaraçado. Provavelmente abalaram-n'o os recentes acontecimentos de Amastris, cidade que foi desde o seculo II o nucleo do christianismo, no Ponto. Plinio, segundo o seu costume, escreveu ao imperador:

«É dever indeclinavel para mim, Senhor, referir todos os assumptos, sobre os quaes eu tenha duvidas. Quem melhor

do que Vós poderá encammhar os meus passos hesitantes ou elucidar a minha ignorancia? Nunca entrei em qualquer processo contra os christãos; por isso não sei o que deva inquirir ou que deva castigar ou reprimir. Por exemplo, eu não sei distinguir a responsabilidade das edades, nem se se deve perdoar aos arrependidos, ou se áquelle que era christão de alma e coração se deve compensar porque deixou de o ser, se é o nome que se deve castigar, abstrahindo da ideia do crime ou se esta está indissoluvelmente ligada ao nome do christão. Na expectativa, a minha conducta foi a seguinte: Perguntava aos suppostos reus se elles eram christãos; aos que confessavam, interroguei-os segunda e terceira vez com a ameaça do supplicio; os relapsos, condemnei-os á morte. Ha um ponto claro para mim e é que seja qual fôr a natureza do delicto a persistente teimosia, a inflexivel obstinação devem ser castigadas. Ha outros atacados da mesma vesania que eu remetti para Roma por serem cidadãos romanos. Depois, no correr dos processos, como o crime tivesse ramificações, appareceram outros de differentes especies. Um libello anonymo continha immensos nomes. Os que negaram que fôssem ou tivessem sido christãos, entendi dever relaxal-os, depois de terem invocado os deuses na minha presença, adorado a vossa imagem, sacrificado com vinho e com incenso, que puzera á sua disposição, bem como estatuas dos deuses, e amaldiçoado o Christo, factos estes que se não conseguem, segundo é fama, nem á viva força, dos verdadeiros christãos. Outros, apontados pelos delatores, confessavam-se christãos, mas logo o negaram, dizendo têl-o sido, mas affirmando o abandono de tal crença ha mais de tres annos e alguns até ha mais de inte annos. Os que reverenciaram a vossa estatua e as dos deuses amaldiçoaram o Christo. Affirmaram mais que toda a sua culpa se resumia em se reunirem habitualmente e em dias fixos, antes do romper do dia, para cantarem um hymno ao Christo, como se elle fôsse um deus, e para, por juramento, tomarem o compromisso, não de commetterem crimes, mas de não perpetrar o roubo, a extorsão, o adulterio, não faltar á palavra dada nem negar um deposito reclamado; que depois de isto feito se retiravam, reunindo-se mais tarde n'uma collação ordinaria e innocente (1); que

(1) Distincção nitida entre a reunião sacramental (prototypo da missa) e os agapes, não essenciaes ao culto.

se tinham, porém, abstido de continuar depois da publicação do edito, em que eu, conforme as vossas ordens, prohibira as heterias. Entendi, para apuramento completo da verdade, mandar torturar duas servas, que se appellidavam diaconisas. Só revelaram uma superstição desmesurada. Foi por isso que, suspendendo a instrucção, resolvi consultar-vos. Julgo assumpto digno de consulta, por causa do numero dos que estão em perigo. Muitas pessoas, de todas as edades, e de todas as posições sociaes, de ambos os sexos, fôram processadas ou sel-o-hão ; não só nas cidades, como nas villas e aldeias alastra o contagio da superstição. Parece-me poder pôr-lhe cobro e remedial-o. Está provado que os templos, até agora abandonados, já têm frequencia, que as festas solemnes, de ha muito interrompidas, se tornam a realisar, que se vende a carne das victimas dos sacrificios, para a qual escasseavam os compradores. Se se favorece o seu arrependimento, será enorme a affluencia dos que regressem ás crenças do imperio.»

Foi esta a resposta de Trajano :

«Meu caro Secundo :

O caminho que seguiste foi o mais sensato no exame das causas que levaram os christãos ao teu tribunal. Não se póde, em tantos casos, estabelecer uma regra fixa. Não vale a pena procural-os ; se são denunciados e persistem no seu erro, condemnam-se de modo, no emtanto, a que todo e qualquer que affirme não ser christão e que o prove pelas suas acções, isto é, orando aos nossos deuses, seja perdoado, como recompensa do seu arrependimento, quaesquer que sejam as suspeitas recahindo sobre o seu passado. Quanto ás denuncias anonymas, o melhor é desprezal-as porque são um detestavel exemplo improprio da epocha em que vivemos.»

Nada de equivocos. Ser christão é estar fóra da lei e merecer a morte. Desde Trajano, o christianismo passa a ser um crime de Estado. Sómente alguns imperadores do seculo III é que fecharam os olhos e toleraram o christão. Uma boa administração, na ideia benevola do imperador, não tende a

encontrar culpados, nem anima a delação; mas incita a apostasia perdoando aos renegados. Parece natural ensinar, aconselhar e recompensar os actos mais immoraes, aquelles mesmo que mais rebaixam o homem. Tal é o erro de um dos melhores governos da terra, porque buliu com as coisas da consciencia e conservou o velho principio da religião do Estado, principio muito natural nas pequenas cidades antigas, ampliações da familia, mas funesto n'um grande imperio, constituido por elementos differentes pela historia e pelas necessidades moraes.

Resulta evidentemente dos documentos estimaveis, que os christãos não são perseguidos como judeus, tal qual como no tempo de Domiciano, mas sim como christãos. Já não ha confusões no mundo juridico, embora persistam entre o vulgo. O judaismo não era um delicto; consignavam-se-lhe até, fóra dos dias de revolta, garantias e privilegios. Por um phenomeno singular, o judasimo, que tres vezes se revoltara contra o imperio com furor inominado, nunca foi officialmente perseguido: os maus tratos infligidos aos judeus, são, como succede para os raïas dos paizes musulmanos, a consequencia da sua subalternidade e não um castigo legal; só raras vezes no segundo e terceiro seculos é que se martyrisaram judeus por não sacrificarem aos idolos ou á imagem do imperador. Contrariamente, o christianismo, que nunca se revoltou, é que estava fóra da lei. O judaismo teve, por assim dizer, uma concordata com o imperio; o christianismo nunca. O romano presentia que o christianismo era o xilophago roedor do edificio da sociedade antiga. O judaismo não intentava infiltrar-se no imperio; sonhava a destruição universal; nas suas horas arrebatadas, pegava em armas, matava e feria ás cegas, e depois, como um doudo furioso,

passado o accesso, deixava-se manietar, emquanto o christianismo continuava lenta e suavemente na sua obra. Humilde e modesto na apparencia, a sua ambição não conhecia limites; entre o imperio e elle a lucta era de morte.

Se a resposta de Trajano a Plinio não representava uma lei, suppunha leis e fixava-lhes a interpretação. Os palliativos indicados pelo imperador não deviam ter consequencias. Eram muito faceis os pretextos para entravar a corrente hostil aos christãos. Bastava uma denuncia assignada baseando-se n'um acto ostensivo. Ora revelavam um christão, a sua attitude ao passar deante dos templos, as perguntas nos mercados sobre a proveniencia das carnes e a ausencia das festas publicas. Nunca mais cessaram as perseguições locaes. Perseguem mais os proconsules que os imperadores. Tudo dependia da boa ou má vontade dos governadores; ora com a boa vontade não se podia contar, por ser rara. Já passára o tempo em que a aristocracia romana acolhia com benevolencia curiosa os exotismos. Agora só um frio desdem levando a supprimil-os completamente poisava com desprezo sobre a loucura da renuncia e o espirito de piedade e moderação pela especie humana. Além d'isso o povo requintava em fanatismo. Quem não sacrificasse, ou passando pelos templos não lhe atirasse o beijo da adoração, corria risco de vida.

CAPITULO XXII

Ignacio de Antiochia

Teve Antiochia um quinhão e assaz violento, nas perseguições crueis de tão restricta efficacia. Por aquelle tempo era chefe d'esta egreja unida a S. Paulo, Ignacio, pessoa respeitabilissima. O seu nome latino equivalia provavelmente ao nome syriaco *Nourana*. Espalhara-se em todas as egrejas a reputação de Ignacio e muito especialmente na Asia Menor. Consecutivamente a qualquer facto por nós ignorado, talvez motim popular, foi preso, condemnado á morte; e como não fôsse cidadão romano, mandaram-n'o para Roma afim de ser dado ás féras no amphitheatro. Eram escolhidos para este fim os homens bellos, dignos de se apresentarem deante do povo romano. A viagem do intemerato confessor de Antiochia até Roma, ao longo das costas da Asia, Macedonia e Grecia, foi um triumpho. As egrejas dos portos onde tocou procuravam-n'o pedindo-lhe conselhos. Por seu turno,

Ignacio escrevia cartas cheias de ensinamentos, com uma grande auctoridade devida á sua posição especial analoga á de S. Paulo, captivo de Jesus Christo. Principalmente em Smyrna relacionou-se Ignacio com todas as egrejas da Asia Menor. Depois de lhe haver fallado, guardou d'elle as melhores recordações Polycarpo, bispo de Smyrna. Foi n'este local que Ignacio sustentou uma larga correspondencia, sendo as suas cartas acolhidas com o mesmo respeito consagrado aos escriptos apostolicos. Antes parecia um personagem poderoso do que um prisioneiro, tal a quantidade de correios, de caracter sagrado, sempre em idas e vindas continuadas. A vista d'este facto impressionou bastante os idolatras e originou um romancezinho ainda hoje conhecido.

Suppõem-se quasi perdidas as epistolas authenticas de Ignacio; as que conhecemos e dirigidas em seu nome aos Ephesios, Magnesios, Trallios, Philadelphios, Smyrniotas e Polycarpo são apocryphas. As quatro primeiras deveriam ter sido escriptas em Smyrna; as duas ultimas em Alexandria de Troas. Decalcam-se em modelos d'um mesmo typo, mas de cada vez com menos valor. Faltam-lhe em absoluto o genio e o caracter individual. Parece que entre as cartas escriptas por Ignacio houve uma que, á imitação de S. Paulo, se dirigiu aos fieis de Roma. Esta carta, tal como é conhecida, chocou a antiguidade ecclesiastica. Citam-n'a, com admiração, Ireneu, Origenes e Eusebio. O estylo tem um sabor acre e forte, qualquer coisa de vehemente e plebeu; os gracejos irrompem de jogos de palavras; sob o ponto de vista de bom gosto, certos trechos ferem pelo frizante exaggero; mas nunca a fé viva sem a sêde insaciavel da morte fôram mais apaixonadamente traduzidas. O enthusiasmo pelo martyrio, dominante, durante dous seculos, do es-

pirito christão, vibra, sobre a inspiração do auctor, na mais exaltada expressão.

«A força de orações consegui vêr o vosso santo rosto; obtive muito mais do que pedi; porque se Deus consentir que eu attinja o meu fim, beijar-vos-hei, captivo de Jesus Christo. Tudo vae bem encaminhado, o caso é que me não estorvem de realisar o meu desejo. É de vós que mais receio; quem sabe se me prejudicará a vossa excessiva affeição. Nada arriscaes; emquanto que eu perco a Deus, se vós conseguis salvar-me... Jámais terei tão propicio momento; rogo-vos por isso que tenhaes a caridade de nada tentar a meu respeito, porque agora, como nunca mais, contribuis para a realisação de uma obra excellente. Se vos calardes, pertencerei a Deus; se pelo contrario insistis pela salvacão da minha carne, eis-me novamente na lucta. Deixae que eu me sacrifique, emquanto o altar está prompto para que, agrupados em côro, possaes cantar ao vosso Pae em Jesus Christo: «Grande é a vontade do Senhor, consentindo que fôsse do levante ao poente o bispo da Syria.» É bom, com effeito, adormecer na terra com Deus para despertar com Elle no céu.

Vós nunca haveis feito mal a quem quer que seja; para que principiar hoje? Vós que tendes sido os mestres de tantos outros! Eu só desejo realisar o que ensinaes e prescreveis. Rogae para mim a força *intus et extra*, para que me não chamem sómente christão em vida, mas que eu prove sel-o á hora da minha morte. As apparencias não são boas. O visivel é temporario; o invisivel é eterno. Nosso Deus Jesus Christo não nos apparece, porque existe em seu Pae. O christianismo não é só obra do silencio, é-o tambem de brilho quando sobre elle pesa o odio do mundo.

Escrevo ás Egrejas e communico-lhes que morro com a certeza de que é por Deus que o faço; não estorveis o sacrificio. Não queiraes ser pela vossa intempestiva bondade os meus maiores inimigos. Seja eu o pabulo das féras, porque o meu goso será ineffavel ante Deus. Eu sou o fromento de Deus; é preciso ser triturado pelos dentes das féras, para que eu seja o pão puro de Christo. Afagae-as de preferencia para que sejam o meu tumulo e não deixem subsistir uma minima parcella do meu corpo e para que ninguem se encarregue dos

meus funeraes. Serei o verdadeiro discipulo de Christo, só quando o mundo não vir o meu corpo . . .

No meu roteiro da Syria a Roma eu estou em guerra aberta com as féras, na terra, no mar, de dia e de noite, preso por dez leopardos (refiro-me aos soldados que me guardam, tanto peores quanto mais bem eu lhes faço). A minha genese começa pelos seus maus tratos; «mas nem por isso me sinto justificado.» Melhorarei immenso, eu vol-o affirmo, quando estiver frente a frente com as féras, a quem serei votado. Desejo encontral-as na melhor disposição; sendo preciso, afagal-as-hei com as mãos para que me devorem mais depressa e para que ellas se não receiem, como com outros, de me aggredirem. Se ellas não o quizerem, obrigal-as-hei a isso.»

«Perdoae-me, mas eu sei bem o que devo preferir (1). Só agora é que me inicio como um verdadeiro discipulo. Nada no mundo, nenhum poder visivel ou invisivel evitará o meu goso em Jesus Christo. Fogo e cruz, féras em bandos, deslocação dos ossos, mutilações dos membros, esphacelo do meu corpo inteiro, todos os supplicios do inferno recaiam sobre mim, mas que eu gose em Jesus Christo . . . Crucificaram o meu amor; não ha mais affeição em mim pela materia; só existe a agua viva que murmura: «Vem para o teu Pae.» Não me dá prazer nem a alimentação corruptora nem os gosos da vida. Quero o pão de Deus, o pão da vida, que é a carne de Jesus Christo, filho de Deus, nado no fim dos tempos da raça de David e Abraham; eu quero para bebida o seu sangue, que é o amor incorruptivel e a vida eterna.»

Passados sessenta annos depois da morte de Ignacio, a phrase caracteristica «Eu sou o fromento de Deus», tornou-se proverbial na egreja e era repetida como incentivo ao martyrio. Talvez que a esse respeito houvesse transmissão oral; talvez que a carta fôsse authentica na essencia, quero dizer, no tocante ás phrases energicas com que Ignacio exprime a ancia do supplicio e o amor por Jesus.

---

(1) Significa Ignacio o desejo da morte; mas tambem expressa que são melhores as féras do amphitheatro que os seus guardas.

Ha allusões, ao que parece, ao proprio texto da epistola aos Romanos, por nós conhecida, na narrativa authentica do martyrio de Polycarpo (155). Ignacio foi assim o grande mestre do martyrio, o incitador dos loucos desejos de morte por Jesus. Nas suas cartas verdadeiras ou apocryphas se originam as expressões chocantes e os exaltados sentimentos. O diacono Estevão santificara com o seu heroismo o diaconato e os novos misteres ecclesiasticos; o bispo de Antiochia aureolou de santidade as funcções do episcopado. Não é desarrazoado attribuirem-se-lhe escriptos nos quaes as suas funcções se exalçam com hyperbole. Ignacio foi o ver dadeiro patrono do episcopado, o creador do privilegio dos chefes da egreja, a primeira victima dos seus perigosos deveres.

O mais curioso é que esta historia, contada a um dos escriptores mais espirituosos do seculo, Luciano, inspirou-lhe os trechos principaes do pequeno quadro de costumes *Da morte de Peregrinus*. Não se póde duvidar que Luciano não deixasse de copiar trechos de Ignacio, quando apresenta o charlatão desempenhando os papeis de bispo e de confessor, preso na Syria, embarcando para a Italia, rodeado por fieis sollicitos e recebendo deputações de toda a parte encarregadas de o consolarem no seu sacrificio. Como Ignacio, Peregrinus escreve do captiveiro cartas recheadas de conselhos e dictames que se consideram como lei, dirigidas ás cidades celebres demorando no seu roteiro; institue em face d'essas mensagens enviados revestidos com um caracter religioso; finalmente comparece ante o imperador e affronta o seu poder com uma audacia que Luciano reputa impertinente, mas considerada como um movimento de santa liberdade pelos admiradores do fanatico missionario.

Engrandeceu-se na egreja a memoria de Igna-

cio, pelos partidarios de Paulo. Ter visto a Ignacio era graça tão especial como ter visto a Paulo. A supremacial auctoridade do martyr contribuiu poderosamente para o exito d'este grupo, cujo direito de existencia ainda era bastante contestado. Por 170, um discipulo de Paulo, anceando pelo estabelecimento da auctoridade episcopal, concebeu o projecto, semelhantemente ao succedido com as epistolas attribuidas aos apostolos, de elaborar, sob a egide do nome de Ignacio, uma serie de cartas, destinadas a criar uma concepção anti-judaica do christianismo, assim como ideias de estricta jerarchia e orthodoxia catholica, oppondo-se aos erros dos docetas e de certas seitas gnosticas. Fôram acceites com sollicitude esses escriptos cuja collecionação se attribuia a Polycarpo, e tiveram uma influencia decisiva na constituição da disciplina e do dogma.

Junto de Ignacio figuram, nos mais antigos documentos, dois personagens que se lhe pretende associar, Zozimo e Rufo. Ignacio parece que não teve companheiros na sua viagem; talvez que Zozimo e Rufo fôssem creaturas conhecidas no circulo das Egrejas da Asia e da Grecia e muito recommendaveis pela fervorosa dedicação á Egreja de Christo.

Por aquelle tempo soffreu um outro martyr, de grande notoriedade pelo titulo de chefe da egreja de Jerusalem e de parente de Jesus, Simão filho (ou antes bisneto) de Clopas. A opinião corrente entre os christãos e provavelmente acceite pelos seus affins de que Jesus era da raça de David, consignava esse titulo a todos os seus consanguineos. Ora não se podia usar sem perigo um tal titulo, dada a effervescencia em que se encontrava a Palestina. Já no tempo de Domiciano a auctoridade romana concebera apprehensões a proposito da pretensão confessada pelos filhos de Judas. Renascera

a mesma inquietação no tempo de Trajano. Embora fôssem muito modestos os descendentes de Clopas presidindo á Egreja de Jerusalem, para se gabarem de tão elevada ascendencia, talvez contestada pelos não christãos caso a arrogassem, não a podiam porém dissimular deante dos filiados na egreja de Jesus, dos hereticos ebionitas, essenios, elkasaïtas, de que alguns mal se poderiam chamar christãos. Chegou ao conhecimento das auctoridades romanas uma denuncia feita por alguns sectarios e Simeão, filho de Clopas, foi julgado. O delegado consular da Judeia era n'essa epocha Tiberio Claudio Attico, pae do celebre Herodes Attico. Humilde Atheniense, a descoberta de um thesouro immenso enriquecera-o repentinamente. Á custa da casual fortuna conseguiu o titulo de consul substituto. Foi na circumstancia referida excessivamente cruel. Durante muitos dias torturaram o infeliz Simeão, naturalmente para o obrigarem a fazer revelações presumiveis. Attico e os seus accessores admiraram a sua coragem. Terminaram por crucifical-o. Hegesippo refere que os seus delatores, tambem convencidos de descenderem de David, fôram egualmente suppliciados. Não devem causar estranheza taes denuncias. Em grande parte concorreram para as perseguições do anno 64, ou pelo menos para a morte dos apostolos Pedro e Paulo, as rivalidades intestinas entre as seitas christãs e judaicas,

Parece que Roma não teve martyres por esse tempo. Entre os *presbyteri* ou *episcopi* governando a egreja capital, citam-se Evaristo, Alexandre e Xisto, que morreram em paz e de morte natural.

CAPITULO XXIII

Fim de Trajano. — Revolta dos judeus

Trajano, vencedor dos Dacios, exornado com todos os triumphos, ascendendo ao mais culminante poderio, nunca attingido por outro homem, machinava, apezar dos seus sessenta annos, um sem numero de projectos ácerca do Oriente. Não estavam bem definidos os limites do imperio nem na Syria nem na Asia Menor. Conjurara-se por largos seculos o perigo dos arabes com a destruição do reino nabeteano. O reino da Armenia inclinava-se para uma alliança com os parthos, apezar de ser vassallo directo de Roma. Durante toda a guerra dacica, a Arsacida manteve relações com Decebalo. O imperio partha, senhor de toda a Mesopotamia, era uma ameaça permanente para a Antiochia e constituia um perigo constante para as provincias incapazes de se defenderem por si proprias. Uma expedição ao Oriente tendo como objectivo a annexação ao imperio romano da Armenia, da Osrhoena, da Myg-

donia, seria razoavel empreza, porque essas terras se incorporaram no imperio depois das campanhas, emprehendidas por Lucio Vero e Septimo Severo. Mas Trajano não tinha um conhecimento perfeito do estado do Oriente. Não vislumbrava que, para além da Syria, da Armenia, do norte da Mesopotamia, onde era facil abrir uma larga estrada á civilisação occidental, se extensibilisava o velho Oriente, onde os nomadas faziam as suas incursões, abrigando nas visinhanças das cidades populações indoceis, impossibilitando a manutenção da ordem á moda europeia. Nunca o Oriente fôra vencido pela civilisação de uma maneira perduravel; a propria Grecia exerceu ahi um fraco dominio. Grande chimera se antolha a de talhar provincias romanas, n'um mundo tão differente pelo clima, pelas raças, pelas condições da vida, de outros mundos onde fôra facil a assimilação romana. O imperio, precisando de todas as suas forças contra a fermentação germanica no Rheno e no Danubio, encetava no Tigre uma lucta não menos eriçada de difficuldades; porque Roma não teria, por detraz d'esse grande fosso, previsto a hypothese de que o Tigre fôsse o rio limitrophe em todo o seu curso, o apoio das solidas populações gaulezas e germanicas do Occidente. O erro de Trajano foi não ter comprehendido isto, erro comparavel com o de Napoleão 1.º em 1812. A expedição dos Parthos tem grandes analogias com a campanha da Russia. Admiravelmente combinada, a expedição iniciou-se por uma serie de victorias degenerando n'uma lucta contra a natureza e finalisando n'uma retirada, entenebrecendo com um céu sombrio os ultimos tempos de um brilhantissimo reinado.

Trajano deixou a Italia no mez de outubro de 113, para nunca mais a vêr. Fez quartel de inverno na Antiochia e na primavera de 114 encetou a cam-

panha da Armenia. Foi assombroso o resultado; em setembro a Armenia não era mais que uma provincia romana; os limites do imperio iam até ao Caucaso e até ao mar Caspio. No inverno seguinte descançou em Antiochia.

Não fóram menos extraordinarios os resultados do anno 115. Foi vencida e subjugada a Mesopotamia do norte com os seus pequenos principados mais ou menos independentes. Attingiam-se assim as margens do Tigre. Eram bastante numerosos os judeus n'estas paragens. A dynastia dos Izatos e Monobazes, vassalla dos parthos, reinava em Nisibe. Não ha duvida de que ella combatesse com os romanos, como em 70. Ainda passou Trajano o inverno seguinte na Antiochia, onde, a 13 de dezembro, esteve prestes a morrer n'um terrivel abalo sismico, conseguindo salvar-se com muito custo.

No anno 116 houve milagres, pensou-se que se estava no tempo de Alexandre. Apezar da sua viva resistencia, talvez devida ao elemento judeu, Trajano conquistou Adiabeno, além do Tigre. E foi esse o ultimo termo da viagem. A estrategia dos Parthos, como a dos russos, consistia em não opporem de começo resistencia alguma. Trajano avançou sem difficuldades até Babylonia, tomou Ctésiphon, capital d'este imperio e retomou Babylonia depois de haver descido do Tigre ao golfo persico, vendo os remotos mares que aos romanos appareciam como um sonho. Foi alli que surdiram as presagas nuvens. Por 116 Trajano soube em Babylonia que atraz de si rebentara a revolta. Não ha duvida que os judeus tomaram n'ella uma parte activa. Havia innumeros na Babylonia. Eram contínuas as relações entre os judeus da Palestina e os da Babylonia; os doutores transitavam de um paiz para o outro com extrema facilidade. Uma grande sociedade secreta, furtando-se a toda a vigilancia,

creava um vehiculo politico dos mais activos. Commetteu Trajano a Lucio Quieto, commandante da cavallaria berbere, o encargo de paralysar o fermento insurreccional. Lucio Quieto pôz-se ao serviço de Roma com o seu *goum* e prestou um concurso admiravel durante as campanhas contra os Parthos. Nisibe e Edesso fôram retomadas; mas Trajano começou então a sentir o mallogro da empreza encetada e a pensar no seu regresso.

Chegavam-lhe más novas a todo o momento. Generalisava-se a revolta dos judeus. Perpetravam-se horrores na Cyrenaica. O furor judaico excedera tudo quanto até ahi se tinha visto. Este desgraçado povo perdera o juizo. Quer tivesse palpitado em Africa que mudara a sorte de Trajano, quer as judiarias de Cyrene imaginassem na exacerbação do seu fanatismo acirrado pelos prenuncios de qualquer propheta, que chegara o dia da vingança contra os idolatras, e que portanto se devia iniciar os exterminios messianicos, um accesso demoniaco abalou profundamente, irritando-os, os nervos de todos os judeus. Foi menos uma revolta que um morticinio, requintando em maleficios espantosos de ferocidade. Capitaneados por um tal Lucova, usando entre os seus o titulo de rei, os energumenos trucidaram gregos e romanos, comendo a carne das victimas, cingindo-se com os intestinos dos assassinados, pintando-se com o seu sangue e escorchando-os e cobrindo-se com a sua pelle. Houve furiosos que serraram os desgraçados que lhes cahiram nas mãos com uma serra d'alto a baixo. Outras vezes atiravam os idolatras ás féras, como represalia do que haviam soffrido e obrigavam-n'os a baterem-se como se fôssem gladiadores. Calcula-se em duzentos e vinte mil o numero de assassinados por esta fórma. Foi quasi a população inteira; a provincia transformou-se n'um deserto.

Para a sua repovoação teve Adriano que cedel-a a colonos vindos d'outros pontos; mas nunca mais o paiz refloriu como no tempo dos Gregos.

Da Cyrenaica a onda dos morticinios alastrou até ao Egypto e a Chypre, praticando-se ahi grandes atrocidades. Levados por um tal Artemion, os fanaticos destruiram a cidade de Salamina exterminando-lhe a população. Calcula-se em duzentos e quarenta mil o numero dos Chypriotas assassinados. Foi tal o resentimento d'estas crueldades, que os Chypriotas votaram a expulsão dos judeus para todo o sempre; não se perdoando até ao judeu que tendo naufragado viesse parar á praia.

A insurreição no Egypto assumiu as proporções de uma verdadeira guerra. Ao principio as vantagens fôram dos revoltados, sendo Lupo, prefeito do Egypto, coagido a recuar. Foi vivo o alarme na Alexandria. No intuito de se fortificarem, os judeus destruiram o templo de Nemesis, erguido por Cesar em honra de Pompeu. Mas, depois de algumas luctas, ficou superior a população grega. Os gregos do baixo Egypto, refugiando-se na cidade, fizeram d'ella um largo campo entrincheirado. Era tempo. Commandados por Lucova, os Cyrenaicos procuravam ligar-se com os seus irmãos de Alexandria e formarem um só exercito. Falhando-lhes o apoio dos correligionarios alexandrinos, já mortos ou prisioneiros, mas avolumando-se com os bandos vindos de outros pontos do Egypto, espalharam-se pela Thebaïda roubando e matando. Procuravam de preferencia haver ás mãos os funccionarios que intentavam refugiar-se nas cidades costeiras, Alexandria e Peluso. O futuro historiador Appio, exercendo funcções municipaes em Alexandria, sua terra natal, esteve prestes a ser uma das suas victimas. Inundava-se de sangue o baixo Egypto. Os fugitivos eram perseguidos como animaes ferozes; po-

voavam-se os desertos do lado do isthmo de Suez, com os fugitivos que se escondiam e rogavam auxilio dos arabes, para se livrarem da morte.

Complicava-se cada vez mais a situação de Trajano na Babylonia. Causavam-lhe grandes embaraços os arabes nomadas invasores dos territorios intrajacentes aos dois rios. Susteve-lhes a marcha Hatra, a inexpugnavel praça de guerra. Toda a terra circumvisinha apodrecia deserta, sem lenha nem agua, infestada de mosquitos e convulsionada por terriveis perturbações atmosphericas. O grande erro de Trajano consistiu em sustentar o capricho da sua conquista. Falhou a sua tentativa, como mais tarde as de Septimo Severo e Ardeschir Babek. As doenças dizimaram-lhe pavorosamente o exercito. Exercia-se na cidade o culto solar; acreditava-se que o deus defendia o seu templo; apavoravam-se os soldados com os temporaes sobrevindos no momento dos assaltos. Ferido de morte pela doença, Trajano levantou o cêrco. A retirada foi difficil e contou mais de um episodio desfavoravel.

Em abril de 117 o imperador chegava a Antiochia, triste, doente e irritado; o oriente vencera-o sem combates. Sublevavam-se todos os que se haviam submettido ao vencedor. Compromettia-se o resultado de tres annos de campanhas em guerra aberta contra a natureza. Para não perder a reputação de invencivel, Trajano pensou em recomeçar. De repente graves noticias desmascararam-lhe a situação critica originada nos contínuos insuccessos. Ameaçava alastrar-se pela Palestina, Syria e Mesopotamia, a revolta judaica até ahi circumscripta á Cyrenaica e ao Egypto. Os exaltados, sempre á espreita de um desfallecimento do lado dos romanos, acreditaram, pela decima vez, vêr signaes precursores do fim de um dominio execrado. Suppunham

chegado o dia de Édom, na allucinação provocada pelos livros de *Judith* e o Apocalypse de Esdras. Estrugiam os gritos de triumpho como nos dias da morte de Nero e de Domiciano. Já havia desapparecido a velha geração que fizera a grande revolta; a nova geração não aprendera nada. As suas cabeças duras, obstinadas, eivadas de paixão, eram incapazes de alargar o circulo de ferro fechado em torno d'ellas pela inveterada herança psychologica.

Pouco se sabe do que se passou na Judeia, nem se póde provar qualquer acto bellico positivo ou morticinio geral. Parece que Adriano, governador da Syria e residente na Antiochia conseguiu manter a ordem. Em vez de sublevarem os crentes, os doutores de Iabné tinham encontrado na observancia escrupulosa da Lei um novo caminho para chegar á pacificação das almas. A casuistica foi para elles um divertimento propenso a incitar á paciencia. Na Mesopotamia, porém, era provavel que se tivessem sublevado populações apenas submettidas ha um anno e constituidas não só por judeus dispersos, mas tambem por exercitos e dynastias judaicas, ao saberem do insuccesso de Hatra e aos primeiros symptomas da proxima morte de Trajano. É quasi certo que para os Romanos se vingarem bastou-lhes a suspeita. Receavam o contagio dos exemplos da Cyrenaica, do Egypto e de Chypre. Antes que surgissem os morticinios, encarregou Trajano a Lucio Quieto de expulsar todos os judeus das provincias recentemente conquistadas. Quieto actuou como se se tratasse de uma verdadeira expedição. O procedimento d'este africano mau e impiedoso, ajudado pela cavallaria ligeira dos Moiros, montando em pêllo, sem sella, nem freio, foi o d'um bachi-bozouk, trucidando a torto e a direito. Exterminou uma grande parte da população judaica da Mesopotamia. Para lhe recompensar os serviços, Trajano

desligou a Palestina da provincia da Syria e fel-o delegado imperial, dando-lhe assim jerarchia analoga á de Adriano.

Continuavam as revoltas da Cyrenaica, Egypto e Chypre. Trajano nomeou para as suffocar um dos seus mais distinctos lugar-tenentes, Marcio Turbo. Deu-lhe forças de terra e mar e bastante cavallaria. Para exterminar os exaltados foi preciso uma campanha em regra. Fizeram-se verdadeiras carnificinas. Fôram trucidados todos os judeus cyrenaicos e os seus auxiliares egypciacos. Respirou-se emfim pelo desbloqueio de Alexandria; mas a ruina da cidade foi colossal. O primeiro acto de Adriano, elevado a imperador, foi a sua reparação para se declinar o titulo de restaurador.

Tal foi o movimento desastrado em que o mau procedimento dos judeus acabou por os perder no conceito do mundo civilisado. A loucura furiosa atacou o povo de Israel. Alargaram a valla que separava a Egreja do judaismo, as horriveis crueldades commettidas, tão avêssas ao espirito christão. Este, cada vez mais idealista, de tudo se consola com a sua paciencia e com a sua attitude resignada. Israel preferiu o cannibalismo a deixar por mentirosos os seus prophetas. Vinte annos antes pseudo-Esdras contentava-se com o queixume melancholico de uma alma piedosa esquecida pelo seu Deus; agora só se pensa em matar e destruir o paganismo, para que se não diga que Deus faltou á palavra dada a Jacob. Todo o fanatismo excessivo finalisa na raiva e constitue um perigo para a razão humana.

Foi muito consideravel a diminuição material do judaismo em seguida a esta inepta insurreição; enorme o numero dos que morreram. Desapparececem gradualmente e a partir d'esta data as judiarias de Cyrene e do Egypto. Já não tem importancia

a poderosa communidade de Alexandria, elemento poderoso da vida oriental. Destruida ficou a grande synagoga *Diapleuston*, olhada pelos judeus como uma maravilha do mundo. O bairro judeu, junto de Lochias, já não é senão um vasto campo de tumulos e ruinas.

CAPITULO XXIV

Separação definitiva da egreja e da synagoga

O fanatismo nunca se arrepende. A lembrança da allucinação monstruosa do anno 117 ficou na tradição judaica como uma recordação festiva. O *iom Traïanos*, ou « dia de Trajano », o Doze de Dezembro, estatuiu uma data, em que é prohibido usar luto e jejuar, não porque a guerra de 116-117 marcasse o anniversario de qualquer victoria, mas pelo fim tragico inventado pela agada para o inimigo de Israel. Chamaram-se *polémos schel Quitos* e conservaram-se assim denominados na tradição os morticinios de Quieto. Foi mais um passo de Israel na via dolorosa.

« Depois do *polémos schel Aspasianos* foram prohibidos nos casamentos os adufes e as corôas de noivos. »

« Depois do *polémos schel Quitos*, os filhos não podiam aprender o grego nem as noivas usar capella. »

« Depois do derradeiro *polémos* foi prohibido á noiva sahir da cidade de liteira. »

Cada nova loucura arrastava um novo sequestro, uma renuncia a qualquer regalia da vida. Á medida que o christianismo era cada vez mais grego e mais latino e que os seus escriptores se adaptavam ao lindo estylo hellenico, o judeu alienava o estudo do grego e só escrevia, obstinadamente restricto ao inintelligivel dialecto syró-hebraico. Decepou por mil annos a raiz de toda a cultura intellectual. É especialmente a essa epocha que se referem as decisões considerando a educação grega senão como uma impureza, pelo menos como uma frivolidade.

Um certo Aquiba, discipulo do rabbi Tarphon, era apontado em Iabné, pelo crescente engrandecimento do seu valor, como futuro chefe de Israel, apezar de não ter quaesquer relações com as familias patricias desempenhando as funcções officiaes da nação. Descendia de proselytos e a sua mocidade fôra pobre. Desempenhava o papel de democrata, eivado d'odios ferozes contra os doutores, entre os quaes se sentou mais tarde. Excediam todos os requintes da subtileza a sua exegese e a sua casuistica. Tirava consequencias ou procurava significações em cada letra, em cada syllaba dos textos canonicos. Aquiba foi o auctor do methodo que na expressão talmudica tirava « de cada risco de uma letra alqueires inteiros de sentenças. » Não se admittia a possibilidade de qualquer arbitrariedade ou liberdade de estylo e orthographia no codigo revelado. Assim a particula que era um simples regimen da palavra e que se póde, sem prejuizo do significado, omittir em hebraico, dava ensanchas a inducções pueris.

Abordavam-se as raias da loucura ; chegava-se a dois passos da cabala e do *notarikon*, mesquinhas combinações do texto em que não ha representação para a linguagem humana e considerados como dis-

curso divino. Nos detalhes as consultas de Aquiba notabilisavam-se pela moderação ; ha nas suas sentenças um certo cunho de liberalismo. Mas por outro lado, ás boas qualidades empanava-as um violento fanatismo. Entrechocavam-se as mais disparatadas contradicções, em naturezas simultaneamente subtis e incultas e ás quaes o estudo superstcioso de um só trecho, roubara o verdadeiro sentido da linguagem e da razão. Aquiba, viajando constantemente de synagoga em synagoga, por todos os paizes do mediterraneo e talvez pelo paiz dos parthos, accendia nos seus correligionarios o fogo sagrado que o animava e que em breve seria tão funesto á sua patria. O monumento que guarda a triste melancholia d'esse tempo parece ser o Apocalypse de Baruch. A obra não passa de uma imitação do Apocalypse de Esdras ; e como este está dividido em sete visões, Baruch, secretario de Jeremias, é mandado ficar por ordem de Deus em Jerusalem, afim de assistir ao castigo da criminosa cidade. Maldiz o destino que o fez vir ao mundo para assistir aos insultos infligidos á sua mãe. Pede a Deus que poupe a Israel. Sem Israel quem o louvará e quem explicará a sua Lei ? O mundo estará destinado a volver ao seu primitivo silencio ? E a alegria dos idolatras glorificando os seus idolos pelas derrotas infligidas ao verdadeiro Deus ?

O interlocutor divino responde que a Jerusalem em via de destruição não é a Jerusalem eterna, edificada nos tempos paradisiacos, entrevista por Adão antes do peccado e por Abrahão e Moisés. Não são os pagãos que destroem a cidade ; é a colera de Deus que a arrazará. Desce um anjo dos céus, tira do templo os objectos sagrados e esconde-os na terra. A cidade é então demolida pelos anjos. Baruch entôa uma elegia sobre as suas ruinas. Revolta-se porque a natureza continua o curso dos seus

phenomenos, porque sorri a terra e não é queimada pelo eterno sol do meio-dia.

«Cessae, lavradores, de semear; e tu, oh terra, não germines a semente. Se Sião já não existe para que serve, vide, o teu vinho? Noivas, renunciae os vossos direitos; virgens, não useis as vossas capellas; mulheres, para que rezar, afim de serdes mães? É agora chegado o dia alegre para as mulheres estereis e o de luto e dôr para as mães; para que parir com dôr, quem se ha-de sepultar com lagrimas? Não falleis mais dos vossos encantos, nem da vossa belleza. Tomae, padres, as chaves do santuario e atirando-as aos céus, entregae-as ao Senhor, dizendo-lhe «Guarda agora a tua casa». As virgens que fiam o linho e a sêda entretecidos com o oiro de Ophir que os queimem, para que as chammas os restituam a quem os criou, afim de que não sejam goso dos nossos inimigos. Terra, esperta o ouvido; pó, arranja coração para annunciar no *scheol* o que heis de dizer aos mortos: «Como sois felizes comparados com nós outros!»

O pseudo-Baruch, tal como o pseudo-Esdras, desconhece a conducta de Deus para com o seu povo. Certamente que chegará a vez aos gentios. Se Deus castigou o seu povo com tão severas lições, o que succederá aos que o aggrediram? Mas como explicar a desgraça dos justos, observando escrupulosamente a lei e exterminados como os peccadores? E como foi que o eterno se não compadeceu de Sião por causa mesmo da sua piedade? Porque não castigou sómente os malvados? «O que é que fizeste, Senhor, dos teus servos? exclama o pio escriptor. Já não comprehendo como fôste tu que nos criaste! Quando o mundo era deserto, tu criaste o homem como o administrador da tua obra, afim de provar que o mundo fôra feito para o homem e não o homem para o mundo. E eis como persiste o mundo feito para nós e nós desapparecemos.»

Deus replica que criou o homem livre e intelligente. Se foi castigado, a culpa foi só sua. O mundo

é uma experiencia para o justo; a sua corôa será o mundo futuro. A duração do tempo é um phenomeno muito relativo. Antes começar pela ignominia e attingir o bem-estar do que ter principios felizes e acabar na vergonha. No emtanto a marcha dos tempos accelera-se e será mais veloz que no passado.

Continua o melancholico sonhador:

«Se o homem só tivesse esta vida, nenhuma sorte seria mais amarga do que a sua. Até quando triumphará a impiedade? Até quando, oh Deus, deixarás pensar que a tua paciencia é frouxidão? Levanta-te; fecha o *scheol*; prohibe-lhe que receba novos mortos; e que os depositos restituam as almas até aqui fielmente guardadas. Já é tempo de sobra para que Abraham, Isaac, Jacob e os outros que dormem na terra saibam porque é que tu disseste que ara elles creaste o mundo! Não dilates mais a sua espectati a; mostra já a tua gloria.»

A resposta de Deus é bem simples: Estão fixados os tempos e não vem longe o seu termo. Já começaram as dôres messianicas; mas serão isolados e parciaes os signos da catastrophe; e tanto que os homens não os saberão vêr. Logo que se diga: «O Todo-Poderoso esqueceu a terra», o desespero dos justos chegará ao seu auge e soará a hora do despertar. Então apparecerão signaes em todo o universo. Os flagellos pouparão porém a Palestina. O Messias revelar-se-ha; Behemot e Leviathan servirão de pasto áquelles que Deus poupar. A terra dará dez mil por um; uma só cepa de vide terá mil ramos; cada ramo mil cachos, cada cacho mil bagos, cada bago dará meio almude de vinho. A alegria será completa. Bafeja ao romper d'alva um sôpro sahido do seio de Deus, odorante como o perfume das mais exquisitas flôres; o crepusculo trará comsigo um orvalho salutar. Cahirá o manná do céu.

Resuscitarão os mortos adormecidos na esperança do Messias. Abrir-se-hão os depositos das almas dos justos ; a turba das almas felizes terá sómente um espirito ; as primeiras regosijar-se-hão e as segundas não sentirão tristezas. Seccarão raivosos os impios, ao vêrem chegada a hora do seu supplicio. Jerusalem será reedificada e consagrada para toda a eternidade.

Para o nosso vidente o imperio romano semelha uma floresta cobrindo a terra ; a sombra do arvoredo vela a verdade : ahi se acoita tudo o que ha de mau no mundo. É o peor e o mais cruel na successão dos imperios. Representa-se o reino messianico, como uma vinha, a cuja sombra nasce uma fonte dôce e tranquilla derivando para a floresta. Na sua visinhança o arroio transforma-se em caudalosa torrente, e desenraizando-a esboroam as montanhas que a cercam. Vai na torrente a floresta inteira ; só queda no meio das aguas um cedro. O cedro é o ultimo imperador romano, ainda em pé, já depois de rechassadas as suas legiões (para nós Trajano, depois do choque da Mesopotamia). Por seu turno o cedro é abatido. Diz-lhe então a vinha :

«És tu, oh cedro, o resto da floresta da maldade, que roubavas o que não era teu, que te não apiedavas do que possuias, que querias reinar até aos confins do mundo, que prendias nas malhas da impiedade quem de lá se approximava e que blasonavas de nunca poderes ser desenraizado? Chegou a tua hora. Vae, cedro, segue o destino da floresta já desapparecida e que se confunda o vosso pó.»

Com effeito o cedro é derrubado e queimado. O chefe preso é levado ao monte Sião. Chegado ahi, são-lhe mostradas pelo Messias a sua impiedade, as maldades do seu exercito e em seguida é morto. A vinha então alastra por toda a parte, veste-se a

terra de flôres, que nunca mais murcham. O Messias reina até ao fim do mundo corruptivel. Os maus ardem durante este tempo, sem que ninguem d'elles se amerceie.

Oh ! cegueira dos homens que não vêem o grande dia ! Viverão tranquillos e descuidados até á vespera do dia grande ! Verão os milagres sem os comprehenderem ; correrão de toda a parte as prophecias verdadeiras e falsas. Como pseudo-Esdras, o visionario acredita que o numero dos eleitos será reduzido e enorme o numero dos condemnados. « Justos, deleitae-vos com os vossos soffrimentos ; por cada prova na terra tereis uma eternidade de gloria ». Inquieta-o como ao outro a difficuldade material da resurreição. De que maneira resuscitarão os mortos ? Conservarão o mesmo corpo que tinham primitivamente ? Não hesita o pseudo-Baruch. A terra restituirá os mortos taes como os recebeu. Diz Deus : « ella m'os entregará como eu lh'os dei ». Isto era indispensavel para convencer os incredulos da resurreição ; não deviam deixar de verificar com os proprios olhos a identidade dos que haviam conhecido. Haverá uma mudança maravilhosa depois da resurreição ; os condemnados tornar-se-hão muito mais feios ; os justos adquirirão uma belleza brilhante e gloriosa; a sua figura transmutar-se-ha n'um ideal luminoso. Será espantosa a raiva dos condemnados, vendo glorificadas as suas victimas. Antes de conduzidos ao supplicio, serão obrigados a assistir a este espectaculo. Os justos verão maravilhas ; ser-lhes-ha revelado o mundo invisivel e desvelados os tempos occultos. Não haverá mais velhice ; poderão como os anjos metamorphosear-se no que quizerem, elles, os eguaes dos anjos e das estrellas ; irão de belleza em belleza, de gloria em gloria ; ser-lhes-ha aberta toda a latitude do paraizo e verão a magestade dos animaes

mysticos que supportam o throno; as milicias dos anjos aguardam a sua chegada. Os que entrarem primeiro receberão os ultimos; e estes reconhecerão os que elles já consideravam como seus predecessores. Ha n'este desvairamento imaginativo acalmias de um lucido bom senso. Melhor que pseudo-Esdras ha em pseudo-Baruch um movimento piedoso pelo homem e um protesto contra o rigorismo de uma desentranhada theologia. O homem não disse a seu pae: « Gera-me » como não disse ao *scheol*: « Escancara-te para me receberes ». Cada individuo responde só por si; cada um é Adão pela alma. Mas o fanatismo arrasta-o para pensamentos terriveis. Vê elevar-se nos mares uma nuvem de agua clara e agua escura. São as alternativas da fidelidade de Israel. Os juizos do anjo Ramiel, explicador d'esses mysterios, são de rigorismo sombrio. As epochas boas fôram aquellas em que se trucidaram as nações impias, em que se queimavam e lapidavam os heterodoxos, em que os ossos dos impios fôram desenterrados e calcinados, em que se castigaram as menores faltas contra a pureza legal com a pena de morte. O bom rei, « para o qual se creou a gloria celeste », será o que não deixar um incircumciso sobre a terra.

Depois do espectaculo das doze zonas, apparece um diluvio de agua negra, mixto de fogo e de mau cheiro. Marca o periodo transiccional entre o reino de Israel e o advento do Messias, tempo de abominação, de guerra, de flagellos, de tremores de terra. Parece que a terra intenta devorar os seus habitantes. Um raio (o Messias) limpa tudo, purifica tudo, cura tudo. Os miseraveis sobreviventes aos flagellos cahirão nas mãos do Messias que os matará. Viverá todo o povo que não tiver opprimido a Israel; mas será passado a fio de espada o que houver exercido violencias sobre Israel. Só ficará em

paz a terra santa e os seus habitantes serão protegidos no meio da agonia geral.

Realisa-se na terra o paraizo ; nem penas, nem dôres, nem doenças, nem trabalhos. Os animaes servirão expontaneamente os homens. Morrer-se-ha ainda, mas nunca de morte prematura. As mulheres não terão dôres de parto ; ceifar-se-ha sem esforço, construir-se-ha sem fadiga. Desapparecerão o odio, a injustiça, a vingança e a calumnia.

Com agrado foi a prophecia de Baruch recebida pelo povo. Era justo que os judeus vivendo em terras distantes, tambem possuissem uma tão bella revelação. Baruch escreve então ás dez e meia tribus da dispersão uma carta que confia a uma aguia e é o resumo do livro. N'ella se accentua mais claramente o pensamento fundamental do auctor e que consiste em aggremiar todos os judeus dispersos na terra santa, porque sendo esta a unica durante a crise messianica, tambem constitue o unico asylo seguro. Vem proximo o dia em que Deus devolverá aos inimigos de Israel o mal que fizeram ao seu povo. Passou a mocidade do mundo e exgotou-se o vigor da creação. O caldeiro está proximo da cisterna, o navio do porto, a caravana da cidade, a vida do fim.

« Vêmos as cidades impias, prosperas ; mas a sua prosperidade assemelha-se ao vapor. Vêmol-as ricas, apezar da sua iniquidade ; mas a sua riqueza tem a consciencia de uma gotta de agua. Vêmos a solidez do seu poder, embora resistam a Deus ; mas ella vale tanto como um escarro. Contemplamos o seu esplendor, apezar de não observarem os preceitos do Altissimo ; mas elle se esvairá como o fumo . . . Que não perturbe o vosso pensamento nada do que agora se passa ; tenhamos paciencia, porque succederá tudo o que nos foi promettido. Não nos detenhamos no espectaculo das delicias usufruidas pelas nações extrangeiras . . . Acautelemo-n'os para que nos não succeda perder a herança dos dois mundos ; pri-

sioneiros aqui, torturados além. Preparemos a alma para repousar com nossos paes e não sermos suppliciados com os nossos inimigos.»

Baruch tem a certeza de que será arrebatado para o céu sem soffrer as ancias da morte. Vimos esta graça concedida a Esdras pelo auctor do Apocalypse que se lhe attribue.

A obra de pseudo-Baruch teve analogo successo, tal como a de pseudo-Esdras, tanto entre os christãos como entre os judeus. Perdeu-se cedo o original grego; mas ha uma traducção syriaca que chegou até nós. No emtanto a egreja só adoptou a carta final. Essa carta faz parte integrante da biblia syriaca, pelo menos para os jacobitas, e foi de lá que se tiraram as lições liturgicas dos enterros. Tambem pseudo-Esdras forneceu aos nossos officios pelos defuntos alguns dos seus mais sombrios pensamentos. Parece que a morte reina, como soberana, nos derradeiros productos da imaginação transviada de Israel.

Foi pseudo-Baruch o ultimo escriptor da litteratura apocrypha do Velho Testamento. É a mesma a biblia por elle conhecida que avista atravez da epistola de Judas e da pretensa carta de Barnabé, isto é, o auctor junta aos velhos livros do Antigo Testamento, outros de recente elaboração, taes como as revelações de Moisés, a oração de Manassés e varias composições agadicas. Estas obras de estylo biblico e escriptas em versiculos serviram de supplemento á Biblia. Não raras vezes succedeu que pela sua actualidade as composições apocryphas tiveram uma voga maior que a velha biblia e eram acceites como um escripto santificado logo no dia seguinte ao da sua publicação, mais pelos christãos do que pelos judeus, sempre refractarios e exclusivistas. D'esta data em deante não appareceram

mais livros d'estes. De futuro o que ha escripto são simples arremedos dos textos sagrados ; d'onde resaltam temores e precauções na elaboração do contexto. As poesias hebraicas apparecidas mais tarde parecem escriptas n'um estylo que propositalmente nada tem de biblico.

Póde ter-se como provavel o facto de as revoltas da Palestina no tempo de Trajano levarem a transportar o *beth-dîn* de Iabné para Ouscha. O *beth-dîn*, sendo possivel, devia conservar-se na Judeia ; mas Iabné, cidade mixta, talvez que não pudesse ser mais habitada pelos judeus depois das horriveis carnificinas do Egypto em Chypre. Ouscha era uma obscura localidade da Galileia. Este patriarchado novo teve menos brilho que o de Iabné. O patriarcha de Iabné era um principe *(nasi)* com uma especie de côrte e conservando um grande prestigio pelas pretensões da familia Hillel em descender de David. O conselho superior da nação residirá d'ora ávante nas pobres aldeias da Galileia. « As instituições de Ouscha », isto é, as leis elaboradas pelos doutores de Ouscha, tiveram uma auctoridade de primeira plana, occupando na historia do Talmud um lugar primacial.

Continuava a sua tranquilla existencia a chamada egreja de Jerusalem, mil leguas afastada das ideias sediciosas que convulsionavam a nação. Convertiam-se muitos judeus continuando a observar estrictamente as prescripções da Lei. Tambem os chefes eram nomeados d'entre os christãos circumcisos e a Egreja, para não melindrar os rigoristas, adstringia-se ás regras mosaïcas. Está eivada de incertezas a lista dos bispos circumcisos. O mais conhecido foi um tal Justo. Viva se tornou a antinomia entre conversos e mosaïstas, mas sem chegar á acrimonia que azedou os tempos consecutivos a Bar-Coziba. Parece que desempenhou um papel

brilhante um certo Juda ben Nakousa. Os christãos porfiavam em sustentar que a biblia não excluia a divindade de Jesus Christo. Insistiam na palavra *ïlohim*, no plural empregada por Deus em algumas circumstancias (*Genesis*, I, 26, por exemplo) na repetição dos differentes nomes de Deus, etc. Aos judeus não custava muito o demonstrarem que as tendencias da nova seita contradiziam os dogmas fundamentaes da religião de Israel.

Parecem benevolas as relações das duas seitas na Galileia. Ha um judeo-christão da Galileia, Jacob de Caphar-Schekania, imiscuido com o mundo judaico de Sephoris e das pequenas cidades circumvizinhas. Não só discute com os doutores e lhes cita as pretensas palavras de Jesus ; mas como Thiago, irmão do Senhor, exerce a medicina espiritual e tenta curar uma mordedura de serpente com o nome de Jesus. O rabbi Eliézer foi perseguido como adepto do christianismo. O rabbi Josué ben Hanania morreu com a preoccupação das novas ideias. Repetem-lhe os christãos em todos os tons que Deus se apartou da nação judaica : « Não, volve o rabbi, ainda se estende sobre nós a sua mão bemdita ». Deram-se conversões na sua propria familia. Vindo a Capharnahum, o seu sobrinho Hananias, « enfeitiçou-se pelos *mînin* », a tal ponto que o viram no dia de sabbado montado n'um jumento. Volvendo á casa de seu tio, este cura-lhe o feitiço com um unguento : mas seu tio, obrigou-o a abandonar a terra de Israel e a retirar-se para a Babylonia. Outras vezes o narrador talmudista parece que quer fazer acreditar que os christãos praticavam infamias como as attribuidas ao pretenso Nicolau. Anathematisava o rabbi Isen de Cesarea os judeo-christãos que sustentavam estas polemicas e a população heretica da Capharnahum, origem de todo o mal.

Os *mînim* em geral e especialmente os de Capharnahum, passavam por grandes magicos e attribuia-se-lhes o successo a prestigios e illusões visuaes. Já dissemos que os medicos judeus continuaram a curar em nome de Jesus. Mas o evangelho fôra amaldiçoado; a sua leitura expressamente prohibida; o proprio nome do Evangelho, por um engenhoso jogo de palavras, significava « iniquidade evidente ». Foi considerado verdadeiro apostata um tal Elisa ben Abouyah, por cognome *Aher*, professando uma especie de christianismo gnostico. Para os judeus pouco a pouco os christão valeram tanto como os idolatras e fôram tidos como inferiores aos samaritanos. Julgaram-se profanos o seu pão e o seu vinho; alienaram-se os seus processos de cura; os seus livros fôram apontados como repositorios da mais funesta magia. D'aqui resultaram vantagens nas egrejas de Paulo para os judeus em via de conversão, vantagens que não usufruiam as egrejas judeo-christãs, expostas pelo judaismo ao odio intenso de irmãos inimigos.

Apparece incisiva a imagem do Apocalypse. A egreja, a mulher protegida por Deus, recebera duas azas d'aguia para fugir para o deserto, fóra das crises do mundo e dos dramas sanguinolentos. Engrandece-se ahi lentamente; e tudo o que contra ella se tenta, volve-se em seu favor. Passaram os perigos da primeira infancia; está definitivamente assegurado o seu crescimento.

FIM DA « SEGUNDA GERAÇÃO CHRISTÃ »

APPENDICE

Os irmãos e os primos de Jesus

São quasi insoluveis as questões referentes á familia de Jesus pela inexactidão das informações fornecidas pelos Evangelhos, ácerca das circumstancias materiaes da vida de Jesus, pelas incertezas das tradições do seculo, colleccionadas por Hegesippo e pelos frequentes homonymos embaraçando em todas as epochas a historia dos judeus. Só pela informação das passagens dos Evangelhos synopticos, os irmãos de Jesus reduzir-se-iam a quatro irmãos e algumas irmãs. Os quatro irmãos chamar-se-iam Thiago, José, Simão e Judas. Na tradição apostolica e ecclesiastica estes dois nomes apparecem como pertencendo a «irmãos do Senhor». O personagem Thiago, irmão do Senhor, é, depois do de S. Paulo, o mais bem desenhado dos da primeira geração christã. Acordam em fazer d'elle o chefe da egreja judeo-christã, as epistolas de S. Paulo aos Galatas, as subscripções das cartas authenticas ou apocryphas attribuidas a Thiago e a Judas, o historiador Josepho, a lenda ebionita de Pedro e o velho historiador judeo-christão Hegesippo. O testimunho mais authentico é a passagem da Epistola aos Galatas : «. . . *não vi a nenhum senão a Thiago, irmão do Senhor.*»

Parece que um dos Judas tambem tem jús a este titulo. Appellida-se de «irmão de Jesus» o Judas cuja epistola é nossa conhecida. Um personagem tão estimado como Thiago e com tal auctoridade que se considerava irmão de Jesus, outro não póde ser senão o celebre Thiago da epistola aos Galatas, dos *Actos*, de Josepho, de Hegesippo e dos escriptores pseudo-clementinos. Se Thiago é «irmão do Senhor», Judas, verdadeiro ou presupposto auctor da epistola que faz parte

do canon, devia tambem ser irmão do Senhor. Foi assim que o considerou Hegesippo. Esse Judas, cujos netos fôram procurados e levados á presença de Domiciano, como os ultimos representantes da raça de David, era irmão carnal de Jesus, na opinião do velho historiador ecclesiastico. Por seu turno algumas razões levam a suppôr que Judas foi o chefe da egreja de Jerusalem. É este um personagem que entra bem na série dos quatro nomes dados pelos Evangelhos synopticos aos irmãos de Jesus.

Se José e Simão não são reconhecidos como irmãos de Jesus, não é singular que os seus nomes ficassem no obscurantismo. O que surprehende pela reunião de outros dados, fornecidos pelos Evangelhos, por Hegesippo e pelas mais remotas tradições da egreja de Jerusalem é a formação de uma familia de primos germanos de Jesus, usando o mesmo nome dado por Matheus (XIII, 55) e Marcos (VI, 3) aos irmãos de Jesus. Com effeito entre as mulheres collocadas pelos synopticos junto da cruz de Jesus crucificado apparece uma Maria «mãe de Thiago o menor e de José.» Deve ser a mesma Maria que o quarto Evangelho põe tambem aos pés da cruz e que na traducção deve significar «Maria, mulher de Clopas», sendo assim irmã da mãe de Jesus. Nem preoccupa o quarto evangelista qualquer embaraço pela egualdade dos nomes, porque nem uma só vez chama Maria á mãe de Jesus. Seja como fôr, nós temos já dous primos co-irmãos de Jesus, Thiago e José. Conhecemos a mais um Simeão, filho de Clopas, que Hegesippo e os outros auctores que fallam da primitiva egreja de Jerusalem consideram como segundo bispo de Jerusalem e martyr no tempo de Trajano. Finalmente, ha indicios de um quarto Cleopidas em Judas, filho de Thiago, que talvez succedesse a Simeão, filho de Clopas, no cêrco de Jerusalem. Se a familia de Clopas conservou, como parece, o governo da egreja desde Tito até Adriano, não é arrojo affirmar que Thiago, pae d'esse Judas, fôsse o mesmo Thiago menor, filho de Maria Cleophas.

Ha assim tres filhos de Clopas: Thiago, José, Simeão, tal como os irmãos de Jesus mencionados pelos synopticos, além de um neto hypothetico com a mesma identidade de nome. Duas irmãs com o mesmo nome já era caso; mas que suppor de duas irmãs tendo pelo menos tres filhos e todos tres com o mesmo nome? Nenhum critico admittiria a possibilidade de

tal coincidencia. Torna-se indispensavel outra solução para se vencer esta anomalia.

Os doutores orthodoxos resolvem a questão, sobretudo a partir de S. Jeronymo, suppondo que os quatro personagens enumerados por Marcos e Matheus como irmãos de Jesus eram realmente seus primos co-irmãos e filhos de Maria Cleophas, o que é inadmissivel. Outras passagens fazem suppôr que Jesus tem irmãos e irmãs verdadeiros. O arranjo da rapida scena contada por Matheus (XIII, 54 e seguintes) e por Marcos (VI, 2 e seg.) é altamente significativo. Estão ahi intimamente ligados os «irmãos» e a «mãe». A anecdota contada por Marcos (II, 41 e seg.), Matheus (XII, 46 e seg.) desfaz ainda melhor qualquer equivoco. Toda a tradição hierosolymitana distingue claramente «os irmãos do Senhor» da familia de Clopas. Simeão, filho de Clopas, bispo de Jerusalem, é assim chamado por Hegesippo na historia de Eusebio. Nem um só tem appellido que justifique o parentesco. Especialmente Thiago, irmão do Senhor, não era filho de Clopas; se o fôsse, seria tambem irmão do seu successor Simeão; ora Hegesippo não o acreditava, como se deprehende da leitura dos capitulos XI, XXXII do terceiro livro da *Historia ecclesiastica* de Eusebio. Nem a chronologia permitte tal supposição. Simeão morreu velhissimo no tempo de Trajano e Thiago falleceu em 62, bastante velho tambem. A differença de edades é pois de 40 annos; sendo assim inadmissivel o systema que considera irmãos de Jesus os filhos de Clopas. Accrescentemos ainda que, no evangelho dos hebreus, tantas vezes superior a outros textos synopticos, Jesus chama directamente a Thiago «meu irmão», phrase excepcional e que não seria empregada tratando-se de um primo co-irmão.

Teve Jesus irmãos e irmãs. Mas é possivel que fôssem meio-irmãos e meio-irmãs. Seriam filhos e filhas de Maria? Tambem não é provavel. Os irmãos parecem muito mais velhos do que Jesus. Ora Jesus deve ter sido o primogenito de sua mãe. Jesus era designado na sua infancia pelo «filho de Maria.» Ha a este respeito o testimunho irrefragavel do Evangelho historicamente mais verdadeiro. Isto faz suppor que fôsse muito tempo conhecido como o filho unico da viuva. Semelhantes designações não se dão senão quando o pae morreu e a mãe não tem outros filhos. Basta o exemplo da mãe do celebre pintor Piero della Francesca. Finalmente, o mytho

da virgindade de Maria, não excluindo em absoluto que Maria tivesse outros filhos de José, ou contrahisse segundas nupcias, condiz melhor com a hypothese de não ter tido outro filho além de Jesus.

Certamente que a lenda violou e realidade. Deve-se pensar que a lenda referida se elaborou no proprio circulo dos irmãos e primos de Jesus. Jesus, fructo unico e tardio da união de uma mulher nova com um homem já maduro, condizia com a opinião de uma concepção sobrenatural. Em tal caso a acção divina explicava melhor o facto pela impotencia natural. Era da praxe que os filhos votados ás grandes predestinações propheticas, Samuel, João Baptista, a propria Maria nascessem de velhos ou de mulheres largo tempo estereis. Tambem S. Epiphanio e o auctor do Proto-evangelho de Thiago, insistem demoradamente na velhice de José, por motivos, sem duvida, *à priori*, mas levados pelo sentimento justo das circumstancias em que nasceu Jesus.

Tudo se concilia, porém, suppondo um primeiro casamento de José, do qual houvesse filhos e filhas e em especial Thiago e Judas. Estes dois, Thiago pelo menos, parecem mais velhos do que Jesus. O papel, ao principio hostil, dado pelos Evangelhos aos irmãos de Jesus, o contraste singular entre os principios e o genero de vida de Thiago e Judas e os de Jesus, são, em tal hypothese, menos inexplicaveis que em outras concepções imaginadas para desfazer a contradicção dos factos.

Porque é que os filhos de Cleophas eram primos co-irmãos de Jesus? Por sua mãe, Maria Cleophas, como o pretende o quarto evangelho ; ou por seu pae Clopas, considerado por Hegesippo como irmão de José ; ou por qualquer das partes ; porque é rigorosamente possivel que dous irmãos desposassem duas irmãs. Das tres hypotheses, a mais provavel é a segunda. D'uma suprema inverosimilhança é a das duas irmãs com o mesmo nome. A passagem (XIX, 25) do quatro evangelho póde laborar n'um erro. Por uma interpretação forçada é crivel que a expressão «irmão de sua mãe» não recaia sobre Maria de Cleophas mas sobre outra pessoa inominada, como o é n'esse evangelho a propria mãe de Jesus. Parece que o velho Hegesippo conhecia a verdade sobre este ponto, elle que tanto se preoccupava com tudo o que se relacionasse com a familia de Jesus.

Como admittir porém que os dois irmãos, José e Clopas,

tivessem tres ou quatro filhos todos com o mesmo nome? Vejamos a lista dada pelos synopticos dos quatro irmãos de Jesus: Thiago, Judas, Simão e José. Os dous primeiros são authenticamente irmãos do Senhor; os outros dois não têm, fóra de duas citações synopticas, referencias de valor. Mas como os dois nomes *Simão* ou *Semião*, *José* ou *Josepho* apparecem na lista dos filhos de Clopas, somos levados á seguinte hypothese: tem uma inadvertencia as passagens de Marcos e de Matheus onde se enumeram os quatro irmãos de Jesus; porque dos quatro personagens nomeados pelos synopticos, Thiago e Judas eram incontestavelmente irmãos de Jesus e filhos de José; mas só por isso é que lá estavam Simão e José. O redactor da pequena narrativa, curava pouco, como todos os agadistas, da exactidão dos detalhes materiaes e deixava-se dominar, como todos os narradores evangelistas, á excepção do quarto, pela cadencia do parallelismo semitico. As urgencias da dicção forçal-o-iam a uma enumeração cujo contorno exigia quatro nomes proprios. Como não conhecia senão dous irmãos de Jesus, associou-lhes os dous primos coirmãos. Parece, com effeito, que Jesus tinha mais de dous irmãos. «Não terei o direito de possuir uma mulher diz S. Paulo, como os outros apostolos, como os irmãos do Senhor, como Cephas?» Segundo a tradição Thiago, irmão do Senhor, não se casou; Judas era casado; mas isto basta para justificar o plural de S. Paulo. Era preciso um numero sufficiente de irmãos para que a excepção de Thiago não estorvasse S. Paulo de considerar casados os irmãos do Senhor.

Parece que Clopas era mais novo do que José. O seu filho mais velho, mais novo que o primogenito de José. É natural que se chamasse Thiago e que na familia lhe dessem um appellido para o distinguir do primo germano. Simeão teria quinze annos menos do que Jesus e morreria no tempo de Trajano. Mas é mais crivel que Cleopidas, martyrizado no tempo de Trajano, pertencesse a outra geração. São muito incertos os dados sobre a edade de Thiago e de Simeão. Thiago morreria com noventa e seis annos e Simeão com cento e vinte annos. Esta asserção é inadmissivel. Se Thiago tivesse noventa e seis annos em 62, seria 34 annos mais velho do que Jesus, o que tambem não é plausivel.

Pelo que precede póde elaborar-se a arvore genealogica da familia de Jesus como se faz no quadro seguinte:

PAE INCOGNITO (JACOB ? HELI ?)

JOSÉ				CLOPAS		
Primeiro casamento			Casamento com Maria	(João, XIX, 25 ; Hegesippo), casa com uma mulher chamada Maria (Matheus, XXVII, 56, 61 ; XXVIII, 1 ; Marcos, XV, 40, 47 ; XVI, 1 ; Luc., XXIV, 10 ; João, XIX, 25 e tem d'este consorcio		
THIAGO	JUDAS		JESUS	THIAGO	JOSÉ	SIMEÃO
«Irmão do Senhor», cognominado o «Justo» ou *Obliam;* 1.º bispo de Jerusal., martyr. Citado em Matheus: XIII, 55 ; em Marcos : VI, 3 ; Gal., I, 19; II, 9, 12; I Cor., XV, 7 ; Act., XII, 17 ; XV, 13 ; XXI, 18; Jac., I, 1 ; e em José Hegesippo, etc.	Matheus, XIII, 55; Marc., VI, 3; Jud., I, 1; Hegesippo, Eusebio, *H. E.*, III, 19, 20, 32.	Outros filhos e filhas desconhecidas. Math., XIII, 56; Marc., VI, 3 ; I Cor., IX 5.		Math., XXVII, 56 ; Marc., XV, 40 ; XVI, 1; Luc., XXIV, 10 ; ignorado do resto.	(Math., XXVII, 56 ; Marc., XV, 40, 47) ; agrupado erroneamente entre os irmãos de Jesus ; Math., XIII, 55; Marcos, VI, 3. Ignorado.	2.º bispo de Jerusal., martyr segundo a opinião corrente. (Hegesippo, em Eus., *H. E.*, III, 11, 22, 32; IV, 5, 22; *Const. apost.*, VII, 46, etc.); erradamente considerado irmão de Jesus. Matheus, XIII, 55; Marcos, VI, 3.
	|			|		
	Filho desconhecido.			JUDAS, 3.º bispo de Jerusalem. *Const. apost.*, VII, 46.		
	|			|		
	Dois filhos que compareceram ante Domiciano; bispos de differentes egrejas. Hegesippo, Eusebio, *H. E.*, III, 19, 20, 32.			SIMEÃO II, 4.º bispo de Jerusal., martyrisado no tempo de Trajano.		

Resta saber se algum dos irmãos ou primos co-irmãos de Jesus não figurará nas listas dos apostolos conservados pelos synopticos e pelo auctor dos *Actos*. Posto que o collegio dos apostolos e o dos irmãos de Jesus tivessem sido dois grupos distinctos, é provavel que alguns personagens fôssem communs aos dos grupos. Os nomes de Thiago, Judas, Simeão, apparecem nas listas dos apostolos. Thiago, filho de Zebedeu, nada tem com esta discussão nem tão pouco Judas Iscariote. Mas o que se deverá pensar de Thiago, filho de Alpheu, que as quatro listas dos apostolos incluem no numero dos doze? Em face dos textos e pelo estudo dos termos hebraicos e grego conclue-se que Thiago, filho de Alpheu, não tem direitos ao titulo de primo co-irmão de Jesus. O pessoal evangelico possue, na verdade, quatro Thiagos, um filho de José e irmão de Jesus, outro filho de Clopas, outro filho de Zebedeu e outro filho de Alpheu.

Ha um outro Judas que appareceu no Evangelho de Lucas e nos *Actos*, e que se quiz identificar com o irmão do Senhor, por um subentendido apposto entre os dous nomes. Nada mais arbitrario. Esse Judas era filho de um Thiago, pouco conhecido. Outro tanto se deve pensar de Simão, o Zelota, que se pretendeu identificar com o Simão que se encontra (Math., XIII, 55 e Marcos, VI, 3) entre os irmãos de Jesus. Parece que só um membro da familia de Jesus fez parte do collegio dos doze. O proprio Thiago não entrou n'esse numero. Os nomes dos irmãos de Jesus, sabidos com certeza, são Thiago e Judas. Thiago não se casou ; mas Judas teve filhos e netos ; fôram estes que compareceram ante Domiciano, como descendentes de David e presidiram ás egrejas da Syria.

Dos filhos de Clopas, tres são nossos conhecidos, parecendo que um deixou filhos. A familia de Clopas, depois da guerra de Tito, teve a proeminencia na egreja de Jerusalem. Foi martyrisado no tempo de Trajano um membro da familia de Clopas. Depois d'isto nunca mais se ouviu fallar nem dos descendentes dos irmãos do Senhor, nem tão pouco dos descendentes de Clopas.

FIM

INDICE

INTRODUCÇÃO.	Observações criticas sobre os documentos originaes d'esta historia............	V
CAP.		
I	Os judeus consecutivamente á destruição do templo	1
II	Bether. — O livro de Judith. — O canon judeu..............................	14
III	*Ebion* além do Jordão	21
IV	Relações entre judeus e christãos	34
V	Fixação da lenda e das lições de Jesus	41
VI	O Evangelho bebraico	51
VII	O Evangelho grego. — Marcos	61
VIII	O christianismo e o imperio no tempo dos Flavios..............................	69
IX	Disseminação do christianismo. O Egypto. O Sibyllismo..........................	84
X	Completa-se e corrige-se o evangelho grego. — (*Matheus*)	95
XI	Segredo das bellezas do evangelho	107
XII	Os christãos da familia Flavia. — Flavio Josepho	119
XIII	O Evangelho de Lucas	135
XIV	As perseguições de Domiciano	153
XV	Clemente romano. — Progresso do presbyterado	166

CAP.		
XVI	Fim dos Flavios. — Nerva. — Recrudescencia dos apocalypses	181
XVII	Trajano. Os grandes e os bons imperadores....	201
XVIII	Epheso. Velhice de João. Corintho. Docetismo.	219
XIX	Lucas, primeiro historiador do christianismo .	231
XX	Seitas da Syria. Elkasaï	239
XXI	Trajano perseguidor. — Carta de Plinio	249
XXII	Ignacio de Antiochia	257
XXIII	Fim de Trajano. — A revolta dos judeus	264
XXIV	Separação definitiva da Egreja e da synagoga.	273
	APPENDICE. — Os irmãos e os primos de Jesus	287